



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE - UFCG
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES - CFP
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS - UACS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

KEZZIA MYRELLY SOARES ARRUDA

**AS OPERAÇÕES SIMBÓLICAS: O CONSUMO DA FÉ NAS ARTES DO FAZER DA
COMUNIDADE MOSAICO (2014-2024)**

CAJAZEIRAS-PB
2024

KEZZIA MYRELLY SOARES ARRUDA

**AS OPERAÇÕES SIMBÓLICAS: O CONSUMO DA FÉ NAS ARTES DO FAZER DA
COMUNIDADE MOSAICO (2014-2024)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Formação de Professores, como requisito para a obtenção de nota na disciplina TCC.

Orientador: Prof.: Dr. Isamarç Gonçalves Lôbo

**CAJAZEIRAS-PB
2024**

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação-(CIP)

A779o Arruda, Kezzia Myrelly Soares.
As operações simbólicas: o consumo da fé nas artes do fazer da
Comunidade Mosaico (2014-2024) / Kezzia Myrelly Soares Arruda. –
Cajazeiras, 2024.
136f. : il. Color.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Dr. Isamarc Gonçalves Lôbo.
Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2024.

1. Protestantismo - Pombal - Paraíba. 2. Religiosidade. 3. Bricolagem.
4. Consumo da Fé. 5. Comunidade Mosaico. I. Lôbo, Isamarc Gonçalves.
II. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU – 274(813.3)

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS-CFP
Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, s/n, - Bairro Casas Populares, Cajazeiras/PB, CEP 58900-000
Telefone: (83) 3532-2000 - Fax: (83) 3532-2009
Site: <http://www.cfp.ufcg.edu.br> - E-mail: cfp@cfp.ufcg.edu.br

ATESTES

Processo nº 23096.071694/2024-29

Kezzia Myrelly Soares Arruda

AS OPERAÇÕES SIMBÓLICAS: O CONSUMO DA FÉ NAS ARTES DO FAZER DA COMUNIDADE MOSAICO (2014-2024)

APROVADO EM: 14 DE OUTUBRO DE 2024

(Assinado Eletronicamente)

Prof. Dr. Isamar Gonçalves Lôbo

(Assinado Eletronicamente)

Prof. Dra. Silvana Vieira de Sousa

(Assinado Eletronicamente)

Prof. Ms. Emerson José Ferreira de Sousa



Documento assinado eletronicamente por **ISAMARC GONCALVES LOBO, PROFESSOR 3 GRAU**, em 18/10/2024, às 04:45, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **Emerson José Ferreira de Sousa, Usuário Externo**, em 18/10/2024, às 07:26, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



Documento assinado eletronicamente por **SILVANA VIEIRA DE SOUSA, PROFESSOR 3 GRAU**, em 18/10/2024, às 10:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 8º, caput, da [Portaria SEI nº 002, de 25 de outubro de 2018](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site <https://sei.ufcg.edu.br/autenticidade>, informando o código verificador **4902810** e o código CRC **82E5EC8A**.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus avôs, Maria Eulina e José Soares, que estiveram comigo no início desta jornada, mas que por algum propósito não finalizaram. Vocês permanecerão sempre presente em minhas memórias enquanto minha existência perdurar.
Obrigada por tudo!

AGRADECIMENTOS

Considero esta parte do trabalho como o reconhecimento aos que estiveram conosco nos momentos mais difíceis durante a graduação e no processo de amadurecimento, daqueles que trilham conosco à jornada inacabada da vida. Em primeiro lugar ao Aba (ao Nazareno que se fez carne), que me concedeu a oportunidade de finalizar a pesquisa, Obrigada!

Em especial gostaria de exaltar com muito amor e delicadeza, com gratidão que não poderei pagar em vida, aos que não puderam celebrar em vida este momento especial da minha vida profissional que apenas se inicia, aqueles a quem dedico este trabalho, minha linda e meu grande amor, Maria Eulina, minha mãe que acordava comigo todas as madrugadas para tomarmos café juntas e preparar um pão com salsicha rsrs, um bolo de caco para que eu pudesse lancha na Universidade, obrigada por tudo, por todo seu amor e dedicação, por sua grandeza de ser humano. Os cafés se fazem presentes todas as manhãs, (queria tanto que estivesse aqui), és um grande exemplo de ser humano, te amo!

Ao meu avô, José Soares, obrigada por todo suporte juntamente com minha avó, por abdicarem de suas vidas em nome da minha, por todas as labutas diárias (sem termos muitas condições financeiras), tornando a simplicidade da vida marcas presentes em mim, muito obrigada!

A minha tia, Brenda Jéssica (vulgo Pereirão rsrs), obrigada por sempre estar comigo juntamente com meus pais/avós, por sempre se solidarizar e compartilhar o pouco que tinha quando meus guardiões não tinham e, excepcionalmente agora em que eles partiram, obrigada por sempre acreditar em mim.

A minha irmã, Kezzia Myllene, por sempre se fazer disposta em me ajudar, em me acolher nos momentos mais difíceis, obrigada por também somar juntamente com minha tia, mana.

Ao meu amigo e irmão de fé, Everton Ferreira (vulgo Veveto), que sempre se fez presente em todo o momento do curso, me ajudando com todas as apostilas necessárias; amigo, sem você não haveria de ter conseguido ler tudo que necessitava, muitíssimo obrigada!

A missionária, Lívia de Andrade por todos os conselhos e trocas de conversas, pela paciência em lhe dar com uma ainda adolescente em apuros, cuidando do meu lado emocional como ninguém, acolhendo minhas confusões e me fazendo entender as dificuldades e complexidades do viver.

Ao Pastor, Bruno Rogério, amigo você faz parte desta jornada, obrigada pela bagagem de experiências e por todos os papos e conselhos filosóficos rsrs, por saber ouvir, por ser exemplo de um cara maduro, sempre disposto a aprender com todas as mulheres, obrigada.

A tia, Jô (vulgo Joama), sem ti também não haveria de ter chegado aqui, lembro desde o primeiro momento pelo incentivo de estudar e por me ter cedido o notebook antes de iniciar o curso, o que me ajudou muito até a reta final.

Ao meu amigo, Anderson Gyovanne você tem colaborado de forma indireta neste finalzinho da pesquisa em que me encontrava sem forças pra continuar, obrigada por todo apoio e incentivo, por se fazer presente mesmo que de longe

Aos meus colegas de curso que vieram a se tornarem amigos Natália Soares, Adriano Gomes e Manoel Alves, sem vocês a jornada da graduação haveria de ter sido um pouco enfadonha, vindo a ser ao contrário disso, intensa.

Aos meus professores de História que me marcaram profundamente, sobretudo Lucinete Fortunato com toda sua bagagem de teoria da História que me encantara desde a primeira aula usando o March Bloch, você é excepcional, professora; a professora Rosemere Olímpio, sua sensibilidade e sensatez me encantou, me tornei feminista por sua causa, muito obrigada! Professoras, vocês foram essenciais na minha contínua caminhada.

Ao meu orientador Isamar Gonçalves Lôbo, por toda a paciência que teve em nossas discussões na construção deste trabalho, as trocas de conhecimentos e leituras, nossos papos vieram a ser norteadores desta pesquisa.

Aos professores, Silvana Vieira e Emerson Ferreira pelo aceite do convite para compor a banca examinadora deste trabalho, vindo a trazer contribuições construtivas ao mesmo.

Aos servidores da UFCG- Campus Pombal-PB, pois frequentei mais a biblioteca deste campus do que o da própria Cajazeiras e minha casa, fiz laços através dos cafés e bons papos antes de começar a rotina intensa de estudos.

Aos programas de incentivo da UFCG na qual pude participar de alguns como as monitórias, na qualidade de bolsista, o que me ajudou a me manter durante boa parte do tempo que estive na universidade assim como o PIVIC, contribuindo de maneira categórica no que diz respeito a prática científica, ao CNPq/UFCG; o “bastão” que a mim foi repassado pretendo ressignificar enquanto possibilidades de uma educação que se transforme em sonhos e práticas de mudanças de realidades de muitos estudantes, enaltecendo cada vez mais uma educação gratuita e de qualidade

EPÍGRAFE

O cotidiano se inventa com mil maneiras de caça não autorizada.
Michel de Certeau. A invenção do Cotidiano (2014).

RESUMO

As narrativas do sagrado “costuradas no cotidiano” pelo fiel protestante são práticas que interligam um sujeito a um lugar, operando uma História. O estudo histórico que traz uma abordagem do lugar “marginal” estimula importantes discussões a respeito da produção de uma historiografia, onde os sujeitos históricos são criativos e produzem “artes do cotidiano”, reinventando espaços mediante práticas e bricolagens, fomentando, dessa maneira, um objeto que “emerge” de lugares comuns. Portanto, o presente trabalho tem como objetivo analisar o consumo da fé nas artes do fazer pelos praticantes da Comunidade Mosaico (2014-2024), uma igreja da ramificação protestante calvinista, localizada no Sertão paraibano, na cidade de Pombal-PB. Empregou-se a história oral como metodologia e na apropriação dos conceitos de prática, bricolagem e tática de Michel de Certeau (2014) e de controvérsias do Bruno Latour (1997). Ao término do percurso, constatei que há uma bricolagem no consumo da fé, ou seja, os fiéis da Comunidade Mosaico, no seu cotidiano, reconstróem o sagrado na arte mundana.

Palavras-chave: Consumo da fé; Práticas; Bricolagem; Cotidiano; Comunidade Mosaico

ABSTRACT

The narratives of the sacred "woven into the everyday" by the Protestant blessed are practices that connect a subject to a place, operating a History. The historical study that brings an approach to the "marginal" place stimulates important discussions regarding the production of a historiography, where historical subjects are creative and produce "everyday arts," reinventing spaces through practices and bricolages, thus fostering an object that "emerges" from common places. Therefore, the present work aims to analyze the consumption of faith in the arts of doing by the practitioners of the Mosaico Community (2014-2024), a church of the Calvinist Protestant branch, located in the Sertão of Paraíba, in Pombal-PB. I employed oral history as a methodology and drew on the concepts of practice, bricolage, and tactics from Michel de Certeau (2014) and controversy from Bruno Latour (1997). By the end of the journey, I found that there is a bricolage in the consumption of faith, that is, the faithful of the Mosaico Community, in their everyday life, reconstruct the sacred through mundane art.

Keywords: Consumption of faith; Practices; Bricolage; Everyday life; Mosaico Community

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I: AS PRÁTICAS RELIGIOSAS E A PRODUÇÃO LITERÁRIA DO SAGRADO NO COTIDIANO.....	17
1.1 No cotidiano experienciado, uma transformação dos símbolos já ditados (uma crítica ao Mircea Elíade)	19
1.2 Os praticantes nas suas táticas e artes do fazer.....	25
1.3 A religiosidade enquanto uma rede cultural	32
CAPÍTULO II - POR UMA HISTORIOGRAFIA DA REFORMA: Na controvérsia do catolicismo, emerge o protestantismo	36
2.1 Um protestantismo, várias práticas.....	36
2.2 O Protestantismo em Pombal: o Projeto Vale Sertões e a Comunidade Mosaico.....	42
2.3 O protestantismo em Pombal-PB	46
2.4 A Comunidade Mosaico	47
CAPÍTULO III - RELIGIOSIDADE, SABERES E PRÁTICAS EM POMBAL.....	57
3.1 A linguagem ordinária do sagrado e a cultura popular dos símbolos (nas trilhas da tradição, uma literatura da prática).....	57
3.2 A “sucata” dos símbolos religiosos e suas táticas.	61
3.3 A reconstrução do sagrado cotidianamente	63
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	72

1 INTRODUÇÃO

Toda história das comunidades culturais começa a ser constituída e/ou produzida, transformada através dos símbolos, mitos e ritos, sejam eles professores ou não, onde as coletividades são organizadas por alguns tipos de simbolismos e ressignificações de acordo com os contextos histórico-sociais, moldando-se a cada geração, conectando saberes a lugares, sensibilidades aos indivíduos e suas relações socioculturais. Assim sendo, os ditos leigos, os fiéis, aquele(a) que participa do culto, que faz devoções aos seus deuses (caso se trate de uma religião politeísta, o que não é neste trabalho), que tem uma relação com ele cotidianamente, fornecem uma história da religião divergente da figura do padre, de uma narrativa produzida a partir do espaço institucional, da Bíblia (nesta pesquisa, já que se trata de uma religião cristã), como critério fornecedor do conhecimento.

Neste sentido, a Comunidade Mosaico mencionamos que, é fruto de um projeto de missão para plantações de igrejas no alto sertão paraibano, a saber: O vale Sertões, sonhado pela IPIB do Brasil, no intuito de fazer missão e espalhar o Evangelho de Cristo, na tentativa de conseguir espaço e mais adeptos, educando indivíduos para disseminar “as boas novas”. (O projeto será abordado com mais detalhes no segundo capítulo desta pesquisa que se procede), portanto, é uma igreja de ramificação protestante, da fé reformada, que atua na cidade de Pombal há dez anos.

Ela se constrói também devido aos seus fiéis, o que eles entendem do culto, suas partilhas de vivências religiosas no cotidiano, as ligações que estabelecem com o sagrado no recinto de seu lar e dentro da Comunidade, onde o fortalecimento da fé está também em constante diálogo com o ambiente social e não apenas institucional. Assim sendo, ao frequentar a Comunidade Mosaico, localizada no sertão paraibano, na cidade de Pombal-PB, experimentá-la enquanto cristã e como ser histórico/social, cultural e religiosa, o olhar foi para o indivíduo crente, indagando sobre a possibilidade de se conectar ao sagrado fora do âmbito institucional, no recinto do praticante, que não fosse utilizando a Bíblia como único instrumento de ponte para conexão com o divino.

Indaguei sobre as “maneiras de fazer, caminhar, falar” às quais nos aponta Michel de Certeau (2014, p.46), depois de “um longo papo” com ele no processo de leituras e escrita. Se haveriam outras formas de se comunicar com o sagrado no espaço de seu lar, quais ferramentas os fiéis protestantes utilizavam para tal “manipulação”, “as artes do fazer”, em que as práticas se apresentam como táticas (“vitórias do fraco sobre o forte, resistência”).

E também, de modo mais geral, uma grande parte das “maneiras de fazer”: vitórias do “fraco” sobre o mais “forte” (os poderosos, a doença, a violência das coisas ou de uma ordem etc.), pequenos sucessos, artes de dar golpes, astúcias de “caçadores”, mobilidades da mão de obra, simulações polimorfos, achados que provocam euforia, tanto poéticos quanto bélicos [...] Do fundo dos oceanos até as ruas das megalópoles, as táticas apresentam continuidades e permanências. [...] Essas táticas manifestam igualmente a que ponto a inteligência é indissociável dos combates e dos prazeres cotidianos que articula, ao passo que as estratégias escondem sob cálculos objetivos a sua relação com o poder que os sustenta, guardado pelo lugar próprio ou pela instituição (CERTEAU, Michel, 2014, p. 46).

Na ausência do lugar da instituição religiosa (Comunidade Mosaico), o fiel protestante realiza os “golpes e astúcias” apontados acima, através das ferramentas que utiliza para se conectar ao sagrado, em que na pesquisa se apontou sobre a utilização da arte enquanto o utensílio melhor utilizado como ponto de conexão. Neste sentido, buscou-se analisar as práticas do fiel religioso da Comunidade Mosaico e seus atos de bricolagem em seu cotidiano, estabelecendo uma relação e formas de comunicações com o sagrado no recinto de seu lar (quais ferramentas usam neste processo de também cultural), que tipo de história religiosa cristã protestante fabricaram, quais narrativas foram produzidas, considerando suas formas de organizações sociais e enquanto agentes históricos produtores de uma história religiosa que não é voltada apenas para a instituição.

Portanto, temos neste trabalho, “A invenção de uma escrita” do praticante da Comunidade Mosaico, os saberes utilizados na “construção” e relação com o sagrado, nas “maneiras de fazer”, as pessoas que o produzem, as práticas (quais exercícios se valem para o ato de produzir), as subjetividades dos sujeitos envolvidos em suas ações, assim como seu lugar social, ou seja, os usos das táticas, bricolagens do fiel em seu cotidiano em constante relação com a instituição religiosa. Desse modo, são as práticas do fiel protestante, no consumo da fé nas artes do fazer que aqui nos interessam, saber o que produziram e como produziram no cotidiano do seu lar, utilizando a Bíblia e o ato de cultivar, a religiosidade que se faz presente nas vivências e experimentações do sagrado.

Para este propósito contamos com a participação efetiva dos nossos depoentes, totalizando no número de seis, pois sem eles e seus depoimentos não haveria de ser possível este trabalho, com o intuito de “contar” um pedacinho da história do fiel protestante da Comunidade Mosaico. Utilizamos, portanto, a metodologia da História Oral, em uma constante relação entre história e memória, compreendendo que:

O tempo da memória é o tempo da experiência de um período de vida, de atividade profissional, política, religiosa, cultural, afetiva... que nos arrebatam e condicionam quase que inteiramente, nos fazendo perceber e reconstruir a realidade de uma determinada maneira. Realizar uma entrevista é sobretudo a tentativa de visitar como entrevistado esses territórios diversos, que se relacionam e se comunicam através de uma lógica para nós desconhecida. (MONTENEGRO, Antônio, 1992, p.60).

O testemunho oral por si só não diz nada, nem qualquer outro documento/fonte. À pesquisa histórica, neste sentido, com base em questionamentos e o intercâmbio entre fontes bibliográficas e narradas, abre caminhos de escritas que vislumbrem a história dos esquecidos e dos não ditos. Haverá de ser preciso, portanto, um caminho traçado pelo historiador (a) que indague suas fontes, elabore problemas, trace caminhos e em que o pesquisador se faça ser sensível para com o contexto dos acontecimentos e o próprio procedimento de elaboração da escrita histórica/historiográfica que se constrói permeada por circunstâncias sociais, políticas, culturais e econômicas refletindo em sua escrita.

Marc Bloch (2001, p. 78) nos esclarece a respeito aos testemunhos:

Mas, a partir do momento em que não nos resignamos mais a registrar [pura e] simplesmente as palavras de nossas testemunhas, a partir do momento em que tencionamos fazê-las falar [, mesmo a contragosto], mais do que nunca impõe-se [sic] um questionário. Esta é, com efeito, a primeira necessidade de qualquer pesquisa histórica bem conduzida.

Temos também ainda sobre o conceito de testemunho as contribuições de Antônio Montenegro e Regina Beatriz Guimarães Neto (2020, p. 77):

Desde a Grécia antiga os testemunhos são considerados condição fundamental para a escrita da história. Sem testemunho não se faz história, pois é o testemunho que constitui o elo primeiro com a memória ao narrar algum acontecimento. [...] Assim, testemunho e narrativa nascem imbricados um ao outro porque o testemunho não pode existir se não estiver articulado em linguagem, narrado e escolhido. Essa relação entre testemunho e narrativa é operada por diversos procedimentos historiográficos segundo o regime de historicidade.

Isto posto, é notória a contribuição dos gregos para a cultura ocidental no que diz respeito ao conceito de testemunho se configurando um elo entre narrativa, memória e linguagem. Muito embora o conceito aqui trabalhado de testemunho não seja atrelado ao da história oral, torna-se possível o uso do mesmo para a construção de uma narrativa histórica mediante a forma de se abordar tais testemunhos.

O testemunho da oralidade ganha um caráter mais abrangente, espaço e especificidade com o advento da Nova História Cultural, onde a oralidade, assim como os monumentos

históricos, passam a ser reconfigurados enquanto lugares de memória, com perspectivas e percepções da História que outras fontes não elencam em suas composições.

Posto isso, com o estabelecimento de um caminho para a pesquisa, possuindo um método crítico que dê lugar à inteligibilidade aos documentos utilizados, como afirma Antônio Montenegro e Regina Beatriz Guimarães Neto (2020, p. 79), apreendendo a historicidade do testemunho, realiza-se assim, portanto, um trabalho historiográfico.

Naturalmente, é necessário que essa escolha ponderada de perguntas seja extremamente flexível, suscetível de agregar, no caminho, uma multiplicidade de novos tópicos, e aberta a todas as surpresas. De tal modo, no entanto, que possa desde o início servir de ímã às limalhas do documento. O explorador sabe muito bem, previamente, que o itinerário que ele estabelece, no começo, não será seguido ponto a ponto. Não ter um, no entanto, implicaria o risco de errar eternamente ao acaso (BLOCH, 2001, p. 79).

Partiremos para as limalhas, como afirma o autor acima, da oralidade enquanto documento e caminho de uma escrita histórica/historiográfica que possibilite percebermos a produção do fiel protestante da Comunidade Mosaico, no tempo em que se utiliza da Bíblia e culto enquanto ferramentas para sua elaboração do sagrado no cotidiano. Posto isso, a história oral se configura na qualidade de:

Procedimento, um meio, um caminho para a produção do conhecimento histórico. Traz em si um duplo ensinamento: sobre a época enfocada pelo depoimento [sic] o tempo passado, e sobre a época na qual o depoimento foi produzido o tempo presente. Trata-se, portanto, de uma produção especializada de documentos e fontes, realizada com interferência do historiador e na qual se cruzam intersubjetividades (DELGADO, 2010, p. 15).

Assim sendo, “apreendemos o que é vivo, uma qualidade suprema do historiador, não se adquire e não se exerce, senão por um contato perpétuo com o hoje, a história do historiador começa a se fazer às avessas”, como afirma Marc Bloch (2001, p. 25). E nesta pesquisa não apenas a história da historiadora começa a se fazer às avessas, parafraseando e pedindo licença a Marc Bloch, mas a história do fiel protestante também, nos enquadrando avessos de suas práticas e consumo de sua fé. E neste sentido compartilhamos o que Marc Bloch (2001, p.55) coloca:

Onde calcular é impossível, impõe-se sugerir. Entre a expressão das realidades do mundo físico e a das realidades do espírito humano, o contraste é, em suma, o mesmo que entre a tarefa do operário fresador e a do luthier: ambos trabalham no milímetro, mas o fresador usa instrumentos mecânicos de precisão; o luthier guia-se, antes de tudo, pela sensibilidade do ouvido e dos dedos. Não seria bom nem que o fresador se

contentasse com o empirismo do luthier, nem que este pretendesse imitar o fresador. Será possível negar que haja, com o tato das mãos, uma das palavras?

O tato das mãos e as sensibilidades no que se referem ao conceito de práticas nesta pesquisa, produzem artes do fazer. Palavras transcritas dos depoentes compõem narrativas, que originam uma história. Portanto, temos aqui um corpo teórico que contribuiu de maneira significativa para o desenvolvimento da escrita deste trabalho e do entrelaçamento dos conceitos. Os teóricos-base são os dois franceses e antropólogos, Michel de Certeau (2014) e Bruno Latour (1997; 2011). Dentre os outros autores utilizados no corpo do texto que foram também essenciais para o desenvolvimento desta pesquisa.

Ao se trabalhar com os respectivos autores, fizemos uso dos conceitos de prática, táticas e bricolagens, desenvolvidos pelo também historiador, Michel de Certeau (2014); partindo para a compreensão de que “as maneiras de fazer, caminhar e/ou falar” estão interligadas pelo não lugar próprio (CERTEAU, Michel, 2014, p.46). Assim sendo, o recinto (o não lugar próprio) se interpõe como o espaço onde o consumo da fé parte pelo uso da arte como ferramenta preferível, estando relacionado dessa maneira ao cotidiano, desenvolvendo artes do fazer com e a partir de... em que as astúcias se tornam presentes mediante “os golpes realizados pelos fiels” fazendo uso da arte mundana enquanto instrumento de bricolagem.

No que se refere ao teórico Bruno Latour, efetuamos o uso do conceito de controvérsia, compreendendo que as contraposições de ideias e argumentações na abertura da caixa preta podem enrijecê-la ou gerar novas caixas pretas, ou seja, os símbolos; apreendendo a construção científica partindo do lugar de produção até o fato, na utilização de objetos humanos e não humanos, sejam eles revistas, livros, artigos científicos.

Incerteza, trabalho, decisões, concorrência, controvérsias, é isso o que vemos quando fazemos um flashback das caixas-pretas certinhas, frias, indubitáveis para o seu passado recente. Se tomarmos duas imagens, uma das caixas pretas e outra das controvérsias em aberto, veremos que são absolutamente diferentes. (LATOURE, Bruno, 2011, p. 6).

As caixas pretas nesta pesquisa se encontram na Bíblia que, aberta, é passível de “manipulação”, envolvendo sujeitos históricos e arte na construção de uma narrativa que aponta para uma conexão envolta de sensibilidades e lugares de pertencimento do fiel protestante.

A expressão caixa-preta é usada em cibernética sempre que uma máquina ou um conjunto de comandos se revela complexo demais. Em seu lugar, é desenhada uma caixinha preta, a respeito da qual não é preciso saber nada, a não ser o que nela entra e o que dela sai [...] Ou seja, por mais controvertida que seja sua história, por mais complexo que seja seu funcionamento interno, por maior que seja a rede comercial ou

acadêmica para sua implementação, a única coisa que conta é o que se põe nela e o que dela se tira. (LATOURE, Bruno, 2011, p.4).

Posto isso, os dois conceitos foram relevantes no decorrer da pesquisa, em primeiro lugar por apontar a bricolagem do fiel protestante no recinto de seu lar, enquanto maneiras de fazer no consumo de sua fé, práticas que emergem de um lugar não próprio na conexão com o sagrado fora do âmbito institucional. Vislumbrando os sujeitos históricos da Comunidade de fé, o Mosaico, como agentes produtores “que se desviam da instituição”, ao mesmo tempo em que são dependentes da mesma. No que concerne ao conceito de controvérsia, foi importante no levantamento de uma literatura (leituras), com pontos de vista divergentes nessa pesquisa, a exemplo da utilização do Mircea Eliade (1952-1992), assim como considerar o uso da Bíblia como uma “abertura da caixa preta”, em que partimos do fato à sua construção, ou seja, o que ela é enquanto um livro sagrado e sua construção reflexiva e narrativa mediante o uso que o fiel protestante faz dela com a arte mundana.

Dado isso, estruturamos nosso trabalho em três capítulos. No primeiro, intitulado: As Práticas Religiosas e a Produção Literária do Sagrado no Cotidiano, abordamos a Comunidade Mosaico enquanto um espaço produtor de certezas e a relação religiosa que o praticante estabelece com essa instituição e fora dela, considerando suas vivências históricos-sociais cruciais para o processo de “uso e consumo” de sua fé fora da igreja, produzindo narrativas a partir de seu lugar social e mediante o uso que também faz da instituição religiosa; para isso trabalhamos com a definição de três conceitos-chave, sendo eles, táticas, estratégias e bricolagens, que nos ajudaram a entender o movimento das práticas enquanto uma arte “marginal”, gerados pelos “artesãos da fé”, que consomem sua fé através da arte mundana. Discutimos como os símbolos religiosos são construídos cotidianamente e culturalmente, discordando veementemente neste trabalho acerca do que coloca o cientista das religiões, Mircea Eliade, considerando os símbolos como algo dado e não enquanto um processo de constituição de valores, sentidos e significados de uma determinada cultura e tempo histórico.

No segundo capítulo, intitulado: Por uma Historiografia da Reforma: Na controvérsia do catolicismo, emerge o protestantismo, discutimos o que foi o movimento da reforma protestante, por entendermos que seria parte crucial do trabalho, já que a Comunidade Mosaico é fruto deste movimento; consideramos, portanto, o seu “chão”, as suas raízes históricas. Partindo deste ponto, vamos até a emergência do protestantismo no Brasil até a cidade de

Pombal-PB, para somente depois abordar de fato a Comunidade Mosaico, na cidade, através do projeto Vale Sertões, considerando a partilha de memórias de dois depoentes

importantes para o desenvolvimento deste capítulo, fazendo uso da relação de História e Memória.

No capítulo final, intitulado: Religiosidade, Saberes e Práticas em Pombal, abordamos o fiel protestante com sua “linguagem ordinária” na reconstrução do sagrado em seu cotidiano, em que as entrevistas que nos foram concedidas por meio de um questionário previamente elaborado, para a construção do trabalho, são apresentadas e dialogadas de maneira que nos apresentam um padrão em suas falas, abordando aqui mais precisamente a relação entre História e Memória; considerado vital em nosso trabalho, já que as narrativas desses fiéis compõem o trecho mais importante de nossa pesquisa, suas narrativas e o diálogo estabelecido entre elas geraram as certezas de que suas manipulações, “artes do fazer”, “maneiras de falar, andar, escrever”, estão interligadas com a arte mundana, ferramentas que usam em sua conexão com o sagrado.

Assim sendo, convidamos você, caro leitor, a adentrar as sensibilidades do fiel protestante ao consumir sua fé através de ferramentas mundanas cotidianamente, fazendo da arte em seu recinto, uma “sucata”, gozando de maneiras de fazer, tornando possível o “tato das palavras, das reflexões, do ouvir e do praticar uma fé, exercitando uma vivência religiosa.

CAPÍTULO I: AS PRÁTICAS RELIGIOSAS E A PRODUÇÃO LITERÁRIA DO SAGRADO NO COTIDIANO

Na abordagem do capítulo em questão, levanta-se uma discussão teórica sobre o praticante (sujeito comum), no ato de tecer narrativas religiosas de acordo com suas experiências de fé, estabelecendo uma troca mútua e contínua com o campo produtor de certezas (a Comunidade Mosaico). Ao mesmo tempo, trabalha-se com conceitos como astúcias, táticas e bricolagens, inteiramente conectados nas narrativas produzidas pelo religioso, cotidianamente em seu recinto.

Para isso, enquanto fundamentação teórica deste trabalho, utilizam-se dois autores cruciais, entre livros e artigos examinados: Certeau (2014) e Latour (2011; 2012), estabelecendo desta forma um enredo sobre os alfaiates do sagrado, produzidos pelos praticantes, dando embasamento e chaves de análise para uma melhor compreensão daquilo que se propõe aqui, a saber, como os praticantes modelam o sagrado cotidianamente, se isto se faz possível, efetuando uma relação com a igreja que frequentam, consumindo a fé nos espaços institucionais e não institucionais.

Assim sendo, o campo religioso surge enquanto espaço de possibilidades diversas, com enunciados, produções de tecidos, presença de objetos humanos ou não, desde os fiéis e suas práticas à produção de linguagens simbólicas, dando sentido ao terreno que se constrói. Posto isso, pode-se afirmar que há uma concepção de uma literatura do sagrado, partindo das ferramentas dispostas no campo em questão e lapidadas pelo homem, na mesma medida em que vão se tecendo os fios narrativos do sagrado nos exercícios da fé do fiel, onde os utensílios que compõem o cenário são explorados e vislumbrados como chaves de análises e perspectivas, de acordo com o processo seletivo e metodológico do historiador(a).

Dessa forma, há a possibilidade de se fabricar uma história do sagrado (religiosidade) e suas práticas no cotidiano, elucidando os agentes históricos religiosos que forjam, ou melhor, bricolam, como bem diria Michel de Certeau (2014, p. 45), os símbolos religiosos da sua comunidade ou igreja, de acordo com as suas vivências com o divino, dando significações e ressignificações às suas experiências de fé.

Neste sentido, comumente o lugar da igreja é visto como um espaço de culto e adoração, onde as relações sociais, simbólicas e culturais são delimitadas, ao mesmo tempo em que são entrelaçadas por este campo e seus domínios, tidos como sagrados. Esse corpo social do divino resulta, por sua vez, em uma caixa preta (os fatos), como bem menciona Bruno Latour (2011, p. 4), uma das referências base da pesquisa em questão.

Deste modo, um dos propósitos deste trabalho é evidenciar os processos de produções das certezas da fé, compreendendo-as como partes integrantes das práticas religiosas, mas também como uma linguagem, uma experiência no dia a dia do praticante, com suas invenções e artes do fazer. Assim, espera-se evidenciar os lugares de elaboração de narrativas religiosas.

Por conseguinte, na pesquisa, a igreja Comunidade Mosaico IPI (Igreja Presbiteriana Independente do Brasil¹) será tratada como um espaço produtor de certezas. O lugar será explorado, escrito e vivenciado pela pesquisadora, observando as relações que os fiéis possuem com o sagrado e com a igreja, especialmente o que fazem e como fazem para cultuar seu Deus e experienciar sua fé fora deste ambiente. É preciso destacar que não se compreende o sagrado como uma categoria dada, mas como uma construção de acordo com os “usos e costumes” dos praticantes em rede, ou seja, como parte de um coletivo.

Para a compreensão de como a fé é prática, deve-se apoiar nas descrições do cotidiano dos membros da Comunidade e como, em seu dia a dia, os objetos e a linguagem vão se transformando em símbolos. Esta mutação ocorre, muitas vezes, através da astúcia dos sujeitos religiosos que ressignificam cotidianamente, não apenas suas práticas, mas suas próprias relações com o sagrado.

As astúcias destes indivíduos acontecem pela maneira de fazer o sagrado e de se relacionar com ele e sobre ele em sua rotina habitual, a forma como o fazem e dentro de quais circunstâncias, pois a prática da religião (religiosidade) é o que torna possível uma transformação destes subsídios do fiel (aqui entendido como aquele que crê, não o fanático).

O que se nota rotineiramente é como o divino é vislumbrado e vivido no seio das instituições religiosas, e não como ele é experimentado e vivenciado no cotidiano da vida do fiel. Os praticantes são agentes no processo de fabricação de um enredo religioso, de um lugar, das falas, da forma de utilizar os objetos; são donos de peculiaridades, de criações de espaços religiosos fora do âmbito institucional; são produtores de cultura, de saberes atrelados às suas vivências histórico-sociais. Em síntese, são agentes que ressignificam suas vidas mediante as relações desenvolvidas com sua fé e as práticas religiosas, construindo maneiras de se abordar o sagrado e os seus símbolos em espaços fora da comunidade, mas conectadas a ela.

Esses elementos (realizar, apropriar-se, inserir-se numa rede relacional, situar-se no tempo) fazem do enunciado, e secundariamente do uso, um nó de circunstâncias, uma nodosidade inseparável do “contexto”, do qual abstratamente se distingue. Indissociável do instante presente, de circunstâncias particulares e de um fazer

¹ No decorrer do texto sempre que for mencionada a comunidade mosaico com a sigla IPI, tem consigo como significado (Igreja Presbiteriana Independente do Brasil).

(produzir língua e modificar a dinâmica de uma relação), o ato de falar é um uso da língua e uma operação sobre ela. (CERTEAU, 2014, p. 91)

Ao proceder neste processo de fabricação, como se fosse uma escultura de barro (modelando, dando formas, características e personalidades), o fiel é uma espécie de artesão dos símbolos, ressignificando sua fé e existência enquanto indivíduo religioso, tecendo lugares, artimanhas, linguagens, uma narrativa expressa e vivida em seu cotidiano, uma história religiosa (religiosidade) com características bem específicas, particulares e instigantes.

Deve-se ressaltar ainda que a referida pesquisa não tem a pretensão de trabalhar o conceito de fé. O que se tem ou está em jogo são os símbolos religiosos (o culto e a Bíblia) e como os fiéis praticam as bricolagens em seu dia a dia. O foco são as operações simbólicas, as práticas dos fiéis da comunidade na sua relação com este sagrado que produz novas significações e ressignificações num contínuo exercício de sua fé.

Trabalhar com o campo religioso é debruçar-se sobre uma série de conceitos distintos — ritos, mitos, crenças, fé, símbolos, sagrado, profano, milagre, céu, inferno, representações, dentre outros — mas que andam juntos. No que diz respeito à temática, a abordagem é sobre o praticante, suas experiências religiosas na fé reformada, trazendo consigo, de acordo com seus olhares, toques e manuseios, reformulações da religião tida como oficial. A pesquisa aqui é instigante justamente porque quer espiar, perceber o homem “comum” religioso, já que ainda não se costuma “pôr em xeque” a história do fiel religioso cristão protestante e suas “produções”.

1.1 No cotidiano experienciado, uma transformação dos símbolos já ditados (uma crítica ao Mircea Eliade)

Antes de mais nada, é preciso atentar-se ao espaço da cozinha, pois manifesta-se como um lugar do prazer, do degustar, espiar, do misturar temperos, experimentar, rememorar e frutificar memórias, do cheiro e sabor, aguçando todos os sentidos, como bem diria Rubem Alves²; recinto de recolhimento e acolhimento, também de comunhão. Assim, a cozinha acaba por ser uma das melhores analogias daquilo que o fiel faz dos símbolos religiosos, pois o cozinheiro se utiliza das ferramentas disponíveis em seu laboratório (cozinha), sentindo-se livre na organização de seu ambiente e combinação de seus ingredientes; assim também ocorre com o religioso da comunidade, ao organizar seu ambiente de culto e pertencimento em seu cotidiano, com seu uso e consumo dos artefatos presentes na igreja.

Dessa maneira, há uma produção do saber e fazer com o que se tem, como bem menciona Rubem Alves em seu livro *Por uma Educação Sensível* (2023, p. 61): “Vamos, prove,

² <http://veredasdalngua.blogspot.com/2015/05/texto-aprendendo-das-cozinheiras-rubem.html>

veja como está bom...” palavras que não transmite saber, mas atentam para um saber. O que importa está para além da palavra. É indizível.”

Sob essa ótica, o que importa está para além dos símbolos; mais vale sua relação com suas invenções nas ressignificações, estabelecendo comunicações por vezes indizíveis de muitas formas, podendo fazer-se dizível a partir de quem analisa e dos objetivos traçados, das perguntas feitas para tornar o processo de fabricação evidente.

Além disso, torna-se imprescindível pontuar que o que parece ser inexprimível torna-se menos obscuro quando se elucidam as ferramentas utilizadas na cozinha para fazer e dar sabor às comidas (o recinto do fiel, o que utilizou para ressignificar, qual tipo de relação possui cotidianamente com a Bíblia, de que maneira cultua Deus, suas relações e conversações com o tempo, suas práticas de fé). Assim sendo, a comunicação é existente entre a cozinha e quem faz a comida, entre o recinto do fiel, a igreja e o próprio religioso; as lapidações são singelas, estão nos detalhes e, como diz o próprio Rubem Alves, estão para além da palavra, é um processo contínuo, assim como o movimento da História, aliás, movimentos, cheios de tramas.

Nesse limiar tem-se uma combinação heterogênea (assim como na cozinha), tal qual diria o Michel de Certeau³; à vista disso, dos materiais: liturgia, desenhos nas paredes (enquanto ilustração do ser divino), hinos e louvores, o culto propriamente dito no seio institucional da Comunidade, seguindo o rito (acolhida, leitura bíblica, louvor e mensagem litúrgica) em uma tentativa de comunicar o que viria a ser a palavra sagrada, fazendo emergir entrelaçamentos sobre os símbolos religiosos e suas ressignificações, convertendo-se em uma produção. Sobre o ato de cozinhar com recursos heterogêneos, Certeau (2014, p. 46) acrescenta:

Sem cessar, o fraco deve tirar partido de forças que lhe são estranhas. Ele o consegue em momentos oportunos onde combina elementos heterogêneos (assim, no supermercado, a dona de casa, em face de dados heterogêneos e móveis, como as provisões no freezer, os gostos, apetites e disposições de ânimo de seus familiares, os produtos mais baratos e suas possíveis combinações com o que ela já tem em casa etc.).

O consumo torna-se possível mediante o uso que se faz da cozinha, da produção que se exige no preparar, em razão dos temperos disponíveis. Só se pode ter um prato recheado à mesa devido ao seu processo de fabricação, de mãos que manuseiam, que provam, que sentem e fazem adquirir sentido, gostos e formas; assim sendo, o mesmo ocorre com os símbolos, que

³ Michel de Certeau, pensador francês, nasceu em Chambéry, em maio de 1925. Inteligência brilhante e não conformista, alimentou milhares de curiosidades, com sólida formação em Filosofia, Letras Clássicas, História e Teologia. Pesquisador da história dos textos místicos desde a Renascença até a era clássica, interessa-se não só pelos métodos da Antropologia e da Linguística, como também pela Psicanálise (CERTEAU, MICHEL 2014)

são fabricados, lidos e interpretados à maneira do cristão operar. A produção dos consumidores é definida por Michel de Certeau como o uso e o consumo que aquele ou aqueles considerados marginalizados concebem, ou ainda o que faz a “cultura popular” com os “produtos de um supermercado”, ou melhor, o que fabrica um cristão mediante o uso da Bíblia e do culto, por exemplo!

A análise segue sob a elaboração do “artesão” religioso, uma produção dependente da igreja, dos sermões, liturgias, da palavra sagrada, do espaço que compõe o âmbito institucional como um todo, pois todos os artefatos que ali se encontram servem como ferramentas para o religioso, de ou para transformação, sejam dos símbolos, da linguagem ou de qualquer outra forma de comunicação passíveis de remodelações. O autor argumenta que a estas feitura não são deixados espaços para que se vislumbre a sua arte, já que as lacunas são devidamente preenchidas pelos “sistemas de produções”. Neste caso, os sistemas de produção preenchem o espaço institucional através da figura do pastor e/ou dos membros que compõem o conselho da igreja (presbíteros, diáconos, tesoureiros e demais funções da composição burocrática da igreja)⁴, também responsáveis pelo movimento da religião.

Entender os símbolos nesta perspectiva é partir de outra ótica, como se os óculos estivessem postos sobre a mesa de cabeça para baixo, em uma desordem que organiza a produção literária que se procede. É tratar de algo quase irreverente, pois costuma-se abordar os símbolos como algo pronto e acabado, tal qual construir uma história religiosa partindo da igreja e dos padres, frades, pastores, sem nenhuma abordagem dos profanos e suas ressignificações da vivência religiosa.

Para o cientista das religiões Mircea Eliade⁵, os símbolos são dados, são a explicação da realidade e o seu fundamento; não há uma construção cultural mediante seus usos cotidianos

⁴ Observa-se no entanto que, a comunidade mosaico ainda se configura enquanto uma congregação, ou seja, ainda não se fez igreja na medida que até este tempo, se encontra como parte do projeto: Os sertões e que não há estas divisões de organizações, apenas divisões mais simples como uma diaconia, tesoureiro(a) e algo mais central para facilitar a tomada de decisões sobre a mesma, mas que é entendida enquanto igreja na pesquisa, uma vez que, é produtora de certezas da fé conforme citado acima no trabalho, sendo assim a mesa administrativa (um sistema de organização mais simples da comunidade).

⁵ Mircea Eliade nasceu na capital da Romênia (Bucareste) em 1907. Depois de adquirir a sua formação intelectual na pátria de origem e interessando-se pelo estudo das religiões, concluiu a Universidade de Calcutá, na Índia, onde permaneceu de 1928 à 1931. De volta a Bucareste publicou seus primeiros estudos em 1935, versando a religião hindu. Durante a guerra, viveu em Lisboa, radicando-se em Paris no pós-guerra, durante muitos anos como professor da École des Hautes Études. Finalmente deu cursos e orientou teses na Universidade de Chicago, nos Estados Unidos. Faleceu nessa última cidade, aos 79 anos, em 1986. (<http://www.institutodehumanidades.com.br/index.php/e/234-eliade-mircea>)

Segundo o autor, eles se apresentam como forças cosmológicas do sagrado, "concentradas na água, na lua, na mulher", portanto, simbolismos do "extraordinário", como, por exemplo, o "simbolismo da fecundidade" (a concha), lugar da criação e origem do mundo, indício da fertilidade em todos os sentidos.

Nelas se exercem e estão presentes as forças criadoras que jorram como que de uma fonte inesgotável, de todo o símbolo do princípio feminino. Assim, usadas sobre a pele como amuleto ou ornamento, ostras, conchas marinhas e pérolas impregnam a mulher de uma energia favorável à fecundação, ao mesmo tempo que as protegem de forças nocivas e da má sorte (ELIDADE, 1979, p.126).

O autor defende que o símbolo da concha ou das ostras independe do ser humano, existindo antes dele, pois os cria, dá clareza, harmonia e sentido; é o provedor da vida e seu mantimento, tendo-os como base para todo o percurso da vida prática, material e espiritual. Todas as relações (os medos, a morte, a fecundação) são constituídas e embasadas no que elas representam, seja como fonte de energia, provimento de curas, "prolongamento da vida", fertilidade. Dessa maneira, os símbolos nesta perspectiva, parafraseando Latour (2011, p. 6), são uma caixa preta (tendo por diferença que, à caixa preta aqui não se devem manuseios humanos, processos de fabricação), pois o seu sentido de sagrado não é e nem deve ser alterado; é impermutável. Os usos e costumes das tribos não alteram os sentidos, não os inventam nem recriam.

A lua é a raiz de tudo o que é yin; na lua cheia as ostras pang e ko estão prenhes e todas as coisas yin se tornam abundantes; quando a Lua escurece (última noite do ciclo lunar) as ostras estão vazias e todas as coisas yin começam a faltar. Mo-tsi (século V A.C), depois de ter notado que a ostra perliífera pang nasce sem intervenção masculina, acrescenta: por conseguinte, se pang pode ter por fruto uma pérola, é porque ela concentra toda sua força yin. A lua, escreve Liou Ngan (século 11 A C) é o princípio do yin. É por isso que os cérebros dos peixes diminuem quando a lua está vazia e as conchas dos univalves espiralados não estão cheias de partes carnudas quando a lua está morta. O mesmo autor acrescenta, num outro capítulo: os moluscos bivalves, os caranguejos, as pérolas e as tartarugas crescem e decrescem com a Lua. (ELIADE, 1979, p.124)

Desta maneira, os ritos religiosos das sociedades pré-colombianas são seguidos e encobertos pela presença das ostras, "objeto" indispensável para as cerimônias, pois tanto o "búzio, conchas bivalves e as ostras exprimem um simbolismo do nascimento e do renascimento". A presença dos mesmos se faz necessária especialmente em colheitas e funerais, já que possuem estas significações; seu uso se faz presente também enquanto adornos em mulheres, tendo por objetivo a fertilização, já que as conchas possuem certa semelhança com as vulvas e igualmente o poder da fecundidade, segundo as crenças destas sociedades.

Todavia, estes não são os únicos fatores a serem acrescentados e analisados aqui. O mesmo autor transcorre em seu livro sobre as modificações ocorridas ao longo do tempo das conchas em sociedades diferentes, sobre suas simbologias e sua acepção de sagrado, conforme explicita:

A história da pérola é um testemunho mais do fenômeno de degradação de um sentido inicial, metafísico. O que, num dado momento, foi símbolo cosmológico, objeto rico em forças sagradas benfeitoras, torna-se, por obra do tempo, em elemento decorativo, cujas qualidades e valor econômico são apreciados (ELIADE, 1979, p. 140).

Na ótica da vigente pesquisa, tomando por base os estudos de Eliade (1979), há uma certa contradição no argumento do autor, visto que, se os símbolos não podem ser modificados por quaisquer intervenções das tribos e seus usos, de acordo com o espaço-tempo e contextos históricos, como podem ter sido metamorfoseados? Como agora são moedas de valor e elementos decorativos e não mais unicamente sagrados e provedores de poderes como outrora? De que modo isto é possível?

Os símbolos ditados foram transformados? Uma primeira observação é que houve uma transformação deste símbolo da concha de acordo com as utilidades de cada sociedade. Um exemplo são os usos das pérolas artificiais, não sendo possível utilizar a concha considerada “original”; uma segunda é que passaram a ser moedas de valor conforme indicado acima, e o valor de sagrado também foi transformado na medida do seu uso e consumo. Houve então, desta maneira, um movimento de adaptação e, conseqüentemente, de transformação em sua praticabilidade.

Ainda tomando por base o pensamento de Eliade, o simbolismo e/ou o valor sagrado permanece intacto, assim como sua função cultural: “[...] as escavações de Sir Arthur Evans permitiram definir mais claramente o valor mágico e a função cultural das conchas” (ELIADE, 1979, p. 134), já que eram encontradas junto aos mortos. Outro ponto a ser considerado diz respeito à missão das conchas e das pérolas nos costumes funerários; o defunto não se separa da força cósmica que alimentou e regeu sua vida” (ELIADE, 1979, p. 132). Se existe um encargo cultural, há de existir metamorfoses e a valoração será algo construído conforme o tempo e as táticas do praticante; a ordem será posta em desordem, onde aquele que rege será regido, o sagrado forjado, os símbolos ressignificados e o fiel feitor.

Mircea Eliade expõe que o ato de colocar os búzios em túmulos é mantido, variando apenas os tipos de conchas (o que aqui será lido enquanto adaptações ao seu meio, mediante a ausência das que se comumente usam). A prática é mantida, apenas algumas alterações seguem, sejam das diferenças dos búzios conforme já mencionado, as sociedades que os usam em um

espaço diferente, numa outra realidade que acaba por influenciar os modos de se perceber e aplicar.

Desta forma, a ligação entre eles (os símbolos) e a História enquanto uma ciência em marcha, como bem menciona Bloch (2002, p. 47), na mais singela de suas diversas definições, se faz indispensável neste trabalho, pois assim como a mesma é uma mobilidade incessante de transformações, a cultura e os símbolos também o são; somente há sobrevivência dos mesmos quando há modificações (não de maneira integral), na ocasião de reinterpretar e se relacionar com o momento presente, no ato de rememorar em uma constante dinâmica das práticas religiosas em especial e suas invenções.

Em processos de moldagens, uma cultura é criada levando-se em consideração aquela que serve de base, sobre a qual se critica ou não. Neste sentido, as novas práticas simbólicas podem nascer da modificação do que se tinha anteriormente; também podem, claro, nascer de novas tradições, como pensaram Hobsbawm e Ranger (1984). Neste caso, não cremos na possibilidade da nova tradição por causa da continuidade do valor sagrado.

Dialogar com Mircea Eliade é estabelecer o contraponto de minha perspectiva sobre o símbolo no sagrado. Para o autor, o símbolo é imutável, portanto, depois de gestado, vai permanecer o mesmo, até em casos em que as circunstâncias sócio-geográficas mudam. Partimos, ao contrário, da concepção de que a religião, e nela os símbolos, são socioculturais, assim sendo, passíveis de alterações momentâneas ou permanentes de tal forma que dinamiza o sagrado no tempo.

Deste modo, os símbolos e toda a literatura do sagrado que se forma em torno do mesmo se desenvolvem no próprio trâmite da vida prática do indivíduo professo, ou seja, na experimentação, no vivenciar e/ou experienciar sua fé, na sala de sua casa, na cozinha, em suas meditações no cotidiano, “qualquer lugar passível de transformação e adaptação pelo indivíduo crente, para o seu relacionamento com o divino, pois o traquejo religioso não somente existe dentro da comunidade, neste caso a Comunidade Mosaico IPI. As vestimentas, a linguagem, o modo de se portar socialmente, a comunhão, a liturgia, a Bíblia, todos são aptos a serem bricolados cotidianamente e, como bem diria Bruno Latour, “As interações humanas e não humanas produzem textos” geram novas interpretações, inquietações e estratégias.

Desta maneira, discute-se no próximo ponto sobre o fiel (homem ordinário) e o que ele produz com os símbolos religiosos, atrelados de maneira íntegra às suas práticas que caracterizam, por sua vez, o consumo da fé, na medida em que os símbolos são experimentados cotidianamente sob diferentes formas, “caprichos” e aspectos.

1.2 Os praticantes nas suas táticas e artes do fazer

Michel de Certeau, em seu texto “A operação historiográfica”, no livro *A Escrita da História*, lança uma pergunta muito pertinente referente ao *métier* do historiador e sua função social: O que fabrica o historiador quando faz história? O filósofo e historiador busca, com isso, refletir acerca do papel da historiografia (tida em linhas gerais como a escrita da história) e sobre os lugares de elaboração das “práticas científicas e escrita” na produção do conhecimento histórico. Analogamente, pergunta-se: O que fabrica o fiel com os símbolos religiosos? Quais são as práticas que caracterizam o consumo da fé nas astúcias do saber? Que tipo de linguagem produz em seu cotidiano, valendo-se dos usos e táticas? Quais narrativas poderá o historiador(a) prestar na transcrição dessas ações?

Destarte, afirma-se que o praticante é “o veículo ou seu autor” dos símbolos, pois sem o exercício de sua fé em uma relação rotineira com seu espaço, sem comunicações e sociabilidades, ausência de práticas e transformações dos mesmos adaptando-os, não há religião, não há cultura religiosa, tendo em vista que necessitam de ressignificações e atribuições de sentidos para sua existência. Assim sendo, o religioso fabrica uma linguagem, um lugar, atrelado ao seu tempo-espaço histórico e ao seu recinto do ordinário, consumindo a fé sem ser dominado pela instituição religiosa, executando artes com os produtos da igreja e não se deixando submeter pela mesma, pois a passividade, como afirma Michel de Certeau (2014), não é própria do sujeito ao qual se denomina “consumidor”, conforme o exemplo dos indígenas que foram “submetidos” à dominação espanhola.

Submetidos e mesmo consentindo na dominação, muitas vezes esses indígenas faziam das ações rituais, representações ou leis que lhes eram impostas outra coisa que não aquela que o conquistador julgava obter por elas. Os indígenas as subvertiam, não rejeitando-as diretamente ou modificando-as, mas pela sua maneira de usá-las para fins e em função de referências estranhas ao sistema do qual não podiam fugir. Elas eram outros, mesmo no seio da colonização que os “assimilava” exteriormente; seu modo de usar a ordem dominante exercia o seu poder, que não tinham meios para recusar; a esse poder escapavam sem deixá-lo. A força de sua diferença se mantinha nos procedimentos de “consumo”. (CERTEAU, 2014, p. 39)

À vista disso argumenta-se que há bricolagens⁶, ou seja, atribuição de novos sentidos, da bíblia e do culto, por exemplo mediante as astúcias dos consumidores; construindo sentidos outros do sagrado pelos fiéis, atreladas as suas vivências religiosas, transfazendo o culto em

⁶ As bricolagens estão atribuídas aos novos sentidos que são dados aos objetos humanos ou não, aos símbolos, de acordo com seus usos.

cultuar, a bíblia em narrativas históricas que são reconstruídas e rememoradas por aqueles que as utilizam, atribuindo novas leituras e interpretações, sem que com isso modifique-a por inteiro (o que está sendo analisado é o uso que se faz da mesma no recinto do fiel).

Dessa maneira, a prática religiosa se atrela à visão de mundo do praticante, ao mesmo tempo que se relaciona com o espaço institucional (mediante trocas mútuas), sendo, por consequência, um sujeito que subverte a ordem dominante (igreja), conforme o autor menciona acima, fazendo emergir uma relação interativa e cíclica entre a Igreja, o Devoto e o Recinto (“habitação de ninguém”), tornando assim a religião social, o indizível em matéria, criando uma linguagem habitável e vivida.

Este ordinário diz respeito tanto ao seu lugar social-geográfico — nordestino, em terras distantes de grandes metrópoles, com um modo de vida mais lento, onde se cria poesias relacionadas às secas e caatingas, representando a si mesmos como parte de sua localidade e interagindo com ela, donos de diversos cordéis (uma literatura dentre várias, representando seu mundo e costumes). Vale acrescentar que esta não é e nem pretende ser a definição do ordinário nordestino; caberia muito a se mencionar sobre o mesmo, porém não é o objetivo deste estudo, é apenas para que possamos nos situar.

Exilados por seu lugar, por uma realidade de vida simples, comum e lenta, o objeto de estudo não é o homem das grandes cidades; também não é aquele do campo propriamente dito, mas o fiel de uma comunidade religiosa não tradicional para os padrões convencionais. Ele também é o outro da religião (seja oficial do protestantismo ou catolicismo), ordinário de berço e crença, marginal pelos laços de terra e credo, aquele que é apenas consumidor e não produtor; este ou estes são a centralidade de todo o movimento operatório nesta pesquisa. Nesse sentido e sob a ótica de Certeau (2014, p. 43).

A figura atual de uma marginalidade não é mais a mesma a de pequenos grupos, mas uma marginalidade de massa, atividade cultural dos não produtores de cultura, uma atividade não assinada, não legível, mas simbolizada, e que é a única possível a todos aqueles que, no entanto, pagam, comprando-os, os produtos-espetáculos onde se soletra uma economia produtivista. Ela se universaliza. Essa marginalidade se tornou maioria. (CERTEAU, 2014, p. 43)

Conforme se pode observar, o autor expõe que: “Não são legíveis as fabricações deste povo, os 'subalternos', mesmo que exista a elaboração de 'uma linguagem ordinária'." Os feitos sobre os quais organizam seus espaços de e para reflexões matinais ou noturnas, a forma pela qual leem e interpretam a Bíblia em seu cotidiano, o modo como cultuam o sagrado e o modificam corriqueiramente, são formas de reelaborar e dialogar com sua fé nos espaços mais

íntimos do fiel, onde os sujeitos não são sujeitados, são donos de cada pedaço de seu ato, do que utilizam em suas reutilizações.

No alpendre de casa, no balançar da rede, no quarto deitado com vestes confortáveis, na sala de estar, na cozinha, no terreiro, próximo a um juazeiro, embaixo de uma árvore qualquer, sentado ao chão, em uma caldeira, na beira ou defronte a um rio, comendo ou apenas na presença de um bom café/vinho, no sítio ou cidade, o crente pega sua Bíblia para ler, de modo a não ser da mesma maneira pela qual o pastor da comunidade ou seu irmão de fé o faz. No individual ou coletivo, um ato é realizado “bordando um idioma”, trabalhado demoradamente, que exige intenção e criatividade daquele que lê, que origina em narrativas uma linguagem que se efetua.

A leitura bíblica, por outro lado, é uma prática religiosa individual e coletiva de todo aquele que se diz cristão. Fruto da reforma protestante, torna-se possível interpretar os livros à sua maneira, atrelado às suas vivências, conforme acordado em outro momento do texto que se segue. Desta maneira, o reler cotidianamente e a cada dia se transforma em marchas de ressignificações, “um guia espiritual” sendo guiado pelas práticas ‘ensaiadas diariamente’. O autor-chave desta pesquisa aponta que:

De fato, a atividade leitora apresenta, ao contrário, todos os traços de uma produção silenciosa: flutuação através da página, metamorfose do texto pelo olho que viaja, improvisação e expectação de significados induzidos de certas palavras, interseções de espaços escritos, dança efêmera [...] Ele insinua as astúcias do prazer e de uma reapropriação no texto do outro: aí vai caçar, ali é transportado, ali se faz plural como os ruídos do corpo. Astúcia, metáfora, combinatória, esta produção é igualmente uma “invenção” de memória. Faz das palavras as soluções de histórias mudas. (CERTEAU, 2014, p.47-48)

Ao ler esta passagem, é possível perceber que há construções de enredos: vislumbram-se personagens, penetra-se em culturas e imaginam-se os símbolos relatados nos livros. Falas são interpretadas, palavras adaptadas, uma lógica é traçada, fabricando uma história e fazendo parte dela; os elementos são usados e transportados, produzindo sentidos; memórias são “criadas”, rememorações (singeleza do expressar) que, em algum momento, o texto se fez mais que presente na realidade do espaço do leitor, onde o processo de leitura faz emergir uma “mágica” de fazer os objetos “flutuarem.”

Personagens ganham vida, características e personalidades, e até enfeites de como seriam as atitudes de tais “atores”. Mas a pergunta é: como se bricola uma Bíblia? É quase impossível, pois se trata de um livro sagrado. Mas como assim? Pois bem, o caminho não é de

deturpação deste símbolo tido por fechado e, para muitos, quase irreal de ser analisado fora da exegese bíblica.

A tecelagem deste fato acontece não apenas pelo intermédio da leitura, mas também de onde se lê, como e com o que; antes de mais nada, é preciso acrescentar uma obviedade circunscrita: a Bíblia é um livro histórico, político, cheio de culturas, com construções e desconstruções de sociedades e embates religiosos. Por que seria ainda um objeto fechado? Limitar símbolos religiosos e suas redefinições transforma-os em objetos vazios e sem espaço para liberdades de pensamentos e criações. Quando isso ocorre, encerra-se uma cultura, um movimento, que se esvai com o passar do tempo o que um dia foi religião e cultura, ficando no puro esquecimento, em uma lembrança de que um dia já foi.

Dado isso, partindo do lugar, da pessoa e do livro tido por sagrado, há o fabrico de sentidos, pois o objeto básico de sua fé não é algo fechado em si mesmo, necessitando do diálogo constante com aquele que se utiliza dele. É preciso, no entanto, o exercício, a movimentação de interpretações no seu dia a dia, para que o mesmo exista enquanto tal, levando-se em consideração que o caminho do cristão é trilhado tomando por base as leituras que faz e suas reflexões, comunhão e amor ao próximo (sendo a definição mais singela possível).

Sua experiência de vida e fé tem embasamento nas vivências dos seus antepassados, se é lido como outras culturas existiam antes da do fiel e como lidavam com as circunstâncias dificultosas, mas resta a pergunta: como “tecer” este objeto? O sentido é construído no dia a dia da vida do cristão, em sua casa, com seus objetos e espaços, de acordo com o que já foi apresentado.

Conforme acordado acima, o praticante executa, no fazimento de localidades, linguagens, narrativas e objetos, “o espaço da margem, do 'indizível', agora sendo falado e interpretado”. Fazendo do seu canto de aconchego um recanto, um lar de enunciações de palavras e ações, recriando conceitos, imagens e representações de suas crenças, da maneira mais prática possível, transformando os espaços no exercício de sua fé, onde a devocional acontece (tido por experiência e/ou encontro com a ideia de sagrado, o conceito será mais abordado adiante), e as convergências são promovidas pelas invenções destes ambientes que fazem o fiel se encontrar/reencontrar nas conexões que há nestes engendramentos.

Os sujeitos religiosos não apenas elaboram esses engajamentos, dão significações, vidas, conforme explicitado acima, e é no tocante a estas “manipulações” que se torna instigante a criação de uma cultura fora dos padrões institucionais.

À vista disso, é importante esmiuçar os conceitos trabalhados até aqui e que dão fundamento à pesquisa, notadamente táticas e astúcias, trabalhados por Michel de Certeau (2014). Os mesmos tocam no mais íntimo deste trabalho, sendo uma das possibilidades de enxergar aquilo que o fiel faz com o campo não oficializado, entender suas habilidades de criações e manuseios, observando-se através de uma ótica escolhida e recortada pelo pesquisador(a), não tendo a possibilidade de fazer entender e abarcar tudo, pois isso é uma tarefa ilusória em quaisquer áreas de pesquisa, dentro ou fora do campo das ciências sociais. Levando-se em consideração o entrelaçamento do sistema de produção, ou seja, a Comunidade Mosaico, tendo influências na prática do cultuar cotidianamente, leitura bíblica e montagem de seus ambientes litúrgicos. Portanto, afirma o autor que:

Denomino, ao contrário, “tática” um cálculo que não pode contar com um próprio, nem portanto com uma fronteira que distingue o outro como totalidade visível. A tática só tem por lugar o do outro [...] o “próprio” é uma vitória do lugar, a tática depende do tempo, vigiando para “captar no voo” possibilidades de ganho. O que ela ganha, não o guarda. Tem constantemente que jogar com os acontecimentos para transformar em “ocasiões”. (CERTEAU, 2014, p. 45).

Tanto as astúcias como as táticas, dois conceitos atrelados, traçam um caminho para dizer que aquele que fabrica fora da zona permitida (aqui sendo a igreja) não possui um lugar próprio, tido por seu, pois sua área é ou são as reapropriações de acordo com as mudanças forjadas pelo fiel, desde o criar o local para suas devocionais (o próprio ato de fazer este local é levado em consideração), até as modelagens de novas compreensões e interpretações da Bíblia, assim como o ato de cultuar, no caminhar, nos afazeres daqui e dali, nos percalços que, vez ou outra, surgem ao religioso, servindo em muitos momentos como um sinal para afirmar sua crença no porvir.

Conforme afirmado, estes não conservam uma localidade específica, são como nômades, no sentido de se adaptarem, de criarem um ambiente favorável aos seus jeitos e formas, disseminando ali sua cultura, que também é moldada pelo ambiente, tomando novas compilações e, conseqüentemente, rupturas e incrementos de sentidos, fazendo-se presentes mútuas relações, nas controvérsias de conexões e associações.

Logo, as práticas que caracterizam o consumo da fé se encontram nas astúcias destes praticantes da Comunidade Mosaico, no seu exercício contínuo do cultuar em localidades não institucionais religiosas, fazendo das experiências um modo de vida, de louvor e adoração a Deus; exercitando a leitura bíblica em diversos momentos do dia (quando possível), fabricando e entrelaçando memórias, objetos e espaços.

Transformam, ao seu modo e em seus recintos, as normas e regras da Comunidade Mosaico. A mesma tem suas fundamentações de organização e funcionamento segundo a constituição da IPIB, sendo regida institucionalmente por ela. A igreja Mosaico faz parte de uma plantação de igrejas, que tem consigo preceitos a serem cumpridos, porém sofrendo adaptações e levezas em suas práticas cotidianas, levando-se em consideração o lugar em que se insere, como outrora mencionado, em um diálogo constante com o meio no qual se interpõe.

Seguindo as regulamentações da constituição, os fiéis devem cumprir com seus direitos e deveres, elencados no estatuto da igreja nacional, no artigo três, onde a igreja tem por finalidade:

- I. Cultuar e glorificar a Deus;
- II. Proclamar o evangelho de Cristo e promover o Seu Reino, o ensino e a prática das Sagradas Escrituras;
- III. Desenvolver e incentivar o aperfeiçoamento da vida cristã e da promoção humana;
- IV. Ensinar, na Igreja, a incompatibilidade entre a fé Cristã e a confissão maçônica;
- V. Auxiliar no sustento de pastores, missionários e outras pessoas que os seus concílios chamarem para a evangelização no país e no exterior;
- VI. Organizar, administrar e custear estabelecimentos de ensino teológico ou para instrução religiosa;
- VII. Estabelecer e auxiliar projetos e programas que visem à promoção humana e à cidadania;
- VIII. Editar jornais evangélicos, folhetos e livros religiosos destinados à propagação do Evangelho;
- IX. Auxiliar, através de empréstimos e donativos, na edificação de templos e casas pastorais (Igreja Presbiteriana do Brasil, Estatuto, 04/2021, p. 1 a 5).

Portanto, pode-se afirmar que todos os projetos de plantações de igrejas, que fazem parte da IPIB, têm um norte, tendo por base as suas ações, assim sendo, a comunidade em questão “manipula”, manuseia este regulamento conforme suas necessidades, advindo das adversidades e em relação com as circunstâncias sociais e históricas.

Então, mais uma vez, o símbolo fechado é aberto, e neste momento é para adaptá-lo a uma nova realidade e incrementar novos olhares e “sabores”, pois assim como muitas culturas se adaptam para ressignificarem sua existência enquanto tal, o próprio estatuto é relido conforme o lugar no qual se insere a igreja em semeadura e/ou plantada (em plantação a depender da comunidade, se já se constituiu enquanto igreja ou se ainda está no caminho de se firmar).

O próprio ato de semear traz uma ideia de processos que necessitam de algumas modificações, “seja no jeito de cultivar, plantar e lavrar a terra”, no conhecimento e reconhecimento do campo, sendo algo que deve fazer parte daquele que deseja ter bons frutos, bons rendimentos e que mais colheitas venham a emergir. No caso da igreja em questão, o

processo está para as transformações da linguagem (na medida em que o uso de termos mais teológicos, tidos por academicistas, podem dificultar a comunicação e estabelecimento de vínculos) e formas de acolher pessoas, em encaixar a liturgia e louvores de adoração que dialoguem com a realidade dos seus frequentadores e possíveis fiéis; estes precisam enxergar alguma conexão entre aquilo que se elenca e o que se vive.

Desta forma, não somente os praticantes transformam símbolos e o executam com os artefatos da igreja, a própria instituição faz bricolagens com o regulamento, o que não significa alterá-lo, é apenas um jeito de adaptá-lo em algo maleável e, por sua vez, didático.

Posto isso, o historiador poderá se valer de uma jornada, caminhos trilhados pelos religiosos (praticantes), compilando entre uma memória e outra, emergindo um cenário de narrativas diversas, feita de recomeços, práticas e exercícios, conforme acordado em outro momento, analisando o poder que tem o fiel, por mais que “negado” pelas instituições elaboradoras, diga-se de passagem, das religiões. Uma produção historiográfica, na perspectiva do “consumidor”, um tipo de história e escrita histórica que se objetiva dizer as atividades tramadas e/ou criadas no cotidiano.

Dando continuidade às reflexões, eis que o historiador(a) se vincula a uma “nova” abordagem histórico-religiosa, entendendo a religião também como cultura, um olhar atento para a religiosidade, em síntese para o devoto e suas práticas culturais atreladas a uma rede de saberes e transformações das mesmas; agentes colaboradores de produções narrativas, fazendo ser possível análises de suas feitura e organizações sociais.

O fiel constrói espaços por meio dos usos das estratégias e táticas, opera um lugar, uma linguagem, uma cultura e uma religião, nos trames da “marginalidade”, conforme acordado acima. Posto isso, tem-se uma história-problema, possibilitando perceber as ações humanas sob outra perspectiva e maneiras de se produzir linguagens e códigos, já que o termo religiosidade permite “devotar-se” para aqueles que modelam, pintam, desenham, dão formas e ressignificam a religião, a organizam de acordo com os espaços sociais que também são inventados.

Neste sentido, a caracterização do consumo de sua fé perpassa por uma rede cultural onde os fios dos saberes, suas invenções e experiências são tecidos de acordo e mediante ao campo religioso, transformando a religião em religiosidade. A rede da cultura religiosa é aquela, na ótica da pesquisa, onde as interações entre atores e ambiente são experimentadas e transformadas, sendo composta por toda a malha da religião e pela Comunidade Mosaico, todos os artefatos que a compõem. Desta maneira, a religiosidade se configura enquanto uma rede de saberes gerando outrem, na medida em que também é dependente de uma outra, gerando uma conjectura do conhecimento sobre práticas religiosas.

Até aqui, observou-se “a tecelagem” dos praticantes com os símbolos religiosos e seu lugar de produtor de uma religiosidade, engajados em uma rede cultural na qual os sentidos do sagrado são elaborados, em constante transformação, na medida em que os fiéis ressignificam sua fé. Mediante a isto, tem-se a pretensão de discutir no parágrafo seguinte a questão da religiosidade como sendo uma rede (de pessoas, objetos, contextos) que estão interligados entre si e que fazem parte no tecer de um lugar, uma religião, transfigurando-se o lugar do não dito e ditos, das margens em cultura, “onde a invenção em silêncio” transforma-se em arte (o sentido de arte já foi explorado anteriormente), partindo do campo da religiosidade para a então rede cultural.

1.3 A religiosidade enquanto uma rede cultural

A religiosidade é a criação silenciosa, “o lugar do inexpugnável”, do invisível, no entanto dizível, são as manobras utilizadas na constituição de um espaço, na configuração de um saber, formulando “as maneiras de fazer”, “jogos do outro”, entre forças desiguais, já que os praticantes não têm o ambiente institucional (“o poder”). Deste modo, o mesmo se configura em referências das “atividades resistentes”; acrobacias, trampolinagens e/ou trapaçarias, como afirma Certeau (2014, p. 74); são as invenções, astúcias e espertezas do fiel, acordado outrora no texto.

As artes de se manifestar e criar, na configuração de espaços e saberes, exercícios de táticas e estratégias, organizam e/ou reorganizam os recintos dos sujeitos, de forma a estabelecer uma lógica que foi criada (inventada). Em síntese, é uma forma de fazer, ligada às subjetividades dos indivíduos crentes, executando modos de identidades que dão sentidos, intercalando-se a uma produção de narrativas, “enaltecendo” o que foi feito: o local, o produtor e o produto.

Assim sendo, uma literatura se engendra pelas práticas culturais atreladas a uma rede (Igreja, símbolos, fiel e suas astúcias, todos de maneira interligada) alterando as regras institucionais da Comunidade, processos de instauração da religiosidade, de maneira que organizam suas produções individuais e coletivamente, criando um lugar organizacional/social do sujeito crente, propiciando interpretações de análises destes homens e mulheres com seus objetos, jeitos de se expressarem, e/ou “os idiomas” que são refeitos.

Esses usos culturais do fiel, referentes à igreja e a toda a rede laboratorial que a compõe, se caracterizam sob intervenções, onde as enunciações são também uma das maneiras de se realizar as operações simbólicas que se articulam nas malhas das astúcias (na rede das práticas

sociais), relativas às situações. Neste sentido, a religiosidade (“lugar de resistência”) somente se faz possível por causa da referência (religião, instituição, lugar de poder), conforme já discutido, devendo ser ressaltado que as enunciações e práticas estão e são por inteireza as marcas de seus operantes, designando-se em constante transformação.

A maneira de falar uma língua, transformando-a em uma linguagem adaptada a uma realidade social, a forma como se expressam redefinindo e gerando sentidos nos modos de fazer, são efeitos de uma cultura “popular da religião”, como bem menciona Michel de Certeau (2014, p. 74):

Um uso (popular) da religião modifica-lhe o funcionamento. Uma maneira de falar essa linguagem recebida a transforma em um canto de resistência, sem que essa metamorfose interna comprometa a sinceridade com a qual pode ser acreditada, nem a lucidez com a qual, aliás, se veem as lutas e as desigualdades que se ocultam sob a ordem estabelecida.

Os usos dos artefatos da igreja, na movimentação de transformações dos símbolos (Bíblia e Culto), “em uma maneira de utilizar” e dando essências às suas astúcias, é uma “operação artística que existe por uma resistência”; em contrapartida, é antes de mais nada a fabricação de uma linguagem, no sentido mais nato que se possa existir da palavra, entendendo-a como meios de comunicabilidade de ideias, escrita de um tempo, lugar, práticas que atrelam o sentido do sagrado a uma experiência de fé vivenciada e experimentada.

A resistência que se menciona não se faz senão mediante um conhecimento daquilo que compõe ao que se reportam, as lógicas são estabelecidas nestas práticas de acordo com seu tecer, usos e costumes. Há, portanto, um entrelaçamento de interpretações e conexões de cima para baixo, de um lado para o outro, onde um objeto nunca mais será o mesmo, excepcionalmente a depender do cenário sobre o qual esteja inserido e das trocas de conhecimentos proporcionadas por cada ângulo que se observa e de quem o observa, são olhares “penetrados” e penetrantes de conhecimentos, as malhas engendradas pelos praticantes de seus símbolos, ajustando-os à sua realidade histórico-social. Pois uma arte só existe, seja ela qual for, quando se inventa lugares, linguagens, liberdade de expressões e conectividades.

Esses hábitos de também exercitar a fé, de maneira a se configurar nos recintos mais íntimos do fiel religioso, é a característica mais pertinente aqui, da religiosidade e talvez o que mais se difere do conceito de religião. Dessa maneira, tem-se uma linha tênue que delimita os limites entre os conceitos de religião e religiosidade, os dois caminham juntos, porém e consequentemente não são a mesma coisa. Religião aqui é a instituição que organiza as doutrinas e as práticas; religiosidade nesta pesquisa seria as práticas culturais-religiosas que

geram um sentido de sagrado atrelado a uma realidade histórico-social. O autor Ivo Pedro Oro (2013, p. 25) menciona que a religião é:

Mesmo assim, arriscamos dizer que a religião é uma estrutura de práticas, discursos e símbolos comuns a certo grupo social que se refere a forças, personificadas ou não, aceitas pelos crentes como anteriores e superiores ao seu ambiente natural e social, diante das quais eles expressam dependência (sentem-se por elas criados, governados, protegidos, ameaçados) e se consideram obrigados a certo comportamento em sociedade e na interação com seus semelhantes.

A religiosidade e religião estão inteiramente interligadas de modo que os jogos estratégicos e táticos acabam por redefinir o conceito de sagrado atrelado às práticas. Esses jogos dos quais Michel de Certeau aborda não subsistem sem “regras e lances” (o que pode ser lido por sua vez aqui, enquanto a religião), são produtoras de um lugar, de circunstâncias e “situações”. Os lances e golpes de que fala o autor são singularidades daquele que produz mediante “o conhecimento dos códigos previstos da instituição (Comunidade Mosaico-IP) e não há um lugar para “seus afazeres”:

Para pensá-los, deve-se supor que a essas maneiras de fazer correspondem procedimentos em número finito (a invenção não é ilimitada e, como as “improvisações” no piano ou na guitarra, supõe o conhecimento e a aplicação de códigos) e que implicam uma lógica dos jogos de ações relativos a tipos de circunstâncias. Esta lógica articulada em cima da ocasião tem como preliminar, contrariando a cientificidade ocidental, a não autonomia do campo de ação. (CERTEAU, 2014, p. 78).

Assim sendo, para se brincar, produzir significados e até a própria religião, sendo interpretada de acordo com o acordado acima, é preciso compreender as lógicas “impostas”, para deste modo articulá-las de maneira a ressignificar-se os símbolos, pois as marcas dos operadores nos processos de transformações dos mesmos trazem consigo também aquilo que foi manipulado. Mas é preciso demarcar que o oprimido, o marginal(izado), corporifica o seu recinto, “lugar de vitória das astúcias” religiosas, onde as alterações, os modos das ações concretizam as táticas e estratégias, que por meio de, “produz tais significados” e significantes, de maneira a se analisar mais sobre os aspectos cotidianos do fiel religioso, em uma relação rotineira com e em seu recinto, sendo moldado a cada dia e a cada “novos” desafios que o mais maleável da vida fornece, nas suas mais diversas complexidades, onde para o cristão é mais um “elemento” a ser olhado (encarado), como moldável.

As discussões apresentadas até o momento buscaram discutir o lugar dos operadores (praticantes) enquanto produtores de uma religião (religiosidade), atreladas às suas práticas

cotidianas (astúcias e estratégias se utilizando dos artefatos religiosos da comunidade), onde suas narrativas são compostas de acordo com suas experiências de fé e ao mesmo tempo fabricando bricolagens e gerando sentidos com os símbolos religiosos.

Assim sendo, tais práticas, conforme afirmado acima, necessitam de um lugar de poder (a igreja Mosaico, neste trabalho), dessa maneira, é crucial que se entenda a historicidade de tal comunidade, entendendo seu lugar, sua rede histórica, “o seu chão”, para que desse modo se tenha uma melhor análise sobre o que esses religiosos produzem, levando-se em consideração o referencial que se baseiam para tais bricolagens com o culto e a Bíblia. Não somente sendo importante entender sua origem, como também o protestantismo, ramificação da qual faz parte. Neste sentido, se discutirá no capítulo que se segue sobre a historicidade do protestantismo, uma pincelada historiográfica, na tentativa de conectar o “chão” da igreja, para tão logo abordar a comunidade propriamente dita enquanto instituição, a jornada da pesquisa apenas se inicia, a caixa preta está apenas começando a ser aberta.

CAPÍTULO II - POR UMA HISTORIOGRAFIA DA REFORMA: Na controvérsia do catolicismo, emerge o protestantismo

Neste capítulo, pretende-se discutir o que foi o movimento da Reforma, apontando, desta maneira, a base de fé, a religião e a religiosidade da Comunidade Mosaico. Busca-se também refletir sobre a composição e a emergência da igreja através do projeto Vale Sertões e das memórias/narrativas do membro fundador: o Pastor Bruno Rogério. Objetiva-se ainda trabalhar o que chamamos de “sucata” dos símbolos religiosos e suas táticas.

Para esta discussão e engajamento do debate, utilizam-se Delumeau (1989), Max Weber (2020) e Peter Marshall (2018), destinando-se reflexões referentes à Reforma. Sobre a Reforma no Brasil e em Pombal-PB, vamos nos apoiar em H. B. Cavalcanti (2001), Lyndon de Araújo Santos (2010) e Alba Cássia Silva Bandeira (2013). Contaremos também com Antonio Torres Montenegro (1994), José Carlos Sebe Bom Meihy (2010) e Lucilia de Almeida Neves Delgado (2010) como base para o uso do método da História Oral, enquanto construções de narrativas, identidades e memórias atreladas à vivência histórico-religiosa. Nos últimos pontos, serão trabalhadas as referências já utilizadas na escrita, mais excepcionalmente, Michel de Certeau (2014).

2.1 Um protestantismo, várias práticas

Em um primeiro momento, é preciso mencionar que não é possível discutir todo o movimento da Reforma, pois o processo histórico foi mais complexo e longo, tendo em vista que também se trata de uma monografia que possui limitações e delimitações. Neste sentido, devemos nos ater à base de fé da comunidade, compreendendo as circunstâncias e suas raízes, avistando a abrangência das suas ações enquanto instituição religiosa que detém uma historicidade.

O contexto histórico antecedente ao movimento da Reforma é um momento de incertezas e angústias de uma sociedade que vive o medo constante da morte e do que virá depois. Desta maneira, as elevações das práticas de devoções do rosário, aos santos, romarias a Maria, por exemplo, eram comuns, pois proporcionavam uma sensação de proteção e garantia no porvir. Segundo Delumeau (1989, p. 65):

[...] ia renascendo o politeísmo particularmente por meio do culto dos quatorze santos auxiliares. Os santos não protegiam apenas contra a doença e a morte, davam também 'garantias para o além'. Venerar as relíquias deles, e com maior razão as de Jesus e da Virgem, dava direito a indulgências. [sic]

O contexto no século XIV indicava que o mundo estaria próximo do fim, pois uma conjectura de guerras (a dos Cem Anos, a das Duas Rosas) e de doenças endêmicas, como a peste negra, permeava o cenário da época (1720)⁷, facilitava o alastramento de práticas de devoção, sobretudo com a apropriação e acúmulo de relíquias que pertenceram aos santos. Estes objetos viraram barganha para se garantir um lugar no céu. O cenário acabou favorecendo o discurso do Deus punitivo que atuava sempre contra os pecadores. Foi neste momento, por exemplo, que Dante Alighieri compôs a famosa Divina Comédia, poema criador da própria noção de purgatório, ausente dos escritos bíblicos, mas que fazia sentido para uma sociedade que queria fugir do fogo do inferno.

No que diz respeito ao contexto político, Igreja e Estado parecem não se distanciarem muito, mas é preciso destacar que a Igreja ainda era a maior detentora de poder, seu domínio era central, ocupando um lugar dos ditos e não ditos sobre os modos de ser e agir.

Isto posto, tem-se um período que nem é baixa Idade Média, mas também não é modernidade; é um momento de transição entre a sociedade feudal e a mercantil, que afetou as práticas humanas dentro da Europa, a exemplo da organização política e econômica. Neste ponto de ebulição, a Igreja Católica tenta manter-se fiel às tradições, determinando ou se fazendo determinar como o ser humano deveria proceder.

A formação dos burgos é outro fator do processo de mudança social, que estava entre o urbano e rural, representando o retorno a uma vida urbana e de embates, de um lado das velhas formas de vida e do outro, a nova sociedade. É a partir dos burgos (local por excelência para as trocas comerciais dos excedentes produtivos) que a formação mercantilista começara a se enveredar. Ao mesmo tempo, novas concepções sobre o ser humano e sua relação com o mundo começam a emergir, fruto de uma corrente de pensamento denominada Humanismo, trazendo consigo outras lentes sobre a realidade.

A valorização do ser humano, sua racionalidade, liberdade, incentivo à ciência são concepções exaltadas no humanismo. O humanismo defende, neste sentido, o antropocentrismo (o homem como centro do universo) opondo-se ao teocentrismo (Deus como centro do universo). O movimento humanista surgiu na Itália no século XIV, valorizando as artes,

⁷. <https://brasilecola.uol.com.br/historiag/pandemia-de-pestes-negras-seculo-xiv.htm#:~:text=O%20primeiro%20e%20o%20maior,registrado%20em%20Marselha%2C%20na%20Fran%C3%A7a.>

filosofia e história, tendo um papel importante para o que viria a ser a Reforma Protestante, pois exaltou a cultura greco-romana e seus pensadores e formas de vida.

As 95 teses afixadas no dia 31 de outubro de 1517, na porta da Igreja de Wittenberg, por Martinho Lutero, são uma resposta a um problema maior que estava ocorrendo sobre uma prática de fé baseada em barganhas, medos e angústias, de igual maneira em contestação ao poder papal, sem intermédios e devoções a santos e Maria, sem relíquias, apenas a justificação pela fé e Bíblia⁸ como regra clara e básica.

As teses fazem parte de uma objeção à centralização da religião católica, constituindo-se, por sua vez, em um redirecionamento do experimentar e viver a fé. De igual maneira, foi também um desejo de mudança sobre o exercício da prática de fé não tutelada pela igreja, onde houvesse liberdade dos sujeitos praticantes em suas interpretações, contribuindo Lutero, por sua vez, para a emergência de futuros movimentos contestadores. Delumeau afirma que (1989, p. 59):

As causas da Reforma foram então mais profundas “que o desregramento de cônegos epicuristas ou os excessos de temperamento das freirinhas de Poissy”. Na confissão de Augsburg, quando se debaterem os abusos não se tratará de costumes dos monges, mas da comunhão sob uma única espécie de missa instituída como sacrifício do celibato eclesiástico, dos votos de religião, dos jejuns e abstinências impostos aos fiéis.

Para o contestador a leitura da Bíblia e a fé seriam mais que suficientes para o cristão chegar ao reino do céu sem intermédio de papas, monges e pastores. As indulgências⁹ foram o maior alvo de seus embates e debates. O pagamento adiantado para acessar o céu, o atestado de perdão, só poderia ser fornecido pelo próprio Deus, através da graça e fé.

É notório o impacto das teses luteranas na sociedade europeia. Elas não apenas criticavam a venda de indulgências e dos cargos eclesiásticos, mas também fomentaram transformações mais amplas, como na própria noção de educação, por exemplo. As teses passam a defender o acesso direto à Bíblia pelo fiel. Lutero, expulso da igreja, dedica parte de

⁸ “A Bíblia, a Palavra de Deus, foi devolvida a seu devido lugar, como regra e juiz da vida cristã”. “O protesto de Lutero foi um primeiro golpe contra o autoritarismo em muitas áreas da vida social e intelectual, uma martelada contra o tipo de religião que “diz o que se deve pensar” (MARSHALL, Peter, 2018, p 4).

⁹ O problema originário eram as indulgências. Eram uma derivação da doutrina da igreja sobre o pecado e a penitência. A confissão a um padre garantiria o perdão de Deus, mas o pensamento legalista da idade média sustentava que ainda “restava” um saldo devedor” pelo pecado. Uma parte poderia ser quitada na vida terrena fazendo-se penitências. O restante seria pago no purgatório, um lugar no além onde todas as almas, exceto as dos realmente maus e as dos extremamente santos, sofreriam durante algum tempo antes de ser admitidas no paraíso, livres de dívidas e purificadas. Ver Peter Marshall (2018, p. 16),

sua vida à instrução como princípio modificador da sociedade, produzindo textos como “Aos conselhos de todas as cidades da Alemanha para que criem e mantenham escolas cristãs”¹⁰.

Para Lutero, uma educação centralizada, sem acesso imediato à leitura bíblica, não possibilitava aos praticantes compreenderem os textos e narrativas da mesma, significando e ressignificando, exercitando sua fé à sua maneira e de acordo com a sua realidade social, pois há a necessidade do contato com a leitura, passando pelo processo de aprendizado e absorção, para que somente depois houvesse um desenvolvimento adquirido da sabedoria bíblica.

Por este motivo, o monge defendia uma educação aberta ao público, pois o domínio e a centralização do acesso à Bíblia pela igreja dificultavam o ingresso dos fiéis ao reino dos céus e interpretações possíveis. Desta maneira, salvaguarda “uma orientação de um sistema escolar”, fazendo com que o ensino religioso fosse posto em prática, assim como uma boa preparação profissional, na mesma medida em que a política estivesse engajada neste projeto.

As orientações para a organização de um sistema escolar envolvem temas como: a criação de um novo currículo, ressaltando conteúdos e tipos de livros; a defesa de método lúdico (opondo-se ao usado no antigo sistema escolar), ainda baseado na oralidade e na memorização e com períodos de estudo diferentes para meninos e meninas, associando atividades domésticas para estas e o aprendizado de um ofício para aqueles; a necessidade de professores bem preparados e com muita experiência; entre outros (BARBOSA, 2011, p. 5).

Portanto, o impacto do movimento reformista foi também não apenas político, econômico e religioso, passando dessa maneira para a esfera social e educacional. Martinho Lutero se destaca por sua cobrança para com o Estado, pois o mesmo tinha a responsabilidade e o compromisso de gerir um ensino com instruções de modo geral para com a educação.

Dessa maneira, ainda que haja registros anteriores a Lutero de iniciativas de oferecimento de uma educação popular, como no caso dos Irmãos da Vida Comum, ou das cidades italianas que já se destacavam desde o final da Idade Média provendo os seus vilarejos de escolas 'onde se instruía boa parte da população urbana' (Nunes, 1980, p.66), Lutero se destaca por ter sido 'o primeiro a chamar a atenção, de modo insistente, para a necessidade de criar escolas por meio das autoridades públicas' (Luzuriaga, 1959, p.6); ou seja, ele dá início a um sistema de escolas públicas na Alemanha, que irá não somente se destacar na época, como expandir-se para outros países (BARBOSA, 2011, p. 6).

Desta maneira, a ação de Lutero desencadeou, de maneira indiscutível, mudanças para a sociedade europeia, estimulando de igual natureza o nascimento de diversos outros grupos contestadores e reformadores, a exemplo dos Anabatistas, o Pietismo, o Calvinismo e o

¹⁰ Ver LUTERO, Martinho. Aos conselhos de todas as cidades da Alemanha para que criem e mantenham escolas cristãs. In.: Obras selecionadas. Porto Alegre: Sinodal, Concordia, 1995. Volume 5. p. 302-363.

Metodismo, que por sua vez acabam gerando outras formas de pensar e agir, nem sempre interligadas, referentes às práticas de fé e suas relações com a igreja, sociedade, Estado e cultura.

Muito embora o valor social, político e excepcionalmente religioso das práticas dos diversos movimentos gerados mediante a reforma seja incontestável, não vamos nos debruçar sobre tais movimentos, optando por focar no que é a base ideológica e identitária da Comunidade Mosaico, objeto de minha reflexão neste trabalho: o calvinismo.

Na corrente calvinista do protestantismo histórico, desenvolvida por João Calvino, surgida na Suíça por volta do século XVI, e tributária do movimento até aqui resumido, há uma ênfase de que o conhecimento sobre Deus está diretamente contido na Bíblia, no entanto, a leitura sem fé ou revelação de nada adiantaria para os que desejassem a salvação. Logo, se aproxima das concepções luteranas, onde o livro sagrado é o principal elemento da fé cristã, e nisto tanto Calvino quanto Lutero ressaltam a importância no processo e firmamento de uma educação religiosa e, para além disso, que a mesma seja pública e gratuita.

É necessário ler as Escrituras com a intenção de nelas encontrarmos Cristo. Todo aquele que se desviar deste objetivo, embora se torture toda a vida para aprender, jamais atingirá a ciência e verdade. Com efeito, que sabedoria ou inteligência poderemos possuir sem a sapiência de Deus? (DELUMEAU, apud CALVINO, 1989, p. 126).

Desta maneira, ressalta o que já havia sido posto acima, que a leitura deve ser permeada pela fé; que ler a Bíblia coloca o fiel em contato com o Criador.

Para João Calvino, "O verdadeiro conhecimento de Deus não pode ser adquirido senão pelos livros sagrados."

Além do acesso à Bíblia, João Calvino defendia que:

Fora da Revelação, de forma nenhuma há salvação; tese que decorria de sua concepção da transcendência divina. Segundo o Reformador de Genebra, a distância entre Criador e criatura é incomensurável. Existe alteridade absoluta de Deus relativamente ao homem. Quando tratar de Deus, a teologia deve, portanto, ser modesta. (O Criador), escreve Calvino na Instituição cristã (ed.1560), 'é incompreensível a tal ponto que sua majestade está escondida bem longe de todos os nossos sentidos'. Tudo aquilo que pensamos de nós próprios não é mais que loucura, e tudo o que podemos falar é sem bom sabor (DELUMEAU, 1989, p. 126).

Calvino também foi defensor do conceito de Predestinação, que está ancorado na prerrogativa de que Cristo Jesus morreu apenas pelos e para os eleitos e que não há nenhuma

ação humana que mude isto, já fora decidido por Cristo e de forma particular a cada indivíduo, “pois a eleição é um decreto soberano” (ROCHA, 2015, p. 10).

Outro conceito caro ao calvinismo é a Vocação. A ideia defendida é a de que cada sujeito, com suas aptidões sociais, com seu trabalho, com seus dons artísticos, acaba gozando da presença de Deus. “Trabalhar” é referenciar as aptidões dadas pelo Criador.

Neste sentido, escreve Max Weber¹¹ em sua obra *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, o conceito de vocação que acabou por criar o que viria a ser o “espírito capitalista”. Segundo Ferreira (2000, p. 3), o conceito de vocação para Weber seria o

[...] dogma central de todos os ramos do protestantismo, segundo o qual a única maneira de viver aceitável para Deus não estava na superação da moralidade secular pela ascese monástica, mas sim no cumprimento das tarefas “do século”, imposta ao indivíduo pela sua posição no mundo

Por tanto, o trabalho adquire um caráter de “mandamento divino”, fazendo do ofício uma prática de religiosidade constante, exercitando e fortalecendo a fé. A relação intramundana passa a ser, desta maneira, uma prática de fé. Tudo é “para a glória de Deus”.

Só que por mais estranho que pareça de início, ela resulta justamente do matiz específico que o “amor ao próximo” cristão teve de assumir sob a pressão do isolamento interior do indivíduo pela fé calvinista. Ela é inicialmente, consequência de espécie dogmática. O mundo está destinado a – e apenas a – servir à autoglorificação de Deus; o cristão eleito existe para – e apenas para – ampliar de sua parte a glória de Deus no mundo mediante o fazer cumprir dos seus mandamentos. Mas Deus quer, do cristão, a obra social, pois Ele quer que a configuração social da vida tenha arranjo acordante com seus mandamentos e de modo a corresponder a esse fim. O trabalho social do calvinista no mundo é trabalho exclusivamente “in majorem gloriam Dei” [“para maior glória de Deus”]. (WEBER, 2020, p. 95).

Neste sentido, as ações dos protestantes da Comunidade Mosaico, objeto de nossa reflexão neste trabalho, são regidas por estes princípios teológicos calvinistas, especialmente referente ao conceito de vocação. O consumo da fé está inteiramente ligado, na Comunidade Mosaico, ao cotidiano do praticante, ao trabalho exercido, pois ele cultua a Deus nas práticas diárias, como compreendeu Weber.

Assim sendo, a Comunidade Mosaico é fruto de um movimento histórico-religioso de agentes históricos que reivindicaram um jeito de ser mais simples de exercitar sua fé e

¹¹Maximilian Karl Emil Weber (1864-1920) foi um intelectual, jurista e economista alemão considerado um dos fundadores da sociologia. Sua influência, no entanto, também pode ser sentida na Economia, na Filosofia, no Direito, na Ciência Política e na Administração. Grande parte de seu trabalho como pensador e estudioso foi reservada para o estudo do capitalismo e do chamado processo de racionalização e desencantamento do mundo. (COSTA, Tomas 2020).

espiritualidade cotidianamente, emergindo desta maneira, sob a controvérsia do catolicismo; conceito apresentado e discutido por Latour (2012), em que a ideia de cobranças de indulgências é contraposta pelo evangelho da graça, e uma vez que o fardo das doutrinas é também contraposto pela Bíblia como única regra de fé prática, gerando assim "protestantes", ou seja, seguidores de Cristo avessos à salvação pelo pagamento fiduciário.

No tópico seguinte, vamos nos apropriar das memórias do Pastor Bruno Rogério, fundador da Comunidade Mosaico, na esperança de identificar as bases fundantes do ser protestante desta comunidade.

2.2 O Protestantismo em Pombal: o Projeto Vale Sertões e a Comunidade Mosaico

Muito embora haja controvérsias sobre a inserção do protestantismo no Brasil, neste trabalho nos aproximamos do que coloca Cavalcanti (2001), que, fazendo parte de condições históricas mais abrangentes, ao chegar aqui, os protestantes acabam por influenciar na emergência de outra religião, ocasionando mudanças religiosas e, por sua vez, também econômicas e culturais.

Os missionários norte-americanos¹² trazendo consigo experiências e ideias advindas do Iluminismo, de um desenvolvimento crescente do capitalismo, de liberdade de culto, logo se deparam com o choque cultural entre ideias, costumes, formas de culto e práticas de fé, mesmo que o contexto se apresentasse favorável ao florescimento desta “nova” religião no país, de acordo com o autor. Segundo Cavalcanti, existem três fatores importantes que contribuíram de forma imprescindível para a inserção dessa religião: o reinado de D. Pedro II (mais precisamente em seu fim, já que as contestações sobre o modelo de regimento imperial começam a ser questionadas); a relação entre a Igreja Católica e o Estado; e, por último, a imigração da Europa.

O reinado de D. Pedro II é sustentado por uma economia de exportação, com um sistema político organizado nos moldes da monarquia francesa. Apesar de conservador e pró-exportação [...] No Brasil, tanto o partido conservador como o liberal aceitam [sic] os princípios básicos do liberalismo do século XIX. (CAVALCANTI apud BARMAN, GRAHAM, 2001, p. 67).

¹² “O protestantismo americano é um protestantismo de povoamento, isto é, ele se foi formado à medida que protestantes europeus passavam para as possessões inglesas à busca de novas condições de vida [...] Podem ser divididos em nas duas grandes linhas mestras procedentes da Reforma: Luteranos e Calvinistas. Os primeiros procuravam se organizaram entre si procurando viver sua piedade e não se preocupando em ser “o sal da terra”. Os de linha calvinista, os primeiros a chegar à nova terra, dadas as circunstâncias próprias do sentido calvinista e puritano da vida e dos fatores que condicionaram historicamente o seu êxodo da Inglaterra para as colônias, sentiam-se responsáveis pela ordem das coisas na sociedade. (MENDONÇA, 1922, p. 43).

O momento político tanto quanto cultural do Brasil encontra-se em transformação e, no que concerne ao aspecto religioso, não deixa a desejar. Os anos do reinado de D. Pedro II (1840-1889) são anos também de intensas modificações nos setores de exportações, pois há a criação da linha férrea no Brasil em 30 de abril de 1854¹³, facilitando tanto a locomoção de produtos e trocas comerciais como de pessoas. A comunicação também tem sua extensão com revistas e jornais elevando suas publicações. O aumento da produção cafeeira e de fábricas no Brasil são outros fatores de contribuição para a inserção do protestantismo, com suas ideias adeptas ao Iluminismo, como mencionado acima, que se apresentam enquanto inovadoras “neste novo mundo”.

A produção industrial também cresce na segunda metade do século. O número de fábricas no país passa de cento e setenta e cinco em 1875 para seiscentas em 1890. Em 1890, o país já contava com mais de cinquenta mil operários industriais (Viotti da Costa, 1987:166-167). O polo de exportação criado no centro-sul do Brasil solidifica a presença do país no mercado mundial e agiliza a sua modernização. Quando a guerra civil norte-americana cria uma escassez de algodão no mercado mundial, o Brasil responde com produção à altura. A borracha, o cacau e a erva-mate se tornam elementos indispensáveis para as indústrias europeias e norte-americanas. E o café reina supremo (BURNS apud CAVALCANTI, WAGLEY, 2001, p. 68).

No que concerne à relação entre Igreja e Estado, constata-se um nível de desgaste, mesmo que a religião Católica Apostólica Romana estivesse há muito tempo em terras brasileiras, por mais que tenha tido poder quase indissociável do Estado com a igreja no Brasil colônia, havendo uma linha tênue de distinção entre o que fazia parte das delimitações de um e do outro. Contudo, a religião católica parece perder força com as circunstâncias que se “pintam”, de modificações na estrutura social brasileira. De acordo com Souza (2014, p. 54):

Os debates a respeito da intervenção religiosa na sociedade se intensificaram. Havia a dificuldade em harmonizar uma igreja conservadora a uma sociedade que buscava o progresso nos moldes da modernidade. O que se defendia era que a religião deveria deixar a esfera pública e transferir-se para a esfera privada, permitindo ao indivíduo a possibilidade de escolha e não mais a imposição.

Neste sentido, essa relação passa a ser de conflitos de espaços e poder, onde a religião católica, por sua vez, parece não atender à organização social emergente. Na leitura de Cavalcanti (2001), sobre essa conjectura entre Estado e Igreja, entende-se que a instituição religiosa, além de se opor tanto à política que se configurava, devido às questões de doutrinas e maneiras de entender sua prática de fé, encontra-se em um momento de fragilidade, e é neste

¹³ Ver: <https://encurtador.com.br/agqxT>

ponto que o protestantismo encontrará facilidade para sua inserção e divulgações de suas ideias, ideais e concepções do exercício de fé.

O último ponto analisado por Cavalcanti (2001) é sobre a imigração. Para ele, os imigrantes trouxeram tecnologias, além de satisfazerem às necessidades do imperador mediante às demandas emergentes no processo de colonização “do interior brasileiro”. Posto isso, menciona:

Esses três fatores - a modernização no reinado de D. Pedro II, a relação entre a Igreja Católica e o Estado, e a leva migratória norte-americana - formam o contexto para a inserção da fé protestante no Brasil. Se o crescimento das duas denominações estudadas é relativamente tímido durante o período, nossa pesquisa demonstra que haviam condições para a implantação de novas formas de ser igreja no país; que havia uma abertura para outras opções em termos de igrejas cristãs e que os brasileiros responderam de forma favorável a essas opções (CAVALCANTI, 2001, p. 73).

Contudo, mesmo diante das adversidades enfrentadas pelos protestantes que aqui foram se firmando, na realização dos cultos, de manter sua identidade religiosa (“sofrendo” adaptações e remodelações, pois o reinventar faz parte da vida do praticante em meio aos empecilhos em que venham a se deparar), mesmo assim, permaneceram “demarcando fronteiras de distinção” e divulgação de suas mensagens e ritos, conforme elenca Santos (2010, p. 109):

Nesta conjuntura, os protestantes recém-estabelecidos estruturam estratégias por sua fixação, numa sociedade marcada pela desigualdade social, pelo racismo, pelo tradicionalismo católico romano, pelo analfabetismo e pelo sincretismo da religiosidade cotidiana. A crença evangélica era vista como uma fé estrangeira, marginalizada, cultivada por uma minoria e exótica aos olhos da população. Entretanto, os missionários protestantes se esforçavam em criar uma imagem positiva, progressista e superior da crença evangélica, demarcando as fronteiras que distinguem o culto protestante do católico.

Portanto, vão encontrando lugar e abrangendo seus limites territoriais e expandindo suas concepções de prática de fé e culto atrelada também às ações sociais. Segundo Mendonça (1922), os protestantes tiveram que lutar pelo espaço religioso em três níveis: o polêmico, o educacional e o proselitista.

O educacional se desenvolveu em dois outros níveis: O ideológico, cujo objetivo era introduzir elementos transformadores na cultura brasileira a partir dos escalões mais elevados, e o instrumental, cujo objetivo era auxiliar o proselitismo e a manutenção do culto protestante na camada inferior da população. O primeiro foi representado pelos grandes colégios americanos e o segundo pelas escolas paroquiais. O proselitista, isto é, o esforço desenvolvido pelos protestantes para converter os católicos, constitui-se no confronto direto com o catolicismo uma vez que se tratava de tentativa de substituição de princípios de fé e procedimentos religiosos profundamente arraigados em três séculos livres de concorrência (MENDONÇA, 1922, p.80).

No que diz respeito à educação, o protestantismo gerou mudanças importantes na sociedade brasileira, não por impressões de panfletos, distribuição de bíblias, mas com as construções de casas paroquiais, como coloca João Marcos Leitão Santos (2007, p. 125):

O modelo de escola era o 'paroquial', aquele agregado a uma igreja, essencialmente rural, ou os colégios mais urbanos, nas capitais. A distinção fundamental reside no fato de que a primeira estava intrinsecamente associada à tarefa de inserção do protestantismo, através da leitura da bíblia e da participação nos ofícios religiosos, enquanto os colégios visavam um estabelecimento de uma cultura civilizatória cristã protestante, funcionando como uma forma indireta de evangelização, que pela inoculação de uma nova mentalidade ideológico-religiosa de caráter permanente e abrangente visava produzir a mudança da sociedade.

Assim sendo, como se nota, a educação foi um meio, se não o mais importante, dos missionários protestantes propagarem sua fé, servindo a escolarização tanto para leitura e interpretação bíblica como suporte de interpretação para ler e analisar a realidade circundante em que os sujeitos estão inseridos, tendo por sua vez uma formação humana baseada na liberdade de expressão e indagação do lugar social do sujeito.

A consequência foi que a religiosidade brasileira passou a ser marcada cada vez mais pela diversificação religiosa, variando, por sua vez, ainda mais experiências e relações com o sagrado, proliferando dessa forma os ritos, os contatos e maneiras de se conectar com o divino, algo que já fazia parte em relação aos povos originários, por exemplo, como também aos orixás, diferindo-se das práticas de fé da igreja católica romana. As diferenças religiosas já eram presentes no cenário brasileiro, porém foram postas nas margens, tidas por inexistentes e hereges.

Levando-se em consideração o que coloca Santos (2010), em que “o protestantismo fez parte desta diversificação paralelamente a outras expressões religiosas, como as novas expressões dos cultos afro-brasileiros (umbanda), e o espiritismo”, é dessa maneira que o protestantismo histórico no Brasil passou a se expandir e ganhar força com os missionários que aqui chegavam para propagarem sua fé e ações em nome da missão. Estes missionários, ultrapassando fronteiras através de um movimento cultural-religioso, chegaram ao Alto Sertão paraibano, na cidade de Pombal especificamente, no intuito de ampliar as missões, a religião em si e seus costumes e consumos da fé.

2.3 O protestantismo em Pombal-PB

Ao proceder sobre a inserção deste movimento na cidade de Pombal-PB, é preciso esclarecer em que circunstâncias históricas o sertão paraibano se encontrava no final do século XIX, como demonstra Josenildo José da Silva (2012) ao tratar sobre a propagação do cristianismo no sertão paraibano. No final do século XIX, a economia local girava em torno da cultura do algodão e da agricultura de subsistência, apropriando-se dos ciclos chuvosos entre janeiro e junho. A população pombalense não dispunha, neste contexto, de energia elétrica, transportes automotores e estradas de rodagem pavimentadas. É neste ambiente que o protestantismo se inseriu no sertão pombalense (SILVA, 2012, p. 16).

Mesmo diante deste cenário complexo, os primeiros missionários protestantes executaram os serviços de expansão da palavra de Deus, ganhando novos adeptos e territórios. A presença dos mesmos tornou-se possível graças ao apoio financeiro, de formação e missão da Igreja Presbiteriana do Sul dos Estados Unidos (PCUS), como demonstra Silva (2012, p. 20):

A missão americana PCUS (Presbiteriana do Sul dos Estados Unidos), hoje não mais em atuação missionária no Brasil, apoiou de forma significativa o trabalho religioso de expansão missionária da igreja protestante, até então recém-reformada Igreja Presbiteriana do Brasil, especificamente pelo chamado presbitério de Pernambuco, que inicialmente apoiou a obra de evangelização protestante, isso por ter a jurisdição presbiterial da região nos seus primeiros passos.

Apesar das ações da PCUS e da *Presbyterian Church in United States of America* (PCUSA), no incentivo e investimento de recursos humanos e financeiros para a propagação do protestantismo no município pombalino, houve diversas dificuldades, a começar pelas condições geoclimáticas (clima seco, terreno acidentado, vegetação espinhosa, ausência de estradas de rodagem, baixo índice de povoamento, etc.), que impediam os deslocamentos missionários, visitas pastorais com trabalhos de evangelização e reuniões. Além disso, havia um forte sentimento de intolerância religiosa, fruto do próprio processo de formação colonial do território pombalino, eminentemente católico. Mesmo assim, os missionários norte-americanos foram se fazendo presentes neste espaço. Segundo Silva (2012, p. 47):

A história da igreja protestante na cidade de Pombal está ligada à implantação da igreja presbiteriana no Brasil. Ambas tiveram como seus protagonistas missionários americanos. Trinta e cinco anos depois da chegada do presbiterianismo no Brasil, George Edward Henderlite, missionário protestante, chegava com a missão protestante de implantar igrejas.

Segundo Alba Cássia Silva Bandeira (2013, p. 51) e Josenildo José da Silva (2012), as primeiras levas do protestantismo na cidade de Pombal-PB chegaram por volta de 1888, por intermédio “[...] do capitão Antônio Martins da Nóbrega, um dos primeiros que se converteu à religião cristã protestante evangélica [...]”. Sua origem foi a partir das zonas rurais, no primeiro momento na fazenda Jenipapo, e sua disseminação para o sítio Formiga. A disseminação ocorreu através das famílias já evangelizadas, em um movimento de propagação que começou no meio rural, com lento avanço para a cidade, enfrentando a intolerância religiosa, o medo do cangaço e as dificuldades já apontadas anteriormente.

Segundo os descendentes dos pioneiros na formação da igreja presbiteriana de Imburaninha, o cristianismo protestante evangélico foi introduzido no Sítio Formiga através de dois dos filhos do Capitão Antônio Martins da Nóbrega e Dona Maria Dantas da Nóbrega de Sá, sendo os mesmos os Srs. Pedro Martins de Sá e Paulo Martins de Sá, que se casaram com as filhas do casal João Dantas de Oliveira e Florentina Dantas de Assis, que residiam no Sítio Formiga. Ainda de acordo com os relatos orais de memória dos descendentes dos pioneiros, os filhos do Sr. Antônio Martins começaram a levar para o Sítio Formiga os pastores que vinham para a Fazenda Jenipapo (BANDEIRA, 2013, p. 59).

Assim, os autores evocados constataram que o protestantismo pombalino tem na família de Antônio Martins da Nóbrega o alicerce e a catapulta propagadora das boas novas evangélicas. Segundo Bandeira (2013, p. 65):

[...] podemos perceber que o projeto de propagação da fé continuou através das campanhas de evangelizações, nas quais havia sempre distribuições de literatura protestante e abertura de vários pontos de pregações em outras localidades que gradativamente foram tornando-se congregações [...].

Dadas as condições iniciais, evocando parte dos atores sociais deste processo de expansão do protestantismo no município de Pombal-PB, resta-nos focar em um dos capítulos deste complexo processo histórico: a igreja ou Comunidade Mosaico, objeto deste estudo.

2.4 A Comunidade Mosaico

A Comunidade Mosaico é parte integrante e fruto desse movimento histórico-religioso reformador apresentado acima. Neste tópico, devo abordar a história da instituição e o Projeto Vale Sertão através do olhar particular do pastor e fundador da comunidade, Bruno Rogério Paixão Almeida, assim como Jango Magno Fernandes Miranda, pessoa que foi importante na articulação para o desenvolvimento do Projeto Vale Sertões.

Aqui adotamos o método da história oral ao cooptar os processos históricos que envolvem a Comunidade Mosaico através da construção narrativa dada na fala do fundador, exaltando a memória e o tempo presente. Nesse sentido, compreendo a história oral como:

[...] um procedimento, um meio, um caminho para produção do conhecimento histórico. Traz em si um duplo ensinamento: sobre a época enfocada pelo depoimento, o tempo passado, e sobre a época na qual o depoimento foi produzido, o tempo presente. Trata-se, portanto, de uma produção especializada de documentos e fontes, realizada com interferências do historiador e na qual se cruzam intersubjetividades (DELGADO, 2010, p. 15).

A utilização da história oral se faz mais que necessária, já que a Comunidade Mosaico é também fruto das leituras de Bruno Rogério Paixão Almeida do teólogo Paul Tillich, de suas vivências e práticas de fé, dos estudos sobre teologia. Ouvi-lo se faz mais do que necessário, é imperativo, pois a Comunidade Mosaico não é constituída exclusivamente por ele, mas ele a constituiu no seu cotidiano pastoral. Destaca-se também, neste percurso, o Projeto Vale Sertões, que acolheu o projeto de vida missional de Bruno Rogério Paixão Almeida.

Não custa lembrar que:

[...] enquanto a memória resgata as reações ou o que está submerso no desejo e na vontade individual e coletiva, a história opera com o que se torna público, ou vem à tona da sociedade, recebendo todo um recorte cultural, temático, metodológico a partir do trabalho do historiador. (MONTENEGRO, 2010, p. 20).

A entrevista realizou-se em 25 de agosto de 2023, na própria Comunidade Mosaico, na sala de estudos do pastor, através de um conjunto de perguntas previamente elaboradas. Inicialmente, perguntei como a Comunidade Mosaico foi criada. Segundo Paixão (2023):

[...] ela é um acidente (risos), a verdade assim! É, eu... (pausa) ela se divide institucional e também pessoal. [...] Então, ela nasce de, de um moleque que vem conhecer Deus numa igreja alternativa, plural, que tinha, que convivia com, com às diferenças dentro de si, que tinha, que até hoje lá é assim. Se entra no culto, os cara de bermuda e o, o cara de gravata, ééé a minha igreja. [...] Então, dum moleque que nasceu assim, que começou a ser despertado na vocação, mas tinha uma angústia, porque às, às respostas eram sempre mono, mocrá, mono, mono, monocromáticas, sempre de uma cor só, e sempre a igreja falando, porque a gente tem resposta pra tudo né!? Então é sempre a igreja que responde, e que a gente foi descobrindo nesse processo que o mundo cristão, teológico, protestante e cristão mesmo é plural, e que você tem várias formas de pensar ao mesmo tempo dentro da igreja cristã (Transcrição da Primeira Entrevista).

Como já mencionado acima, o pastor Bruno Rogério Paixão Almeida indica que a comunidade é fruto de sua experiência e prática de fé. Para ele, a comunidade é plural, lugar

em que existem “várias tribos”, um mosaico acolhedor da diversificação. O depoente lembra que:

[...] quando eu [...] mudei pro protestantismo, eu entrei numa igreja que se chamava Comunidade Cristã Caverna de Adulão. É a primeira comu, é a primeira igreja evangélica no Brasil que... trabalhava com nicho underground, com punks, com hippies, com, com a 'sujeira' da sociedade. A gente nasce láaaa na década de 90, no final da de 80, 90 [...] A gente tinha... essa coisa dos shows, a gente tinha os grupos de, de, de bíblia e discipulado que, na época nem pensava em fazer em casa, como a gente não tinha templo, fazia nas casa mesmo... a gente tinha trabalho aos sábados que era, de louvor na praça pública na cidade de Belo Horizonte no meio do centrão, a gente levava os cara esquisito pra tocar: Grannnde é o senhor, os cara ficava, passava, enchia de gente olhando pra gente, esquisitooo (pausa) [...]

Nesta sequência, de acordo com sua formação enquanto pastor e também como filósofo pela PUC/CFTRS, vai se moldando e modelando o seu olhar para com a igreja e de como ela deve ser, a fé e o inventar o sagrado cotidianamente, de acordo com as interferências sociais e culturais que vinha sofrendo em sua feitura de ser pastor. As suas experiências vão munindo seu olhar para um experienciar a fé de uma outra maneira, de um jeito que o sagrado fosse manifestado na arte, no cotidiano, no inventar-se rotineiramente e a partir de uma rede (de estudos, pessoas, interferências culturais) colaborando no tecer de sua fé e do sagrado.

Aqui está a se tratar do lado subjetivo do indivíduo, logo “o lado B” que fez a instituição, ou seja, a ideia/o sonho do Bruno Paixão de se ter uma igreja mais dialogal, plural, em que não se detivesse tanto nas doutrinas, onde por sua vez fosse mais conectada a pessoas, com uma mensagem do evangelho simples, didática e acolhedora em constante diálogo com as questões sociais.

E assim a comunidade foi sendo projetada, enquanto um lugar que abrigasse os diferentes estilos e personalidades de pessoas mediante uma relação institucional e pessoal (no que diz respeito ao pessoal se parece com a igreja Caverna de Adulão da qual fizera parte, diferenciando-se a Mosaico do espaço geográfico, da cultura inserida neste espaço, dos praticantes, tão logo o tecer da fé cotidianamente que se coloca como diferencial também).

De acordo com o nosso depoente, a Comunidade emergiu de um Projeto Sertões, ou seja, o lado A da instituição religiosa, com todo seu aparato formal no que tange a doutrinas, missão e burocracias institucionais (a IPI tem um regimento a ser seguido elencado no capítulo I e na qual a Mosaico segue adaptando-a à realidade social onde se insere), neste sentido afirma que:

Eu caio na instituição, e caio num, num, num projeto da instituição de plantação de igreja, aí começa a mosaico [...] pra entender a mosaico, aí eu caio nesse, nesse seminário de missão que tava, era tipo um protótipo do seminário de missão da IPI, que vem desde de noventa e seis que eles formaram missionários, e eu caí lá em dois mil e, dois mil, eeee, eu fui pra Cuba antes, eu cortei esse negócio, dois mil ee dóis, em onze de setembro eu tava em Cuba ainda (rsrs), aí... é, dois mil dóis, eu caio em dóis mil e dóis né!? caso com a Livia em dois mil e treze. É... eu caio lá num projeto deles, que era um seminário de missão, que eles já haviam formando turmas...

Este seminário de missão ao qual declara nosso depoente, Projeto Vale Sertões, e para entender tal projeto se fez necessário contactar Jango Magno Fernandes (2024) mediante uma conversa informal com perguntas e respostas, sobre como esse projeto ganhou vida material. Assim expõe:

O projeto dos CTMs surge como uma ideia e iniciativa da Secretaria de Evangelização da IPI do Brasil, com o objetivo de proporcionar a formação de missionários para servir nas diversas regiões do Brasil. Em 1995 é criado o primeiro CTM em Cuiabá/MT, era chamado de CTM – Centro Oeste. Em 1997 é a vez do CTM – Nordeste ser criado, na cidade do Natal. Em 1998 é criado em Florianópolis o CTM – Sul. Depois, foi criado o CTM – Campinas, por iniciativa do Presbitério de Campinas. Este CTM não foi uma iniciativa da Secretaria de Evangelização, como os outros três, mas depois, a SE passou a apoiar.

Fica claro então que o CTM (Centro de Treinamento Missionário), desenvolvido pela Secretaria de Evangelização com intuito de formar missionários tanto quanto expandir igrejas e “as Boas Novas”, não era apenas um objetivo de alastrar o protestantismo e a missão, mas era também político e social, na medida em que elaboravam planos de ação e uma formação de estudos não separados das realidades sociais circundantes.

Sendo diretor do CTM-Nordeste, que de acordo com o exposto acima, surge em 1997, Fernandes (2024) recebe uma proposta da SE (Secretaria de Evangelização) para um Projeto Nordeste, que foi aí que surgiu o Projeto Sertão, nome imbuído pelo próprio Jango Magno Fernandes Miranda. Segundo declara:

Eu era diretor do CTM – Nordeste quando em 1998 a Secretaria de Evangelização enviou um esboço de projeto para mim, denominado 'Projeto Nordeste' e pedia a minha ajuda na construção desse projeto. Minha primeira observação foi sugerindo que se mudasse o nome para 'Projeto Sertão', uma vez que nesse projeto se definia que as cidades onde se iriam plantar novas igrejas eram todas no sertão, portanto, não tinha sentido chamar de 'Projeto Nordeste'.

Portanto, o projeto começou a ganhar vida na medida em que o mesmo passou a visitar e a conhecer algumas cidades do Sertão, participando ativamente no avivamento e engajamento do mesmo. Visitou mais de 20 cidades, dialogando com pastores, políticos, professores, na

intenção de conhecer melhor os lugares, segundo as narrativas dos sujeitos (históricos e políticos) em que encontravam, de forma a entender a localidade. Assim expõe Fernandes (2024):

Nestas viagens eu levava sempre alguns alunos do CTM – Nordeste para me auxiliar no trabalho, mas também porque o projeto intencionava usar os alunos do CTM para estagiarem nos campos do sertão. [...] Durante o período de elaboração do 'Projeto Sertão', eu fui convidado para coordenar este projeto, nesse caso eu precisaria mudar de Natal para Patos, de onde o projeto deveria ser coordenado. Eu topei e em janeiro/1999 eu mudei para Patos.

Assim posto, vemos que o Projeto Sertão fez parte de uma rede de colaboração tanto da IPI quanto dos CTMs, assim como da formação de pessoas para que estas ações fossem efetivadas de fato. Sendo assim, as primeiras cidades polos foram definidas enquanto um projeto de ação e efetivação missional/político/social. Segundo Fernandes (2024):

Em 1999 foram estabelecidos os seguintes campos: Patos, São Mamede, Malta e Cruzeta/RN. Em 2005 foi aberto o campo missionário de Caicó. Em 2007 iniciamos Pombal, Sousa e Cajazeiras (esta nova etapa passou-se a ser chamada de 'Projeto Sertão II'). Eu fiquei coordenador do Projeto Sertão durante 12 anos, sendo 10 morando em Patos e 2 em Cajazeiras.

No que concerne ao objetivo do Projeto Sertões, Maria Fernanda da Costa (2000 apud Estandarte, p.20) indica ser:

Apresentar as boas novas do Reino do Deus Trino: Pai, Filho e Espírito Santo, levando em consideração a realidade, as necessidades e a cultura do povo do sertão nordestino, estabelecendo Igrejas Presbiterianas Independentes autóctones, através da proclamação, ensino, comunhão e serviço, visando à transformação das realidades religiosa, educacional e socioeconômica de homens, mulheres e crianças sertanejos, para uma melhor qualidade de vida e dignidade. E tudo para glória de Deus.

Segundo Fernandes (2024), apesar das divergências, o CTM e o Projeto Sertões trabalharam em cooperação, já que o Projeto dependia da formação de missionários do CTM. E é neste momento que o pastor da Comunidade Mosaico entra.

Ele caiu neste projeto de plantação de igrejas e formação de obreiros e missionários conforme já mencionado na citação acima. Seus sogros, Raimundo Gouveia do Couto e sua esposa, Valdívnia Teles de Andrade Couto, ambos missionários, participaram da segunda turma e as coisas começaram a ganhar forma e rumo à “produção” da comunidade.

Desta maneira, ainda que não se encantando pela cidade de Pombal em um primeiro momento, rejeitando tal ideia por ainda não ser uma cidade tão desenvolvida até aquele ano de 2014, com uma economia ainda basicamente rural, muito pouco de urbanismo, fazendo dessa maneira com que sua rejeição fosse ainda mais enfática, por se tratar de um espaço ainda por se desenvolver economicamente. Mesmo assim, decide acatar a ideia de vir morar na cidade.

Neste tempo de sua vida, o pastor da Comunidade se encontra em formação Teológica, “sendo munido de material” acadêmico, com discussões e abordagens sobre as várias visões com relação à teologia, se descobrindo enquanto plantador, pastor e missionário, deparando-se, portanto, cada vez mais com a possibilidade de construir uma igreja que fosse mais dialogal com a cultura, conforme já apresentado. Indicando, Paixão (2023):

E aí no meu seminário, num, num, em formação teológica eu tenho professores luteranos, eu tenho professor anglicanos, eu tenho professor católico, eu tenho professor ateu, tenho professor ééé ortodoxo, russo é [...] então..., mas era um tipo de formação teológica que não era mais compromissada com a doutrina, com uma tradição reformada, muito embora sejamos, mas... é, não como uma bula de remédio. [...] então eu comecei a, a, a ser encantado com o tamanho do cristianismo e a beleza da pluralidade dele. Dentro do seminário, né? Com as tradições que eu tava, os professores que eu tinha, dentro dos cursos de, de extensão eu fiz, né!?

Em meio a esta movimentação perpassada pela sua vida, a Mosaico começa a emergir, a se fazer, enquanto um encaixe de ideias, de conjectura e ações dos sujeitos envolvidos. Ao chegar na cidade de Pombal-PB, com o propósito de cumprir burocracias, e ficar o menor tempo possível, desencantado com a igreja enquanto denominação religiosa que se fecha para o mundo, segundo suas colocações; ainda assim, foi neste lugar que conseguiu concretizar seu sonho, a sua realização pessoal, de uma igreja que estivesse em constante diálogo com o social, a realidade dos indivíduos, à cultura, com a historicidade da cidade, ou seja, não fugir do lugar da qual ela emerge enquanto instituição religiosa, sem negar a si mesma, conforme coloca, sobre seu desejo:

Aí eu vim... eu quero uma igreja dialogal, contemporânea, que seja aberta pra outras tendências, que num tenha medo de, de perguntar, que num tenha medo de, de não saber! De num ter respostas, de que assim, assim, assim, assim, assim, aí fui falando né!?, que num tem, que vê na cultura não um de, um, um, um problema, mas uma oportunidade de, de poder descobrir Deus e fazer as pessoas se seduzirem pelo, pelo amor de Deus a partir da linguagem delas e tal.

A forma pela qual a Comunidade Mosaico nasce acontece de maneira a vivenciar o sagrado, a leitura de textos bíblicos, ao ar livre, de aspecto leve, mas com uma profundidade imprescindível, pois simplicidade não significa menos perspicácia. Assim vai acontecendo o

fazer-se enquanto Comunidade, nas experiências de fé, acontecendo ali em meio à praça do centenário da cidade, no decorrer das experiências de vida relacionadas ao cotidiano, às práticas de fé, e a coisa vai tomando forma. Abaixo segue um dos registros dos primeiros encontros da comunidade, ainda sem a denominação de Mosaico, portanto, o tecer vai se desenrolando.

Figura 1. Ações da Comunidade Mosaico em praça pública.



Fonte: Mosaico (2015)

No registro, temos um dos encontros que ocorriam na Praça do Centenário semanalmente, aos domingos pela manhã, entre os jovens, onde partilhavam experiências sobre sua fé e espiritualidade no cotidiano, da mesma maneira que iam lendo os textos bíblicos e interpretando-os. Esses encontros passaram a se chamar Conexão. No relato de Paixão (2023), podemos acordar tal afirmação:

Aí tinha uma turminha assim, e eu comecei a fazer o seguinte! Vamos pra praça, porque a gente sai do ambiente de igreja, e a gente reflete, pensa, brinca, conversa e tal, lá na grama. Eu morava em frente, né!? A gente faz lá na grama, pega umas lonas que eu tinha ainda da mudança, a gente bota a lona, senta todo mundo no chão. E a gente começa a fazer uns negócios, leva umas comidas, a gente faz umas paradinhas lá. Aí começamos a fazer, Dani sempre foi muito líder, a Dani é muito líder, aí a Dani foi, fazer as coisinhas, textinho e tal, coisa dela, meio fru fru assim, mas é dela, aí começou a fazer e eu comecei a deixar eles liderando a coisa. Dani, vamos falar de conexão, a gente conecta as pessoas, porque era o que estava dizendo sobre relacionamento. É, vai, conexão! Aí ela assumiu esse negócio, aí ficou ela assumindo mais o Talyson, mais não sei quem, aí eles tiveram uma dinâmica lá entre eles, que qualquer pessoa que chegasse lá era acolhida, qualquer pessoa que chegasse lá podia falar e no final eles brincavam, fazia um negócio assim, um sorteio de quem ia trazer

a reflexão na outra semana. Podia ser o cara que estava visitando lá (risos e tosse). Aí, o Everton foi nessa época, participou e tal."

No registro acima, é possível observar que não há templo, mas há a Bíblia ao chão, que se tem ao ar livre um grupo de jovens em um encontro dispostos a refletirem sua fé a partir do lugar onde estão, na partilha e na leitura bíblica, em constante diálogo também com a poesia musical (notemos o violão na imagem). Nota-se a descontração no momento da reunião, os membros de diferentes estilos, uma certa ousadia em dialogar sobre a experiência da fé em um ambiente que foge dos padrões institucionais, a não natureza religiosa, mas sim a religiosidade presente, onde cada qual traz suas reflexões de acordo com seu cotidiano, consumindo a fé e bricolando a Bíblia naquele momento, naquelas circunstâncias, onde a reflexão parte do lugar também de onde se fala, e assim as coisas vão sendo costuradas, a igreja está surgindo!

Muito embora o pastor da comunidade estivesse migrando entre uma instituição religiosa mesmo, de fato e por via, a IPI (Igreja Presbiteriana Independente), e entre outra em andamento, a princípio, houve um momento pelo qual teve que optar entre se lançar neste projeto ou permanecer dando continuidade com aquilo que seus sogros, a saber, o Sr. Raimundo Gouveia do Couto e Valdívia Teles de Andrade Couto, deixaram nesta cidade.

Eram dois projetos diferentes. Uma, a IPI, tinha uma pegada mais tradicional, um público mais velho que já possuía uma rotina e uma forma de pregação com uma linguagem que atendia a este coletivo. Já a outra, a que viria a ser denominada Comunidade Mosaico, tinha uma composição juvenil, uma dinâmica mais leve de culto, com outra pegada de se fazer culto, seja na praça ou em um templo. Então, Bruno Rogério Almeida Paixão tinha de realizar uma escolha, na impossibilidade de administrar, cuidar de duas igrejas com estilos gritantes de diferenças.

Na ida para Campinas, para uma reunião com todos os missionários, seu chefe (do pastor da igreja. Lembremos que se trata de uma instituição religiosa protestante, que obedece a um criterioso sistema hierárquico, institucional) pede para que opte por uma das igrejas. Assim expõe nosso depoente, Paixão (2023):

Fui pra Campinas, aí teve uma reunião, foi pra, pra eu alugar, foi assim, fui pra Campinas, aí teve uma reunião com todos os missionários. [...] prestar relatório e tal. [...] Aí meu chefe diz assim: - Você vai ter que tomar uma decisão muito séria daqui pra frente, você vai ter que fechar uma, pra botar sua cabeça só numa coisa só.

Diante destas circunstâncias e do querer à primeira opção, decide então corroborar com a ideia, com a proposta de uma igreja comunicativa e relacional. Por conseguinte, a mesma começa a ganhar corpo, e não mais tão somente no campo das ideias, agora o movimento se

introduz de fato. Os encontros aos domingos, com um grupo de jovens, na experimentação da fé, passaram logo depois a se locomover para outros espaços e ganhar o formato de igreja, ainda que fugindo dos padrões institucionais, criando uma logomarca (símbolo próprio da comunidade, abordado no próximo ponto), se estabelecendo desta maneira enquanto instituição religiosa.

Aí tinha uma turminha assim, e eu comecei a fazer o seguinte! Vamos pra praça, porque a gente sai do ambiente de igreja, e a gente reflete, pensa, brinca, conversa e tal, lá na grama. Eu morava em frente, né!? A gente faz lá na grama, pega umas lonas que eu tinha ainda da mudança, a gente bota a lona, senta todo mundo no chão. E a gente começa a fazer uns negócios, leva umas comidas, a gente faz umas paradinhas lá. Aí começamos a fazer [...]. O negócio foi tomando forma, aí eu comecei a organizar outras coisas, treinar, fazer treinamento, e aí eu... e estava dividido nas duas coisas, no negócio tradicional e fazendo isso acontecer. [...]

Começando na praça, depois ocupando uma sala de aula da escola GEO, assim como outros espaços, gerou hoje o que se denomina “Mosaico”. Uma igreja que nasce no ano de 2014,¹⁴ enquanto um projeto íntimo do pregador, mas que também é parte de uma rede maior institucional (CTM-NE, PC-USA, IPI, Projeto Sertões), tendo suas raízes históricas no protestantismo. Segundo nosso depoente, ele explica o porquê do nome Mosaico:

eu quero que às pessoas se sintam, como eu fui acolhido láa naquele lugarzinho que o cara tava pintando lá o ícone. Que o cara me trouxe, falou de oração comigo, falou da arte de cada pintura, de cada ícone daquele, agente tomava café junto, com aquilo. Aquele ambiente eu queria pra cá, sabe!?... Mosaico, é! Por conta da arte que eu adoro, por conta desse negócio de que, é junção de pedrinhas diferentes, plurais, e...de tudo quanto é jeito, e que quando você olha de longe, aí dá um negócio único, né!? Piquinininho é só pedrinha, mas de longe, de longe é a arte. Mosaico.

Dado isso, por meio de todo o esforço empenhado para que a mesma se constituísse enquanto igreja, denominação religiosa, tendo suas próprias características no modo de ser, de consumir e exercitar a fé de forma prática e dinâmica, a Mosaico (localizada hoje no bairro Jardim Rogério, Rua Silvestre Honório, nº 180) se encontra enquanto uma possibilidade de uma igreja que abraça pessoas de diferentes estilos e personalidades, de modo a experimentar a fé na pluralidade do âmbito institucional religioso. Isso nos faz pensar e ter uma perspectiva de que, não apenas o sagrado se manifesta de diferentes formas, mesmo dentro da instituição, como também cada fiel o faz à sua maneira. Sendo uma igreja que se diz plural, a fé, o sagrado e as práticas de fé também o são.

¹⁴ Muito embora o registro da fotografia esteja denotando o ano de 2015, trata-se na verdade do ano de sua publicização e não do ano de surgimento da Comunidade Mosaico.

Portanto, a experiência e vivência no campo da religião (Comunidade Mosaico), pelos indivíduos religiosos, realizam obras e retalhos com o sagrado. A religiosidade é constante, a partir do momento em que a própria instituição emerge em um espaço de trocas, traquejos, com as reflexões dos textos bíblicos em constante diálogo com o meio social e cultural, dos agentes históricos que lá estavam consumindo e praticando a fé.

Isto posto, encaminha-se para o próximo capítulo deste trabalho, para tratar destes sujeitos históricos, os homens e mulheres ordinários da crença religiosa protestante, da Comunidade Mosaico. Aqueles que já começam, no primeiro instante dos encontros dominicais, a bricolarem a Bíblia, a refletirem sobre a mesma de acordo com o dia a dia de cada um ali envolvido. As artes do fazer começam a se modelar, o sagrado vai sendo operado na visão e vivência do praticante. Desta maneira, pretende-se abordar agora de fato aquele que opera “popularmente” o sagrado, perguntando-se em nome do que esta operação é diferente, parafraseando Certeau (2014)

CAPÍTULO III - RELIGIOSIDADE, SABERES E PRÁTICAS EM POMBAL

Para tratar da última parte desta pesquisa autores como Michel de Certeau (2014), Lucilia de Almeida Neves Delgado (2010) e José Carlos Sebe Bom Meihy (2010) nos auxiliam no entendimento sobre o conceito que elabora do Homem Ordinário¹⁵; e da discussão entre História, Memória e Oralidade.

Tendo trabalhado as definições de prática e bricolagem no primeiro capítulo e abordado a historicidade da Igreja Mosaico no segundo capítulo, partiremos agora para a linguagem do homem ordinário, o fiel protestante da Comunidade Mosaico, que produz uma cultura popular dos símbolos no entremeio do cotidiano, aquele que tece o sagrado mediante e a partir da vivência que tem com a instituição religiosa.

Engendrando uma linguagem ordinária e sua cultura popular com os símbolos religiosos (Bíblia e Culto), o fiel reconstrói o sagrado na vida cotidiana ao mesmo tempo em que esses símbolos são transformados em “sucatas” mediante suas táticas. Para corroborar esta afirmativa, contamos com a coparticipação de 6 entrevistados (os praticantes da Comunidade Mosaico), por intermédio de perguntas previamente elaboradas. O escopo das entrevistas contou com 4 homens e 2 mulheres. Destes, 2 encontram-se atualmente residindo fora do município de Pombal-PB, mas com participação ativa dentro da comunidade quando residentes no núcleo urbano de Pombal-PB.

A saber, são eles: Talyson Monteiro (formado em Direito), batizado no ano de 2015 pelo então pastor Bruno Paixão; Joama Cristina Almeida Dantas (assessora jurídica do MPF - Ministério Público Federal); Lívia de Andrade Couto Paixão (missionária, membra da comunidade e professora de música); Bruno Paixão (pastor da Comunidade, filósofo e teólogo); Everton Ferreira (servidor público da Universidade Federal de Campina Grande); e Douglas Kaique (recém-formado em História pela Universidade Federal de Campina Grande).

3.1 A linguagem ordinária do sagrado e a cultura popular dos símbolos (nas trilhas da tradição, uma literatura da prática)

¹⁵ Herói comum [...] é o murmúrio das sociedades. De todo o tempo, anterior aos textos. Nem os espera. Zomba deles. Mas, nas representações escritas, vai progredindo. Pouco a pouco ocupa o centro de nossas cenas científicas. (CERTEAU, 2014, p. 55)

Portanto, devemos aqui pensar que as práticas do homem ordinário com os símbolos sagrados são, antes de mais nada, intervenções humanas, vestígios no ato de suas manipulações e dissimulação, elencando a experiência de sua produção a arte ligada a um lugar de inventividade e marginalidade, exercitando sua fé na permanência de sentido, tecendo artes de fazer em seu cotidiano.

O traço de suas práticas para com os símbolos não se encontra fora de um contexto social, histórico e religioso. Só podemos entender o homem ordinário na bricolagem dos símbolos quando o colocamos em seu tempo histórico, assim como os objetos de seu manejo. Neste sentido, o conceito de tempo histórico é importante para a construção de nossa narrativa.

Ciência dos homens” dissemos. É ainda vago demais. É preciso acrescentar: “dos homens, no tempo”. O historiador não apenas pensa humano”. A atmosfera em que seu pensamento respira naturalmente é a categoria de duração. Decerto, dificilmente imagina-se que uma ciência, qualquer que seja, possa abstrair do tempo. [...] Realidade concreta e viva, submetida à irreversibilidade de seu impulso, o tempo da história, ao contrário, é o próprio plasma em que se engastam os fenômenos e como o lugar de sua inteligibilidade (BLOCH, 2001, p. 55).

Posto isso, as práticas de culto/cultuar a Deus, assim como ler a Bíblia, fazem parte de uma tradição religiosa que significa tanto para a religião protestante reformada, neste caso, quanto para o praticante, pois dão sentido ao que ele produz rotineiramente, cotidianamente. Traduzindo-se em uma manifestação cultural participante de uma rede (igreja, pessoas, culto, Bíblia), pertencendo assim a uma esfera maior que dialoga com a narrativa produzida pelo ordinário, nos dando possibilidades de análises críticas.

E o que se faz notar aqui é que a maior parte das práticas de culto referentes ao Deus cristão foi sendo modificada ao longo do tempo e espaço. A própria transformação do tempo histórico modifica ou faz modificar estas práticas. Quando remontamos ao livro de Levítico¹⁶ (todo ele), por exemplo, encontrado na Bíblia Sagrada (2009), identifica-se que há uma série de ordenações e doutrinas de como se deveria cultuar e adorar à Deus, de forma a organizar o espaço de culto tal qual os sacerdócios diziam para ser feito.

¹⁶ O livro de Levítico, é um dos cinco primeiros livros da Bíblia Sagrada, fazendo parte do pentateuco. Sendo composto por sacerdotes elencando orientações acerca das conduções dos ritos, cultos e organizações do espaço de culto. No livro de Levítico estão as leis e os mandamentos que Deus mandou Moisés dar ao povo de Israel, especialmente as leis a respeito das reuniões de adoração, dos sacrifícios que o povo deveria oferecer a Deus e dos deveres dos sacerdotes. Todos os que serviam no Templo eram da Tribo de Levi, tanto os sacerdotes como os seus ajudantes, os levitas. (LEVÍTICO, cap.1, p.121, 2009).

Para que o senhor o aceite, o homem levará [sic] o touro até a entrada da Tenda Sagrada. Ali ele porá a mão na cabeça do animal a fim de que seja aceito como sacrifício para conseguir o perdão dos seus pecados. O homem matará o touro ali na frente da Tenda Sagrada, e os Sacerdotes, que são descendentes de Arão, oferecerão ao Senhor o sangue do animal e depois borrifarão com ele os quatro lados do altar que está na frente da Tenda. Em seguida o homem tirará o couro do animal e depois cortará o corpo em pedaços. Os sacerdotes acenderão fogo em cima do altar, arrumarão a lenha sobre o fogo e colocarão sobre ela os pedaços do touro a cabeça e a gordura que cobre os intestinos. O homem lavará os miúdos e as pernas do animal, que também serão queimados no altar. O sacerdote queimará o touro todo como um sacrifício que tem um cheiro agradável a Deus, o Senhor. (Levítico, cap.1, vs. 1-9, 2009).

É sobre os praticantes e executores do culto em seu recinto (em sua casa ou qualquer ambiente em que o praticante se sinta confortável para exercitar sua prática de fé) que iremos abordar. Mediante o exposto, infere-se que as práticas de culto são modificáveis porque há um movimento de mudança; o que é fato é o culto, mas sua forma de exercer é o que é volante. Sendo assim, o ato de cultuar na ótica deste trabalho é o uso dos instrumentos da igreja e uma modificação sobre eles; o sagrado é construído cotidianamente juntamente com a transformação dos dois símbolos aqui tratados (Culto e Bíblia). E assim o homem ordinário vai emergindo em cena, nas trilhas da tradição de sua religião.

Segundo Michel de Certeau (2014), “[...] o enfoque da cultura começa quando o homem ordinário se torna o narrador, quando define o lugar (comum) do discurso e o espaço (anônimo) de seu desenvolvimento.” Neste sentido, os lugares comuns do praticante onde executa sua arte encontram-se no cotidiano, em sua casa, em um espaço suscetível à produção de sua inventividade conforme suas astúcias. O homem ordinário se faz tramitar entre o espaço institucional e o lugar do prazer, na linguagem ordinária do sagrado. Ordinário, porque não possui lugar próprio no “inventar” o sagrado no cotidiano, exceto os espaços citados acima.

A lacuna da história do anti-herói ¹⁷ torna-se possível de preenchimento quando suas práticas são politizadas, devendo-se então, como afirma Certeau (2014), elaborar uma política dessas astúcias, pois sua produção silenciosa deixa marcas, vestígios a serem analisados aqui em uma constante relação de permanências e mudanças.

A linguagem ordinária do sagrado é ordinária porque quem a produz é o marginal e, enquanto linguagem, é uma forma de dizer, fazer, uma maneira ou melhor, uma possibilidade de vislumbrar o sagrado nas margens, lugar do anti-herói (o avesso do herói que se transforma aos poucos em herói, na nossa narrativa, ou seja, o fiel protestante de nosso trabalho). Como afirma Certeau (2014, p. 55), a história a ser produzida não é mais a dos grandes nomes; a

¹⁷ Compreendemos o conceito de Anti-herói aqui, a história do marginal, do praticante, uma narrativa não dos grandes nomes como ocorrera no positivismo (XIX e XX), mas sim sobre uma narrativa que aponta para o homem comum fabricando e tecendo uma literatura do sagrado dando sentido a sua prática de fé e apontando também para a importância da instituição religiosa no fabrico de sua arte.

narrativa aqui exposta trata-se, mais uma vez, de explicitar o anônimo, “[...] privilegiando-o e o cotidiano onde zooms destacam detalhes metonímicos-partes tomadas pelo todo”.

Quando não há um templo para o devoto, ele se refaz de acordo com o que tem, pois pode se conectar a Deus do lugar onde estiver, porque sua fé independe do espaço físico, já que nem sempre é possível estar no âmbito institucional, devendo-se então mover-se, reinventar-se, configurando-se em uma prática determinada pela ausência do edifício religioso, utilizando-se dele também “no chão” do praticante, quer dizer, a difusão do sagrado pelos meios informais.

A informalidade parte deste modo, no sentido de que não há em seu recinto uma liturgia previamente pronta, obedecendo a critérios de formalidades e doutrinas para a execução do culto litúrgico. Muito embora o praticante, em uso da Bíblia e no ato de cultuar, necessite em parte da instituição que lhe instrui a ler a Bíblia de maneira ampla, onde a mesma possui historicidade, enxergando-a para além de um livro sagrado, assim como lhe auxiliando ao ato de cultuar enquanto uma prática de conexão e adoração a Deus.

A igreja, deste modo, se configura aqui, nesta pesquisa, como o lugar da formalidade, na medida em que a contraposição, ou seja, sua informalidade, passa a ser as execuções no recinto do fiel protestante, no uso que faz da Bíblia e do culto cotidianamente, onde o sagrado, por sua maneira de intervenção (o manejo do fiel para com os símbolos), é fabricado no recinto do praticante e assim vai sendo fabricado.

Uma das mais talentosas habilidades do ser humano é a “capacidade” de criar e inventar, produzir e adaptar línguas, objetos, lugares e símbolos, o que os distingue de muitos outros animais. Conforme elenca Vitor Emanuel Correa de Mesquita (2023, p. 266), citando Rubem Alves (1981):

[...] a cultura humana vai além da adaptação física, já que os seres humanos têm a capacidade de criar e transformar o mundo ao seu redor. Nós construímos prédios, casas, aviões, entre outras estruturas, e desenvolvemos formas de arte, como música, escultura e poesia. Os humanos não se limitam à programação biológica, pois têm a capacidade de inventar e criar novos mundos.

É exatamente sobre esta virtude de criar e recriar o sagrado, dentro do recinto do fiel, que quero vislumbrar aqui, analisando os comportamentos e feitos do praticante, seus desejos e, por vezes, objetivos de comunicar.

Estes símbolos (culto e Bíblia) vão se transformando em sucatas na medida em que são tecidos em “novas” configurações, pois no lugar do recinto do praticante os olhares “viajantes” são outros, à maneira de cultuar também. A música, poesia, leituras de outros autores são chamadas para compor este cenário não institucional, no arranjo de um texto sem páginas ou

escritos, onde os vestígios de suas ações e manipulações no ato de consumo da fé mediante as artes do fazer em seu cotidiano vão se emergindo e gerando um enredo.

E a pergunta que se faz é: em nome do que esta fabricação narrativa do sagrado se difere do lugar institucional (Comunidade Mosaico)? E a primeira observação é que quem a produz é o homem ordinário com as ferramentas dispostas em constante diálogo com sua subjetividade, partindo do lugar de suas experiências e práticas enquanto um ser histórico, social e cultural.

O praticante aqui é muito parecido com o tecelão tecendo os fios, distinguindo-o, porém, que os fios tecidos não são de lã ou algodão, são, desse modo, narrativas e que, ao invés de se utilizarem da máquina de costura para tecer, o fiel tem o templo, a Bíblia e o culto para fabricar o sagrado. Uma arte construída com os símbolos religiosos transformando-os em “sucata”, eis as táticas dos praticantes!

3.2 A “sucata” dos símbolos religiosos e suas táticas.

O termo “sucata” usado por Certeau (2014) é, acima de tudo, uma reflexão sobre a produção dos homens ordinários que fabricam e “escondem” suas estratégias, suas artimanhas, não possuindo, de igual maneira, um lugar próprio para dizer sobre sua cultura. Portanto, o “conto” passa a ser, por excelência, o espaço onde “encena sua cena produzida”.

Uma formalidade das práticas cotidianas vem à tona nessas histórias, que invertem frequentemente as relações de força e, como as histórias de milagres, garantem ao oprimido a vitória num espaço maravilhoso, utópico. Este espaço protege as armas do fraco contra a realidade da ordem estabelecida. Oculta-as também às categorias sociais que 'fazem história', pois a dominam. E onde a historiografia narra no passado as estratégias dos poderes instituídos, essas histórias 'maravilhosas' oferecem a seu público (ao bom entendedor um cumprimento), um possível de táticas disponíveis no futuro (CERTEAU, 2014, p. 80).

Esses lugares mencionados por Certeau (2014) são lugares ressignificados mediante as circunstâncias e manipulação de objetos, tornando a localidade um espaço com marcas, invertendo a ordem estabelecida. Michel de Certeau (2014, p. 86) assim define “sucata”:

Deste ponto de vista, o corte não passa agora entre o trabalho e os lazeres. Essas duas regiões de atividades se homogeneízam. Elas se repetem e se reforçam uma à outra. Nos locais de trabalho se vão difundindo as técnicas culturais que camuflam a reprodução econômica sob ficções de surpresa (o 'happening'), de verdade ('a informação'), ou de comunicação ('a animação'). Reciprocamente, a produção cultural oferece um campo de expansão para as operações racionais que permitem gerir o trabalho mediante a divisão (uma análise), mapeando-o (uma síntese) e massificando-o (generalização). Outra distinção se impõe, além daquela que distribui os comportamentos segundo seu lugar (de trabalho e lazer), e os qualifica então pelo fato

de se colocarem nesta ou naquela casa de tabuleiro social - no escritório, na oficina ou no cinema. Existem diferenças de outro tipo. Elas se referem às modalidades da ação, às formalidades das práticas. Atravessa, as fronteiras que permitem as classificações de trabalho ou de lazer. Por exemplo, a arte da 'sucata' se inscreve no sistema de cadeia industrial (é seu contraponto, no mesmo lugar), como variante da atividade que, fora da fábrica (noutro lugar), tem a forma de bricolagem.

Desse modo, o fiel aqui é um artista realizando “golpes”, produzindo e demarcando espaços e maneiras de fazer. A operação com os símbolos religiosos aqui trabalhados é uma inversão da ordem institucional religiosa (Comunidade Mosaico), pois encontra-se fora desse ambiente, estão à margem, como mencionado anteriormente. O consumo, por sua vez, dos próprios símbolos (culto e Bíblia), torna-se em narrativas produzidas pelos praticantes em lugares marginais, em síntese, suas táticas, maneiras de fazer.

Ou seja, o que o fiel protestante faz com os símbolos religiosos aqui tratados é o contraponto da Instituição da Comunidade Mosaico, que se constitui em outras maneiras de se configurar narrativas bíblicas e as várias formas de culto, não tendo um lugar próprio, exceto o seu recinto atrelado às suas vivências cotidianas, mesmo que se inscreva também no uso da instituição religiosa, pois somente a partir dela é que se firma a contraposição.

O não ter um lugar próprio está ligado concomitantemente ao conceito de tática, dialogando dessa maneira com o que se propõe nesta pesquisa. Ou seja, o que o praticante produz com os símbolos religiosos (Bíblia e Culto) estabelece pontes com sua realidade mediante sua leitura e reflexão bíblica, sem intermédio de liturgias ou pastores, o contato com o sagrado, é uma ponte estabelecida neste momento entre o fiel, Bíblia, leitura e culto.

Posto isso, afirma Michel de Certeau (2014, p. 95) sobre o termo tática:

A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha. Não tem meios para se manter em si mesma, à distância, numa posição recuada, de previsão e convocação própria: a tática é movimento 'dentro do campo de visão do inimigo', como dizia von Bülow, e no espaço por ele controlado. Ela não tem, portanto, a possibilidade de dar a si mesma um projeto global nem de totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetivável. Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as 'ocasiões' e delas depende, sem base para esticar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. O que ela ganha não se conserva. Este não lugar lhe permite, sem dúvida, mobilidade, mas numa docilidade aos azares do tempo, para captar no voo as possibilidades oferecidas por um instante.

Posto isso, o fiel tem em sua ação a tática de manipular os símbolos religiosos cotidianamente, pois “trapaceia”, inventa, narra e transcorre em ações ligadas ao seu recinto e subjetividade do sujeito que manipula e tateia (no sentido do conceito de tática descrito na citação acima), produzindo de igual maneira uma literatura do sagrado.

Portanto, neste momento, depois de esclarecidos os conceitos de sucata e tática na nossa pesquisa, em que o praticante faz uso dos dois, fabricando desta maneira o sagrado, entra em cena o conceito de testemunho em direção ao trabalho histórico/historiográfico desta pesquisa, com o objetivo de depois dedicar-se aos testemunhos de fato dos praticantes da Comunidade Mosaico.

3.3 A reconstrução do sagrado cotidianamente

Tentar compreender o que o fiel produz com os símbolos religiosos (culto e Bíblia), tecendo o sagrado cotidianamente mediante o consumo da fé nas artes do fazer, é o objetivo primeiro desta pesquisa, justificando-se, portanto, enquanto um trabalho histórico/historiográfico mais precisamente ligado à área da História Cultural religiosa.

A metodologia abordada neste trabalho parte de uma leitura e análise bibliográfica densa e teórica, a exemplo de autores como Michel de Certeau (2014), Bruno Latour (1997), Marc Bloch (1991), com o propósito de uma melhor compreensão para o domínio de conceitos tais como bricolagem, sucata, fiel, tática e rede.

Assim, deste modo, contamos também para além de uma bibliografia, com a metodologia da história oral, de modo a coletar informações sobre as experiências e práticas de fé dos praticantes através de um questionário previamente elaborado, somando com a participação direta dos envolvidos na pesquisa.

Portanto, temos então o formulário usado para as entrevistas: Qual o seu nome? Quantos anos você tem? Como conheceu a Comunidade Mosaico? Há quanto tempo frequenta a comunidade? Qual foi a impressão causada ou sentimento ao conhecê-la? O que gosta na igreja? Para você, Deus está na igreja ou em todo lugar? Você consegue se conectar ao sagrado dentro e fora da igreja? É possível cultivar a Deus no espaço de sua casa, cotidianamente, no café da manhã, no balançar da rede? Tem algum espaço predileto de sua casa que gosta mais para cultivar a Deus ou ler a Bíblia? Com que frequência lê a Bíblia? Em quais lugares costuma ler a Bíblia? Existe alguma música, poesia ou coisas do dia a dia que te recordam os textos bíblicos, a palavra, ou ainda, a Deus? O que é o culto para você? O que é o sagrado para você? Qual a sua experiência no dia a dia com ele? Que tipo de cristão és tu? Existe algo que te faça se conectar mais ao sagrado mediante a sua leitura e visão de mundo? O que te faz mais sentir a presença do sagrado e a partir de qual forma?

Ao se analisar os testemunhos no que concerne à Comunidade Mosaico, temos então quatro dos seis depoentes que afirmam ser a mesma uma instituição que se coloca em constante

diálogo com a cultura e a realidade social na qual está inserida, e assim sua mensagem litúrgica, por exemplo, ganha um escopo de mais clareza e de sentido prático/pedagógico.

Em entrevista concedida no dia 18 de setembro de 2023, através da plataforma Google Meet, Talyson Monteiro narra da seguinte maneira:

E acho que o Mosaico, o que me chama atenção é porque, pra mim, e desde o começo isso, ele quebra certos paradigmas na forma, talvez não de organização administrativa, mas na forma de, de culto, né!?, a liturgia eu não sei tanto, eu acho que permanece a mesma, só que a forma de passar a mensagem, de re, de interpretar a mensagem e atualizar para os tempos atuais, acho que isso me traz, trouxe pra mim um grande diferencial, a ter uma visão mais progressista da fé, sabe!? Uma visão mais atualizada, claro dentro, é respe, ali a doutrina, respeitando ali a autoridade bíblica, mas, mas compatível com a realidade do mundo de hoje, acho que isso pra mim foi o maior impacto, sabe!?

Na mesma medida, Joama Cristina, em entrevista realizada no dia 02 de novembro de 2023, aponta:

Sim! É, me surpreendi de forma positiva, né!? por, por encontrar um lugar... plural, né!? assim como com pessoas é... diferentes (rissonha) assim eu posso dizer, de, de um público religioso tradicional, que a gente vê principalmente em cidade pequena, ée e também o formato, né!? um formato... mais informal assim digamos, né!? sem uma liturgia muito amarrada e também, é, com uma mensagem muito atualizada, atualizada no sentido de... trazer problemas reais, né!? e, e conjugar esses problemas reais com, com abordagem bíblica, teológica, e muitas filosóficas também, acho que foi esse conjunto assim que, que me chamou a atenção, né!?

Já Everton Ferreira, em entrevista concedida no dia 13 de outubro de 2023, assim relata:

É uma comunidade não convencional, com membros ée, não convencionais, quando eu digo não convencionais é, é que não se enquadram naquele éee, perfil e rótulo de crente, né!? De... de crente mais clássicos, enfim uma comunidade mais jovem, com uma pegada estética diferenciada e eu sou jovem (risos da entrevistadora), então isso, foi uma surpresa boa!

Equitativamente, temos o nosso depoente, Douglas Kaique, em entrevista realizada no dia 27 de setembro de 2023, que assim narra sua experiência com a Comunidade Mosaico:

Olhe, é... às coisas que mais me agradam na igreja mesmo em si, é... são as amizades que eu fiz, é... pessoas assim... eu acho que, à questão do acolhimento é uma coisa que a gente escuta muito, né!? As amizades, o acolhimento que a gente fez, mas talvez aquilo que tenha me, me ganhado de fato, tenha sido o evangelho, à forma como o evangelho é pregado. Porque acredito que esse seja o grande diferencial da Comunidade Mosaico, numa cidade de Pombal, a... com relação às demais igrejas, né!? Um evangelho assim, centrado mesmo no amor, no perdão, são coisas muito fortes, muito fortes, e, que do meu ponto de vista, é, é, a, trazem a realidade do que o evangelho prega! Com todo o respeito às demais igrejas ou os demais pensamentos ou as demais teologias, mas é, eu acho que assim... esse, o que a Mosaico prega

através do, do evangelho puro e simples, é o que casa com a forma como eu penso, como a forma que eu enxergo o mundo!

Podemos então compreender, de acordo com os quatro, que a Comunidade Mosaico (localizada no Alto Sertão Paraibano, em Pombal-PB desde o ano de 2015, nascida do protestantismo histórico, do projeto Vale Sertões) é uma instituição religiosa que se mostra preocupada com uma mensagem prática, que chegue de forma direta e simples para com os fiéis, (sem muitos termos teológicos que possam dificultar o entendimento dos praticantes). Mantendo-se, dessa maneira, um constante diálogo com o espaço socio/cultural no qual está inserida, seja simplificando a mensagem, trazendo novas ferramentas de abordagem (ao utilizar músicas no culto, poesias, etc.).

Portanto, entende-se aqui que os fiéis alcançam o contato com o sagrado por meio de uma simplicidade, sem necessitar de muitas “parafernalias”, fazendo o uso de ferramentas dentro da própria instituição como poesias, músicas, Bíblia, mensagem litúrgica, interligando assim os sujeitos crentes ao processo de cultivar ao sagrado.

Quanto à conexão com o sagrado fora da instituição e de que forma ela ocorre, Talyson Monteiro aponta:

Issooo..., é, eu, sendo bem objetivo, eu, hoje! né!? o contato com outras fés, de diversas matrizes, não, não somente é, cristãs mais, mais também como fés de matriz africanas, e outras formas de denominações, não necessariamente africanas, como, como também judaicas e tal, que eu tive acesso, éee (pigarro), me faz pensar num Deus como alguém abstrato, alguém que não reside em um culto específico, e, e isso eu acho que eu reforço até um pouco, mas, mas na verdade eu já tinha até assim, um pouco dessa visão no próprio Mosaico, porque obviamente o Mosaico é uma igreja cristã, a igreja que né!?, o Deus que a gente cultua, o Deus que a gente prega é, o Deus cristão e na, na, na forma né!? Como ele se apresenta, mas eu lembro muito das mensagens que falavam... em Deus como o mundo, em Deus como às coisas boas do mundo. E isso pra mim traz uma, uma abrangência que pode incluir diversas outras fés, de modo que eu possa ver Deus em tudo que é belo, em tudo que é divino, independentemente se é... algo de natureza cristã ou não, sabe!?

Em seguida, Everton Ferreira afirma que:

Éee, a conexão com o sagrado éeee... a conexão com o sagrado éee independe do lugar onde você está porque se você pisa no chão, o chão, já é sagrado porque é uma criação sagrada de Deus pra mim, éee, e, e se você respirar o ar, é, quer milagre maior que você respirar o oxigênio (inaudível), e os pulmões fazem você se movimentar eee fazem você viver, então mesmo que você não queira a conexão com o sagrado ela é constante, mesmo que você não entenda que você está conectado, mas você está conectado de alguma forma. aí se a pergunta for, como eu acredito e que me sinto bem com a conexão com o sagrado se na igreja ou fora da igreja, em todo lugar! Comendo, jogando futebol, éee enfim [...]

Douglas Kaique declara:

Não, eu acredito que sim, Deus habita em todos os espaços. É, é claro que a gente tem essa noção de que Deus está na igreja, né!? O, o prédio, a instituição, é... porque a

gente sabe que Deus se faz presente numa unidade, né!? Inclusive o próprio texto diz que: Onde estão reunidos dois ou mais, ali Deus está. Mas é óbvio que Deus está em todos os espaços, aonde a gente está, a gente carrega Deus na nossa vida. E a gente é a imagem de Deus pro mundo então... ele está em todos os espaços, mas no, no prédio, a igreja, na instituição em si, a gente entende que ele está, estará por causa da unidade.

Seguidamente, Lívia de Andrade Couto Paixão narra:

Porque nesse mundo corrido, a gente, é, o grande, a grande questão é que a gente muitas vezes tá desconectado do sagrado, né!? E Deus tá em todo o lugar, tá em todo momento conosco, ele é, Deus Emanuel, e tá sempre conosco, sempre ao nosso lado falando e a questão é, que a gente né!? No dia a dia, nas correrias, nas coisas tal tal, acaba é, se desconectando, né!? eee, há várias coisas que, que nos ajudam nessa conexão, então, no espaço Mosaico a gente procura sempre também zelar por, várias formas, várias coisas que possam ajudar nessa conexão, porque temos pessoas diferentes, pessoas que se conectam com o que vêm, pessoas que se conectam com o que ouvem, pessoas que têm mais facilidade com o toque, pessoas que têm mais facilidade com, enfim. Então, é importante mexer com, é, atuar, né!? com todos os, os sentidos também, porque nós somos um ser assim, té, assim, inteiros, integrais, né!? E que tem que, pensar nessas, todas essas, essa complexidade que é o ser humano, né!? essa, é isso! E assim, Mosaicooo, com, você falou até da, das artes tudo, eu acho, eu mesmo sou uma fã, porque é, a, a, eu me conecto muito, às vezes eu tô assim meio que vagando e, um, uma obra de arte, um... um símbolo ali me, me traz pra perto de novo, do, do sagrado.

Ainda sobre a conexão com o sagrado, temos mais uma depoente, Joama Cristina, que descreve sobre sua experiência de conexão com o sagrado fora do âmbito institucional:

Eu não consigo limitar em, e espaços, né!? num dá pra limitar em espaços, eu acho que... Deus é vivência, né!? é, é relacionamento... enxergo Deus na vivência e nos relacionamentos, então, é, num tem como limitar espaço, né!? já que se, eu vejo em relações.

É notório que os depoentes estão de acordo que Deus está em todos os lugares e que não há uma delimitação precisa de espaços, que não tem como o encaixotar em um lugar, mas apenas vivenciá-lo, experimentá-lo, pois a conexão com o sagrado acontece no tramitar da vida cotidianamente, conforme menciona Everton Ferreira “[...] em que se sente bem na sua conexão, seja jogando bola, comendo”, porque o contato com o sagrado é algo dinâmico e que deve acontecer naturalmente.

Outra observação interessante parte sobre o depoimento de Talyson Monteiro, onde vislumbra Deus “em tudo que é belo, em tudo que é divino” e que o contato com outras fés o fez perceber com mais clareza que o sagrado não tem um espaço certo, e assim Deus/sagrado é algo abstrato.

Deste modo, o praticante em nossa análise vai se conectando e “moldando” o contato com o sagrado, comunicando sua fé, dando sentido a ela, em uma constante relação com aquilo que entende por beleza, “é a transcendência do divino”, onde sua fé passa a ter uma

característica poética. Posto isso, vale acrescentar aqui que, de acordo com nossa análise, a Bíblia acaba por não ser a única ferramenta que diz sobre a prática de fé do cristão e o contato com o sagrado, muito embora seja preciso elencar que é sua base.

Lívia de Andrade Couto Paixão e Joama Cristina apontam em suas falas percepções diferentes sobre a presença de Deus nos espaços cotidianos. A primeira aponta sobre a relevância da arte, dos símbolos em seu processo de conexão; a segunda destaca o fato de o contato ser relacional, ou seja, depende dos relacionamentos cotidianos.

Neste sentido, temos a presença de Deus em diversos espaços e o contato com o sagrado pode fluir em qualquer lugar, seja através de uma poesia, algum desenho, alguma letra de música, fazendo com que o praticante interaja com este ambiente, com estas ferramentas que servem como ponte e ponto de conexão. Demonstrando, dessa maneira, que a intimidade com o sagrado possui uma tocadela de transcendência.

Em seguida, temos o nosso quarto entrevistado(a):

Então, é, aí ele me toca de várias formas, né!? É, é, às vezes com a natureza, né!? Eu sinto sua presença e a, a sua voz por meio é, da natureza, às vezes por a, por, é, por alguma arte, seja música, seja mesmo um..., um... uma escultura, né!?, uma cruz, né!?, por exemplo, uma cruz fala muito comigo, é, muitas vezes, é ou outro, outra obra de arte, né!? Éee a gente tava, tinha lá nas paredes do outro, da outra, do outro espaço que a gente tava, ti, tava alugando, ahh, umas obras de arte, né!? que, que Edna é... pintou na parede, desenhou na parede na verdade e aquelas obras assim, tipo!... vez por outra me tomavam, e assim, me emocionavam de um jeito... É, muito forte, às vezes eu tava assim, meio que vagando, minha mente vagando, e aquilo ali me, me trazia pro eixo, né!? me trazia pra... pra dentro de mim, me trazia pra essa comunhão, com esse contato com o sagrado. Então assim é..., há várias formas de, de como ele fa, fala comigo, né!? às vezes pela leitura da bíblia também, por uma oração, então (inaudível), mas assim, é má, é muito forte comigo, às vezes um, um abraço de alguém, um encontro, né!? um acontecido, enfim [...] e eu posso, eu consigo assim percebê-lo no dia a dia, acho que no dia a dia, em várias coisas, às vezes a gente tá até fazendo alguma coisa corriqueira e de repente é tomado por, por essa presença assim dele, por essa atuação assim dele, em, dessas coisas tão simples, né!? éé, é isso. Não sei se eu respondi sua pergunta (risos) (Lívia de Andrade Couto Paixão, 2023).

Muito embora Lívia de Andrade Couto Paixão (2023) discorde que o sagrado não seja construído cotidianamente, fabricado “pelos artesãos da fé”, pois o sagrado/Deus é dado, ele é e ponto, estando de acordo com o que expôs Mircea Eliade (1979), discutido no primeiro capítulo desta pesquisa, entendemos aqui enquanto um meio de bricolage. Pois compreendemos aqui o ato de percepção do divino no dia a dia, em coisas simples e corriqueiras transformando não apenas os espaços físicos como também a própria relação com o sagrado fora do âmbito institucional, (o lugar marginal por excelência como afirma Michel Certeau, 2014), enquanto uma fabricação do sagrado.

Pois há um tecer do sagrado no ato de refletir, de perceber e sentir, de gerar sentidos nos objetos que lembrem sua fé, praticando e exercitando sua religiosidade fora do templo da Comunidade Mosaico, é assim que percebemos a ordinariedade do fiel protestante, onde há também um lugar de produção de religiosidade e fé, porém, à margem da instituição.

Nossa depoente Joama Cristina (2023), sobre a conexão através da poesia, nos conta:

É, não é marcado não. eu num tem, eu não tenho um momento específico do dia, é, porque às vezes acontece até no contato com outra pessoa, pode ser no ambiente de trabalho ou fora dele. Eu digo ambiente de trabalho porque é onde eu passo a maior parte do meu dia. Ée então não tenho! Às vezes uma música (risos), me traz Deus enquanto eu tô fazendo, preparando uma refeição e eu tô ouvindo uma música e essa música me traz Deus, né!? então não tem, não tem assim, mas eu, eu gosto muito das manhãs, né!? eu, eu procuro assim, me sensibilizar mais durante às manhãs e é muitas às vezes através de música mesmo, ou alguma música ou fazendo a leitura de, alguma leitura mesmo, né então! Se fosse pra determinar um horário assim, se eu tivesse uma rotina fixa (risos), éee eu acho que, que as manhãs me traz essa, essa sensibilidade sabe!?! pra vida e consequentemente praa, pra perceber e ouvir Deus, sabe!?!

Tanto Joama quanto Everton expõem em seus relatos que o contato com pessoas é algo em que se deparam com o divino/sagrado cotidianamente. De que Deus também é vivência e relações, seja no trabalho, na própria comunidade, em casa ou nos horários da manhã, conforme mencionou nossa depoente, Joama, em que se sente mais sensível nos horários da manhã, se conectando com facilidade ao sagrado.

O escritor, pastor presbiteriano e teólogo, Rubem Alves menciona sobre a teologia da cozinha já citado no primeiro capítulo, mas peço licença para mais uma vez elencar, porém com uma pequena frase da qual faz menção no livro: "Por uma Educação Sensível" (2023, p. 61), do filósofo Ludwig Feuerbach: "O homem é aquilo que ele come". Parafraseando esta frase, dizemos o seguinte: "O fiel protestante é aquilo que ele está consumindo rotineiramente em plena relação com o sagrado", o consumo de sua fé nas artes do fazer. As ferramentas de que se servem como conector estão para além da utilização da Bíblia como "elo de ligação", a ponto de ser uma música o meio de cultivar, de se vincular a uma experiência de fé e religiosidade.

No que concerne ao ato de cultivar e utilizar a Bíblia, temos Livia de Andrade Couto Paixão:

Ahh eu acredito que cultivar, né!?, Culto a Deus, é um momento de entregar ummm, uma parte do seu dia, uma parte do seu momento pra estar com Deus. É a forma como eu enxergo. Antigamente a gente via o culto mais, é, é, nos textos mais antigos, a gente entendia que cultivar a Deus seria é... oferecer sacrifícios e tudo mais, então, eu acredito que do, do meu ponto de vista, cultivar a Deus é tirar aqueles, aquele momento para estar conectado, para estar em adoração, pra é, agradecer a Deus. São trechos do nosso dia que a gente não pode deixar de ter, é... pra estar com Deus! Cultivar é estar, estar com Deus, em algum momento de nossa vida [...] Claro, claro! A leitura até

analítica da Bíblia, né!? Ou então de conhecimento, não necessariamente só pra, pra orar, mais é, é

Dando continuidade à nossa pesquisa, temos a convergência dos entrevistados no que diz respeito a encontrar Deus em quaisquer espaços em que se sintam sensibilizados e que se conectem de alguma forma ao sagrado. Vejamos o que declara Lívia de Andrade Couto Paixão:

Isso varia, isso na minha jornada varia, variou muito, ahh, houve momentos e épocas (pigarros), é, em que, é, eu tinha uma prática, uma rotina, né!? o, no horário, é, e um jeito de fazer, né!? e já teve momentos em que não! tipo, ah! Ler, ler a bíblia, orar e tal, meditar e tal, anotar e tal! Mas teve out, outros momen, outras épocas, em outros momentos que, é, isso era mais, não, não com, com, horário ou, ou, é, sei lá, local sabe!? É, já outros, vai, vai de cada momento, vai de, de, é de, de época. Entrevistadora: É algo fluido. Depoente: É, vai de momento, é! Vai de momento. Entrevistadora: não tem... Depoente: Até porque assim, é, como eu disse, né!? é, essa, essa... esse mome, esse encontro, esse momento assim, de estar com, com ele, ele acontece até mesmo no, no, no, no dia a dia, no, enquanto você faz as coisas, mas é interessante sim, é, também, é importante também o, o estudo, o sentar pra, pra beber um pouco mais profundamente, né!? sobre, sobre aquilo que você acredita e sobre o que ele tem pra te dizer, te dizer, né!? é, pra você mergulhar dentro de você mesmo e ouvir, é, a voz dele trazendo direcionamentos de ajustes da própria vida e tal. É, isso aí varia muito, My! Num tem uma coisa assim, é, certinha não. Eu já fui, é, por épocas assim, de pegar, anotar os versículinhos, algumas coisas chaves da devocional, e botar uns post-its assim no guarda-roupa, na parede e tal, já fui várias coisas assim, né!? vai de, vai até, às vezes já fui de fazer negócio mais com música, já fui de fazer, de ir pra um local aberto onde, onde podia ver à natureza, então depende muito, às vezes eu tô até assim, fazendo, trabalhando e tal, fazendo outras, coisas do serviço e de repente vem aquele desejo de parar tudo, ou al, ou eu tô ouvindo alguma música e ela me, me toma, e às vezes paro tudo, e contemplo ali, e às vezes não paro e ali mesmo, fazendo ainda às coisas e aquilo ali mexe comigo, então não tem uma, uma coisa fixa, uma receita, ou nada disso não.

A depoente traz coisas interessantes em sua fala, onde esta conexão com o sagrado vai sendo modificada ao longo do tempo, em que as maneiras de o enxergar cotidianamente vão sendo transformadas, onde a forma como se sente e vai conduzindo a vida acaba por influenciar na maneira de cultuar a Deus no dia a dia, e assim os métodos vão sendo refeitos e recriados em constante diálogo com o movimentar da vida.

As visões que eu, eu tenho da fé, né!? foram mudando no decorrer do, e sobre a visão que, que eu tenho sobre Deus também, que eu, nessa, nessa jornada toda elas foram mudando com o tempo, né!? como eu, tanto, por vários fatores, tanto porque nós somos como eu disse, somos seres em movimento, né!? nós somos, temos é, é passamos por fases tanto pela questão de idade mesmo, mas também muito a questão de vivência, experiência, né!? e tudo mais, é, e... me perdi aqui! Sim, então é, apesar de crescer num, num, num, num lar cristão como eu disse, essa coi, essa visão sobre, sobre Deus e sobre a minha a, a minha a, a minha experiência com ele, foram, foram mudando, né!? foram mudando e cont, e acho que elas vão continuar mudando, né!? porque eu tô com, com essa idade agora, daqui a pouco, né!? é, às, às questões vão, vão e às necessidades, os anseios, às dúvidas, os questionamentos, e as angústias e os medos e ou e outras coisas mais, vão mudando no decorrer do tempo e, também o meio, né!? Em que eu estou também, me trazem é, outros, certos questionamentos e,

né!? é, é nessa jornada que, que eu vou descobrindo ainda mais quem, quem ele é e quem eu sou, é então, eu diria que sou uma cristã em uma, numa jornada, em construção, buscando conhecer mais a, esse Deus que é, pra que assim eu possa também entender melhor como ele me vê quem eu sou, né!? e quem eu sou, é, é isso!

No que diz respeito à entrevistada Joama Cristina:

Entrevistadora: "Você gosta muito de Rubem Alves, né!?" Depoente: "Sim!"
 Entrevistadora: "Como você faz essa ponte de ligação? De como cultivar a Deus não utilizando a Bíblia e utilizando o Rubem Alves, por exemplo?" Depoente: (risos) "Vou, vou usar uma frase dele!" Entrevistadora: (gargalhadas) Depoente: "É... pra, eu não lembro se é pra encontrar Deus ou é pra conhecer Deus, eu li os poetas e não os teólogos, ah então. Eu acho que Deus está muito mais no, no que sensibiliza a gente pra vida, sabe!?" Entrevistadora: "Sim." Depoente: "É, então... o, o Rubem Alves ele, ele... tem, né!? um histórico de subversivo (risos), né!? por, por trazer uma, uma visão da teologia da cozinha, né!? que é muito mais a aproximação entre, entre pessoas e, e a ideia de uma vida prazerosa, né!? do que a religiosidade apresenta, né!? que é cheio de formalismos, é... que, que traz distanciamentos e uma ideia muito de, de sacrifício, né!? de um, de que, é... Deus estaria na, na oferta de sacrifícios e, e ele traz uma visão totalmente diversa, de que uma vida com Deus é, é uma vida no paraíso de delícias, né!? e, traz essa percepção de, de prazer mesmo, né!? pra, pra o exercício da espiritualidade. Então... é isso que, que eu tento, né!? (risos), trazer também pra, pra minha vida, desconstruir o Deus que eu, que a religião me apresentou, pra essa concepção que faz muito mais sentido." Entrevistadora: "O que é culto para você?" Depoente: (pausa) "Forma de vida, forma de vida!"

As falas dos entrevistados revelam que a conexão com o sagrado é dinâmica e fluida, variando conforme as experiências de vida e as influências do meio. O contato com o divino pode acontecer em qualquer lugar e momento, seja através de práticas tradicionais como a leitura da Bíblia, ou por meio de experiências sensoriais e emocionais, como a música, a arte e as interações cotidianas. A espiritualidade é vivida de maneira pessoal e em constante transformação, refletindo a jornada única de cada indivíduo em busca de significado e conexão com o sagrado.

Em seu testemunho podemos notar a citação da teologia da cozinha¹⁸, mencionada no primeiro capítulo, ao qual o homem ordinário se utiliza do que tem para fabricar o sagrado e cultuá-lo para dar sabor, porque as doutrinas e questões burocráticas da instituição religiosa por vezes tiram o sabor da experiência religiosa corriqueira.

Para Joama Almeida, a forma de vida e o contínuo da vida são o culto, de maneira a ser uma experiência no dia a dia, onde o sagrado é transposto e experimentado, desconstruindo um

¹⁸Sobre a teologia da cozinha. O sábio conhece com a boca, o cientista, com a cabeça. Aquilo que o sábio conhece tem sabor, é comida, conhecimento corporal. O corpo gosta. A palavra "sapio", em latim, quer dizer, "eu degusto" ... O sábio é um cozinheiro que faz pratos saborosos com o que a vida oferece. O saber do sábio dá alegria, razões para viver. Já o que o cientista oferece não tem gosto, não mexe com o corpo, não dá razões para viver, mas tem poder" ... É verdade. O sábio ensina coisas do amor. O cientista, do poder. ALVES, Rubem, 2023, p. 37.

Deus para uma concepção e percepção de um divino até mais poético, pode-se dizer, colocando em síntese que “Deus é/ ou está para o que sensibiliza a gente pra vida”.

Neste sentido, as “memórias que falam” ou que falaram aqui, possibilitando um engendramento, uma construção narrativa do fiel marginal, de acordo com as entrevistas concedidas para este trabalho, abraçamos e concordamos no argumento em dizer que se tem então “produções silenciosas” do praticante que norteiam e são simulacros de seu credo, artes do fazer mediante o consumo, pois tanto a Bíblia é bricolada quanto o culto (o cultuar em diversos espaços, não significando por sua vez a negação de um).

A bricolagem acontece quando o fiel faz ligações entre a liturgia na igreja até o ato de se conectar através de uma música em seu cotidiano, através de outras leituras de textos em paralelo ao que se lê na Bíblia, seja por meio da observação da natureza ou uma obra de arte, como os nossos depoentes declararam.

Posto isso, o homem ordinário da religião não é apenas um consumidor; os usos das táticas e estratégias dos símbolos, uma produção de uma história de microrresistências, transformam suas experiências em um processo contínuo.

É, portanto, no recinto do cotidiano, por sua inteireza, lugar de aconchego, espaço de liberdade daquele que cria, que se analisou os passos e as ações dos fiéis, no exercício e práticas/manuseios com os seus símbolos, fazendo ser possível uma literatura religiosa, “um enunciado do sagrado pelo praticante”, uma força de sua diferença pelos caminhos de rupturas (não de maneira integral). Concernindo, portanto, analisar o fabrico e/ou ressignificar os dois símbolos: a Bíblia e o culto

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao abrir a caixa dos símbolos (culto e Bíblia), percebemos que a bricolagem é uma tentativa de dar novo sentido a algo que já tem sentido, portanto, é uma abertura (caixa preta dos símbolos), configurando-se desta maneira em práticas culturais, “maneiras de fazer”, exercícios de táticas que organizam/reorganizam os espaços dos sujeitos de forma a estabelecer uma lógica, que fora criativa, inventada. Em síntese, é uma forma de fazer ligada às subjetividades, criando modos de identidades que dão sentido.

Portanto, a pesquisa que teve como objetivo compreender o que o fiel produz com os símbolos religiosos (culto e Bíblia) constatou que tanto a produção quanto o consumo da fé nas artes do fazer estão relacionados com as subjetividades das pessoas, com suas práticas de fé no cotidiano.

Desta maneira, conclui-se que, na experiência religiosa do fiel protestante da igreja Mosaico, o sagrado é tecido cotidianamente através do consumo da fé perante a arte mundana em uma constante relação entre fiel, cotidiano e instituição.

Produziu-se desta maneira uma narrativa histórica do fiel cristão protestante da Comunidade Mosaico-IPI-PB, partindo da relação e experiência religiosa que possui com a igreja, assim como a constituição de experimentações do sagrado externamente. Uma perspectiva histórica/historiográfica deste trabalho que muito tomou os conceitos de bricolagem e tática, de Michel de Certeau (2014), em que História, antropologia e História das religiões se interligam de maneira substancial, dando qualidade ao trabalho em questão.

Dessa maneira, nos apropriamos da história oral enquanto uma possibilidade de escrita histórica, sendo antes de mais nada um método de narrativa que aponta para outras realidades, treinando olhares e escritas para um outro horizonte que não se detém ao compromisso com a história dos grandes nomes e feitos.

Marc Bloch (2001, p. 78) nos esclarece no que diz respeito aos testemunhos:

Mas, a partir do momento em que não nos resignamos mais a registrar [pura e] simplesmente as palavras de nossas testemunhas, a partir do momento em que tencionamos fazê-las falar [, mesmo a contragosto], mais do que nunca impõe-se [sic] um questionário. Esta é, com efeito, a primeira necessidade de qualquer pesquisa histórica bem conduzida.

O testemunho oral por si só não diz nada, nem qualquer outro documento/fonte. Havendo de ser preciso, entretanto, um caminho traçado pelo historiador(a) que indague suas fontes, elabore problemas, trace caminhos e se faça ser sensível para com o contexto dos

acontecimentos e o próprio procedimento de elaboração da escrita histórica/historiográfica que se constrói permeada por circunstâncias sociais, políticas, culturais e econômicas, refletindo em sua escrita.

Deste modo, entendemos que a religiosidade aqui tratada dos cristãos protestantes, também de acordo com seus testemunhos, são suas crenças e ações de sujeitos que geram um sentido de sagrado atrelado às suas realidades históricas-sociais, se utilizando de ferramentas como poesias, músicas ou obras de arte para tecer e/ou se conectar ao sagrado, conforme apontado no terceiro capítulo e corroborando com esta ideia nos declara um depoente:

Da arte, da arte, de Ferreira Gullar diz que: 'A arte existe porque a vida não basta' e aí, eu, eu penso muito nisso, no tudo que transcende o que é humano, eu vejo como divino. Eu, pra mim o divino não é o que não pode ser explicado, no caso dá pra explicar, tudo que não pode ser explicado, é porque é divino, então... né!? Tu, tudo que o humano não explica, liga-se a religião... pra mim num é meio isso, mas é aquilo que transcende a própria existência humana, que você explica! mas que você vê que aquilo não é, não é somente humano. Então a arte pra mim traz uma ligação muito forte com isso. Eu consigo por exemplo, escutar uma músicaaaa éee, sei lá! Gilberto Gil cantando: Se eu quiser falar com Deus, eu consigo escutar Bethânia cantando: Oração ao Tempo, eu consigo escutar, a Marisa Monte cantando: Vilarejo, eu vejo Deus ali, eu vejo o divino ali, na verdade eu sinto isso (Talyson Monteiro, 2023).

Assim, consideramos que a arte mundana, fora dos holofotes do templo na Mosaico, é a base de uma fé que visa o divino, mas acerta as sensibilidades dos fiéis. Portanto, o divino é humanamente construído, mesmo que ele exista fora do homem, só se concretiza no homem, em seus feitos, em uma realidade social, no “cozimento” de uma religiosidade interligada às subjetividades dos sujeitos crentes

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. 3. ed. – Rio de Janeiro Editora FGV, 2013.,
- ALMEIDA, Bruno Rogério Paixão. **Projeto de Plantação de Igreja**. 2019.
- ALVES, Rubem. **O que é Religião**. Coleção primeiros passos.
- ALVES, Rubem. **Por uma Educação Sensível**. São Paulo: Principis, 2023.
- BANDEIRA, Alba Cássia Silva. **A Origem e o Impacto do Protestantismo no Município de Pombal (1880-1940)**. Cajazeiras-PB. 2013.
- BARROS, José de Assunção. **A Nova História Cultural- Considerações sobre o seu Universo Conceitual e seus Diálogos com outros Campos Históricos**. Cadernos de História, Belo Horizonte. v 12, nº 16, 2011.
- BUARQUE, Virgínia A. Castro. **A Epistemologia “negativa” de Michel de Certeau**. Trajetos- Revista de História da UFC, v 5, 2007, nº 9/10,
- BURKE, Peter. **A Escola dos Annales (1929-1989): A Revolução Francesa da Historiografia**. 2 ed.- São Paulo: Editora da Unesp, 2010.
- BURKE, Peter. **A Escrita da História, Novas Perspectivas**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.
- CALVACANTI, H. B. **O Projeto Missionário Protestante no Brasil do século 19: Comparando a Experiência Presbiteriana e Batista**. Revista de Estudos da Religião, nº 4. 2001, p. 61- 93.
- CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano**. 1. Artes do fazer. 22. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.
- CERTEAU, Michel de. A Operação Historiográfica. In. **A Escrita da História**. 3. ed. Rio de Janeiro. Editora Forense, 2020.
- COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **O Culto Cristão na Perspectiva de Calvino: Uma Análise Introdutória**. nº 2, v III. Fides Reformata, 2003: 73- 104.
- COSTA, Hermisten Maia Pereira da. **Os Símbolos da Fé na História: Sua Relevância e Limitações**. Fides reform/2004-001 a 076. 2004.
- CRAWFORD, Robert. **O que é Religião?** Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos**. 1º edição. Editora Arcáida. Campo de Santa Clara. 1952.
- ELIADE, Mircea. **O Sagrado e o Profano**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FRANCO, Bárbara Lopes; OLIVEIRA, Josiane. **As Práticas de Constituição dos Espaços Organizacionais e dos Espaços das Cidades: Contribuições de Michel de Certeau aos**

- Estudos Organizacionais.** IV Congresso brasileiro de estudos organizacionais- Porto Alegre, RS, Brasil, 19 a 21 de outubro de 2016.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas.** Rio de Janeiro, RJ. 1926.
- GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes, O Cotidiano e as Ideias de um Moleiro perseguido pela inquisição.** 1ª ed. – São Paulo: Companhia das letras, 2006.
- JEAN, Delumeau. **Nascimento e Afirmação da Reforma.** Biblioteca Pioneira de Ciências Sociais. História. Série “Nova Clio”. São Paulo, 1989.
- JÚNIOR, Paulo R. Souto Maior. **Um Passeio Primavera com Certeau: Nas Pegadas do Cotidiano e da Cultura.** n° 3. Cadernos de Clio. Curitiba. 2012.
- LATOUR, Bruno. **Ciência em Ação.** Como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. 2. ed. São Paulo: ED. Unesp, 2011.
- LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. **A Vida de Laboratório.** A produção dos fatos científicos Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.
- LINDBERG, Carter. **História da Reforma.** ed. 1. Rio de Janeiro. 2017.
- MARCHI, Euclides. **O Sagrado e a Religiosidade: Vivências e Mutualidades.** História: Questões & Debates, Curitiba. n° 43. Editora UFPR.
- MARSHALL, Peter. **Reforma Protestante, Uma Breve Introdução.** 1 ed. Porto Alegre. RS: L&PM, 2017.
- MEIHY, José Carlos Sebe B; Holanda, Fabíola. **História Oral: Como Fazer como Pensar-** 2 ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Memória, História Oral e História.** Provocações-Memória, história Oral. 2010.
- MENDONÇA, Antônio Gouveia. **O Celeste por vir, a Inserção do Protestantismo no Brasil.** São Paulo. Ed. Paulinas, 1984.
- MONTENEGRO, Antonio Torres. **Comblin: Historiografia, História Oral e Memória.** Estudos Históricos. Rio de Janeiro, v 34, n° 74, p. 492-511, 2021.
- MONTENEGRO, Antônio Torres. **História Oral e Memória.** A cultura popular revisitada. 3ª ed. Caminhos da História, Contexto, São Paulo 1994
- MONTENEGRO, Antônio Torres. **História Oral, Caminhos e Descaminhos.** Revista de cultura do centro de memória -UNICAMP. Campinas, 1991.
- MONTENEGRO, Antonio; GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. **Testemunho, Narrativa e Historiografia.** In: De AMORIN, Helder Remigio. et al. História em Debate: Cultura, Intelectuais e Poder. Editora Appris, 2020, p. 77-86.

- MORAES, Márcia Oliveira. **O Conceito de Rede na Filosofia Mestiça**. Informare- cad. Prog. Pós-Grad. Ci. Inf., v 6. n 1, p. 12-20. Rio de Janeiro, 200.
- ORO, Ivo Pedro. **O Fenômeno Religioso**. Como entender. São Paulo, 2013.
- PETERS, José Leandro. **A História das Religiões no Contexto da História Cultural**. Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História, UFJF. n 1, v1, 2015.
- PORTELLI, Alessandro. **O que Faz a História Oral Diferente**. Proj. História, São Paulo, 1997.
- PRADO, André Pires do; JÚNIOR, Alfredo Moreira da Silva. **História das religiões, História Religiosa e Ciência da Religião em Perspectiva: Trajetórias, Métodos e Distinções**. Religare, ISSN. v 11, n 1, 2014.
- QUADROS, Eduardo Gusmão de. **No princípio, Um Lugar: A arqueologia religiosa de Michel de Certeau**. n°. 1. v. 12. História Revista, Goiânia. 2007.
- RIPOLI, Fernando. **Apontamentos sobre a Implantação do Protestantismo no Brasil: História, cultura e tradição**. Revista eletrônica Correlattio v. 17, nº 2, 2018.
- SANTOS, Antonio César de Almeida. Fontes orais: Testemunhas, trajetórias de vida e história.
- SANTOS, Lyndon de Araújo. **O Protestantismo no Advento da República no Brasil: Discursos, estratégias e conflitos**. Revista brasileira de História das religiões, ANPUH, nº 8, 2010.
- SILVA, Edson Pereira da. **A Linguagem da Fé, A importância do Símbolo Religioso em Paul Tillich**. n°. 24. v, 12. Revista Eletrônica Correlattio. 2013.
- SILVA, José da Silva. **A propagação do Cristianismo Protestante no Sertão Paraibano entre 1890 e 1930**. Cajazeiras, 2012.
- SOUSA, Emerson José Ferreira de. **“Vivas ao Santo Padroeiro das Chuvas”: (RE) Significações Religiosas no Culto a São José, Pombal-PB (1950- 1980)**. Cajazeiras-PB. 2018.
- ZANON, Volante Dulcimeire Ap; ALMEIDA, Maria José P. M; QUEIROZ, Salete. **Contribuições da leitura de um texto de Bruno Latour e Steve Woolgar para a formação de estudantes em um curso superior de Química**. n°. 1.v, 6. Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias. 2007.
- JACQUES, Le Goff. **História e Memória**. Campinas, SP, Editora da Unicamp, 1990

ANEXOS

TRANSCRIÇÃO DE TODAS AS ENTREVISTAS

Entrevistadora: Qual a história da comunidade Mosaico?

Deponente: Qual a história!?

Entrevistadora: Sim!

Deponente: Então..., Myrelly... ela é um acidente (risos), na verdade assim! É, eu...(pausa) ela se divide institucional e também pessoal. É, quando eu, eu, eu fu, fui pra, mudei pro protestantismo, eu entrei numa igreja que se chamava, Comunidade Cristã Caverna de Adulão. É a primeira comu, é a primeira igreja evangélica no Brasil que...trabalhava com nicho underground, com panks, com hippes, com, com à “sujeira” da sociedade. A gente nasce láaaa na década de 90, no final da de 80, 90, é... meu pastor era presbiteriano e ele era presbiteriano do brasil, de Niterói tal! começou a trabalhar lá... e..., só que ele gostava de metal, cara! E naquela época é aquela coisa assim: crente não pode, crente não sei o quê, eeeee ele gostava muito, muito, muito mermo e, aí ele foi, ele começou a... a viajar pra Belo Horizonte, porque Belo Horizonte naquela época era a capital do Rock e tinha tudo que acontecia no, no brasil de rock era em Belo horizonte. Ele viajava de ne, Niterói pra Belo Horizonte, ia pra show, ia pra esse negócio e ele começou a fazer amizade. Começava a fazer amizade! Daqui à pouco, não tem como a gente não semear, Deus, pras pessoas, nê!? Aí ele começou a falar de Deus pros cara e os cara começaram a achar legal aquilo e tal! e ele voltava pra Rio trabalhar e quando tinha um show ele voltava e os cara: - não venha aqui pra casa! e vem pa num sei o quê e tal. E ele passou um tempo fazendo isso, assim! nu, sem muita intenção, não era a intenção deeeee, era curtir o que ele gostava. Aí teve uma época, quê, hum, que ele contando isso pra gente. Teve uma época quele, ele chegou lá e a galera oh! Ele ficava sempre num, numa, num quarto do cara, num negócio assim, começou a ter uma pessoa que acolhia ele lá e a esposa. Aí ele disse assim: - cara! ram, muito doido!, ele foi pra lá e, foisim ca, o cara falou assim: arrumamo uma geladeira prô cê!... Botaram no quartinho lá, uma geladeira pra ele. Aí ele falou, uma geladeira é um negócio estável! num é um negócio... (risos), é um móvel, nê!?, num um negócio que cê... é estável... aí ele ficou assim... falou, rapaz eu acho que... que eu tenho ficar aqui. Ele, ele viu isso como um sinal. Ma rapa eu tenho que ficar aqui!. E aí ele ficou com essa pulga atrás da orelha, de, de, de ter que voltar pra Belo Horizonte e ficar! Não me lembro porque quele, que ele disse que foi pra lá. E começou um tra, trabalho lá nessa época, ele largou tudo lá em... em Niterói e veio pra ficar com essa galera. E aí... É... ele começou um trabalho evangelizando essa turma, que ninguém, igreja nenhuma queria, ninguém chegava perto. Ele começou a trabalhar com os redbangers, depois com os pank! Na época era muito dividido: redbangers, pankers, cyber, clubber, traveção, que na época agente chamava de traveco e, dee, de tudo! E ele começou a trabalhar com isso e, na época ele não tinha nome, o negócio não tinha nome. Aí... (pausa pequena) ficou pequeno, aí foram pra garagem dá, dá, dá, de uma irmã lá da minha igreja, aí na garagem os cara começaram a achar estranho porque tavam todos as tribos urbanas no mesmo lugar e, eles botaram um negócio assim: santuário do rock! aí come é que pode os cara que é sábio gostar de música eletrônica, os hippies eeee tudo mais, aí o Fábio foi, ahh esse negócio tá meio estranho. E aí, éé, junto com ele começou a chegar gente boa, cara! aí Começou a chegar um pastor que era da, de uma igreja americana, que tava começando lá nos estados, lá em BH, que era uma comunidade Hippe chamava: Jesus people, essa comunidade hippe, é eles tinham um prédio nos Estados Unidos, eles viviam em comunidade no prédio (tosse), aí tinha... é, editora, gravadora de disco, eles viviam em comunidade, assim, tudo era pra aquela comunidade funcionar e no, no, no, no inverno eles faziam aquilo de albergue pros cara na, na, nus... então é...aí esse cara é, ele começou a juntar com a gente assim, ôô essa turma! e eles tinham lugar,

pra, pra, pra se reunir e tal. E aí o Fábio falou assim: -rapaz!, ele é, chama Eduardo e a gente chamava de gurudu, porque ele era bem assim... (expressão e jeito de budista expressado pelo depoente), aí, aí ele falou assim, mar rapaz Eduardo, eu vou, eu vou, eu vou deixar o trabalho com você cara, que vou voltar pro Rio. Ele do Rio nê!?, ele era do rio. Eu vou voltar pro rio e você fica com essa turminha aí tal. Aí ele falou não bruno, não Fábio você que tá com a turma aí e eu tô junto. Aí é, ele rompeu com a igreja americana e ficou com, com, com o Fábio. Aí já vinha, um presbiteriano mais um cara que, que era de uma igreja livre, que não tinha denominação, era uma igreja livre. (pigarro). Aí um pouquinho mais pra frente, acho que em noventa e um, eles... um cara batista, é um pastor... da, e, era um professor da universidade lá da UFBG, nerd doente, doente, nerdão mermo assim, um pastor batista, é... rompeu com a igreja batista, porque tava de saco cheio da, do, da cabeça pequena e juntou com agente, aí, Fábio, Eduardo e Lívio, Lívio Bruno chamava. Aí ficou aquele negócio, Fábio encontrou com um amigo dele, que era..., que era, que era..., pastor presbiteriano nê!? Aí Encontrou na rua, um cara mal, o cara na rua mermo e tal! E aí ele começou, colega dele de seminário, e começou caminhar, Geraldo foi ficando mais saudável espiritualmente veio também! Então ficou, Fábio, Geraldo, Eduardo e Lívio. E esses caras, rapaz! Eles nunca pensaram que aquilo iria virar uma igreja... era um movimento esse tempo tal... Aí em noventa e dois, é... agente perdeu o espaço lá do, do, do eu fui pra lá em 92. Em 92 a gente perdeu o espaço lá do (tam), do... Gurudu porque a igreja lá parou de, de, ajudar agente te, aí a gente foi pudento (foi quando eu conheci eles), agente foi pra dento de uma igreja batista que... se, deixava agente usar o templo no sábado, aí o pastor começou a crescer o olho porque era uma, uma galera mermo de menino jovem e tal! Aí o pastor queria tomar do, Fábio... (pausa pequena) e aí... o Gurudu, Gurudu é médico, ele é cardiologista, aí o Gurudu... falou: mar rapaz... vamo pra universidade! Aí ele conseguiu um contrato lá de agente alugar uma sala da faculdade de medicina (que era um anfiteatro assim! Um negócio assim nê!?, aquelas salas antigas...) aí ele falou: -A gente vai pra faculdade, a gente se reúne todo domingo, e du, e durante à semana a gente vai fazendo às coisas assim, na praça num sei aonde e tal, num sei o quê! Aí ele tá! (e eu cheguei nessa época) ... agente tava migrando... foi assim! na última semana lá, dá, dá, dá... do templo lá batista, e eu me lembro que naquela lá, eu cheguei lá agente tava carregando instrumento, leva pa casa de num sei quem e tal, porque num tinha mais lugar pá guardar às coisas (respiração profunda). E aí é... eu cheguei na igreja porque fui evangelizado por uma hippe na praça, e eu achei muito estranho aquilo... nê!? Eu num acreditava em Deus e tudo mais e a mulher me pega na rua e começa a falar bobagem comigo, eu nem ouvi ela assim! É uff! eu num... sabe a pessoa tá falando eu num tô nem aí!?, mas aquilo me tocou de alguma forma, eu num sei o que ela disse, eu num sei, eu num prestei atenção. Eu só sei que alguma coisa me tocou, e eu fui atrás desse povo. E aí quando eu cheguei lá... tava nesse negócio nê!? A igreja era igual a essa aqui (turaaa), vamo fazer e tal! Então não tinha essa coi, essa diferença de...você é crente, você não é e tal! E aí... é... a gente, eu entrei e aí tal, agente foi pra faculdade de medicina e minha comunidade ela é muito assim: ela é muito de Jesus e nãooo denominacional. Então agente num sabia o quê que era na linha das denominações ou linhas teológicas, agente não sabia o quê que era porque cada um veio de uma tradição (risos) entendeu!? Um era presbiteriano, outro era... batista, o outro era livre, outro, então agente, eu me lembro que, comecei a ler essas coisas e eu falava, pastor agente é o quê? Ele falou assim: – agente é de Jesus, Bruno! (risos), mais, Eu achava a coisa mais idiota do mundo, o que ele falava comigo. Que ele falava assim: -isso não importa! Se o cara acredita na predestinação, se no livre arbítrio, num, nu sei o quê (batida de palmas) isso..., isso não importa, Bruno! E eu ficava assim: -pow que cara otário mano! A gente preci, a gente precisa ser alguma coisa! E aí... é... agenteee, eles se juntaram e ficaram pensando como é que chamaria aqui, essa comunidade. E Eduardo veio com a ideia de que, tem um texto do

primeiro Samuel 22: 1, que diz que Davi se esconde na Caverna de Adulão e dentro da Caverna de Adulão estão todos os... endividados, os, a escória da sociedade, o, o lixo de Israel tava todo mundo lá dentro. Davi se esconde lá porque tava fugindo de Saul... e, essa galera viu o exército dele. E láaaa na frente na história de, Israel, é! Davi tinha os valentes de, dele que era o, o reino de, de, Davi... essa galera que era... a suja, que ninguém queria, a rejeitada se transformou nuns, nos trezentos de Davi, os, os valentes de Davi. Aí o dam, o Gurudu falou oh: -acho que esse é um bom nome!, e ficou, e ficou, acabou o mermo nome! Agente ficou (existe até hoje) e aí... é..., fico, foi um negócio no mundo evangelho . Ah esses crente esquisito, de cabelão, de tatuagem, esquisitão, a gente saiu em revista, teve televisão lá pra em, pra encher o saco e tudo mais! E era assim: agente era o que a gente era... e o culto era culto! Então...não tinha: ohhh saí daí (voz roca), não tinha porrada... tinha culto. Então o pessoal achava muito estranho, porque esses caras esquisitão esteticamente tavam no culto, de uma igreja. Isso era uma coisa muuuuuuuuutoo avannnçadaaaaa naquela ééepoca, e agente ter muita (pequena pausa), liberdade, é, e assim, numa igreja de..., de, numa igreja de músicos, tinha muita banda na minha igreja! Banda de, de, de Thrash metal, banda de Rock, banda só de muié, banda de num sei o quê! Tinha tudo. Mas o culto era culto! Agente fazia, a gente ia pros show de rock tocar! Agente ia praça tocar, a gente ia fazer essas coisas... pra levar jesus pressa galera. Mar nãooo da forma que todo mundo fazia da época E aí nesse processo todo, a minha igreja era muuuito ativa, assim! Agente tinha trabalho, porque O Geraldo tinha, era soro positivo, então agente tinha, o Geraldo tinha uma ONG trabalhava... esqueci o nome (tamm), ele tinha uma ONG que trabalha commm a pessoas soro positivas éeee, cara tô me esquecendo!, mas ele tinha uma ONG assim, trabalhava nessa ONG eee, que trabalhava muito, porque naquela época o perfil de soro positivo era travesti... e agente trabalhava muito com travesti, muito ! então assim, a gente tinha uma casa... e tal! A gente tinha numm, nesse projeto, a gente tinha... um lugar que a gentec hamava de gruta. A igreja era a, caverna, e tinha a gruta. A gente alugou uma casa pra acolher o menino que tá com problema em casa, gente que num tem lugar pra, pa, pra... pra ficar éee, menino que tinha problema com os pais , que tava meio assim abandonado e tudo mais e, tava meio na treta e passava um tempo láaa e agente... levava essa turma pra, pra... ficar em comunidade mermo e os cara lá tinha horário e tudo mais, tarefa e, mais pra... ressociabilizar o menino nê! e tal (fala em tom de risos), a gente tinha, e o Geraldo morava lá então... era a coisa funcionava como ele era tipo! um grande paizão da, da galera.. E aí, assim! (pigarro), aí a gente...é, a gente trabalha com outras missões. A gente tinha... essa coisa dos shows, a gente tinha os grupos de, de, de bíblia e discipulado que, na época nem .pensava em fazer em casa, como a gente não tinha templo, fazia nas casa mermo... agente tinha trabalho aos sábados que era, de louvor na praça pública na cidade de Belo Horizonte no meio do centrão, a gente levava os cara esquisito pra tocar: Grannde é o senhor, os cara ficava, passava, enchia de gente olhando pra gente, esquisitooo (pausa)

Entrevistadora: O sagrado se manifestava... de diversas formas!

Depoente: É, é

Depoente: E aí..., eu comecei a me descobrir nisso, e... minha vocação nasce nisso... e aí eu coloquei na minha cabeça que assim, o meu pastor falava muito disso, de fazer missão, de num sei o quê, e naranram então era meio que um movimento que você vaii introjetando em você. -Não! que a gente tem que fazer missão, que negócio igreja né esse negócio de parede, igreja é agente fazendo e ajudando e num sei o quê. Então a, a minha geração a maioria ou é pastor, ou é missionário, ou tá trabalhando em alguma ONG e tal, porque ele, é, agente foi formado nisso. Então meus amigos todos, todos dessa geração em alguma coisa estão trabalhando servindo ao, ao projeto do reino. E aí eu, comecei a me descobrir assim. Eu falei cara! eu fui pra uma missão trabalhei com, com uma

missão chamada, Jocum, eu trabalho! meu primeiro trabalho missionário foi com surdos, aí depois eu fui prum hospital psiquiátrico, depois eu fui pra num sei o quê! Aí... eu ouvi uma palestra sobre o, Nordeste. E, e, aquilo me comeu, me comoveu porque o que passa lá pra nós é tudo pobre, pé rachado, o povo...com sede e num sei o quê! Eu fiquei comovido com aquilo e eu falei, não! Preciso ir pra lá... e eu preciso ajudar lá e tal!. Então botei na minha cabeça que eu vinha pra cá, e eu não sabia quando... e eu me lembro quando tava no último da faculdade eu falei: - Tô indo embora! Aí meu pastor: - você tá é doido, você vai ficar, vai terminar. E eu falei : - nãoooo, Deuuus tá chamando! Aquela coisa de menino...: Deus tá chamando! Aí ele falou: Nãooo! Terminar seu curso, e, Deus tá chamando. Depois você vai ter uma profissão meu filho. Aí ele até falava: -Agente converte pra ser inteligente e não burro! Aí... (meu pastor era muito legal!), aí ele..., beleza! quando eu terminei, assim... deu..., deu um, deu um mês eu vim pra cá pruma base de missionária do Crato. E lá no clato, no Crato cada base dessa missionária da Jocum, tinha um perfil. Então Recife tinha trabalho de rua... lá em BH, lá nós tínhamos três casas. Uma casa que trabalhava com menino de rua... eu fui trabalhar num, num me dei muito bem; uma outra casa que trabalhava commm a é, então! A casa resgate já pegava o menino na rua, a mulher, homem e tal e botava na casa. Era uma casa de triagem. Aí a casaaa, me esqueci o outro! que era, passava pela triagem, aí vinha pra essa. E eu trabalhava numa outra casa que se chamava, semear, que trabalhava com surdo. Então eu ia, eu trabalhava com surdo, com alfabetizaçãooo, reforço escolar, então eu sempre fui da área da educação. Entãooo aí fiquei aqui, num fui pra essas que erammm pank bicho!, era um negócio muito pank. Aí... eu coloquei na minha cabeça que eu queria vim pra cá... porque aí eu tinha com aquela mensagem que eu tinha visto, a palestra, aquele povo sofrendo; aí eu falei, cara eu preci, a gente tem que tá em algum lugar queee, que precisa da gente. Então! Eu nunca quis ser pastor, eu quis ajudar na missão. Então quando eu vim pra cá eu caí numa base de plantação de igrejas e aí eu fui viver essa coisa deee ajudar uma igreja nascer. Eu ajudei uma igreja pentecostal nascer, eu ajudei uma igreja batista nascer, eu (gaguejou) ajudei igreja, eu ajudei igreja presbiteriana nascer, eu ajudei igreja livre nascer no Juazeiro, várias coisas! Eu fui começando a... a me identificar com a minha vocação pastoral. Só que num tava naqueles lugares. Aí eu, comecei a entender o quê que eu queriaa na minha missão. A, eu num sabia o nome, eu num sabia como, num sabia o quê, mas eu sabia que eu queria um... naquela época eu queria uma, e, um, plantar uma igreja que fosse dialogal, era essa a palavra, ideia que tava na minha cabeça. Eu precisava dialogar com o mundo, com às pessoas, com a cultura, mas é diálogo mermo, não éee monólogo... é diálogo! E eu precisava... (pequena pausa) enquanto minha à minha igreja vem de uma tradição, evangélica missionária que eela fala, eu queria uma outra coisa, eu queria ouvir também, tendeu!?! Eu queria ouvir o que a cultura tava dizendo, eu queria poder dialogar, com, com o meu, com, com a minha formação cristã, eu queria ver uma igreja funcionando assim. Mas não sabia como, não sa, num tinha nome. Essa era a angústia que eu tinha assim! Puta merda!, a igreja num, não dialoga com a cultura, a dia, a igreja não fala... é, num escuta o grito cultural, ela não consegue, ela vem com a verdade absoluta e puff! Mas assim, ela não consegue falar pra, ouvir o que é que de bom que tem lá fora, o que de bom tem na outra religião, o que bom tem no, noutro, no outro a forma de ver, num tem! Então! Como é que agente cresce como ser humano, se a gente se fecha, pra, pra o, o diálogo!?! Eu não sabia disso, eu sentia isso... eu não sabia disso eu só sentia essas coisas... por isso que a história é longa pra chegar nisso aqui... e eu fiquei angustiado porque onde é que eu pisava era assim, sempre tinha um nós e eles..., sempre tinha essa mentalidade, nós e eles, nós e eles, nós e eles, nós e eles e aí, é assim eu, lá na Jocum eu caí na igreja presbiteriana independente! Que a, que é a nossa, que eu fui fazer uma missão. O Fábio era da IPI, o meu pastor! Mas, tinha um relacionamento não institucional mais. Ele tinha sido pastor, rompeu, aí tinha admiração, o povo ajudava financeiramente ele, a maior,

a maior IPI que a gente tem no Brasil é, vem de Londrina, a IPI de Londrina manteve ele até a morte..., financeiramente. E eles tinham uns pontos missionários e a gente ia lá nê!? Porque!, pra mostrar os crentes esquisiito (tosse), porque era muito, eles investiam nê!?, então o Fábio levava agente pra mostrar o que a gente fazia..., aquelas coisas que tem que fazer em instituição. E aí... é, eu caí numa IPI no Maranhão! porquee eles tavam precisando de um obreiro e tal, pra ajudar... aí quando eu fui pra lá, pa, eu ia, passei seis meses. E aí quando acabou o período, eu tava voltando pra, pra base missionária e o pastor falou assim:- fica aqui cara, tô precisando de ajuda, e eu piciso de você cara!, aí euuu, rapaz vou ligar pro meu pastor! Porque eu num sei o que eu faço não. Liguei pra ele e eu falei: -Fábio! (minha ideia era voltar pra BH nê!?), eu falei: Fábio..., cara, o cara aqui pediu pra ficar e tal, ele falou: - ou Bruno, aí precisa mais que aqui..., entãooo se você quer ajudar, aí precisa mais do aqui, aqui tem um monte de gente pra ajudar, monte de coisa pra fazer, e muuuita gente pra, pra contribuir, mas você, aí precisa mais, aí tem escassez... aí eu, fu... tá! E fiquei, e aí eu fiquei nessa igreja um ano e, e, e eu me, me descobrir pastor... porque... é, ser pastor não é administrar uma igreja, ser pastor não é inventar coisa, a vocação pastoral nasce do cuidado da, do, da, escuta, do caminhar junto, do apostar na pessoa e tal! E eu comecei a descobrir que eu sou assim (rsrs), então, eu queria ser braço, a que trabalha e eu comecei a ser mais ouvir do que ouve, coração que sente e e tal!, e eu... isso, eu brigava comigo com isso, porque eu achava que o pastor era burocrata, então ..eu nunca!, eu tinha vergonha disso, cara! eu só não tinha vergonha do meu pastor, e, ele detestava que chamava ele de pastor. E aí a gente falava com ele dento do busão: - xauuu pastoor! E ele (expressão de desaprovação interpretado pelo depoente de forma engraçada). (risadas pelo depoente). Aí é, sê já viu como eu assino, pastor com p minúsculo? Porque ele me ensinou isso... eu preciso ser pastor com p minúsculo..., eu preciso cuidar das pessoas, eu num preciso de título. Aíi eu comecei a me descobrir e tal e aí... eu fui caindo naaa instituição..., porque naquela época eu num recebia pra, pra, pra trabalhar. Então eu recebia oferta, era sabonete, era, era roupa, então eu num recebia pra trabalhar. Meu sonho era ter pe, pelo menos uns 50 reais por mês pra, pra comprar um shampoo que euuu queria (risos), cê tá entendendo, cê tá entendendo isso agora nê !? (risos)

Entrevistadora: confirmação.

Depoente: Aí, trabalhava pra caramba, e eu queria pelo menos ter um negócio fixo pro eu saber que, ah eu vou lanchar, ou eu vou comprar um... eu num tinha cara! ee... tem a vocação, tem num sei o quê, mas tem o dia a dia... que cê tem que comer e tal, e aí num tinha. Eu tinha assim, eu, eu ficava feliz da vida quando eu era, eu ia pregar na Assembleia de Deus, que os cara lá te dá dinheiro pro pregador. Aí de vez em quando eu saía com dinheiro no bolso, os cara colocava o dinheiro no meu bolso ou me dava tipo! um violão pro eu vender, relógio... era na época era assim, aí viu!? Eu pedia a Deus, Deus pede na Assembleia de Deus pra pregar no fim de semana (gargalhadas). Aí fui pra lá e o pastor disse pra mim assim: (a vida é muito legal), me fala, eu, eu -cê fica aqui e agente, eu cuido de você cara!, ele era um missionário tipo Raimundo, ele era um missionário do Rio Grande do Sul, que tava trabalhando no Maranhão. (gauchão assim), e tinha duas filhas pe., eu tenho duas irmãs, eu falo que tenho duas irmãs branca, são elas, e um irmão. E eles me botaram pra morar com eles lá, assim! Sóoo que assim nê!? um cara esquito morar numa casa, eu morava nos fundos, na biblioteca do cara. Então eu dormia no chão, na biblioteca no colchãozinho, tinha um ventilador, coisa simples de, de casa de missionário. Eu li todos os livros do cara!

Entrevistadora: Eram bons?

Depoente: Ah!?

Entrevistadora: Eram bons?

Depoente: éeee pra minha cabeça de hoje, não! Na verdade, um serviu pra o TCC da, Fernanda. Ele me deu e e eu tinha até hoje. aí assim, éee e eu ficava, trabalhava, comia tal ee eu gostava de morar lá, nu, nu, na biblioteca porqueee era o que eu gostava de fazer. Aí era muito bem cuidado, nê!? Gaúchoo é outra cultura, aí assim, aí muito bem cuidado e tal!. E Fiquei lá uns seis meses, aí depois fiquei mais um tempinho e eu fu, recebi uma bolsa, aí... vou resumir isso aí, recebi uma bolsa, fui estudar, conheci a Lívia aquela coisa toda, e... o quê que acontece, eu caio na instituição, e caio num, num, num projeto da instituição de plantação de igreja, aí começa a mosaico. Eu, eu tirei muito, eu cortei muito da minha história, mas pra entender a mosaico, aí eu caio nesse, nesse seminário de missão que tava, era tipo um protótipo do seminário de missão da IPI, que vem desde de noventa e seis que eles formaram missionários, e eu caí lá em dois mil e, dois mil, eeee, eu fui pra Cuba antes, eu cortei esse negócio, dois mil ee dóis, em onze de setembro em tava em Cuba ainda (rsrs), aí... é, dois mil dóis, eu caio em dóis mil e dóis nê!? caso com a Lívia em dóis mil e três. É...eu caio lá num projeto deles, que era um seminário de missão, que eles já haviam formando turmas...

Entrevistadora: Qual o nome do seminário?

Depoente: CTM (Centro de Treinamento Missionário), CTM-NE, Nordeste, que é Centro de Treinamento. Porque eles nessa época..., a nossa denominação, ela tinha espalhado um seminário pro Sul, que era emmm Flooo, Florianópolis, aí um seminário... pra formar obreiros regionais, aí seminário do Sul, Florianópolis, Sudeste Campinas, éee, Nordeste- Natal... hummm... Centro-Oeste, não me lembro! Num sei se é Dourado ou se é, Centro-Oeste e tinha o Norte, que era transcultural pra trabalhar com indígena e tal!

Entrevistadora: Massa!

Depoente: É!

Depoente: Aí... eu caí no Nordeste, aí assim, quando eu fui pra lá... éee lá era formação de missionários, e eu caí nesse negóciooo, ...e eu sou o cara que se vou lê vou lê tudo daquele negócio. Aí...eu... entrei lá e, e comecei a trabalhar, estudar, aí eu fui trabalhar numa igreja que era a primeira igreja, que era a igreja do Jaime, éee, eu fui trabalhar com juventude lá, aí, porque não tinha dinheiro, aí, pa, aí a, a igreja fazia, vai estagiar, a gente paga você aqui no estágio. Eu: opaa! E era a maior igreja de Natal dos mais ricos que tinham lá, e era a única igreja que podia banca mermo assim, e foi um negócio que o cara olhou pra mim e disse: - Eu quero levar você! E ele virou meu padrinho de casamento. – Quero levar você! Bom. Lívia foi pra uma congregação que a gente tinha da primeira, eu fui pra trabalhar na primeira, que é a igreja do Leandro, aí eu fui trabalhar na primeira. Jaime era diácono na primeira e a, Themis era diretora do seminário, na verdade ela era secretária, tinha um outro diretor! Aí depois o cara foi pra Fortaleza e ela ficou como diretora. E aí eu fui pra lá. Eu comecei a estudar, a ajudar a plantar igreja e nasceu naquela ges, naquela época, na década de dois mil, o projeto Sertão, o quê, o quê que era o projeto Sertão!? Eles, ele num, ele num, o projeto nesse Sertão nasce em noventa junto com, com o CTM, pra formar obreiros pra, pra. Nossa igreja, ela é uma igreja muuuito Urbana e ela éee, sê leu o celeste por vir e ela é, muito São Paulo- Paraná, ela ficou ali num ciclo do café... entendeu!? Porque onde tinha linha de trem, tinha uma igreja presbiteriana independente (risos), então ela ficou muito no ciclo do café, então ela ficou ali no, no, no... no ciclo não, no circuito do café e ela ficou muito ali regionalizada, São Paulo, Paraná, Sul de Minas, ali, ficou assim! E ela tinha igrejas no Brasil todo, mar ela ficou muito, e ela ainda é assim, a nossa igreja ainda é politicamente gerida por esse, esse... eixo. Por conta da históriaaaa e... de tudo. Então quando a, a, a igreja presbiteriana rompe em mil novecentos e três, tá lá no, Celeste Por Vir, quando rompe com a missão americana e a gente quer ser uma igreja brasileira pra brasileiros, que os americanos começam, com grana, a investir no paí, no Brasil todo e agente

ficou ali circunscrito aqui ee nos litorais. Porque teve um maluco! Dia dois de setembro é dia da missão do presbiteriano independente, é o nome desse cara, ele é ooo, o patrono de missão da nossa igreja¹⁹. Que esse cara pegou um, um cavalo e começou a subir as capitais falando de Jesus.

Entrevistadora: Qual o nome dele?

Depoente: ah cara! daqui à pouco eu lembro

Entrevistadora: risos

Depoente: Aí ele começou a subir nas capitais. Então de São Paulo ele começou a subir, Rio, aí no Rio tinha o presbiterianismo lá, aí ele subiu é, Espírito Santo, num dei certo. Espírito Santo é meio complicado na, na, na Federação. É, aí su, subiu, Sul da Bahia, aí, Sul da Bahia de novo, aí subiu recôncavo baiano, e, de cavalo cara! aí recôncavo baiano, Salvador, aí Sergipe, Alagoas... Paraíba eu acho que ele, ele pulou Paraíba. Paraíba ele pulou, é! Então, Espírito Santo e a Paraíba. Aí assim ele pulou a Paraíba, aí Pernambuco, Pernambuco, aí pulou Paraíba. E Rio Grande do Norte, esse cara foi parar no Maranhão... Onde ele parou tem uma igreja presbiteriana independente, de mais de cem anos (risos).

Entrevistadora: Então foi por isso que Pombal demorou a ter, nê!?

Depoente: É, nê, não, então aí, o projeto Sertão foi uma alternativa que a igreja pensou de expandir a igreja pelo país. Porque assim..., agente tem três eixos nê!? É... é, de missão, de plantação de igreja. É, consolidação da igreja, está ali, a gente tem expansão e tem igrejas de cuidado, por exemplo, tem igreja que nunca vai virar uma instituição organizada, que não vai conseguir se manter e tal! Mas a, a denominação mantém. Tem uma igreja nossa de mais de cento e vinte anos que é antes da nossa denominação... ela ficou com agente, tem cento e cinquenta e poucos anos, uma igreja em pão de açúcar, naaa, em Alagoas. É nossa! E ela nunca vai...conseguir pagar sua, suas contas, mais tá lá! E a igreja mantém ela porque é histórico nosso. O quê que fez esse negócio crescer pra cá!? Eu tô voltando um pouquinho, pra voltar no, Sertão. A treta antimaçônica..., a treta antimaçônica que foi a, assim! Não foi o estopim da, da divisão com os americanos, mas foi o...

Entrevistadora: Um dos.

Depoente: Não. A carta, assim, não então, mas tem a maçonaria que tá mandando na igreja. Aíii onde esse cara ia, as pessoas queriam ouvir o prá, o pastor antimaçônico (risos). Então juntava muita gente, com essa, com essa, com esse rótulo; o pastor antimaçônico! Então pruma, a nossa igreja em, Natal nasceu por conta disso, toodo mundo foi pra lá pra ouvir o, pastor antimaçônico. E ele começou a falar contra a maçonaria e bufff! Virou uma igreja! Então nu começo da nossa igreja, agente, a gente tinha algumas pautas, por exemplo: a pauta da, da, da mulher, a pauta da, da, de uma igreja brasileira e tal! Mas assim, o que dava ibope mermo assim, o que dava propaganda era que a gente era antimaçônico (risos, gargalhadas de ambos). Então o Projeto Sertão nasceu. Você lembra de Jango? o Jango veio aqui, lembra? lá na casa?

Entrevistadora: sim!

Depoente: Nasceu da cabecinha daquele moço. Ele era..., ele é paraibano, de Cabedelo e, o sonho dele era fazer à igreja expandir pro Sertão, porque a família dele era sertaneja e ele queria que a, IPI fosse, viesse pro Sertão. E ele botou na cabeça dele um rota, uma rota. É do, na verdade dele queria, mas assim, o presbitério não quis, ele queria da Paraíba pra o Ceará... pra gente montar igrejas nessa rota. Como lá não tem do café, agente queria descer pro Sertão. Então da Paraíba agente num tinha igreja num, num, num em, João Pessoa, agente tinha

¹⁹ Ashbel Green Simonton – Este foi o primeiro missionário presbiteriano do Brasil. O nome do outro que eu estava dizendo era Rev. Caetano Luiz Gomes Nogueira, no dia 29/2/1856.

uma em. Cabedelo que era onde ele, ele, ele, ele era membro da igreja. Aí ele queria descer de, Cabedelo pra, praaa o Juazeiro do Norte, pegar o Ser, o Ser, o Sertão mermo... e aí ele convenceu a liderança da missão no Brasil... praaa ele capitar gente e recurso, e foi assim, um negócio de junção de, de, de fator. O Jango tinha essa ideia, o Jango era doido, comprou uma veraneio... e saiu o Ba, o Brasil innnteiro falando disso..., foi em todas as nossas igrejas, no Paraná, foi no Sul, foi no sulina. Aí Pá! Aí pé! Aí Juntou uma turma e foi, juntou todo mundo. E aí com essa ele botou, aí outa coisa que vai nascendo da cabeça dele. Ele botou a ideia de que tinha que ter o centro de treinamento de formação de missionários, se a gente quer montar uma igreja, a gente precisa de ter mão-de-obra !... qualificada e tudo mais... aí ele falou então! meu primeiro passo vai ser montar os CTMS e ele montou! E aí, é... junção de fatores, aa a gente recebeu uma parceria da, igreja presbiteriana... americana, chamada, PC- USA, a maior denominação dos Estados Unidos é a, PC-USA, era, até ontem, eu vou explicar porque. A maior denominação do presbitério, é, protestante dos Estados Unidos era a, PC-USA. Era milhares de igrejas, milhares de igrejas... e ele junt, e ele conseguiu parceria com a igreja, com igrejas da, PC-USA. Presbitérios ,e, e comunidades locais. Ele conseguiu em, Chicago, ele conseguiu em, dos Toscalusa, ele conseguiu em, Mississipi, ele conseguiu parcerias e é grana... parceria de grana mermo... e aí, agora com dinheiro sê pode fazer. Então conseguiu parceria de formação de, de, de obreiros, ele conseguiu parceria de construção de templo, construção de, de, de éee..., estruturas nê!? Pra isso funcionar. E ele começou a fazer isso, aí começou rodar, estabelecer um, um, Florianópolis, um num sei o quê, tá tá tal! E ele ficou aqui no, Nordeste, nordestino. Ficou aqui. E a primeira turma de formação de missionários foi a do, Jaime. a do, Jaime, o Jaime já veio dessa coisa, dessa coisa de ele rodar o Brasil todo. O Jaime é de, Maringá, aí Jaime de Maringá, veio pra cá estudar nesse CTM, pra ser missionário... o Jaime também era da missão que eu fui, que se chamava, Jocum (risos de ambos), aí ele já veio pra cá. A segunda turma foi a de seu Raimundo que já soa, já veio de, de, de, de, de, de Sergipe, já tava funcionando, deu cerrto e tal! Aí o pessoal começou a vir pra Sergipe, eu sou da quarta turma... então, eu e Lívia, éee ele começou a fazer isso, aí... eu vou pra estudar, voltando agora um pouquinho, eu vou pra estudar lá... a estrutura tá pronta a gente tá mol, mol, tinha um lugar lá e tal! E PC-USA dava bolsa pra gente estudar lá. Então... é... tu lembra que veio uma, uns gringo aqui?

Entrevistadora: sim!

Depoente: Essa turma me ajudou a estudar... nê!? A igrejainha tá alí, aquela igrejainha tá alí (aponta para a fotografia encontrada na sala da igreja). Essa turma pagou minha bolsa, meus estudos, da Lívia, éee e manteve contato mermo com agente. Vinha, vinha, nos lugares que agente trabalhavaaa, passava uma semana fazendo trabalho ma, manual. Os cara, teve lá em Patos..., lá em Patos uns, uns veinho que era engenheiro de água, eles construíram uma, (gaguejo), eu vou chegar no Projeto Sertão, mas quando eles chegaram aqui, que viram que não tinha água, eles construíram um purificador de água na igreja, pra servir a comunidade... tem um... purificador de água pra servir a comunidade. vou chegar nessa história! Aí o Projeto Sertão, su, foi envolvido assim e tal! E a gente tinha recurso, agora formação de obreiros, parceria garantida eee começou a espalhar, e aí vou fazer o recorte do Nordeste, porque os outo, eu num, eu num conheço. Aí o que aconteceu? Nessa época, na década de, no final da década de noventa, início de dois mil, houve no mundo evangélico umaa, é engraçado eu fui ajudar a, Fernanda a fazer o terceiro capítulo dela, eu pesquisei os nossos jornais, chama o, o, o jornal mais antigo do mundo evangélico, chama o: O Estandarte e ele é nosso, ele é de mil oitocentos e., aí ele ficou com agente, porque o nosso fundador da IPI era gramáaaatico, Eduardo Carlos Pereira, ele gostava desse negócio e tal! E ele ficou com o jornal porque ele escrevia pro jornal. O jornal existe até hoje. Aí... eu pedi pro secretário pra ler os Estandartes, ele me

mandou todos os arquivos pra mim, de oitocentos até ontem. Aí eu quero ler sobre o: Projeto Sertão, porque a Fernanda queria trabalhar com o último capítulo nessa coisa do Projeto Sertão. Aí eu... com, o Projeto Sertão é de noventa, aí eu peguei todos os estandartes de noventa e, Jango só colocavam às notas, umas conversas, é! Tudo veio da cabeça dele (gargalhadas). Eu liguei pra ele e falei: Jango tu tem projeto pronto? Escrito e tal? Nem aqueles projetinho de...oh Bruno! Num sei, velho, mas o que sê quer saber? (diálogo entre Jango e o, Bruno), manda um, às perguntas aí! (gargalhadas do depoente), Nam cara! eu preciso ajudar no TCC da menina e preciso achar documento, cara! aí...ele, ele ah tenta achar no Estandarte! Aí eu fui, aí li, aí tinha relato de campo, relato do que acontecia, tinha a história dele, dele querer levantar obreiros, tinha tudo assim, tinha tudo! Mas é assim, muito espaço, assim. Éee em noventa e seis, em noventa e nove, em dois mil e um, num tinha muita

Entrevistadora: Muita coisa.

Depoente: É. Mas às coisas que tinham eram substanciais, pra quem já conhece a teologia e conhece aa igreja. Por exemplo, nas capas dos estandartes de, de noventa, tinha assim: Reforma agrária, uma questão cristã... Não tem nada a ver com hoje nê velho!?

Entrevistadora: (risadas)

Depoente: Eu falei cara se essa capa saí hoje, a igreja é comunista.

Entrevistadora: Pois é!

Depoente: Você tá entendendo? Mas assim, éee, então nessa década você tem um movimento teológico num, num, num, num mundo evangélico... nós fazemos parte de uma, uma associação de seminários evangélicos sérios que chama: ASTE (Associação de Seminários Teológicos) que é enorme, luterano, num sei o quê, então agente parte, produz material, livro da Aste e nesse, nesse período... tá tendo uma reavaliação da teologia da libertação... porque a teologia da libertação paaara os evangélicos, ficou muito marxista. Éeee ficou mermo

Entrevistadora: (risos).

Depoente: Aí usava o método, e assim, pra ficar mais espiritual, nasceu a teologia da missão integral, o quê que é isso!? Aí sê vai entender a IPI. É você não. Num é só a proclamação do evangelho, mas tem que ter ação, num é só falar: olha preciso salvar sua alma, mas é o compromisso sociocultural com aquela realidade, e naquela época agente era até informado assim na igreja, assim, a missão tem duas assas: A proclamação que é a pregação e a ação social. Um avião não voa sem as duas assas, então num pode ser só a proclamação, má também num pode ser só a ação social. São as duas asas, a mística e a ação. E toda essa missão que veio pra cá, veio baseada nisso. Então os relatos do, Jango, eram relatos assim: - Segundo a missão integral, os nossos missionários estão fazendo trabalho de alfabetização e tão trazendo num sei o quê, e era mermo e tava fazendo isso. E a igreja achava muito legal. Hoje se você fizer não... e cadê, cadê oooooo caba indo pu céu? Porque...num, é uma, é um, um, um movimento nê!? que tá acontecendo e nesse movimento... a parceria do Projeto Sertão, o Jango botou na cabeça que tinha que ter que plantar dez igrejas, da Paraíba ao Ceará, e, ele começou a captar os recursos pra isso, e ele queria, a ideia dele era cri, cria cidades polos, tipo de cem mil habitantes ou chegando perto pra essa cidade polo alcançar às pequenininhas, em volta. Então ele estabelecia à igreja como, como polo, pra, ela irradiar com às ações pras cidades pequenas, aí foi ele escolheu, Patos... naque, éee, eu me lembro, eu tive aqui na época! aí foi ele escolheu Patos hum..E aí, Patos. Ele trouxe uma equipe gigante de missionários. Ele trouxe éee, vei ele e a esposa que ambos são missionários, aí trouxe, Raimundo e Valdívnia, aí trouxe um, um, agente bincava que era um casal de lésbicas, mas num era assim (risos), era muito conservador, eram duas meninas que, que ve, uma veio de Fortaleza a outra lá do Acre, aí seis! Aí nesse, ín, interim ele trouxe ée, o pastor que era o, Alberto na época era

missionário, trouxe ele e a esposa, que veio fazer CTM, veio pro campo. O pastor que tá em Patos, ele também veio estudar no CTM, também foi, então assim ele trouxe uma equipe gigante pra trabalhar... e tinha essas coisas de, então ele estabeleceu assim: Patos, beleza! Quem agente vai alcançar primeiro!?!...São Mamede, agente vai alcançar, aí São Mamede, a gente vai alcançar Malta porque era a ideia deles assim... vamos fazer cidades polos e irr... estratégia muito inteligente! Porque assim, aqui tem economia funcionando e lá não. O presbiterianismo é uma igre, é um, é um, é um tipo de tradição burguesa. Nossa linguagem de culto é burguesa, nosso jeito de fazer a pregação é burguesa, agente num pode fugir disso assim, ah é vergonhoso!?! É! Mas assim, agente num atende a periferia... o cara tem que entender o que a gente tá falando.... então como é que agente, aa, agente atende, aaa à periferia? A gente atende com ação agente atende com ooo, ooo a mudança de realidade e agente lá no começo, lá no Celeste, com à educação, coma ação social, com profissionalização. Às primeiras escolas técnicas do Brasil, foram, fo, foi agente que fez! (risos). Por quê? Porque a ideia era mudar à realidade do cara, profissionalizar, educar e num sei o quê! Porque é o ética protestante. Desencantar o mundo e trabalhar o ca, oo, à vida do cara... que depo vai virar utilitarismo, nê!?! Aquilo, então...beleza! tá aqui. Aí a gente começou a, a, alcançar. O cara veio com dinheiro cara, aí construiu o templo em cada região dessa. Aí pra casa do, pro obreiro, porque assim, agente teve problema em Malta que é, o missionário que veio pra cá ele alugava uma casa o pade mandava desalugar... éee foi, foi quando Jango com, resolveu esse problema. Mandava, aí dava um mês o pade mandava desalugar, o missionário tinha que alugar outro casa, aí tinha que alugar casa, aí tinha alugar outa casa, aí Jango capitou recurso e comprou uma casa... uma casa pastoral. Aí num tem mais problema de ficar jogado na rua com, com às coisa. Aí os missionários vieram pra cá, o casal que veio primeiro pra Malta, eles construíram a igreja e compraram uma casa pastoral. Lembra do Juliano ou não?

Entrevistadora: sim!

Depoente: O Juliano até morou nessa casa... E eles compraram uma casa numa periferia que chama, casa amarela, que era onde eles faziam os trabalhos sociais. Então tinha Malta, Patos alcançandooo Malta. Meu sogro e minha sogra, num consegue ficar parado.

Entrevistadora: (gargalhadas)

Depoente: Eles começaram a, aaa a reunir com, com à família. Você conheceu o pastor, Régis!?

Entrevistadora: sim!

Depoente: A família do pastor Régis, éee numa periferia em Patos chamado, bairro chamadaaa, na época era São Sebastião, hoje é Dona Minlinda... uma favelinha que tem. Meu sogo começou a reunir com a, morava perto! Começou a fazer amizade, começou a se reunir na casa de Dona Tereza, que é a mãe do Régis. E Dona Tereza era mãezona assim do, do, da rua e os, e, e aí tá na! E aí num sei o quê começou a educar, aí começou a investir nummm, num ali, aí me, o Jango num tinha jeito e teve que comprar uma casa do lado da casa de Dona Tereza e fizeram à igreja. Meu sogro foi pra lá pra trabalhar nessa igreja. De lá eles montaram uma escolinha infantil, aí essa escolinha...então o prédio tipo, maior que esse aqui. Tanto é que quando eu vim pra cá, eu fiquei hummm, eu fiquei pensando nessas escadas nê!?! , eu falei caraca! Mas, escada! Ahh, Eu falei, mass láaa no começo lá do, Projeto Sertão a igreja de São Sebastião era num segundo andar e chiiiiiii, enchia de gente da, os bombeiros pararam, mandaram parar de ter gente lá dento, porque ia cair que num foi feito pra tanta gente, e aí eu falei não então! Essa fo, essa, esse fenômeno já aconteceu de ser no segundo andar, então eu não vou me preocupar. Aí eles fizeram o primeiro andar, que era o salão multiuso, que era educação, trabalhos sociais, reunião comunitária e tal! Como era numa favelinha..., então tudo acontecia na igreja, e como agente tinha nesse, nesse, nesse ambiente mais

aberto pra fazer ação social, sem ficar sendo serem chamados de comunista, Dona Valdívia e seu Raimundo comunista! (risos) aí é, eles fizeram de tudo, de tudo naquela igreja: projeto ambiental... o Régis foi chamado por um projeto ambiental, pra trabalhar com a, na época lá faltava muita água, aí fazia cisterna, fazia cisterna de captação de água de chuva é, eu fui ajudar lá porque assim, na, na, na os cara ia visitar o Raimundo pra visitar o banheiro, porque na casa deles num tinham banheiro. A igreja começou a construir banheiro pro, prus vizinhos. E eu fui ajudar a construir banheiro na casa dos irmão. Aí... sul, começaram, tinha muito recurso naquela época então leva, fazia o projeto o dinheiro vinha, aí depois vinha a equipe de americano ajudar a gente fazer às coisas. Então era um negócio muito legal! (gargalhadas).

Entrevistadora: E como ficou...

Depoente: ahhhh? Dinheiro é tudo cara! (gargalhadas). Aí começaram a escola, aí é... a, a sogra recebeu essa verba pra montar uma escola chamada, aí ,aí montou o nome da, da mulher que captou recurso lá, chama: Linda Bates, à escolinha Linda Bates, foi à mulher que começou a captar recursos láa hein, hein Chicago. E eles vinham, davam formação de... e aí quê que ela fazia? ela, ela contratava às irmãs da igreja. A cozinha à irmã, a faxineira a irmã, chamava, as, as adolescentes pra ser monitora nas salas, porque o dinheiro ficava ali nê!? (tom de risos). Elas ganhavam, compravam ropinhad, compavam num sei eee...

Entrevistadora: Gira ali!

Depoente: Isso! Aí, a legislação mudou, num pode mais nê!? cê num pode pegar mais uma pessoa pra, pra fazer monitoria sem ter pedagogia. Então, tão assim, mudou à legislação, mas eu tô falando de noventa pow! De, do início de dois mil. Aí... fui pra Malta, fizeram isso...aí fizeram em São Mamede, construíram casa, construíram igreja, templozinho arrumadinho todas essas tem. Cê passar em Malta tá lá na beira da pista assim: Igreja Presbiteriana Independente. Que ela tá virada pelas costas, aí a frente da igreja tá pra lá. Tudo construído E aí a mão de obra foi sendo formada nê!? Que é dos CTMS, então aí cada um pê, fo, todo mundo foi pros seus cantos...e aí... aqui em Cruzeta um missionário Irlandês, que veio pra ficar aqui no, no, com agente no CTM. Visitando aqui no Rio Grande do Norte pá, num sei, são coisas de Deus. O carro dele furou, o pneu furou aqui em Cruzeta, do lado de Caicó e ele olhou, fez ssim, rapaz vooou ficar aqui. Aí ele foi, montou o projeto, alugou a casa, construiu uma, uma igreja lá, comprou uma casa eeee... temos uma igreja em, Cruzeta. E aíii um projeto continuoooouu... recursos, aí denominação e formação de missionários. Isso foram seis anos de trabalho assim, num parava, o negócio muito fruuuutífero, o troço trabalhando e tal! E eles inventaram a história do Projeto Sertão dois. Bom...é, quando tem dinheiro você tem batalha política..., nê!? Então queriam tirar o seminário de Natal pra botar em Aracajú, a briga foi muuuuuito ferrenha, porque o dinheiro tava vindo pra lá nê!? Pra Natal, Pro presbitério do Nordeste... então era o dinheiro que tava viiindo, era a, a vitrine nê!? Tudo era pro Nordeste, então... pro presbitério do Nordeste, pro presbitério de Sergipe ficava querendo; o presbitério de Pernambuco também querendo, Maranhão querendo... e ficava aquilo, aí os caras começaram a boicotaaar, falava que tava desviando verba... é teve de tudo!. Teve um missionário americano que veio pra cá: Paul Melvin Fanestock... ele veio pra ser professor do CTM, o cara doutor em bíblia, o cara era muito bom sabe!? Estudioso, era hippe naquela época, ele virou aqueles caras assim (expressão de seriedade), era o fenômeno americano, o cara era doidão... tal, a mulher ainda era, mais... e ele virou aquele cara...assim sabe!? Aí, mas é muito gente boa o, Paul! aí o Paul veio pra cá, aí o Paul vindo pra cá, mais vitrine, mais dinheiro vinha pra cá. Porque o Paul já tinha trabalhado no Afeganistão, já tinha trabalhado nu, na África, já tinha trabalhado...

Entrevistadora: Experiência!

Depoente: E aí ele tinha nome também, né!? Aí quando ele veio pra cá... a, a vitrine aumentou e mar dinheiro veio pra cá. Então assim, agente não tinha problema com grana. O seminário agente mandava... puquê assim! Agente tem um seminário em Fortaleza que fechou, o seminário de teologia mermo, de formação... a Isaura estudou lá, o Max, o Alberto, todo mundo estudou lá em Fortaleza. O seminário de, teológico. O nosso aqui era missionário. Éee, então não faltava bolsa prêesses meninos estudarem, nunca faltou bolsa pra comprar livro, nunca faltou bolsa pra naaada, porque o Paul tava aqui. Então Paul vinha um menino pobrinho aqui que veio, o Régis! Que veio lá da favela do, do, do, de Patos. O Régis recebeu bolsa, toda estrutura prê ele, prê ele, prê ele se desenvolver. Então, ele foi estudar em Fortaleza. O Régis escolheu ir pra Fortaleza, ele num quis passar lá pro Natal, ele foi por Fortaleza direto. Então recebia à bolsinha dele pra trabalhar, à bolsinha dele pra comer, pra comprar livro. O Régis foi esperto, ele fez dois cursos na época, ele fez teologia e fez administração.. Foi trabalhar em administração pública, tra, trabalhou no canal futura, isso tudooo, ée. Aí... éee...quando veio a ideia do Projeto Sertão dois, agente tava vivendo uma crise no Brasil, de, teológica. Essas pautas conservadoras...noventa foi uma beleza, dois mil foi uma beleza, aí tá começando ali, final de dois mil e dez, no início de dois mil e dez começando o conservadorismo brasileiro assim, já tem, mas eles tavam começando a ter muita voz

Entrevistadora: Visibilidade!

Depoente: Isso! Que bateu nisso, no bolsonarismo. Isso não veio de ontem. Aí eles começaram a, a, a trancar algumas pautas. E o que aconteceu nos Estados Unidos nessa época? A PC-USA, a nossa igreja mãe, a, a que trouxeee o presbiterianismo pro manu, pro Brasil... éee eles estavam em assembleia pra reconhecer o ministério gay... então a PC-USA autorizou o casamento gay, autorizou o ministro gay, fizeram a assembleia nacional, milhares de igreja, como à nossa igreja é democrática representativa, os delegados votavam e passou, então... deesde o início de dois mil, final ali de 2006, é, 2006... eu já não tava mais aqui na, IPI. É foi 2006! Em 2006 eu já num tava na IPI, tava na IPU. Quando, quando, a, a PC-USA, é o início é esse! Quando a PC-USA autorizou o ministério, porque assim já tinha um problema com o ministério da feminino, é! Já tina um problema aqui! A PC-USA jáa... ordenava mulheres desde setenta e seis... e nós também. Éee desde a década de setenta. E aí, já tava essa, essa coisa do lob gay, que assim todo ano como é, é democrático, você tinha as igrejas que, que botava pra votação, perdia, perdia, perdia eee, perdia eee aquilo ia pra próxima reunião, pra próxima assembleia, aí eles conseguiram votos. Aí todo esse lob gay conseguiu voto, e aí, é, a igreja voto, ganharam, virou, virooou, virou documento da igreja. Oh! tiraram às frases que, do, dos códigos de pastor é, o casamento entre um homem e uma mulher, tiraram essa frase, aí tiraram essa coisa que ordenamos homens e mulher, tiraram essa frase, pra abri, pra outras, outros formatos, a igreja americana fez isso. Quando chegou aqui, os cara come, compraram a briga aqui, que agente tinha parcerias com eles lá né!? E eles nãoo vamos quebrar a parceria! Olha que engraçado! Que numa assembleia nossa aqui, nossa porque eu tava na IPI, IPU, mas assim é nossa, porque eu sou, eu tô aqui, uma assembleia nossa aqui é, o pessoal do Paraná botou esse, esse negócio de romper a parceria com a igreja americana, com a igreja mãe, romper, com, com, com a igreja mãe e foi uma discussão imensa, mui, muita discussão, muuuita discussão. Essa discussão do gay tem trinta anos na nossa igreja, trinta anos, trinta anos os documentos..., por que não é uma igreja democrática e tal!? Então! Tem uma comissão que estuda o assunto, bota pro, bota pra, pra votar e num passa, porque a maioria é conservadora, mas, mas à nossa igreja abre pra isso. Num é um negócio que cabou, num vamo falar disso! Tem trinta anos que essa, esse assunto tá na mesa, numa reunião... e aí nesse foi pra rompimento de parceria... e a discussão foi, cara! você via os pastor (risadas), foi quando, eu tava porque foi em Aracruz e eu tava morando em Vitória e, meu pastor da minha igreja de Vitória, ele, ele era presidente da IPU, e

ele me falou, Bruno! Vai ter a assembleia da IPI, tu num quer ir lá ver seus amigos não!? Eu falei: - eu quero! Aí, vamo lá, aí fui

Entrevistadora: Isso!

Depoente: Então você tem a mesa aqui, a, a comissão executiva, e sê tem que falar no microfone, aí tem, levanta um, levanta uma questão, boto pra votação a questão, então debate a ideia, à nossa igreja é assim!, debate a ideia, aí vota quem foi favorável a ideia do cara, vota quem é desfavorável, aquela ideia caiu, entra outra, demooooorra pra caraca! Mas assim, é assim que agente funciona. Aí um monte de pastor na fila pra falar e aí eu vi os pastor do Nordeste chegando, tuuudo conservador, mas tudo assim nê!? (expressão emitida pelo depoente, onde expressava sinônimo de bem de vida). Como é que vai romper a igre, o, o, a parceira com a igreja que bota dinheiro aqui!? E eu vi todos que hoje são bolsonarista ali na fila, eu vi, eu vi, na fila, pra defender a parceria com a, com a PC-USA...

Entrevistadora: Quanta incoerência!

Depoente: Não é incoerência, é o dinheiro que é. Aí os caras do Para, Paraná discutindo..., os nordestinos dizendo:- não gente! Agente num pode perder a parceria, noventa por cento do recurso que tá no Nordeste, vem deles. Se agente perder o recurso, como é que a IPI vai manter o que tem lá?, templo, estrutura, seminários, obreiros, projetos e tal, faz o quê com aquilo? Moral da história! Romperam com à parceria...esse conservadorismoo falou mais alto. Então desde de dois mil e seis, que era o iinício do Projeto Sertão dois, os obreiros chegaram sem grana pra cá, chegaram só com o, o, a, mantimento, a, a, manutenção dele que era o salário. Então eu me lembro, que eu, eu vim pra cá passar férias eee o seu Raimundo tava saindo de, Patos pra escolher um campo aqui que ia ser montado. Ia ser, a ideia é, num vai voltar pro Ceará!? Então o caminho era, Pombal, Sousa e Cajazeiras. Que agente tá chegando no Ceará. Pombal, Sousa e Cajazeiras. Aí o sogro, como era o mais velho, o, o Jango deu à chance dele conhecer às cidades pra ele escolher qual que ele queria ficar. E eu vim com ele, em Patos, que agente tava em Patos de férias, e agente veio conhecer a, a região. Quando agente veio pra cá, agente passou em cajazeiras, eu gostei muuuito de Cajazeiras por conta da, da universidaade de tá, tá, tal! E num sei o quê, e a minha mentalidade missionária sempre foi muito urbana, parecia à igreja, à cidade mais urbana de todas as três. Fomos em Sousa, na época tava um problema séeeerio de um, de, de água. Eu falei Raimundo sê vai vim pra cá e vai pa, vai passar aquilo que sê passou em, Patos nê!? Eee chegamos em Pombal, era a menor das cidades, até falei assim: -Eu nunca moraria aqui em pombal, Raimundo! Quando agente voltou pra Patos, eu com a cabeça assim:- eu escolheria Cajazeiras, mar meu sogro tem outra, outra pegada, aí ele foi, eu fui embora e ele escolheu vim pra Pombal. Quê que aconteceu? É agente já a, já não tinha mais, já não tinha mais equipe missionário, não tinham a cidade mais polo pá..., o cara fazer os trabalho. Agente tinha na época, agente tinha uma equipe que fazia cinema. Imagina no Sertão, Cinema!? Aquelas, aquelas coisas assim de, aquelas fitonas assim que botava na pra, fuuuu, botava... agente tinha uma equipe que passava o filme Jesus. Porque assim, aqui no Sertão cê tem muitos, na época tinha mais, analfabetos, então agente, como é que agente evangelizava see com, com o livrinho na mão pra falar de Jesus!? Aí agente fez parceria com essa missão que trabalhava com filme, treinava os nossos missionários, aí comprava o equipamento e agente ia pum sabe!?, pum sitiozinho desse, pá, pum ciiinema! Chamava a galera pra praça!! Era muito legal, era muito legal, era um outo país, nê!? Era um outo país. Aí... num tinha mais agora à cidade polo e num tinha mais o dinheiro americano. Tinha o dinheiro da instituição, que num é tão grande, num é pouco, má também num é tão gran, porque é, como é política o negócio, aí verba votada pra missão, verba votada pra num sei o quê, verba pá votar...então assim, a verba era muito menor,

e aí vieram pra cá com essa situação, com verba menor, com equipe menor e com um, a, a, a missão mudando o jeito... Eu estava na igreja presbiteriana unida do Brasil nessa época, porque eu rompi com a IPI em 2004... por conta de coisas que a, agente já contou, agente já passou fome, agente fez isso e tal, rompi com, com 2004. Como eu nunca queria ser pastor, tu queria ser missionário, quando eu caí lá, lá na primeira, os cara sê vai ser pastor porque nê, naa IPU não tem missionário... aí eu trabalhei numa igreja, ganhava mais que esse pastor que tinha do presbitério, eu e Lívia, junto agente ganhava mais que os pastores. Mas assim, os caras num me aceitava de jeito nenhum, porque eu vinha da IPI, agente é igreja parceira, mas eu vinha da IPI, eu era missionário, num era reverendo e como é que eu não sendo reverendo ganhava mais que eles? Aí eu fuu, me botaram no seminário, me deram à bolsa, eu ainda tinha à bolsa americana, então assim, me deram à bolsa pra estudar, mas a, de livro e tu tal! Eu ainda tinha à bolsa americana, botaram eu e Lívia, aí Lívia disse que num queria ser, num queria, num tava, ela foi fazer música, na faculdade do Estado do Espírito Santo. Aí fui estudar, como já tinha já tinha formação filosófica e tudo mais, agente tinha uma extensão em Colatina, que era três horas de Vitória, eu, meus professores num, num primeiro semestre falaram: - Bruno sê pode dá aula lá em Colatina? Eu falei: Eu vou ser aluno e professor? Éee, vai, vai ser uma loucura isso, mas é!...

Entrevistadora: risos

Deponente: tá bom! Tá bom! Aí eu fui dá aula lá no seminário de Colatina, então estudava éee, estudava durante a semana... de manhã e de tarde no, no, no nosso seminário e a noite eu viajava pra Colatina, pá da aula no seminário lá (gargalhadas). Aí é, dei aula no nosso, um professor preguiçoso váaa dá aula aí pra mim. Aí eu dava, ele me pagava, e, e... e lá na IPU eu comecei... a amar aquela igreja, a história daquela igreja e começou a, lembra que eu vim de uma comunidade assim bem alternativa!?, aí daqui à pouco eu fui passando pruma missão que não era igreja, aí daqui à pouco eu caí numa igreja, daqui à pouco caí na estrutura da igreja, trabalhei na primeira do Natal que a igreja extremamente burocrática, extremamente igreja mermo, pra conhecer como é que funciona, aí que caio na IPU..., o mosaico tá nascendo, tá!? Por is, assim, aquela história lá... oh o mosaico nascendo! A angústia sempe teve, mas eu num sabia o quê que era... como era e tal. E aí eu caio na IPU, a IPU é onde, é uma, é uma igreja presbiteriana de formação liberal... teológica, e é diferente do econômico, mas assim, eu vou te explicar. É, o liberalismo teológico é do século XIX e, e o ligue, liberalismo teológico não tem compromisso com às doutrinas, tem compromisso com a ciência. E, e, o, o liberalismo clássico teológico acabou no século XIX, acabou, num existe mais, mas ela é, mas tem, tem filhos, nê!? Filhos! Então o, o liberalismo do século XIX ele é assim, nós precisamos demitologizar a bíblia. E os cara fizeram isso, cara! foram pra bíblia pra demitologizar. Num sobrou nada! (risos e gargalhadas). Num sobrou nada, nada, nada. Então o fruto do trabalho do, do, do século XIX foi, gerar teologias, porque até então você tinha a teologia clássica (que agente chama de teologia sistemática clássica), que a teologia sistemática ela versa sobre um sistema, assim, a teologia de Deus, a teologia... lembra do, do, do menino que veio aqui? O, o Dinho? Então... aquilo, a teologia sis, sistemática encantava aquele menino porque dele é assim. Que é, a teologia de Deus, a teologia de Jesus, teologia da igreja, a teologia do espírito, é um sistema, a teologia do espírito.

Entrevistadora: É uma estrutura, nê!?

Deponente: éee, é um sistema. A teologia do espírito... éee... a doutrina dáa, dai, da vida cristã e das últimas coisas, que é, que é a escatologia. Então é um sistema que tudo tem que se enquadra nesse sistema. É uma forma de, de, desde dos, do, do de Tomás de Aquino que fez a suma teológica, é isso! É um sistema sobre, é o sistema que é assim. Desde de Tomás de Aquino e a história da igreja todinha fa, fala sobre a merma coisa. Sê tem

atualização de, de entradas no texto, mas a teologia sistemática é a mesma. Por isso sê num pode pegar um, um evangélico, um evangélico e ele falar que ele éee, ele num é católico, muito pelo contrário, ele é católico porque a teologia sistemática é a mesma, o sistema teológico. Ele só vai mudaaar ali, na teologia da igreja, ou nos, no espírito, alguma coisa assim, mas tudo é a mesma coisa, é o mesmo, é mesma base teológica. Sê num pode falar que o protestantismo tam, o mundo evangélico, o protestantismo é outra coisa, o mundo evangélico rompe com à igreja católica, não! Nós somos um sistema. Só que no século XIX, sê tinha outras perguntas com o iluminismo... então você tinha outras perguntas que a fé precisava responder, por exemplo: Jesus existiu mesmo?, e esse negócio de bíblia? Esse troço aí e tal? Então os caras foram, os teólogos, foram sinceros e eles são muito mal interpretados pelos evangélicos, eles foram muito sinceros em ir pra bíblia, pra buscar às respostas da cultura. A filosofia tava questionando, a ciência tava quest, questionando, então vamo lá! E o que que eles fizeram? Foram tirar tudo, esmiuçar tudo, pra provar de forma científica à nossa fé. Sobraram algumas coisas, a ética! Tem um cara chamado, Feuerbach, não, o Feuerbach éee, é filósofo, era o Harnack, Adolf von Harnack, ele tem um livro sobre o que é o cristianismo e o que é o final desse trabalho, que é, o que sobre é a ética cristã, é isso que vale na fé cristã. Então! A mística e tal, eles destruíram esse negócio, tiraram da gente o sagrado e botaram agente como se fosse, um manual de ética. Legal, muito legal, sobra do cristianismo, pra teologia liberal, é isso. Só que à partir da teologia liberal, nasce, nascem outras perguntas que precisam ser respondidas e aí vem, no final do XIX pro início do século XX, vem teologia sistemáticas, agente quebra o sistema...o, o, a teologia quebra o sistema, a teologia séria tá!?, quebra o sistema e começa a pensar por exemplo: o que que Deus tem pra dizer? O que nossa fé tem pra dizer sobre à injustiça econômica? Nasce a teologia da libertação. O que que nossa fé e, e a nossa tradição tem pá dizer sobre a questão racial? Aí nasce a teologia negra, aí nasce a teologia ambiental, nasce a teologia ée de gênero, nasce a teologia queer, nasce a teologia, e aí o negócio fica mosaico porque a fé agora, ela fica pluuural às respostas, porque sê não tem mais compromisso com a meta narrativa, com o sistema fechado, agora sê tem como, sê tem como perguntar pro sistema sobre coisas que vai nascendo outras respostas e eu fui pruma igreja assim. Eu caí numa igreja assim, com uma formação teológica assim, aberta! Éee, não compromissada com a fé reformada, mas como base. Até sê vai ver muito no mundo presbiteriano, falar assim: - Nós somos calvinistas, é! O presbiterianismo nasce... da, da, da tradição calvinista, só que o presbiterianismo ele avança pro calvinismo, o, o, o, calvinismo é a nossa base histórica, num, nosso início de pe, de, de reflexão só que num pode para ali, num pode parar no século XVI... a IPB parou no século XVI, XVII. Não po, sê te uma ideia assim. A IPB parou no século XVI, XVII, ela é calvinista e mar, muito mais do que isso, ela, ela é calvinista neoescolástica do século XVII que, Calvino disse sobre a eleição, aí ele fala: tem uns eleito que foram eleito pro céu, outros pro inferno. Deus escolheu uns pro céu, outros pro inferno. É não, é não, não . tá! E na nossa igreja também tem calvinista, não é uma igreja plural? também tem calvinista. E eu caio numa igreja que ela é, presbiteriana e ela não é calvinista. Ela é, calviniana. Eu ficava assim (expressão de como quem nada entende). Como assi?, nunca tinha visto isto. Não, agente tem Cal, Calvino como base de reflexão, mas agente num fica é, é... lendo ele como bula de remédio... e eu fui formado na IPI, eu fui formado em discipular as pessoas no Calvinismo. Então coisa que sê nunca ouviu da minha boca, eu fazia. Eu fazia... a, a..., a... o ensino da tulip, que é a base da teologia calvinista, que é um resumão, que é, total depravação humana, eleição incondicional, limitado expiação, amor incondicional e perseverança dos santos, quele, que em Genebra tem muitas tulipa, aí eles pegaram a teologia de Calvino e resumiram num negocinho pra ficar fácil, ideológico, tá!? Eu ensinava isso cara!, os código, tudo. Aí eu escuto um negócio desse, eu falo (expressão de não entendimento).

Entrevistadora: risos

Depoente: - como assim? E aí no meu seminário, num, num, em formação teológica eu tenho professores luteranos, eu tenho professor anglicanos, eu tenho professor católico, eu tenho professor ateu, tenho professor éee, ortodoxo, russo, é...

Entrevistadora: Mistura

Depoente: Grego, eu tenho presbiterianos sólidos, Rubem Alves foi meu professor, quer dizer...

Entrevistadora: Que massa!

Depoente: Então..., mas era um tipo de formação teológica que não era mais compromissada com a doutrina, com uma tradição reformada, muito embora sejamos, mas... é, não como bula de remédio. Aí eu caí, comecei a entender minha angústia, lá no começo eu queria uma igreja dialogal, e eu comecei a me entender, entender assim... o mosaico nasce aí, vai nascer aí! Eu comecei a entender que a igreja é maior do que o, do que o, as confissões e a IPU, tinha nos seus códigos assim, nas seus documentos que nós confessávamos todas às confissões de fé, desde o credo apostólico até ontem. E que agente tem o livro das confissões. Então você tem a história do, da pensamento cristão daquele lugar. Então eu tinha liberdade de, de professaaar uma parte das confissões. Tanto é que em 2010, em Acra, fizeram uma, tinha a aliança mundial da igreja reformadas que é a, IPB não é da aliança mundial das igrejas reformadas. Ah my, juh, eles ficaram meses decidindo sobre a, o pacto econômico da igreja reformada. O que a igreja reformada tem pra dizer sobre injustiça social e econômica?, aí nasceu um, uma última confissão, confissão de Acra, que é a confissão com relação ao capitalismo... aí a confissão de Acra... pró eu tava no seminário e tava nascendo esses negócio, então a confissão de Acra era marxista, oh o mundo burguês dizendo que, que a injustiça é pecado! Então... eu comecei a, a, a... a ser encantado com o tamanho do cristianismo, e a beleza e a pluralidade dele. Dentro do seminário, nê!?! com as tradições que eu tava, os professores que eu tinha, dentro dos cursos de, de extensão eu fiz, nê!?! Assim, eu fui, eu fui, eu fui representante da, da, da IPU num curso em Genebra, na suíça, eu fiquei seis meses fora, sete, sete meses fora, pra estudar num conselho mundial de igrejas, que é, você tem o mundo, você tem um conselho éee, em Genebra que é onde se juntam as tradições cristãs pra pensar a ação cristã no mundo, formação, material, e discutir temas e tal! É u, é do lado da ONU, então tem muita essa coisa da, da, da interação dos poderes e tal! Tem diálogos, tem diálogos bilaterais cristãos e mulçumanos, cristãos e hindus, cristãos e num sei o quê, e eu fui, fazer um, um curso lá... de pós, e eu recebi à bolsa e fui. E aí eu comecei a ver que a igreja era um grande mosaico mermo, porque eu tinha amigos coctas egípcios, que a tradição litúrgica deles é totalmente diferente da nossa, a história umm, diferente... e a única coisa que juntava agente era ummm, um fenômeno, um fenômeno que é o nazareno, que num tinha nada haver com agente. Eu tinha amigos éee, ah hoje tá tendo a guerra da Ucrânia então, ucranianos e russos que eram o ortodoxos, mas cada um de um jeito, e cada um seguindo uma linha diferente. E eu tinha amigos ortodoxos sirianos, da Síria, que viviam uma liturgia do século XIII (risos), que ah, o culto era do século XIII e um árabe que eles nem mais falavam, num fa, num sabia mais, ele só cantavam aquele negócio éee, tradições monásticas que eu conheci, coisas lindas assim, d, da, da fé, eu fui im, im..., eu fui im, im, em oficinas de mosaicos nê!?! o cara fazendo mosaico, arte de icônica que chama, arte de ícones eu fui passar uma tarde de espiritualidade num lugar desse, o cara fazendo pintura, arte, como uma oração. Ainda me lembro da vontade de chora... coisa linda cara, linda, linda, linda, linda, linda... e aí ali eu, o mosaico nasce ali. (estralo de dedos). Eu já entendi! Eu já entendi que não tem como eu pensar a fé numa corrente só, minha fé é maior, meu jesus ele num tem compromisso com uma cultura, com uma tradição, com uma teologia, com um... esse negócio é lindo, porque quando você encontra

com ele assim... eu me lembro que eu tava, repito, eu tive uma experiência numa, numa mística mermo assim, um negócio sagrado mermo, eu tive uma experiência numa igreja é, ortodoxa, que eu, não, sê não entende bosta nenhuma do culto, porque o culto, o culto tem seis horas, só que o público mermo tem quarenta minutos. Eu, eu vou, você vai só quarenta minutos, e tem umas portas assim, uns ícones na parede, tem umas portas aí, entra um, um, um sacerdote, aí incensa aqui, aí saí por uma porta. Agente teve aula pra entender isso, a, aí acende uma luzinha fica em pé, faz um sinal, eles cantam o, o culto todo, ée, eles chamam de salmodiar, eles salmodiam a, o culto todo sem instrumento e um coral que sê não vê, sê, ôôôô, êêêê, ââââ (imitando com voz grave o que ouvira de sua experiência no coral da igreja). Um negóócio loououo cara, louco, louco, sê fica procurando onde que tá esses, esses cara cantando, num tem, é só arte na sua frente, só arte. E u caba sentado lá no canto, e o bispão assim de preto com aqueles negócio, aqueles troço assim, os cara incensando. Tudo muito diferente. E eu tava assim cara! foi meu primeiro artigo, depois dessa fase..., de mudar nê!?, assim, eu ser confrontado com um negócio que tava em mim e eu num sabia o quê que era. Eu, eu olhe pro céu assim, olhei pro teto que é muita arte cara, muita coisa bunita cara! aí eu olhei assim... tu viu um ícone que eu tenho lá em casa de Jesus, árabe? Assim ô, ele é assim! Eu trouxe de lá. Quando eu olho assim, tem uma figura de Maria preta que nem eu, com o olho caramelo... olhando assim, eu fiquei olhando pra aquilo e aquilo olhando pra mim, pu quê, é arte nê!? Sê, eu, depois eu te falo o quê que vai acontecer comigo! Aí eu... eu esqueci do culto, tava lá com ela, e naquela hora um veio negócio na minha cabeça assim: - tá faltando alguma coisa na minha fé, cara!... tá faltando mulher na minha fé, minha tradição não tem mulher. E eu olhando pra ela assim porque era tão, tem tema, tão cuidadoso, tão afetiva, eu olhando assim, falei... refletindo tudo nela, na tradição, na história, na tá o quê, na bobagem da, da, da idolatria e pá pá! e você vai recebendo isso, nê!? Eu fiquei olhando aquilo, fiquei o culto todo o, olhando pa aquela mulher, perguntei quem que era, Maria! Lindo, lindo! Aí eu voltei pra casa ééé...pensando. tem uma mulher, teóloga latino americana chamada; Ivone Gebara...Aí eu voltei refletindo nisso e, e tem uma mulher chamada, Ivone Gebara, que é uma teóloga, doutora em bíblia, que faz leitura popular da bíblia e eu fu, eu falei rapaz! Eu vou começar por esse, começar a pesquisar. Aqui na biblioteca tem alguma coisa da, Ivone? Tem, tem lá num sei o quê de, de, de leitura popular da bíblia e tal, latino americana! É tal! Aí eu fui. Engraçado que o, o primeiro artigo que eu peguei dela, no meio do livro assim, um artigo, procurando o artigo dela, aí tinha éee, ée... um texto que ela escreveu sobre essa coisa do, do ocultar a figura feminina no testamento de, de Deus!... Asherah, que na, no panteão canaanita, você tinha Iaveh e Asherah, que tem nuns textos, por ex: a rainha do céu, ah num sei o quê... num é Maria, é o catolicismo que faz esse, essas, essas bricolagens. Aí... aí eu comecei a ler esse artigo dela e falei assim: ma rapaz...! isso vai dá um trabalho assim deu, deu ter que isso, num era isso que eu queria estudar, mas... isso aqui é um negócio que começou a mexer comigo, eu fa, eu liii, comecei a ler outas coisa, eu falei isso aqui, teologia feminista, aí começou a, a mexer comigo! Aí tá bom deixa aí, que isso vai me dá um trabalho (risos). Então vou é... num é pu! Mas mudou minha espiritualidade. E eu escrevi uma, um artigo sobre é, o Raul Seixas tem uma música. em naquela época eu tava fazendo, então, aí fui pra lá estudei e tal, num sei o quê e voltei. Quando eu voltei, eu encontrei o teólogo que, que eu caminho na senda dele, chama: Paul Tillich, que é um teólogo alemão, éee do período, do período nazista, e ele tem uma produção cul, teológica que trabalha com a teologia da cuultura..., então o Tillich diz que a teologia tex, tem que ser, eu descominto, eu me descobrindo, as angústias foram... lá no seminário eu comecei a pow, isso aqui! O Tilluch tinha um projeto de teologia da cultura, onde ele dizia que: a igreja monologa e agente precisava fazer dialética que é: fala, o outro escuta, fala o outro escuta, pra promover uma

síntese, é, é, dialética da, da teologia, da fé, e, que ele dizia: toda cultura ela tem base religiosa, já disse isso pra ti. Toda cultura ela tem, ela, ela fala sobre um... o sagrado, ele nem usa essa palavra sagrado, ele fala

Entrevistadora: Místico?

Depoente: Ele nem usa o místico porque ele, ele vem pra trás disso, ele disse assim: Que a, vou usar isso, por que é muito, é muito difícil traduzir, mas ele fala do a priori, ele fala assim: Que, que... Deus que é um título, Deus não é um ser, Deus é um título pra agente, que agente dá pra isso. Deus é o a priori, ele é o poder de ser, ele pá, tá pegando Heidegger, ele tá pegando essa filosofia fenô, fenomenológica, lógica e tá trazendo pra nós, ele tá dizendo assim: Deus tem, Deus é o a priori, ele o antes do ser... ele é antes de qualquer existência, ele antes de qualquer, ele o poder de ser, tem até um livro chamado: o poder de ser, ele é o poder de ser. É... e pra ele, ele diz que tudo que agente faz, tudo que agente faz, é um grito sobre...essa, essa essência... num tá na teologia dele, mas assim, essa essência... mística que agente tem no universo. Então tudo... é, tem haver com isso. Ele vai pegar Espinosa, ele vai pegar, então ele assi, ele fa, Espinosa vai dizer que Deus é a natureza, nê!? A força da natureza, não é a natureza. Deus é, é um... é a, é a natureza em si. Ele vai dizer então, Deus é... um título que agente dá pra essa força que é antes da, até do em si (risos). Aí ele fala assim, então! Pra analisar à cultura eu precisooo descobrir às suas angústias... então, o quê que ela tá gritando sobre Deus, sobre essa coisa que tá me, que tá em nós, que tá em tudo, que, que, então eu preciso descobrir qual que é o, o jogo simbólico pra, pra que eu... ele fala e eu trago à minha fala, a minha, a minha resposta a essa angústia, então quando mais sê pergunta, mais eu caminho pra me descobrir também. Então eu cheguei e, e tava mergulhado no Tillich e aí, e com essa coisa da teologia da cultura eu, eu foquei na arte, pra tentar, pra tentar descobrir que que a arte, a música, a literatura tava falando sobre Deus... e quando eu cheguei, eu, eu essa coisa da angústia da mulher, eu escrevi um artigo chama: ave maria da rua, que é uma música do Raul Seixas, que dizia sobre, a uma, é uma das músicas mais linda que eu já vi sobre a Maria..., ela é não religiosa, mas ela é extremamente religiosa. E aí eu escrevi o artigo sobre isso e depois fui brincando sobre, eu fui brincando, aprendendo a lê, fazendo o, o, o método do Tillich, eu comecei a ler, o diabo na MPB e num sei o quê num sei o quê, e comecei a veeerr, e porque assim, eu estudo, eu estudo, eu escrevi um artigo sobre o diabo, o que quer o diabo e num tem nada haver com o isso, o cara de chifrinho e tudo mais é, é uma força que, que... que rompe com aquilo que está, tá ten, é metricamente fechado. Então agente, o diabo é mais que necessário (risos) aí escrevi. Aí... dentro da minha igreja eu tinha liberdade pra, pra, pra pensar. Mas aí eu falava assim: - Gente! Vamo fazer missão? E eles não faziam. Eu falava assim: Vamo plantar uma igreja?, Não, agente já tem pow ! agente tem. Mas existem pessoas que precisam do nosso jeito! Não Bruno! Agente já faz missão com o hospital evangélico, agente já faz missão com, com à faculdade de teologia, agente já faz missão cum num sei o quê, agente já faz missão com aquilo. Eu falei: Não. Eu tô, falando de missão popular mermo, de chegar, convercer, conversar, falar de Jesus pras pessoas e mostrar como agente enxerga isso. Ah Bruno!... Eu passei seis anos assim, na angústia porque eu queria ver isso funcionar. Aí quando foi 2012, com à crise que eu tive com, com, com à burguesia, porque eu tava virando burguês, eu falei amô vamo bora! Porque agente tá assumindo isso, nê!? Porque sê vai vivendo ali, vivendo ali e daqui a pouco sê assumi aquele jeito, aquelas perguntas, aqueles comportamentos, porque éee, cultura. Vamo bora, porque isso aqui num tá...aí escrevi pra IPI, de novo, eu queria voltar pro Nordeste, eu queria voltar pra essa região, eu queria fazer... essa diferença aqui. Mas eu não sabia que eu tinha mudado (risos). Eu não sabia que eu tinha mudado, eu, eu, eu não sabia que essas mudanças geraram, corroeram algumas coisas estruturais que tavam dento de mim... não sabia mermo. Aí eu, vim pra cá, aí coisas que acontecem com, com os movimentos que se encaixam... a bi, a, a IPI tava mudando o jeito de fazer missão e tava pegando... uma,

um conservadorismo daquele, daqueles anos. Num tava dando resultado, a instituição precisa de resultado, num tava dando resultado, e tava nascendo um movimento é, no mundo, que era igrejas missionais. Quê que é isso? Basicamente, uma igreja aberta pra cultura, basicamente uma igreja que dia, dialoga com seu mundo, com seu tempo, com às suas perguntas. Basicamente uma igreja que rompe com, com a prisão, prisão doutrinária, a prisão litúrgica que é o rito, que tem que ser assim. Porque a nós temo o manual do culto, que tem o jeito de fazer o culto. Então, é... que rompe com isso e tal! E tava começando, então ficou um negócio muito sem, frescura, porque, quê que é isso que tá nascendo na igreja?. O caio é desse movimento, o Cássio que era o out, o outro desse movimento, outros. Aí eles começaram a fazer for força pra que a igreja pelo menos pensasse uma outra forma de fazer missão. E eles conseguiram, parceira com a igreja presbiteriana do Brasil, olha que interessante, uma igreja de Campinas, que, tinha assumido esse tipo, de, de, quase foi mandado embora da IPB, só não foi mandado embora da IPB porque eles começaram a, a acolher gente da classe A e B, então era dinheiro, e quando tem dinheiro tem poder. Então o co, o Ricardo Agreste não foi expulso da, da IPB por conta disso, porque nem tem, nem tem nome, nome, o nome da igreja chama: Chácara da Primavera, num tem nem nome da igreja e esse cara montou um curso lá de pós graduação e plantação de igreja aí, em, o quê que a IPI fez com agente!? Eu escrevi pra voltar e voltei só que os cara falou: -Nam sê volta, e é obrigatoriedade, engraçado ele fa, na época eu falei que merda! Mais uma vez eu vou me sentar na sala de aula! A obrigatoriedade é fazer essa pós-graduação, e fazer um novo CTM. Eu falei: - Eu já fiz o CTM. Não, é novo! Eu fui a contragosto tá!? Aí ma, me matriculei numa pós graduação em Campinas e num, no CTM. Quando eu cheguei aqui em Pombal eu não sabia o que eu tinha que fazer... eu só, eu queria ir pra Natal, o resumão é: eu queria ir pra Natal, tinha alugado casa lá já, a igreja que, que eu ia assumir lá, que era numa favelinha lá em Filipe Camarão, tinha uma escola, um projeto social com 150 crianças, eu adoro aquele negócio, cheguei lá Livia não se sentiu bem, num é lugar dela, então eu respeitei, falei não, então agente num, nãaaoo ela conhecia desde o início aquele negócio, então ela ficou no passado. E lá tem um projeto, tem uma ONG, é um negó muito legal! E é o bairro mais violento de Natal, e eu queria tá lá. Aí... beleza! É, ela disse que num queria e tal, eu falei beleza! Aí eu aluguei uma casa na rua de Raquel, eu ia servir a qualquer outra igreja lá, mas num ia trabalhar com igreja, ia dá aula. Aí me chamaram pra cá porque Raimundo ia sair daqui, iam botar Raimundo em Cajazeiras e eles precisavam trazer um obreiro pra cá, porque já tinha investido muito tempo, muito dinheiro e tá tá tá tal! E eu não queria vim, porque eu tinha falado que nunca pisaria em Pombal, não moraria aqui. Minha sogra me ligou, me encheu o saco véio, eu falei sogra. Aí liguei pra três amigos meus. Liguei pro, Peruca que é um anglicano, meu amigo, meu tatuador, aí liguei pro Peruca pronto, hoje ele é bispo, anglicano. Peruca! Eu falei, ele falou tu num tá querendo ir pro Nordeste ? eu falei sim, mas..., mas no Sertão!? Sou urbano, mas ele falou: - Bruno sê vai ter tempo pra escrever, sê num quer escrever!? É! Nunca consegui, nunca tive tempo (risos). Sê vai ter tempo de escrever e tal, eu falei ée, legal! É mermo, beleza! Liguei pra mulher de Jaime, que ela é minha madrinha de casamento. Eu liguei, Themis cara tem assim, assim. E ela: Bruno deixa de ser burro, eles tão mandando os missionários embora e se tão te convidando é porque eles, eles valoriza o seu trabalho, eles tão mandando todo mundo embora, tão fazendo uma peneira nos obreiro da, da missão, se eles te escolheram é poorque eles viram alguma coisa em você. Eu falei cara, Themis mas... Bruno! Fica lá dois anos, depois sê vem pra cá. A última pessoa que eu liguei foi seu Raimundo. Raimundo e aí, como é que é esse negócio!? Como é que é? A igreja é saudável, o troço é, como? e ele só, não, venha, num falou nada, só falou isso... e minha mudança já tava vindo pro Nordeste, já, o caminhão já tinha pegado, tava pegando no Sul, pa pegar a mudança de um militar e ia subir pá Natal. Então... éee, já tava o caminhão na estrada, eu não sabia pra onde eu ia. Livia chegou da

Faculdade eu falei: -Mozinho e aí, agente faz o quê?... Aí falei, ela falou pra onde sê escolher eu vou. Ficou a bucha comigo, aí eu refleti, refleti, Sophia quatro anos, meu sogro tá pertinho, ela vai ter vô, pertinho... vamo pra Pombal! Liguei pra, pra transportadora, vira à direita, quando sê chegar (risos). Mudei pra Pombal, beleza! E vim pra cá, com essa ideia mesmo assim, de não amar aqui, de ficar dois anos fazendo burocracia, coisas que o Raimundo fez nê!? Ah fazer um culto disso, um culto daquilo, uma festinha, passar dois anos disso. E na pós, eu tava fazendo a pós e tava descobrindo que eu podia fazer o que eu acreditava, da forma que eu gostaria, mas aqui num era o lugar. Então eu comecei a ficar assim, meio, cara! ansioso, porque eu tô vendo coisa, eu tô descobrindo coisa, eu tô lendo coisas que nummm, num vai encaixar aqui. Aí o Ricardo... acho que nuns, no primeiro semestre ele fez uma avaliação pros obreiro, aí... a família, chamou a família, agente foi lá pra Campinas, levou todo mundo e agente passava por uma avaliação psicológica, uma avaliação num sei o quê tal tal e a última era com ele lá na, ele e a equipe dele de, de psicólogos, de plantador e tal, passamu e tal. Quando eu cheguei na sala, eu e Lívia, aí ele fez umas perguntas pra Lívia e tal, porque se a mulher não tiver nessa, já, já, já é 70% num vai rolar, porque se a família num tiver junto num, num vai rolar, porque esse trabalho é difícil, você tem que ter um suporte emocional muito forte. Aí fez umas perguntas lá pra Lívia, daqui à pouco, ele fala assim: Qual é seu sonho? Aí eu vim...eu quero uma igreja dialogal, contemporânea, que seja aberta pra outras tendências, que num tenha medo de, de perguntar, que num tenha medo de, de não saber! De num ter respostas, de que assim, assim, assim, assim, assim, aí fui falando nê!?, que num tem, que vê na cultura não um de, um, um, um problema, mais uma oportunidade de, de poder descobrir Deus e fazer as pessoas se seduzirem pelo, pelo amor de Deus a partir da linguagem delas e tal. Aí ele fez assim: onde é que sê tá agora? Eu falei assim, eu tô em Pombal! E quando sê vai fazer isso? Eu falei, quando eu sair de Pombal. Aí ele fez uma pergunta e disse assim: Por que não Pombal? E eu fiz todas, as, as, as, eu dei todas as desculpas que alguém pode dá. É uma cidade pequena no Sertão da Paraíba, ela é rural, e que num sei o quê, e que num sei o quê, e fui falando, dos problemas que agente tem aqui. Distante do grande centro, e que num te o quê, a cultura urbana é muito pequena, e ele: tem cultura urbana? Tem, mas é muito reduzida e tal. Daqui à pouco ele falou assim: Por que não Pombal ? (longa pausa). Mas é, te... por que não, Bruno? Por que o sonho sempre tem que tá na frente e não pode ser agora? por que que sê não pode testar? (breve pausa). Eu voltei do avião de, de Campinas pra cá, lá em João Pessoa e busão pra cá, com essa puga atrás da orelha. Eu tava de dois em dois meses em Natal sendo munido de material, de ideias e tal e, e...e com as que eu já tinha, com a bagagem do tempo e tudo mais, mas por que que aquilo eu tinha que ser um burocrata sem, sem botar à coisa pra andar!? E aí eu... fu, vou testar! Liguei pro meu chefe, Cássio, ou Cássio! ele era meu mentor espiritual, eu falei Cássio, Eu, sê, sê sabe que eu tenho umas angústias assim com, com, com essa coisa monocromática da fé, nê!? um negócio só, só um jeito, só num sei o quê. Ele fa, ele falou: é Bruno, eu sei que sei que sê num... cara eu posso tentar aqui? Aí ele falou assim sê tá aí pra isso... mas como é que eu fa, aí como é que eu, aí ele falou...: Descubra! Mas aí eu, é! Eu vou tentar. Então tudo que eu ten, eu tava estudando eu tentava botar em prática, na igreja. Ficava e tentava botar em prática, comecei a treinar pro pessoal láaa no Vida Nova, em frente à casa da Fernanda ali, comecei tal, vi que umas coisa num tava..., acabei perdendo muita gente por canta da. Porque assim, se é pra testar eu vou testar do jeito que tem que ser testado. Aí teve treta, tiro, porrada, bomba, nê!? gente questionando que a igreja mudou, Raimundo ensinou isso e tal e... nunca podendo falar mal do sogro, nê!? das limitações da formação dele. Sempre: Nãoo, ele pensava assim, mas... limitação cultural do meu sogro, nê!? Conservadora, Nordestina e tal! Nunca saiu daqui, foi pros Estados Unidos, mas foi pro viagem missionária, foi lá conhecer algumas coisa, foi trabalhar em algumas coisa, mas voltou, num teve experiência de pensar, refletir, por

que esse povo pensa assim? Be, aí... comecei a botar em prática. Aí, eu comecei a colocar em prática assim, agente tinha um grupo de jovens muito, muito curioso. Essa turminha era muito curiosa, e aí eu comecei a colocar eles pra ter mais curiosidade e, e fazer às coisas acontecerem. E aí então era a, Dani, o, o... Talyson, a Fernanda, o Tiago, a... Bárbara... a irmã dela que esqueci o nome. Aí tinha uma turminha assim, e eu comecei a fazer o seguinte! Vamo pra praça, porque agente saí do ambiente de igreja, e agente reflete, pensa é, brinca, conversa e tal, lá na grama. Eu morava em frente, nê!/? Agente faz lá na grama, pega um, umas lona que eu tiver ainda da mudança, agente bota a lona senta todo mundo no chão. E agente começa a fazer uns negócio, leva umas comida, agente faz umas paradinha lá. Aí começamo a fazer, Dani sempre foi muuito líder, a Dani é muito líder, aí a Dani foi, fazer as coisinhas, textinho e tá tá tal, coisa dela, meio fru fru assim, mas é dela, aí começou a fazer e eu comecei a deixar eles liderando a coisa. Eu comecei a não aparecer, pá deixar eles terem liberdade de fazer do jeito deles. Levar a, a conversa a, o quê que ia ser e taal, do jeito deles. Claro que eu sabia o que tava acontecendo, mais quando o pastor tá ele intervém, nê!/? Ele intervém no, no movimento, então assim, porque as pessoas ficam com medo de falar o que pensam e tal. Beleza. Aí comecei a deixar isso, isso, na mão da Dani, aí começou a ficar muito legal, sério, a ABU que é a aliança começou a juntar com agente. Eles num tinham aí começaram a sentar lá com agente, aí começou assim, aí começou isso, aquilo, aquilo outro. Aí... eu falava oh tem quarta feira aí, Dani vamo falar de conexão, agente conecta às pessoas, porque era o que tava dizendo sobre relacionamento. É vai, conexão! Aí ela assumiu esse negócio, aí ficou ela assumindo mais o Talyson, mais num sei quem, aí eles tiveram uma dinâmica lá entre eles, que qualquer pessoa que chegasse lá era acolhida, qualquer pessoa que chegasse lá podia falar e no final ela brincavam, fazia um negócio assim, um sorteio de quem que ia trazer a reflexão na outra semana. Podia ser o cara que tava visitando lá (risos e tosse). Aí, o Eveton foi nessa época, participou e tal. O negócio foi tomando forma, aí eu comecei a organizar outras coisas, treinar, fazer treinamento, e aí eu... e tava dividido nas duas coisa, na, no negócio tradicional e fazendo isso acontecer. Fazendo relacionamento e, e aquelas coisas que o Raimundo deixou pra tra, aí... chegou no momento em que eu falei: Agente precisa dá mais um passo! E aí eu ente, aí eu fiquei assim, eu num queria que esse negócio fosse visto como um programa de jovens... eu queria que esse negócio fosse visto como igreja nascendo, então se eu colocasse um encontro semanal num sábado, ia parecer: encontro de jovens no sábado! Aí conversei com a turma e falei assim: Gente! Vamo fazer o negócio num domingo de manhã. Agente faz num domingo de manhã eee lá na praça, igual agente faz, mais pá estabelecer o domingo de manhã pá chamar esse nossos amigos que tão se encontrando com agente, pra esse evento no domingo de manhã. Beleza? Beleza! E como é que vai chamar isso?... (uma pausa). Num sei cara! vou refletir...num sei! Cara como é que vai chamar isso!/? Conexão é o negócio dos jovens... (longa pausa). Mosaico! Arte, pluralidade, acolhida, Mosaico! É vai chamar mosaico. E eu fu, rapaz, eu pensei rede (gargalhadas), pensei rede, Nordeste, rede... o quê que sê tá, tá chorando filha!/?

Entrevistadora: A história!

Depoente: É. Aí eu, eu pensei rede, rede conecta, rede descansa, rede, rede, mar rede!/? Rede! e fiquei, desenhei, fiquei viajando, eu falei assim: Não! Tá me incomodando rede (Gargalhadas). A casa onde hoje é a criativa, na época eu olhei ela pra, pro Mosaico. Deus é muito legal comigo! Eu fui naquela casa, ela tavaa, ela tava toda detonada e tal, fui lá em Dona Lídia, aí pedi a chave, eu tenho às fotos, eu tenho essas fotos. Dona Valdívnia tava aqui na época, Sophia bem pequenininha ainda. Vamo olhar ali uma casa comigo. Eu num falo pra ninguém o quê que eu vou fazer, poque a maluquice tá na minha cabeça. (risos). Vamo olhar aquela casa, aí fumo olhar, ela queria, ela achou que eu queria morar naquela casa, aí, aí olhando assim aquela casa... eu queria um

negócio, um espaço, que as pessoas se sentissem em casa, eu num quero igreja, eu quero casa! (risos), eu quero que às pessoas se sintam, como eu fui acolhido lá naquele lugarzinho que o cara tava pintando lá o ícone. Que o cara me trouxe, falou de oração comigo, falou da arte de cada pintura, de cada ícone daquele, agente tomava café junto, com aquilo. Aquele ambiente eu queria pra cá, sabe!?!... Mosaico, é! Por conta da arte que eu adoro, por conta desse negócio de que, é junção de pedrinhas diferentes, plurais, e...de tudo quanto é jeito, e que quando você olha de longe, aí dá um negócio único, nê!?! Piquinininho é só pedrinha, mas de longe, de longe é a arte. Mosaico. Mar mosaico num vai ficar muito moisés? Moisés é lei, lei mosaica, lei, dura. Aí o quê que fiz, liguei pra piruca, piruca eu tô querendo fazer um negócio assim! Pow que legal, Bruno e tal! Ele tinha vindo aqui, ele tinha vindo me visitar lá na igreja do vida nova, também temo foto. Foi a última vez que ele fez essa tatuagem, nãaaoo foi depois, sim! Que legal Bruno e tal, num sei o quê. Aí eu falei é assim é mosaico, cara! tu tem como pensar num, num, numa logo marca, um ícone, alguma coisa pra mim cara, assim! Eu gosto da sua arte. Aqueles quadros que, que...Edna pintou da igreja que ficava lá no fundo, é a arte dele, ela só replicou a arte dele. Eu falei: Eu aadoro sua arte Piruca, pós...e eu ajudei a nascer a igreja dele lá em, em Vitória, e hoje tá bobando lá em Vitória a igreja dele. Aí, não bruno me dá um tempo aí que eu faço. Aí ele fez quatro ideias, quatro ideias, eu gostei das quatro, mas assim (risos), peguei o ícone, ou, o símbolo da IPI levei pra ele ter como referência e ele fez quatro ideias. Aí o quê que eu fiz? Aí eu falei assim, essa era uma delas, essa era uma delas. Aí eu falei o que os irmãos escolherem, fica legal os irmãos escolhem e a outra eu faço uma tatuagem (risos). Que eu odei, eu adorei às quatro (risos). Ele fez até, a, a, a fonte ele fez dire, aí mandou pra mim, aí o quê que eu fiz? Peguei um culto desse de oração, num tinha estação de oração, era culto de oração e tal, do formato bem pro evangélico mermo, eu quero fazer pedido de oração pela minha avô, aí que num sei o quê, aí ora, aí depois num sei quê, vamo dá a mão, aquela coisa bem igreja mermo, mas, aí nesse dia eu falei gente, eu tenho uma coisa pra apresentar pra vocês, já que todo mundo já sabia o que tava acontecendo, é... aí botei lá no data show, qual que vocês acham? Neudiene e Juninho tavam nesse dia, e assim..., e ela me ajudou a, a voz da Neudiene foi muito, muito definitiva pra ser esse, esse, esse, esse símbolo aí. Porque ela falou assim: -Olhaaaa... porque eu tava mais tendencioso às cruces que ele tinha feito (risos), ela falou assim: Mas esse aí tem uma brincadeira com o símbolo da IPI, que tem haver com Pombo nê!?! e Pombal, a Pomba, Pombal vai comunicar bem, eu falei é, é mermo, tem a pomba e tal, Pombal é, e tem, é dentro, é um, é um, é uma coisa que tá dentro do ícone da IPI, quer dizer, beleza, é, vai ficar e ficou esse. E agente ainda não sabia o quê que tava fazendo, eu não sabia, agente não sabia o que tava fazendo. Só sabia que eu tava plantando uma igreja, mas não sabia o quê que isso ia acontecer, o quê que ia acontecer com isso? Eu tava botando os métodos pra funcionar, relacionamento, tudo a, a base de leitura que eu tive. Aí o conexão começou a conectar... aquilo que eu mu, que eu gostava mermo assim, a igreja de amigos aí eu falei: - Vamo pra praça, vamo tal, tal. Tem a foto no primeiro dia, que agente fez num domingo, agente levou tal, fizemo um, um piquenique e começou o negócio ali, no piquenique, num domingo de manhã, na praça, tiramo à foto. E aí já tava acontecendo um movimento antes, quando o iuri tava aqui, agente ia pros shows de rock, agente ia pra num sei aonde, já tava começando o movimento de, a gente se conhecer e conhecer à juventude da cidade naquela época. Então todo mundo mais, mais ou menos, sabia quem agente era, eee e sabia que, era meio esquisito do resto do que tava acontecendo em Pombal. Isso foi um negócio interessante, porque é, houve muito naquele momento, quando agente ainda não era o mosaico, mas assim, houve muito aquele negócio assim: O quê que esse povo tá fazendo num show de rock na sede operária? O quê que esse povo tá fazendo aqui num, num sarau no meio da praça? Quê que esse povo tá fazendo aqui num, num, num bar? Que ainda aqui nessa época tinha uma lanchonete de crente

Entrevistadora: Ainda tem.

Depoente: Não mas, tem?

Entrevistadora: Tem!

Depoente: Qual que é?

Entrevistadora: É a Pão Nosso ali.

Depoente: tem lanchonete ali

Entrevistadora: A lanchonete mesmo

Depoente: Ah é! Eu não sabia. Tinha uma lanchonete ali onde que é o cotidiano, era: zizen doff, que um mo, é um, é um moraviano, eles deram o nome pra, Zizen Doff era essa cara, pietista. Aí era da congregacional, então acabava o culto, o pessoal ia tomar lanche lá, e eu falava na igreja assim: -Não gente! Agente veio pra salgar o mundo, então assim, se agente for pra lá, pro Zizen Doff, agente vai fazer o quê de diferença no mundo? Das pessoas conhecer quem nós somos, com é que agente faz, agente tem que tá na praça mermo, agente tem que tá no show mermo, agente tem que tá, se eu pegar, eu, eu até brincava, se eu pegar vocês depois do culto lá no Zizen Doff depois do culto, eu dou um pedala Robinho, cês tem que ir lá pro planeta lanches, pra num sei aonde, agente tem ir pro meio do povo, num é ficar escondido do povo, agente num tem medo da cultura, agente tem que tá na cultura. E aí agente fez isso, agente tava e...todo mundo achava estranho, então eu, tava em audiência pública, todas as audiências pública eu tava, eu levava um da igreja. Tinha conselho de municipal de, de juventude, eu levei en, os nossos, teve conselho de saúde eu levei os nossos e tal. O problema é que aqui o povo é meio devagar sabe!? Num, num assume à coisa pá. Aí beleza, o que aconteceu? É eu fui nessa casa, aí tava certo que eu ia alugar essa casa, dona Lídia, conversei com Dona Lídia, fui na prefeitura porque era, é, a Pollyana era prefeita ela me chamou na sala, eu falei olha, ela : - Eu vou fazer uma reforma lá, tem como? Aí ela me mostrou, em João Pessoa ela me ligou pro, pro, pro piso que ela tinha comprado, quê que se acha, eu es, eu, eu escolhi e tal! Quando ela chegou e a reforma tava acabando, a mosaico tava andando assim... não devia ter tempo, agente tava muito devagar, porque agente fez uns, uns negócio na praça, aí tinha vez que só tava eu, Lívia, o Tiago, aí eu parei porque já tinha tanto trabalho pra fazer...aqui, que eu parei, ah falei: - ah vou parar, num vai dá certo não. Beleza, tava com tudo engatilhado, eu vou parar. Ram, eu me lembro como se fosse hoje... num tem um menino que chama, George, George que teemm, que tinha uma banda de rock? O Telho tocava nessa banda. Éee, hoje ele é fisioterapeuta, casado com a menina que chama, Fatinha

Entrevistadora: Eu sei quem é!

Depoente: Sê sabe!? Eu passando na praça assim, ele falou: -Ei, Brunão, cadê aquele negócio seu assim, moisés, moisés, moisés, ah num sei quê? Eu: Mosaico! É! Cadê aquele negócio velho? Eu falei: Putsa, cês num vão cara, pta cês num vão, por que que eu, que eu vou fazer... ele: Não cara, porque te, domingo de manhã também nê, Bruno!? É uma parada meio sinistro, agente ensaia à noite eee, eu falei: É cara, vou pensar. Aí ele me falou, outras pessoas começaram a me perguntar: Cadê aquele negócio? (risos de ambos, depoente e entrevistadora). Quando eu faço os cara num vão e quando eu num faço (gargalhadas do depoente). E, e eu comecei com uma, com uma, uma, uma estratégia. Eu comecei fazendo às reflexões em cima de músicas populares, eu num levava a bíblia. Então peguei o Rappa, eu tenho, na época do velho Orkut, eu tinha é, com a minha teologia da cultura, eu tinha feito a análise teológica das músicas do Lenine...

Entrevistadora: Que massa!

Depoente: É aí eu tinha no Orkut, perdi, perdi. Éee, eu num sabia que o Orkut ia morrer, aí eu fazia assim. Aí eu fazia assim, eu pegava e fazia a reflexão em cima de música, não levava bíblia. Cadê aquele negócio pow e num sei o quê tal, tal! Aí o, voltei, fu, conversando com os meninos, nê!? do conexão, eu falei pow velho! que estranho nê, cara!? agente para, os cara começa. Aí o Tiago sempre um, foi pra mim, um, um, ele é meio doidinho, mas ele sempre foi pra mim um, um, um sinalizador das coisas. Ele falou: - Bruno! agente num deveria parar, só que agente deveria escolher um lugar pra gente, porque agente pode fazer às coisa durante a semana, aquelas doidera do Tiago, aí ele vai começa a viajar nê!?

Entrevistadora: É!

Depoente: Agente podia fazer às coisa na semana, que num sei o quê e tal. E aí agente faz o culto às seis horas e lá agente faz às sete. Porque o, o culto da igreja era sete e meia (risos). Coisas do Raimundo. Aí é, vamo vê. Aí eu fiquei com esse negócio na cabeça, vou matar isso!? Tava indo pra Natal e fazendo os cursos, e assim pow muito que legal. Vou procurar um lugar então. A casa, quando à casa ficou pronta, a Lídia mim deu um traço e, e alugou pra, pra filha dela. Aí e eu nem pisei na casa depois que a casa ficou pronta, eu ajudei a fazer a reforma e, e nem pisei na casa depois que ela ficou pronta. Aí vou procurar um lugar preessas, essa moçada aí daqui à pouco na época tinha um, tem uma menina aqui: Jéssica Linhares, ela é filha de pastor, e o pai dela... da congregacional, e o pai dela tava em disciplina, porque tinha feito uma bobagem, então tava sem, sem assumir nenhum trabalho e essa menina, eu conheci ela lendo bobagem, fazendo bobagem, e aí eu comecei acompanhar, ela começou a cola, colar com agente, a menina... depois agente foi descobrindo que ela, ela é muito gente boa, mas tem muito problema, que deu muito problema pra gente. Mas assim, no começo pow! Colou com agente e tal. E ela tinha um namorado que depois foi pros Estados Unidos. Essa turma underground que tinha. Esse menino foi pros Estados Unidos e tava um vendendo vídeo game. Eu falei cara, vou comprar um vídeo game pro mosaico... porque aí eu faço essa galera ficar lá pow! Vai jogar, vai num sei o quê e aí ali agente vai conversando sobre Deus, discipulando e tudo mais, mas é um relacionamento estratégico. Comprei o vídeo game do menino, o Xbox, comprei o Xbox. Fiquei com, o Xbox em casa. o quê que eu vou fazer com isso cara? aí passou, passei lá na frente do Sinhá Carneiro, e tava lá: Aluga-se! Aí eu olhei... éee pequenininho, é o que eu tenho, condição de eu, aí liguei pro Cássio, falei: Cássio! Cara, ele já sabia de tudo o que eu tava fazendo, ele falou, eu falei: Cara eu vou precisa de um recurso pra, pra alugar outro espaço cara! ele falou: Veja quanto é... eu falei posso!? Ele falou: Sê tá aí pra testar cara, não atrapalhe Deus fazendo às coisa aí (risos). Se você não atrapalhar tá tudo de boa. É o que eu falando, o que tenho falando com a Fernanda. Se você não atrapalhar Deus fazendo, vá, surfa na onda... fui lá, olhei o valor do aluguel, sempre foi muito mais alto do que agente podia pagar, aí eu juntei essa turma que tava comigo. Vem cá, vamo numa reunião lá em casa. quanto sê ganha? Tanto, Quanto sê ganha? Quanto sê ganha? Quanto sê ganha? Quanto sê ganha? tá bom. Cara, pra gente fazer o mosaico, agente preeciisaaa dinheiro cara e, como agente nunca foi de ficar pedindo dinheiro, de ficar assim, nem na igreja, nem, pedir dinheiro, ficar forçando às coisa, vamo fazer uma cotinha! Eu vou arrumar uma o recurso, e agente na nossa cotinha, agente banca o resto. Beleza. Então eu re, eu consegui 70% do recurso, com a missão e os 30% ficou de responsabilidade da nossa cotinha, e foi muuuito, muito bom. Aí juntou Amarildo, a Jéssica, o irmão do Amarildo que esqueci o nome agora, aí os meninos, o Tiago, aí tinha Douglas Catão que era mecânico e tal

Entrevistadora: Gente boa!

Depoente: Demais. Aí casou e a mulher levou ele embora. Aí é! Aí assim, juntamo, fizemo a continha e prumm! Alugamo o lugar. Aí agora, agora agente tem um ambiente pra testar tudo que agente tava querendo, então

eu fiz uma reunião com eles e falei assim, já tava treinando todo mundo, e falei assim: -Olha! Agente vai fazer o seguinte, aqui vai ser uma outra igreja todo mundo ficou assim (expressão de surpresa pelo depoente ao encenar ao que se passou, no tempo explicitado). É, então! Agente vai ter a tradicional lá em cima e o mosaico aqui embaixo. E eu vou precisar muito da ajuda de vocês, porque eu vou ter que ficar me dividindo em dois, em duas, duas coisas. Rumm, um grupo de sete moleques (risos). Eu vou precisar muito da ajuda de vocês e, assim vocês vão ser a liderança da igreja... E eu vou contar com vocês, vou trabalhar com vocês, com a responsabilidade de uma igreja. Então... éee, nós somos presbiterianos, é, agente é conciliado, então tudo que agente vai decidir vai ser em conselho e vocês vão ter voz, voto, tal. Vocês vão ser pra mim o meu suporte aqui, beleza? Cara, beleza! Essa turma era assim. Vamo fazer? Vamo!, vamo num sei o quê? Vamo! Vamo num sei o quê? Vamo! E era assim. Num tinha esse: - Ah num vai dá, eu num posso ir na reunião, ah eu não tenho tempo e tal! Num tinha isso. Era, bora? Bora! Então bora. Por isso que eu falei com a Fernanda, Fê! tem coisas que aqui nessa igreja que não se replicam, não se replicam. Aí era um outro momento, outra, agente pode replicar conceitos, mas assim, como ela funciona, num dá pra copiar. Já tentaram copiar, o Jaime tentou copiar, tem um menino lá de Macau que tá tentando copiar, lá no pa, lá no Pernambuco tá tentando copiar, não dá. É essa turma quee, naquele ambiente, naquele, naquela época e daquele jeito, com essa cabeça queeee é outra coisa, que veio de outro universo, então... e se eu tentar fazer em outro lugar num vai dá certo, num dá pra copiar. Bom... aí, eu confiei nesses meninos, foi a melhor que eu fiz, eles deram conta, enquanto eu tinha que ser o pastor, eles deram conta de, de manter tudo funcionando. Então eu vinha pra dá curso, eu vinha pra dar aula, eu vinha pra, pra, pra, pra, pra pastorear o povo, mas eu tinha que me dividir, agente, ahhhhhh antes um pouco, desculpa, tô esquecendo, que foi um período pequeno, aí eu fiquei procurando lugar... não tinha lugar, eu num tinha visto essa plaquinha, eu fui no GEO, eu dava palestra lá. Eu falei: - Adriano, eu posso... eu num vim de uma, uma igreja que veio, que era uma sala de faculdade, o lugar!/? Então eu num tô, eu não penso dentro da caixa! Aí eu, eu já vivi essa experiência. Falei: -Adriano eu posso usar uma sala aqui do GEO num domingo de manhã, pra eu fazer ée, pro montar uma igreja? Aí ele fez: - O quê? Eu falei: É! Eu falei pra todo mundo, eles não, o Adriano não vai deixar, eles são católicos demais e tal tal. Eu falei: Então, eu posso usar? Agente aluga, uma sala. Ele: Sê vai fazer o quê? Eu falei: Eu vou montar uma igreja aqui dentro, pra jovens, pra jovens e pra gente que é descolada, gente que num quer entrar numa igreja, gente que tá aí perdidona, gente que duvida de Deus e tal, eu quero fu, e nada melhor, o ambiente de educação que vai quebrando as paredes nê, velho!/? Aí ele olhou assim, quando eu dei por mim, eu tava evangelizando a sala, a mãe, num sei quem e tal tal, tá falando de Deus e ela: -Aí! (gargalhadas de ambos os dois, depoente e entrevistadora). É! Quando eu dei por mim, ela tava assim, éee, e a mãe que toma a decisão, pode pastor, pode! Eu falei:- Quanto é!/? Ela: Não, não, precisa não. Aí o quê que eu fazia? Eu pegava todo esse som da igreja, eu e o Tiago, e mais, enfiava dentro da kombi da igreja, montava no sábado a tarde lá, pá domingo de manhã fazer a, o trabalho do mosaico, pra des, demontar tudo e montar na igreja de novo, tooda semana, tooda semana, tooda semana, o Kinka foi dessa época e tal, tooda semana fazia. Mas aí éee... ficou meio, assim, muito cansativo, muito cansativo pra nós, assim, esse leva e trás, leva e trás. Eu falei não vai dá certo, agente vai ter que ter um som. Na igre, o Raimundo tinha lá, e eu pedi e ele: - Não dou, é da igreja de Sousa que fechou, tá aqui. Aí eu fiquei pedindo à missão, eu preciso de, num tem duas máquinas de, de potência, tem mais duas caixas de som, agente só tinha duas. Fiquei pedindo à missão e, ele não liberava. O, o gelágua que agente tem é, era também, aí ele não liberava, porque só, aí eu tinha uns microfones sem fio eu troquei pelo gelágua. Ele num, não, não liberava. Aí eu falei: Ué, tá muito cansativo, eu, eu, num vou dá conta não! fui pra Campinas, aí teve uma reunião, foi pra, pra eu alugar, foi assim, fui pra

Campinas, aí teve uma reunião com todos os missionários, o Raimundo tava lá, aí tinha que prestar relatório, segunda tem um agora! (risos). Prestar relatório e tal. Aí eu prestei relatório das duas igrejas, das duas que eu tava montando. Aí os caras ficaram assim: - Cara como é que tu guenta ? eu falei:- Num sei, eu, eu era mais novo nera!? Eu tô, tô dando um tempo e tal, tô conseguindo. Aí meu chefe diz assim: - Você vai ter que tomar uma decisão muito séria daqui pra frente, você vai ter que fechar uma, pra botar sua cabeça só numa coisa só. Voltei de Campinas, foi Sorocaba desculpa. Voltei de Sorocaba, qual que eu vou fechar nê!?... aí passei, achei a, a, a lojinha, juntei com os meninos, falei o, o que eu tinha falado, agente num tinha, só tinha um vídeo game (risos), aí eee, peguei aquela caixa de som grande, botei ela embaixo, e os menino começaram a dar conta de tudo, dá conta... Veio uma equipe americana pra cá, não peraí, foi um pouquinho depois. Aí, eu, eu comecei a ter que fechar uma torneira e abrir outra. Eu ganhei da igreja, ah é isso! Eu ganhei da igreja de, de João Pessoa, uma igreja chamada: Cidade Viva, porque tinha um menino aqui chamado, Jacó, ele era do GEO e tal e foi morar, hoje ele é pastor da Cidade Viva. Ele namorava um, uma menina chamada, Júlia tal, eles vinham pra, pra, pro mosaico. E aí o Jacó é músico tal, o viiiolão que agente tem, num tem uma borrachinha assim, ali, de tampar o, o, a boca!? Ele comprou aquela borracha pra parar de dá retorno no som. Aí o, o Jacó, começou a... a fi, a ir pra Cidade Viva, começou a trabalhar com jovem lá, porque nê!? Aí começou a trabalhar, Hoje a Cidade Viva é a maior igreja de João Pessoa. Começou a trabalhar com jovem lá e tal. Sérgio Queiroz que foi, foi deputado é, candidato a senador, ele é pastor dessa igreja, do governo Bolsonaro, (risos), ele é pastor dessa igreja. Aí o Jacó foi pra lá, Cidade Viva tá trocando todos os ar condicionado dele, aí o Jacó falou assim: - Num tem como você doar pra minha igreja lá do Sertão não? um ar condicionado de 91 mil bets us. Aí pra sê vê o tamanho do lugar, tinha vários. Aí eles fizeram o termo de doação, nós fomo, recebemos isso e foi lá pro Vida Nova, por isso que tem aquela portinha de vidro lá, na frente, porque eu, como é que eu vou botar um ar condicionado, num posso,...tem que deixar à porta aberta!? Como é que, aí tive que, e o ar condicionado chegou e essa galera, ficou lá com às portas abertas, dormindo uma semana, com a porta aberta. Porque os cara tava instalando a porta de vidro, pra instalar o ar condicionado. Deus também tem as formas dele, que assim, pra eu instalar o ar condicionado de 90 mil bets us, lá naquele lugarzinho, eu tinha que trocar o padrão de energia pra trifásico. Eu pedi pra energiza tirar, a energiza ficou três meses pra me, pra, pra, pra, pra trocar o padrão. O quê que aconteceu? Eu comecei a trazer o povo da igreja aqui pro mosaico, porque agente tava sem lugar pra, pra, pra reunir lá. Oh como é que se, são às coisas. Eu falei: - Agente tá sem reunir, então vamos fazer o culto no mosaico. Começou a, a facilitar minha vida, porque alguns não quiseram descer. Nãao é muito longe, ahnn, ahnn. Aí começou a vir o pu, o público pra cá, aí começou a ter culto mermo, dominical, ali naquela lojinha e tal. Três meses acontecendo lá, começou a crescer pra caramba, aí eu tive que fazer culto do lado de fora, já não cabia mais lá dentro. Aí eu comecei a fazer culto do lado de fora. Eu batizei o Telho lá fora, porque num tinha como ficar lá frente... Fizemos a inauguração, acho que sê foi nê!?, não teve bíblia, é!, aí fizemos a inauguração e tudo mais. Começou a igreja, andar lá, funcionar. E aí eu comecei a fechar a torneirinha... ah estudo bíblico, era aqui! Num sei o quê, aqui, aí comecei a tendo, a fechar a torneirinha. Aí veio uma equipe americana... fizemos um café, fo, foi muito legal, essa foi a mais legal que teve. Aí fizemo um São João e tal, foi muito legal. Aí, comecei a fechar a torneirinha. Quando chegou no final do ano, a instalação ficou pronta, aí e agora? Tá na hora de, voltar. O mosaico a, é de 2014, agosto e 2014, agente fez o culto inaugural. Quando foi naquele... chegando assim outubro, ficou pronto lá, no Vida Nova. Aí agora vou fazer o seguinte, vou ter que limpa, dividir o povo. Quem é do mosaico, quem é da IPI Pombal, como é que eu vou fazer isso? Peguei todo mundo e levei pra lá, pra IPI Pombal, num era nossa casa, num..., num dava, nem ia, agente num sentia bem.

Foi quando o, Douglas chegou na igreja. Foi naquelas grupinhos assim, que começou a, acho que foram uns dois meses só que eu consegui fazer culto ali. Aí num bora descer, não, um mês, foram quatro domingos assim. Bora descer de novo, aí quando eu com, foi, agente, tomei, tomamos a decisão, a mesa administrativa que tinha que fechar ali e descer, perdi mais gente que quis ficar. E a Yoko falou pra mim na reunião: -Bruno, sê tá com medo? Tô, eu tô com medo dem, de destruir o que meu sogro fez. Que é meu consciência histórica, nê!? Assim, isso aqui meu sogro li, brilhou, lutou, fez e tal, eu tô com medo. Meu chefe já tinha mandado eu fechar uma e eu fiquei na dúvida de qual que eu ia fechar, por conta desse negócio do meu sogro e tal. Aí Yoko falou assim: -Bruno agente vai perder, agente pode perder, mais agente vai ganhar mais...bora, fechou! Aí fizemo assembleia na igreja, eu expliquei, gente torceu o nariz e nunca desceu. Aí fumo pra lá, começamo a trabalhar lá e agora agente assumi definitivamente, que nós somos uma outra igreja. Agente tá sepultando uma história, mas eu, eu sempre disse, nê!? Isso aqui é um, uma continuidade, mas aí agente, agente sepultou um modelo, um jeito, um estilo, pra se aventurar num outro que tava nascendo ali, com curso de pós (risos), com um CTM novo. Então eu passei dois anos terminando os cursos, fundamentando isso, o quê tava acontecendo, o quê que agente tava fazendo e pra onde agente tava indo. Cobrança, perseguições aqui na cidade, da instituição. Porque o meu, o nosso presbitério é muuuito conservador e a coisa tava andando, e os cara acha assim, por que que o negócio tá andando e num pode ser presbiteriano assim, nê!? (risos). Então teve muita coisa, muita coisa. Gente vindo de Caicó pra cá e eu tendo problema com o pastor de Caicó, por que eu não vou fechar a porta, Não mais ele é minha ovelha! Eu falei: -Pu (silêncio). Fazer o quê!? O menino era professor universitário, aí lá... bom! Aí veio. Hoje essa menina que, que é, ela canta, ele é back vocal de... ela é back vocal de... de um cantor desse de forró, x, famoso. Ela, essa menina que vinha com o marido dela. Ela é back vocal desse. Aí viaja. Encontrei com ela, na inauguração da igreja do Jaime. Eu atravessasse a rua pra tomar um café, ela tava lá tomando café, tava no Hotel. Eu falei: - Valériaa! Ela: - Éee, eita cara, meu pastor! (risos) eu falei: - Tô ali, oh, agente tá abrindo uma igreja ali, do outro lado de Ponta Negra ali. Aí, é, eles começaram a vim pra cá e tudo mais. Aí daqui a pouco é, agente rompeu, fechou e começamos agora a estabelecer, missão, visão, valores do que era isso, ée qual que seria o formato, porque assim, agente precisa ser presbiteriano, da dentro da constituição e tal, mas tem brechas na constituição que agente pre, precisava entender. Pra quando chegar um legalista, falar assim: -Não mais isso aqui, não mais aqui, agente tá fazendo isso. Então agen, agente sempre foi no começo e até hoje, agente é uma igreja que valoriza à nossa tradição, a nossa liturgia, agente num foge muito da liturgia presbiteriana, mas agente faz do nosso jeito, agente não, é, o sistema de governo continua sendo presbiteriano, que é a mesa administrativa. Só que, até hoje eu não fiz eleição, porque ainda tá numa plantação de igreja, então assim, eu ainda preciso ter gente que, que participa da história dessa igreja e participa da, que vestiu à camisa, introjetou o jeito de ser igreja na liderança da igreja,

Entrevistadora: Sim.

Depoente: Porque aqui, agente trata da vida das pessoas, agente trata dos problemas das pessoas. Agente num vai vazar isso pra, pra fora. Então é, o, o sistema é presbiteriano? É, porque é colegiado, só que ainda não foi eleito por conta da, dessa coisa que agente ainda não tem maturidade pra entender ainda como que agente é, que agente tá fazendo e não eleger gente que num tem nada haver com nosso corpo. Num é porque é bonito, porque fala legal, porque tem dinheiro, num é isso. É, pode ser a uma pessoa do que, mais pobre, pode ser a pessoa mais iletrada que tiver, mas ela cumpri, ela assumiu esse jeito de ser, beleza ela é nossa referência. Então assim, ainda não fiz eleição. Ainda é aquela coisa, eu perguntei pro Caio uma vez, como é que sê fez!? Porque ele fez a igreja assim. Como é que sê fez depois de, do organismo virar organização, como é que sê conseguiu? Ele falou: Bruno!

Primeiro eu trouxe pro organização os parceiros, agente conversou com a igreja. A igreja, esses cara aqui porque esses aqui, daqui à pouco tem mandato, tem mandato, nê!? Daqui a três anos agente elege outros, porque aí continua o mesmo...éee... e acontece. E eu tenho um problema, porque eu preciso encaixar esse troço na organização, e é meu desafio daqui pra frente. Como é que eu faço, porque lá na igreja presbiteriana agente tem um conselho, agente tem uma mesa diaconal, que é o grupo que trabalha com a ação social da igreja, tudo é eleito, então é, o pastor é eleito também, então eu preciso, quando eu organizar essa igreja e a igreja, vocês vão ter que eleger o pastor de vocês. Então assim, é isso. Agente tá no processo. Agente é uma, um organismo vivo, dinâmico, nós num temo bu, briga por hierarquia, porque a organização não fala mais alto, fala organismo, agente num tem, agente não tem batalhas de egos, porque quando tem organização, tem hierarquia, espaço de poder e tal. Agente não tem isso, porque, porque nós somos o organismo. Então como é que eu vou pegar esse organismo agora e encaixar na organização? Ele perder algumas das suas, suas características. Então, não pode perder o centro, então agora eu tô caminhado pra esse processo assim, o que é que agente vai fazer agora, pra encaixar isso na organização. Confesso pra ti, mee, que meu, eu tenho medo. Éee, que essa história que tá aí, pode ser contada pela, pelo Tiago de um jeito, o maluco que tá pensando tá, que é o, o plantador, que é o devoto do seu trabalho (risos) o maluco tá é, encantando as pessoas com o mesmo sonho, só que cada um que senta tem uma necessidade diferente e tem um olhar diferente, e agente precisa como essa igreja, ontem agente até teve um negócio desse na administração. Como essa igreja ela valoriza os vários olhares. Mi, a Neudiene sempre falou pra mim assim: Que difícil sê conduzir uma igreja que é plural. É, muito difícil. Ela tem tendência, ela tem tensões, ela tem forças que puxa pro lado e pro outro, então assim, como é difícil você, é, manter isso unido, esse negócio unido no mesmo sonho. Então! Esse tem sido do meu grande desafio, porque agente não pode perder o, o carisma inicial que é, ser uma igreja dialogal, aberta, contemporânea, acolhedora, que tenha Jesus como referência e não mais outras coisa. Não é a doutrina, num é uma cultura evangélica, num é o nazareno, num é mais ninguém. Tudo bem, eu vou olhar pro Nazareno sobre qual ótica!? É, então, esse é o desafio, mas é ele, num é Moisés, num é Paulo, num é o Bruno, num é Calvino, num é Lutero, num é santo tal, éee ele. Então é, como é que eu... e agente criou a, o movimento que é, acolhimento, relacionamento e transformação em Cristo. Que é acolhe a todos, se relaciona pra, pra Conectar e deixa Deus transformar. Num sou eu quem mando em você, o que você deve fazer (risos), deixa Deus transformar à vida. Então é o movimento que agente tem, é um, é um método, é um método que agente tem, é a acolhida, relacionamento contínuo, e é Jesus que transforma. Aí eu cáí, eu usava cocaína e tal, tô usando. Num,tem regra aqui não, Jesus vai te convencendo que você precisa de saúde. Se num vai baixar regra, porque você não é convencido, você é oprimido. E sê faz porque tá sendo oprimido e não porque você tá sendo convencido disso. Esse é o nosso método, éee, agente não tem, agente tem os valores que tão lá, e são esses valores que vez por outra eles são tensionados. Por exemplo: É... nós somos uma igreja Holística. O quê que é isso? O evangelho de todo, do todo e para todo. Então uma vez por outra sê tem, ah mais é, agente precisa valorizar é, a alma das pessoas, elas precisam orar mais, elas num, não! elas precisam se divertir, elas precisam se alegar, elas precisam amar, elas precisam praticar esporte, elas precisam estudar, elas precisam, é holístico, é o todo, no todo, por todo. Então, o evangelho num é só pra alma da pessoa, num é só pra, pra ficar penco na mesma, não! o evangelho é no todo, por todo, pro todo. Então é, tudo faz parte da nossa espiritualidade, se divertir, ler, estudar, trabalhar, é tudo. Então, isso é um valor pra nós. Ah pow! O cara fa, tá crescendo, agente é, agente fica feliz, é fruto do nosso trabalho espiritual. Sê tá se formando, o outro tá se formando, outro dia eu tava sentado aqui fora, acabou o culto, aí tava tá, meus filhos tudo assim, aí eu olhando assim, tudo formado, olha que bonito (risos). Isso é muito bonito cara!

porque eu conheci essa turma sem ambição, sem nenhuma ambição, querendo a moto, o carro e pras festas sabe!?

Então assim, você po, poder promover na vida das pessoas transformação, e, e clara assim, objetiva, concreta. À partir dos nossos filhos de fé, cara que coisa linda. Claro que foi difícil, claro que, que é seu trabalho de ir lá sentar com a bunda, ler o livro, é seu. Mas aqui sê tem um background, aqui no fim de semana sê tá refletindo todo domingo, sê num tá recebendo um, um, uma palestra emocional, sê num tá, sê num tá recebendo um código de regra que sê tem que cum, cumprir e vai ficar a semana toda com medo, sê num tá numa, numa luta maniqueísta contra o inferno, o tempo todo. Sê num tá nisso, você tá aprendendo a refletir, a criticar o mundo, analisar, se pensar, repensar, repensar a cultura, fazer à coisa, vira fé. É isso que sê tá fazendo. E cara, sê não sabe o quanto isso te ajuda lá na sala da faculdade. Então, é o nosso modelo de, de tradição que é assim e a nossa fé é assim. E como agente montou isso aqui, agente te dá liberdade de fazer o que sê gosta, de, de, de, de se permitir fazer cagada, e num ser julgado, porque o, o evangelho é esse que resgata, que acolhe e que promove reconciliação, isso pra enfiar numa instituição, que tem código, código moral, código de regra, de ética, é... sê viu que tem um monte de documento nê!? Leis complementar, lei de num sei o quê, éee como é que pega um organismo desse e enfia naquilo? Aquilo é falido? Nãoo, faz parte, é também importante sê ter uma estrutura rígida pra te proteger, mas num pode ser o fim em si mesmo, oh se, a estrutura. E essa igreja nasceu assim, se permitindo ser flexível, se permitindo se repensar, se permitindo, que é um valor nosso, que é a criatividade, que é, num tá funcionando, destrói e começa de novo e faz outra, é um valor dessa igreja. Agente num tá preso, tem que ser terça feira, tem que ser assim, tem que fazer assim, não! se agora num tá funcionando, por que não destruir e fazer outra coisa? Recriar? É um valor que tá lá, o nosso Deus num cria e recria? ele tá, tá genética da nossa fé O nosso Deus cria e recria. A agente tem, então na formação, é porque eu, eu faço, eu ensino pro cês, mas eu num fico falando conceito técnico, teologizando pra, pra dificulta a coisa, pra fazer nossa que ensino profundo e tal. Mas se a nossa igreja crer, se a nossa tradição crer que Deus ele continua criando na evolução das espécies, por que que as estruturas precisam ser rígidas? Se a própria criação não é rígida, sê tem variantes e variáveis e transformações e, e, éee... se num todo é assim, por que que na estrutura tem que ser hermético, fechado, finalizado, pronto e acabou? Então, essa é a mosaico, ela nasce de, de um moleque que vem conhecer Deus numa igreja alternativa, plural, que tinha, que convivia com, com às diferenças dentro de si, que tinha, que até hoje lá é assim. Se entra no culto, os cara de bermuda e o, o cara de gravata, éee a minha igreja. E agente valoriza o cara, como é que ele é, o quê que ele pensa tal lá, mas, assim. Então dum moleque que nasceu assim, que começou a ser despertado na vocação, mas tinha uma angústia, porque às, às respostas eram sempre mono, mocrá, mono, mono, monocromáticas, sempre de uma cor só, e sempre a igreja falando, porque agente tem resposta pra tudo nê!? Então é sempre a igreja que respondi, e que agente foi descobrindo nesse processo que o mundo cristão, teológico, protestante e cristão mermo é plural, e que você tem várias formas de pensar ao mesmo tempo dentro da igreja cristã. Ponto, essa coisa do, da sexualidade, tem texto do século IV, IV. Essa coisa da intolerância religiosa. Justino que eu gosto, Justino Martin, diz: Onde tem beleza, onde tem sabedoria, onde tem conhecimento ali está o Cristo. Então assim, pra quê que eu acho que, que o meu Cristo é, o meu Jesus de Nazaré é, fechado numa igreja!?

Se onde tem beleza, onde tem conhecimento, onde tem sabedoria, ali tá o Cristo logos. O logos, ali tá o Logos, por que que eu fico intolerante com a forma ableiana de fazer às coisas, do católico de fazer às coisas, do mulçumano de fazer às coisa, do judeu de fazer às coisa, do indiano de, nãoooo, onde é que tem beleza, onde tem sabedoria, ali tá o Cristo, então... e eu não preciso ficar todo, fazendo isso, mas é eu pego referência de tudo quanto é lugar, você vê isso! De é, a, de, de, de escritor conservador, de liberal, de cristão, de hinduísta, de tudo. Porque onde tem beleza... ali tá o Cristo. Então

é, de um, de uma, de um sonho de ser uma igreja, igreja. No começo do Mosaico eu botava uma plaquinha assim, no cantinho, do grupo de avisos, no quadro, uma coisa assim: Agente é igreja, agente é tão igreja que nem parece igreja. Então assim... de lá pra cá, Myrelly... coisas assim, aconteceram que, dificuldades financeiras, ée... de mudança de gente pra fora, de, de perseguição mermo assim, perseguição mermo, eu fui sabotado várias vezes pelos meus parceiros, colegas de, de, de, de denominação, não só na cidade a perseguição pequena, porque essa aqui é pequena, essa aqui não me incomoda, o que me incomoda é, fogo amigo, fogo amigo. Então assim, muitas sabotagens, corte de verba, perseguição, fechamento de, de território, porque assim, incomodou muuita gente, muita gente foi seduzida por isso, mar muita gente de perto foi incomodada. Então, é, aconteceram mo, momentos que agente se fechou, pra se proteger. Então agente se fechou e, e, agente ficou melhor dentro assim, se fechou e ficou mais amigo, mais num sei o quê, mas agente num cresceu, agente se fechou. Ahh houve movimentos que agente tava mais aberto e, e agente apanhou demais, porque agente acolheu gente que, que, que lutava contra dentro. É, por conta dessa coisa de relacionar, então agente abriu a guarda pra, pra todo mundo. É, aconteceu movimentos de, meus, de, de frustração, de cansaço, de falta de fé, é e...como nesse processo todo, eu dependo muito de vocês, e vocês dependem de mim e eu não tá muito bem pra, mo, mo, motilhar vocês, mobilizar vocês, porque eu tô passando pela minha crise, então aconteceu de eu, de eu largar coisa, de um, porque eu tava ferido, cansado e, e...o ônus é muito grande pra minha família então assim, é muito difícil, e foi muito difícil. É levantar a cabeça e começar amanhã, segunda feira, começar de novo. Aconteceu movimentos assim, aconteceu ée crise minha com a instituição, porque ela me fez nascer e agora ela quer me abortar? Ela me deu liberdade porque mudou liderança, mudou diretoria, mudou tudo, então assim, uma diretoria mais conservadora, quis abortar agente, é aí agente passou agora mais três anos assim beleza. Agora foi eleita uma nova diretoria que é centro, Paraná e Mato Grosso, num tem ninguém do Nordeste, então, então agente num sabe o que vai acontecer daqui pra frente. Então assim, isso tem me cansado. A pandemia me cansou, porque agente organizado institucionalmente, financeiramente agente tava muito bem, no, no, em 2018 e 2019, agente ia comprar o Galpão aqui na rua de casa e veio a pandemia, acabou com tudo, éee eu tomei umas decisões assim, pastorais foram muito boas, pra instituição foram ruins, porque eu sequei o caixa da igreja fazendo auxílio emergencial pros meus irmãos, então assim, hoje agente não tem recursos (risos) grudado, porque eu num deixei vocês passarem fome, eu num deixei vocês, ninguém cara, ninguém! O dinheiro num dá pra guardar, pro cara ficar passando fome, então assim, foram, foram decisões que eu tomei, às vezes contra gosto da, da, da, da mesa, mas foi o que eu achei o que deveria ter feito e num ficar no momento desse de crise, deixando meus irmãos em crise e eu comendo em casa. então foi muito, tomamo, é foi, eu sequei o caixa, hoje agente tá sofrendo (risos). É... mais eu durmo tranquilo no travesseiro, porque eu fiz uma coisa cristã É, e agora tem que correr atrás do prejuízo (risos). É, então assim. A pandemia me, me cansou, a cabeça me cansou, o emocional, e isso regala em vocês, é, ainda a estrutura da igreja, ainda tá muito colada a mim, é, então assim... ainda tem, eu num quis fazer isso, mas aconteceu, é coisa, acontece, nê!? Ainda tá muito colado a mim, assim. E é um peso viu!? É um peso você saber que se eu fizer uma, se eu tomar uma decisão boba, eu vou, vou afetar famílias, então assim, é um peso muito grande de, de responsabilidade, se eu, se eu surtaaa sabe!? Eu quase surtei na pandemia, eu quase surtei com a igreja evangélica, eu quase surtei, eu fiquei queto. É, eu falei numa reunião de manhã, é eu falei assim: - Me pastorem, porque eu, eu já tô decepcionado, num foi pra isso que eu entreguei minha vida, meu história, tudo que eu fiz, da adolescência pra cá eu num, eu num, não foi esse tipo de igreja que eu botei na minha cabeça, então assim, se a igreja evangélica tivesse, se a igreja, os evangélico só falam mais alto que nós protestantes nê!?, então todo, todo mundo fica no mesmo balaio. Mas se a

igreja tivesse entrando nessa cabine assim, de cabeça até a nossa, eu tinha rompido. Pensei em tirar essa igreja da IPI, porque assim... à vida que agente tem é tranquila, agente se gosta, agente se pastoreia, agente se cuida, agente caminha, mas ainda tem que encontrar com um cara que decide sobre aqui? Que tá sala com ar condicionado ou tá um grupo de pessoas num assembleia pensando, sabe!? Então assim, quando eu comecei a, a ver iisso, eu falei: - Eu vou sair do buraco e cair em outro? Sabe!? Eu prefiro tá com os meus... éee lutar com essa, essa merda que eu tô na cabeça, com essa intuição assim, com essa crise que eu tô, mais, mais eu prefiro lutar com os meus. Eu tenho afeto aqui, num tenho, num é institucional. Pensei mermo, eu tinha pensado em ir embora esse ano, não tá aqui, em 2023, aí eu cheguei na praça, aí o Wallace: - oh Bruno, seu suco tá pronto, aí o outro, ou Brunão que num sei o quê, pastor vem cá que tem, tem, tem queijo aqui e tal. Aí eu falei: - Rapaz vou começa tudo de novo cara! é melhor ficar velho. Então é, a Mosaico é um filha, mas eu não queria que fosse minha...Aí quando agente so, sonhou com a Fernanda e tal, num sei o quê, vamo lá, vou deixar a Fernanda no meu lugar. Ainda não dá. Então assim, eu tô botando na cabeça dela que ela precisa assumir um outro campo ano que vem. Esse fim de semana ela vai conhecer, a igreja é de, São Mamede. Pra ela ter experiência real assim, sê entendeu

Entrevistadora: Tá confortável pra ela aqui, nê!?

Depoente: Éee eu tá muito confortável, eu tô aqui. E assim, eu sou o background, ela num tem que pensar, ela num tem que ter crise, ela num tem que ter nada, e essa igreja tem muitas crises. Entendeu!? Então eu num posso deixar alguém que não tenha, Couraça.

Entrevistadora: Experiência

Depoente: Isso! Pra uma igreja que ela é cheia de crise, porque ela é plural, então se fosse um negócio: Ah tudo certinho, tudo os irmãozinho tudo igual, tá tal! Legal, tranquilo, deixa, quero mais um ali e tal. Então esse ano eu tenho conversado muito com ela sobre isso assim. Agente queria você, agente é, queria, agente formou, lutou, e tal, fum, falei daquela reunião do presbitério que veio aqui, os cá. Agente, eu senti orgulho do meu povo, minha mulher começou a chorar, porque ela é pastora e num, num era nem valorizada na igreja dela. Mas... ela vai morrer se ela ficar aqui. Porque não vai dá conta. Então ela precisa pegar uma experiência, aí volta. Aí eu tenho que ficar aqui mais um ano (risos). Mas assim, e, e, não que, que a mosaico seja um problema, a minha crise hoje é institucional. Eu falei assim:- ah eu queria tirar, ai você falou assim: -ah e a História!? Então, é. A minha crise hoje é institucional, não sei se eu quero continuar com nessa história. Eu, eu, eu. Valorizo a igreja, valorizo a denominação, valorizo a História dela, sou graaato pra caramba, porque eu como dela, nê!? Minha filha é educada por ela, pelo cuidado que ela tem comigo, mas a minha cabeça já não encaixa mais. É... a minha, a minha fé enquanto cabia, tava legal, mas a minha fé não cabe mais. E, e, eu não quero ser o desonesto, com a, com a denominação sabe!? Eu não quero ser o, o, o herege, nê!?(tom irônico), que é da igreja antiga, o cara que vem cá, pra ensinar coisas que num, que a, a, a denominação não assina embaixo. Mas a minha fé já num, num, num cabe mais nesse quadrado e eu vi quando eu fui ajudar o, Zé Marcos. Porque eu falei, não cabe mais!. Eu tô confortável aqui, porque aqui eu tenho liberdade pra refletir, pra pensar, pra questionar, pra estuar, pra trabalhar, mas é, a, a denominação não tá qui, nê!? Ela num tá aqui, mas quando ela virar organização, ela tem que tá aqui! Então... sê já viu eu disciplinando alguém porque deitou com a namorada!?, num cabe mais, mas tá no código dela

Então tá bom. Então assim, a Mosaico ela é, uma igreja protestante, preocupada com às coisas do século XXI, não, não, não presa nas, nas respostas do século XVI que é da fé protestante. Não presa na, na estrutura, preso que eu tô falando, acorrentada na estrutura organizacional, embora agente precisa ter, e agente tem umas coisas, agente mescla o passado com o futuro quando eu trabalho a liturgia bem tradicional, mas com a cara

atualizada. O Caio morre de rir, porque a igreja, a igreja dele superou a liturgia tradicional, aí eu falo: -Não Caio, eu gosto! Aí ele falou assim: Eu sei cara, tu gosta de símbolo de tudo, tu gosta de cruz, sê gota de, de estola, sê gosto de num sei o quê. Eu falei: Éee, eu gosto, então é o, é o passado com o presen, ele num tem isso, a dele não tem, então assim, a dele é secularizada mesmo, num tem nem um símbolo litúrgico, num tem um símbolo cristão dentro da igreja dele. Mas é, eu gosto de mesclar esse passo com o futuro, eu gosto de mesclar tradição com o que tá acontecendo hoje, eu gosto, porque faz parte do mosaico que eu sou. E é, então! Aí agente fez essa igreja sem tá pressa a tradição, mas també num tá desligado a ela. Agente num fez essa igreja sem tá pressa aos modismos atuais, mas sem tá desconectado deles também. Então agente tá dialogando o tempo todo. Por exemplo, agente veio pra cá, tem três coisas que o Por que agente veio pra cá. Uma por causa do financeiro, num dava pra pagar lá mais não, duas, o movimento da igreja tá mudando, agente tá tendo famílias com filhos, agente tá alcançando um grupo de pessoas que agente não, agente não alcança mais o grupo de pessoas que agente alcançava, mas agente tá alcançando um grupo de pessoas que, que, que exige de nós uma estrutura mais

Entrevistadora: Confortável.

Deponente: Isso. Então vir pra cá é uma, uma, uma nova forma de se posicionar na cidade... que é, agente vai daqui pra frente trabalhar, questão da família, mas do nosso jeito, entendeu!? Agente vai trabalhar a questão da, da infância, do nosso jeito. Como é que vai criar filho? Criar paranoico igual sês são? (risos), não, então, do nosso jeito. Então agente precisa ter um ambiente que, que quebra essa barreira do, do que negócio esquisito. Agente tá sempre se repensando. Então agente tá adequando o, quem nós somos as novas realidades. Ontem agente teve reunião disso. Adequar às novas realidades. Agente não vai, agente não vai sucumbir aos modismos e nem as, as pressões, mas ao mesmo tempo agente não vai deixar de pensar nessas coisas. Eu quero fazer um espaço kids bem legal aqui embaixo... num tô com dinheiro, num tamo com dinheiro, mas fazer um espaço dos thus e um espaço kids muuuito legal, pra você ter tranquilidade de deixar seu filho e agente levar o evangelho desde de pequenininho, de forma saldável pra ele. Pra num crescer um crente paranoico, cristão, na sociedade incoerente. Então agente já tá montando material, agente já tá fazendo às coisas e tal, tá aí. Então, a primeira é financeira, a segunda tem haver com as, os novos formatos que agente vai ter que, ter daqui pra frente. E o terceiro tem haver com o institucional mesmo. Assim, tô cansado de apanhar por conta de estética, sê tá ligado!? Eu tô cansado de apanhar porque os cara ficam pensando na estética e bate na gente por causa da estética. Então deixa a estética parecida com o que vocês acham que é igreja, e a cabeça fica do mesmo jeito. Entendeu!? (risos e gargalhadas). Porque isso aconteceu comigo na Bahia! Eu não usava terno, as irmazinhas lá da igreja dizendo : -Ah por que num sei o quê, você não usa terno e tal. Aí eu: -Vamo fazer o seguinte, quanto que é o terno? Ah é tanto! Eu vou comprar irmãs ! Lá na Bahia, eu vou comprar, eu vou usar! Agora aqui muda (apontando para a vestimenta), mas aqui não muda. Vou continuar sendo o mesmo tá bom!? Aí elas torceram o nariz... é então, agente. No começo da mosaico, eu ensinei sobre forma e essência, o quê que é forma, o quê que é essência numa igreja. Templo? É forma. Entãooo templo não é essencial. O essencial é a comunidade, pessoas. Do jeito que agente fizer aqui, se for em baixo de uma árvore, se for, éee igreja reunida. Os cara fica brigando na forma. ah tem um púlpito na igreja, um lugar pra botar a bíblia e tal, pra pregar, até isso o povo falaram de mim, que lá tem tambor e tal. É, eu, eu peguei o tambor porque não tinha dinheiro pra fazer o que eu queria. Aí o, o púlpito é forma ou essência? Forma. A essência é pregar a bíblia pow. Quando agente não usava, pedia a bíblia mais pras pessoas de celular, quando agente não usava mais a bíblia, os cara ficava brigando comigo: -Ah essa igreja evangélica o povo não vai nem com a bíblia na mão. Mas eu falei: -Mas a bíblia tá no aplicativo. Eu tive que fazer uma palestra dessa na igreja de

Patos. Que forma a essência na bíblia é, o texto, não o livro. (risos). Então! pow mais crente tem que usar bíblia na mão, não é assim que se identifica um crente !? éee, no passado era assim, os bíblia .

Entrevistadora: não é só no passado!

Deponente: Eram os bíblia. Então, mais assim, isso é forma ou essência? Forma. Agora o quê que é a essência? A referência da nossa, reflexão, é as escrituras, ponto. É a referência, como eu sou de outra tradição teológica, é eu falo que é referência. Na IPI que sê vai ler os documentos, ela é evangelical, que movimenta o, o movimento teológico é, você tem fundamentalistas, conservadores, evangelicais, progressistas e liberais. Aí dentro do evangelical, você tem os pentecostais, os tradicionais, mas é evangelical. A IPI é evangelical, e é evangelical confessa que a bíblia é a palavra de Deus. E eu digo assim no púlpito, porque eu não vou contra minha consciência: -Abram às escrituras, que quando lidas e proclamadas, se tornam à palavra de Deus pra nossa vida. Então não é o livro que é a palavra de Deus, é quando você reflete sobre ela, ela se torna. Então você nunca vai me ouvir falando assim: A palavra de Deus é isso aqui!, a palavra de Deus é Jesus (risos). Então, a bíblia contém a palavra de Deus, Jesus tá lá, nas, nas escrituras. Mas a bíblia não é a palavra de Deus, a palavra de Deus pra mim é, Jesus contido na bíblia e ponto. Aí é minha tradição, e eu não vou contra ela, só que eu não preciso ficar brigando com o, o, os conservadores. Eu só digo o que eles querem ouvir: -Que se tornam a palavra de Deus pra nossa vida (gargalhadas)

Entrevistadora: Mas eles não prestaram atenção!

Deponente: Não, não! é bonito falar assim. Aí porque, aí assim, é, então essa, essa é nossa igreja e... minha crise de fé com a instituição ainda continua. Éee... não com o meu Deus e não com minha, meu símbolo, não com nada, mas com a estrutura criada envolta dele. Táa... o quê que vai acontecer com isso? Não sei! Éee tenho orgulho de fazer parte dessa comunidade aqui, tenho orgulho de ser da tradição reformada, presbiteriana e da Suíça e não Americana (risos), não Americana. Tenho orgulho de ter, tido uma formação missionária na igreja, por quê, eu tô aqui. Tenho orgulho de, de ter tido uma formação teológica liberal, porque me faz pensar muito mais amplo do que, e não sou só eu, são meu, são todos os meus parceiros liberais, pensam parecido comigo! Uns tem uma ênfase mais no social, uns tem uma ênfase mai na. Na, na, na liturgia, outros tem uma ênfase mais na intelectualidade, nas reflexões profundas do, dos, da tal, tal. E eu tenho uma reflexão mais da vida prática da igreja, polêmica que chama na pa, na teologia, pastoral, poimêmica. É, então assim, tem os caras bons na teologia, que vão estudar pra caraca e vão escrever um bucado de coisa legal, que agente pega como referência, mas bota eles no chão da igreja, eles matam a igreja (risos). É. Então, eu também tive cri, fé, crise com isso, Joama aplacou essa crise em mim, que tem um cara que tá, foi meu contem, contemporâneo no seminário, ele colava de mim. E tá aí, o caracolava de mim! Fiz trabalho pra esse cara várias vezes. Aí outro dia, ela tá... é legal, já estudei isso tal! Escrevi um negócio disso assim, foi lá no passado tem hora que dá vontade de voltar pra academia. Aí ela falou pra mim assim: -Não, Bruno, o chão de fábrica é muito importante o que você fez comigo, de me libertar, da religião, não tem preço, tem que ter caras como vocês, pra libertar o povo do, do chão da fábrica lá. É, acalmo um pouquinho, o ego, orgulho, nê!?, porque agente tem ego, tem tal, tal. Então ainda a crise permanece...! eu não sou um cara que fico, fico manipulando a igreja, então assim, se a igreja um dia, disser que eu, essa nossa igreja aqui, se um dia que, não, essa viagem sua de ser igreja livre, isso é coisa sua, vai embora! Beleza! Se a igreja em, embarcar comigo: - Ah vamo! A Fernanda disse: - Sê vai comer o quê? Eu falei: -Eu tô fazendo a criativa pá quê? Pra tentar ter uma renda fora da igreja. Então assim, tô fazendo a criativa pra isso, pra não depender de, de, de grana da, da, da igreja. Tá difícil, é empreendedorismo, é de, desse mesmo jeito, num tá dando, num tá dando. Tem mês que tá no zero a zero, esse mês eu vou ter que pagar coisa, mas... tô querendo criar as condições, pra eu ficar servindo a, o, o, o

sagrado, o eterno, o a priori, sem, sem ter vínculo financeiro, porque aí eu tenho que, agora, por enquanto, eu tenho que engolir um bucado de sapo, porque eu vivo, nê!? eu dependo disso. Mas tem que ficar quietinho, fui perseguido porque sou de esquerda, tiver é. Éee, foi muita coisa, Myrelly!

Entrevistadora: Qual é o seu nome?

Depoente: Talyson Monteiro.

Entrevistadora: Talyson Monteiro!

Entrevistadora: Quantos anos você tem, Talyson?

Depoente: 25.

Entrevistadora: Humm jovem! (risos de ambos)

Entrevistadora: Como você conheceu à comunidade, à comunidade Mosaico?

Depoente: Meu primeiro contato... com a igreja presbiteriana foi antes do mosaico propriamente dito em Pombal! Eu tinhaaa, era igreja assim, a denominação assim se... permanece presbiteriana, mas ainda tinha a identidade mais forte como presbiteriana, mosaico num existia nem como projeto, e isso foiii, acredito que... eu era pequeno ainda, devia ter uns 13 anos, 12, 13 anos, acho que mais ou menos isso. Éeee começou com a missionária (pigarro) com o, pastor, Raimundo, e missio, missionária, a esposa de pastor Raimundo, esqueci o nome agora, não me vem a mente, éee eee

Entrevistadora: Dona Valdívia... Dona Valdívia!

Depoente: Ela, a própria, Valdívia. Eu tava lembrando Ranívia (risos) e aí ela... após em seguida nê!? Eles foram embora de Pombal, mas a igreja permaneceu já com a chegada de pastor, Bruno! Inicialmente como Igreja Presbiteriana ainda, que foi nê!? Onde eu me ma, me batizei, eee isso, acho que já mais ou menos próximo ao ano de 2015, eu tenho a data no, no meu certificado de batismo, mas, agora realmente... mas eu acredito que foi em 2015, por aí... e , pouco tempo depois, pastor Bruno, já veio com o projeto do mosaico, pense numa forma de renovar a igreja, mas desde então, desde, desde a gênese do mosaico, eu já era parte, já era membro da igreja.

Entrevistadora: Há quanto tempo você frequenta a igreja, ou se não frequenta, como é que é?

Depoente: oh! Em fazer parte, eu faço parte certamente há mais de 10 anos, considerando nê!? Desde o meu primeiro contato, como membro eu acredito, que eu entrei, batizado, membro da igreja, professando a fé e tudo mais, acho que a partir de (inaudível), 2014 e 2015, então seria aí, pouco mais do quê!? 2015, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23... (risos de ambos), três, 8, mais ou menos 8 anos aí, entre, entre a data que eu me tornei membro e hoje. O frequentar no sentido físico, de estar presente no local, nã, não teve um período, não teve, uma regularidade muito frequente porque eu sempre estava muito viajando nê!? Eu sou o único protestante da minha família, então...eu também não tinha este hábito de, de ir todos os domingos, com minha família e tudo mais. Quando eu ia, ia sozinho mesmo, eee por estar sempre viajando e morando em outra cidade diferente do mosaico, acabou que eu ia por período, geralmente nas férias, tava de recesso, ia pra Pombal, eu lá estava lá, nê!? No começo não, no começo eu era mais presente, eu ia, participava de mais ações.

Entrevistadora: Levando-se em consideração assim, e, aí, a comunidade mosaico até, acho que até o próprio o nome, nê!? mosaico é bem diferente assim. A questão da estética da igreja, o que mais lhe chamou atenção assim!? A comunidade mosaico chegou em Pombal depois de, de, de ser Presbiteriana, depois do projeto de Raimundo e Valdívia enquanto Igreja Presbiteriana , mas aí depois chegou Bruno, com essa ideia maluca (risos),

de transformar uma igreja em algo comunitário, comunitário, não, assim, não é bem uma igreja institucional, mas é ligada a instituição, só que de uma forma diferente, não? Qual foi sua impressão, assim?

Deponente: Nossa! é, a forma de se organizar estruturalmente permaneceu como, presbitério, e acho que, essa informalidade pra mim, trouxe num primeiro momento, um pacto positivo, porque, eu sempre me influenciei muito, porque eu, pelo que eu vejo de ser uma fé de tradição, então igreja, pensar que é uma igreja de tradição me trouxe isso, só que ao mesmo tempo esse formato tradicional me incomodava, nas igrejas, me incomoda nas igrejas não?, tradicionais. Eu num digo as novas denominações que agente não sabe, que forma seguem, mas as tradicionais Anglicana, a própria Presbiteriana do Brasil, a Presbiteriana Independente, a Luterana, enfim, diversas igrejas mais tradicionais, e igrejas da reforma, é, me traz essa solidez da sua, da sua institucionalidade. O mo, mas ao mesmo tempo que me traz um conforto, traz também um desconforto, porque, acaba reproduzindo padrões ultrapassados. E acho que o mosaico, o que me chama atenção é porque, pra mim, e desde o começo isso, ele quebra certos paradigmas na forma, talvez não de organização administrativa, mas na forma de, de culto, não?, a liturgia eu não sei tanto, eu acho que permanece a mesma, só que a forma de passar à mensagem, de re, de interpretar à mensagem e atualizar para os tempos atuais, acho que isso me traz, trouxe pra mim um grande diferencial, a ter uma visão mais progressista da fé, sabe!? Uma visão mais atualizada, claro dentro, é respe, ali a doutrina, respeitando ali autoridade bíblica, mas, mas compatível com a realidade do mundo de hoje, acho que isso pra mim foi o maior impacto, sabe!?

Entrevistadora: Mas você já respondeu a outra pergunta não?, que é, seria o que você gosta na igreja, ou que você mais gosta na igreja!?

Deponente: O que mais gosto certamente é essa visão progressista da fé, assim inconfundível, assim! É algo que, pra mim, no meu ponto de vista, é inequívoco ao motivo de eu gostar de lá. Tanto é, que eu tenho uma resistência a ir em outras denominações, porque hoje eu não moro mais em Pombal não?, moro, moro em Salvador na Bahia, e já vou fazer quase dois anos que moro aqui, e desde então, não fui a nenhuma outra igreja. Eu acompanhava o mosaico virtualmente, quando estava virtual, e agora voltou totalmente presencial, não transmite mais os cultos e eu me sinto um pouco órfão, não? (risos de ambos), de achar uma mensagem compatível com a minha visão não? (não audível). Não que eu queira uma igreja que, seja com, seja harmônica com, com o que eu penso, porque eu acho que a fé pode trazer um desconforto para melhor não? A fé, a fé incomoda e tal, mas eu digo mesmo enquanto existência, sabe, assim!? De uma mensagem que não me agrada, de uma mensagem que não diminuía. E é difícil achar uma igreja assim, então é por isso que o mosaico é, hoje não? é meu grande modelo, meu grande referencial, tipo! que eu gosto até hoje, faço parte!

Entrevistadora: Enquanto, enquanto cristão (pigarro), pra você Deus está na igreja, ou está em todos os lugares? Fora da instituição, dentro ou fora da instituição, nas suas relações...

Deponente: Issooo..., é, eu, sendo bem objetivo, eu, hoje não! não? o contato com outras fés, de diversas matrizes, não, não somente é, cristãs mais, mais também como fés de matriz africanas, e outras formas de denominações, não necessariamente africanas, como, como também judaicas e tal, que eu tive acesso, éee (pigarro), me faz pensar num Deus como alguém abstrato, alguém que não reside em um culto específico, e, e isso eu acho que eu reforço até um pouco, mas, mas na verdade eu já tinha até assim, um pouco dessa visão no próprio mosaico, porque obviamente o mosaico é uma igreja cristã, a igreja que não?, o Deus que agente cultua, o Deus que agente prega é, o Deus cristão e na, na, na forma não? Como ele se apresenta, mas eu lembro muito das mensagens que falava... em Deus como o mundo, em Deus como às coisas boas do mundo. E isso pra mim traz

uma, uma abrangência que pode incluir diversas outras fés, de modo que eu possa ver Deus em tudo que é belo, em tudo que é divino, independentemente se é... algo de natureza cristã ou não, sabe!? Então eu num vejo Deus numa igreja, eu, eu não associao, hoje eu tenho, eu, hoje eu não consigo nê!? É uma dificuldade minha, éee, não consigo associar Deus a uma, a um prédio, não consigo associar Deus a um objeto, eu vejo ele mais como uma, quase como uma força etérea (risos de ambos), que tá assim ao nosso redor a todo momento, rodeando todo o universo e agente que não sente, não ver, mas sabe que é, nê!?

Entrevistadora: É! É muito interessante à sua visão, porque assim, existem coisas que nos conectam, é, é esse Deus abstrato. Por, poesia! Você consegue se conectar ao Deus, através da poesia, da música, da arte de uma maneira geral nê!?

Depoente: Da arte, da arte, de Ferreira Gullar diz que: “A, a arte existe porque a vida não basta” e aí, eu, eu penso muito nisso, no tudo que transcende o que é humano, eu vejo como divino. Eu, pra mim o divino não é o que não pode ser explicado, no caso dá pra explicar, tudo que não pode ser explicado, é porque é divino, então... nê!? Tu, tudo que o humano não explica, liga-se a religião... pra mim num é meio isso, mas é aquilo que transcende a própria existência humana, que você explica! mas que você vê que aquilo não é, não é somente humano. Então a arte pra mim traz uma ligação muito forte com isso. Eu consigo por exemplo, escutar uma músicaaa éee, sei lá! Gilberto Gil cantando: Se eu quiser falar com Deus, eu consigo escutar Bethânia cantando: Oração ao Templo, eu consigo escutar, a Marisa Monte cantando: Vilarejo, eu vejo Deus ali, eu vejo o divino ali, na verdade eu sinto isso

Entrevistadora: Então você cultua... a sua leitura, não é uma leitura bíblica, é uma leitura de transcendência mesmo do sagrado, nê!? Assim, sê consegue ler

Depoente: A, acredito que sim!

Entrevistadora: relacionar a bíblia... por exemplo! existem pessoas que leem a bíblia mas não conseguem relacionar com aquilo que ela tá vivendo, nê!?, assim, é, trazer Deus pra vivência.

Depoente: Eu, eu... eu não tenho a leitura... nunca fui, nunca fui bom de ler bíblia, acho que se eu peguei para ler a bíblia foi mais por curiosidade mesmo assim, coisas escatológicas, apologéticas (risos de ambos), que foi o apocalipse, sabe!?, e aí, esse eu li todo, porque eu ficava mui, muito curioso de saber nê!?, todo mundo que saber como tudo termina! E eu achava que o apocalipse ia dizer isso, até descobrir que era um livro cifrado para cartas cifradas, que não tem nada haver com o fim do mundo, mas nunca li nê!? Nada sobre, nada muito... então... eu nunca tive esse referencial de Deus bíblico de eu ler, então é sempre muito uma figura interposta, de alguns falando sobre o Deus bíblico, aí eu acho que talvez por isso eu tive, eu tive uma proximidade maior com o Deus nas coisas sabe!? Talvez seja por isso, talvez isso explique um pouquinho. (risos), Eu sempre fui muito ligado na música, na arte de modo geral e, acho que ainda encontrei de, encontro o divino sabe!? Não sei se Deus, mas sei que o divino, algo divino.

Entrevistadora: E como você experimenta isso através da música, assim? qual sua sensação? Liberdade... você consegue, sei lá cara, refletir na vida!

Depoente: É, é, eu acho, tem, tem dois sentimentos que me, me afeta muito. Não é toda música que eu, eu escuto Deus (risos)

Entrevistadora: Sim!

Depoente: Não é, não é, não é toda arte que eu vejo Deus, não é todo livro, não é toda obra, todo quadro, é, mais tem duas coisas assim que... são um sentimento, um pouco abstrato também, muito subjetivo, mas é, o primeiro é de liberdade, o sentimento de, de imensidão, sabe!? É, é eu me expandindo ao mundo, como se o meu

redor, como se eu fizesse parte de tudo que me rodeia, como uma, num corpo único, dá essa impressão pra mim, algumas músicas, é, e.., e na, numa outra (inaudível) que eu tenho muito, é que, que eu vejo muito, eu, eu vejo como algo divino, é o sentimento de compaixão, sabe!? Eu, é tipo escutar, chorar uma música, chorar um quadro, sentir uma dor, alheia, né!? Eu, tipo, vendo... a, a experiência, a única experiência que eu tive disso foi, lendo os retirantes de Portinari, eu (inaudível), eu senti a dor daquele quadro em mim né!?, por ser Nordestino, por estar na condição de quase um retirante também, embora não no próprio Nordeste, mas por, pensar nos antepassados, por pessoas que fundaram uma outra região, chorei! Chorei, chorei, chorei, sabe, assim!? Sentir essa dor pra mim é divino, acho que, muito humano, é muito humano isso, e por ser muito humano, é um, humano, é uma dor humana que transcendeu sabe!?

Entrevistadora: Qual o seu nome?

Deponente: Douglas! Completo né!?

Deponente: Douglas Kaique de Almeida Porfírio.

Entrevistadora: Quantos anos você tem?

Deponente: 28.

Entrevistadora: Quando você conheceu à Comunidade Mosaico?

Deponente: (suspiro)... pra ser bem honesto, eu conheci a comunidade através daaaa... assim! Eu posso dizer que tenha sido uma experiência em que eu tava sentindo uma necessidade deee me aproximar de Deus. E aí eu já namorando né!? Éee, eu conversei com, com, com minha atual esposa que na época namorada, éee, e aí agente foi conversando, senti a mesma necessidade e agente foi procurando algumas igrejas pra frequentar, até então eu era católico, mas tinha perdido o vínculo com à igreja, não frequentava mais e aí tive essa curiosidade de, de, de frequentar outras igrejas, assim, procurar alguma em, a qual eu pudesse me encaixar e aí quando eu conheci à igreja Presbiteriana Independente do Brasil, né!? Mas conhecida como mosaico, ée ali eu achei que eu havia me encontrado espiritualmente assim, tinha tido um contato, um contato, é, é, com Deus. E foi ali que eu comecei a, a... a, me conectar com aquelas pessoas e achei que ali era o meu lugar!

Entrevistadora: Quandooo você chegou na igreja já não era mais cooom Raimundo e Valdívia, né!? já era, já era com, Bruno. Não é isso?

Deponente: Isso!

Entrevistadora: Assim! A mosaico ela tem um... não é só a questão de estética, mas a questão do próprio relacionamento entre às pessoas, né!? Um sentido comunitário, acho que é por isso que é comunidade. Qual foi a impressão que você teve ao conhecê-la? Qual o sentimento? O que você sentiu!?

Deponente: Olhe, é! Eu acredito que assim, a primeira coisa que me veio à mente, foi além da, da, da questão de ser pequena, simples, né!? bastante atrativo, é músicas que falavam, realmente assim, uma das coisas, eu sempre falo isso, uma das coisas que me, me conquistou muito, foi a questão da música, porque eu sinto que fui muito convertido pela música, sabe!? Eu acho que Deus falou muito ao meu coração através da música. é não, não atoa hoje, né!? É, é, eu faço parte do grupo de louvor da, da, da comunidade mosaico, mas eu sempre tive uma paixão muito grande por música e quando eu cheguei lá, eu fui muito tocado por isso. Além do mais a questão das amizades, porque esse também é um dos motivos pela qual eu fui visitar a comunidade mosaico que até então eu não conhecia. Que era o fato que eu sabia que tinha alguns amigos meu lá. Amigos meus, né!? Eu fui visitar nesse

sentido assim, e acabei tendo um, um, sendo bastante surpreendido éee pela, pela, pelo carinho, pelo acolhimento e tudo mais. Então eu, eu, ali foi o momento que eu percebi que eu realmente eu queria tá neste espaço

Entrevistadora: Eu não sei se, se mudou algo de...de um tempo pra! Há quanto tempo tu frequenta a comunidade?

Depoente: (Suspiro), se eu não me engano, desde de 2016... ou é, não! desde de 2015!

Entrevistadora: É! Praticamente o ano de fundação da Mosaico, né!?

Depoente: 8 Anos

Entrevistadora: Assim, eu não sei se mudou alguma coisa desse tempo pra cá, mas... o que, o que mais você gosta na igreja!? Nem é só questão de, de estética sabe!? É do lugar

Depoente: Sim!

Entrevistadora: mas a igreja em si

Depoente: Olhe, é... às coisas que mais me agradam na igreja mesmo em si, é... são as amizades que eu fiz, é... pessoas assim... eu acho que, à questão do acolhimento é uma coisa que agente escuta muito, né!? As amizades, o acolhimento que a gente fez, mas talvez aquilo que tenha me, me ganhado de fato, tenha sido o evangelho, à forma como o evangelho é pregado. Porque eu acredito que esse seja o grande diferencial da comunidade mosaico, numa cidade de Pombal, a... com relação as demais igrejas, né!? Um evangelho assim, centrado mesmo no amor, no perdão, são coisas muito fortes, muito fortes, e, que do meu ponto de vista, é, é, a, trazem a realidade do que o evangelho prega! Com todo o respeito aos demais igrejas ou os demais pensamentos ou as demais teologias, mas é, eu acho que assim... esse, o que a mosaico prega através do, do evangelho puro e simples, é o que casa com a forma como eu penso, como a forma que eu enxergo o mundo!

Entrevistadora: Você topou num, num aspecto muito interessante que, que é, você se aproxima mais de Deus... a música é, lhe ganhou de certa forma, né!?, é através da música que você consegue se conectar ao sagrado, neste sentido Deus está na igreja ou em todo lugar? Né?, eu tô falando, Deus igreja na comunidade mosaico e fora dela. Deus está nestes dois âmbitos, é uma pluralidade de espaços ou não?

Depoente: Não, eu acredito que sim, Deus habita em todos os espaços. É, é claro que a gente tem essa noção de que Deus está na igreja, né!? O, o prédio, a instituição, é... porque a gente sabe que Deus se faz presente numa unidade, né!? Inclusive o próprio texto diz que: Onde estão reunido dois ou mais, ali Deus está. Mas é obvio que Deus está em todos os espaços, aonde agente está, agente carrega Deus na nossa vida. E a gente é a imagem de Deus pro mundo então... ele está em todos os espaços, mas no, no prédio, a igreja, na instituição em si, a gente entende que ele está, estará por causa da unidade.

Entrevistadora: Você consegue se conectar fora dessa instituição, ao sagrado?

Depoente: Sim! Em momentos em que agente, em que eu estou é, em casa, eu faço o meu momento de oração, momento de devocional, é os momentos em que eu me sinto bastante conectado.

Entrevistadora: Existe algum espaço da sua que você, consegue fazer às devocionais com mais facilidade? Ou não?

Depoente: O quarto!

Entrevistadora: O quarto!

Depoente: O local mais íntimo, né!?

Entrevistadora: Alguma refeição que você consigaaa... sei lá! O café da manhã, um jantar, um bagunçar da vida

Depoente: Que eu consiga o quê?

Entrevistadora: Que você consegue fazer suas devocionais além do espaço do quarto entendeu?

Depoente: Humm...sim algum período de refeição, né!?

Entrevistadora: Sim!

Depoente: Eu acho que assim, o café da manhã! Eu acordo bastante reflexivo e é nesse período assim, que eu, eu tô ali pensando bastante e refletindo... no café da manhã, é o melhor horário, eu acredito!

Entrevistadora: Você tem o hábito de ler a bíblia?

Depoente: Com..., sim, sim

Entrevistadora: Com que frequência?

Depoente: Diariamente!

Entrevistadora: E em quais lugares você costuma ler? num é só fazer a devocional entendeu?

Depoente: Claro, claro! A leitura até analítica da bíblia, né!? Ou então de conhecimento, não necessariamente só pra, pra orar, mais é, é... sim, qual foi à pergunta? Eu me perdi no finalzinho

Entrevistadora: É, quais lugares você costuma ler a bíblia?

Depoente: Eu acredito que só em casa mesmo, no local, quarto ou escritório, é os locais que eu consigo ler assim.

Entrevistadora: Existe alguma música, poesia, já que, você consegue se conectar ao sagrado, né!? Em outros espaços, no seu quarto, no ca, no café da manhã, fora da mosaico, né!?, enquanto igreja, enquanto instituição religiosa, você se conectar ao sagrado através da poesia, da música, da arte de alguma maneira?

Depoente: Sim! Inclusive um dos exercícios que eu pratico assim, antes de, de começar a me conectar, é ouvir música. acho que ele já começa meio como uma espécie de rito, sabe!? Eu começo me conectando com a música pra então é, conseguir me conectar à Deus, porque eu vejo como uma forma de adoração inicialmente, praaa então me conectar

Entrevistadora: E não precisa ser necessariamente músicas gospels entre aspas, né, assim, porque eu não sei... eu sei que você é muito ligado ao Rock,

Depoente: sim, sim!

Entrevistadora: Né... e por que não relacionar isso!? Tu consegue fazer essa correlação?

Depoente: Consigo! Ago, agora assim é. Quando eu costumo ouvir alguma música,é, antes de fazer uma devocional, antes de fazer uma leitura de conexão com Deus, eu não costumo ouvir ao qual as pessoas chamam de músicas seculares, né!? Mas é... é, quando eu escuto no meu dia a dia, porque eu sou muito ligado com a música de toda forma, eu gosto muito de rock, né!? Como você falou, o rock, MPB, enfim, alguns, alguns... tipos de músicas assim, eu escuto e à partir delas eu reflito bastante com relação à letra, mas nos momentos em que eu estou prestes a fazer às minhas devocionais, as minhas orações, eu nunca separei uma música que não fosse, uma música do, do, do meio é, é, do meio assim, não vou nem dizer gospel, proque eu acho que gospel tá com um termo muito, sabe!? Carregado

Entrevistadora: Tá pesada, Tá pesado!

Depoente: Carregado, á bem pesado! Mas, mas que são músicas escritas diretamente para Deus, diretamente para Deus.

Entrevistadora: O que é culto para você? Porque assim, dentro da instituição religiosa são seguidos todos uma série de preceitos né!? A Liturgia e aí vem a parte da, da música, vem a parte da, dos textos

bíblicos...vem a parte, existe todaaaa uma, uma burocracia, uma doutrina de certa forma pra que esse culto ele sejaaa colocado em prática dentro da instituição, mas fora, o que é culto para você!?

Depoente: Ahh eu acredito que cultivar, né!?, Culto à Deus, é um momento de entregar ummm, uma parte do seu dia, uma parte do seu momento pra estar com Deus. É a forma como eu enxergo. Antigamente agente via o culto mais, é, é, nos textos mais antigos, agente entendia que cultivar à Deus seria é... oferecer sacrifícios e tudo mais, então, eu acredito que do, do meu ponto de vista, cultivar à Deus é tirar aquele, aquele momento para estar conectado, para estar em adoração, pra, pra é, agradecer à Deus. São trechos do nosso dia que agente não pode deixar de ter, é... pra estar com Deus! Cultivar é estar, estar com Deus, em algum momento de nossa vida

Entrevistadora: O que é o sagrado para você?

Depoente: Pergunta profunda essa aí!

Entrevistadora: Risos!

Entrevistadora: É porque assim... eu, eu, eu tô, é... indo de acordo com suas respostas, né!?

Depoente: Sim

Entrevistadora: Se Deus ele, ele está fora do âmbito institucional, se você consegue se relacionar com ele em diversos espaços, no café da manhã, é, se, se você te, se você consegue...ter uma devocional a partir da música, a partir da letra da música, que de certa forma é uma poesia, o sagrado ele está se manifestando de diversas formas, então você está moldando o sagrado, né!? Então assim, neste sentido o que é o sagrado para você?

Depoente: Como eu tava dizendo, é uma pergunta bem difícil de ser respondida... é... mas eu acredito que o sagrado seria basicamente aaaa, aaaa, aquela imagem de divino que agente tem éeee pra nossa vida, em que agente entende que faz parte da, da nossa ação, éee e que agente entende como soberano, como um ser que tá pra além desse mundo físico...éee, no qual agente se conecta, né!?, com ele num plano espiritual, afim de, de, de reconhecer a, a sua, o seu poder, afim de reconhecer que ele, que ele governa a nossa vida. Eu não sei se (risos) a resposta está bem respondida, porque foi uma pergunta bem difícil.

Entrevistadora: Se... o sagrado está para além, né!? Assim, num plano espiritual, existem as divisões, isso é uma visão muito... é, do Dante, né!?, (risos), mas assim, qual sua experiência no dia a dia com ele?

Depoente: Éee são experiências do meu ponto de vista bem positivas, mas são momentos assim, que agente quebra muitooo a cabeça, né!?, Porque é eu, eu, eu achei muito interessante o que cê falou, porque muitas vezes a gente molda, molda o sagrado, mas eu entendo que muitas vezes é, a gente quer fazer isso, né!?, Agente quer moldar a imagem de Deus pra os nossos, pra os nossos interesses, só que, ter contato com Deus, muitas vezes é reconhecer que, aquilo que eu quero pode não acontecer, éee ou pode não acontecer naquele momento, né!?, que agente tá esperando. Porque Deus muitas vezes tem um plano pra vida da gente, que às vezes não segue a nossa cartilha, que não segue o nosso plano, né!?, Então às vezes agente tem con, eu tenho contatos com Deus que são bastantes positivas e outros em que vou ali, quebrar a cabeça, que eu vou ter dificuldade para aceitar, mas, eu entendendo que, que como a própria escritura sagrada fala, que a vontade de Deus é boa, perfeita e agradável, mesmo diante de uma certa resistência, eu acabo percebendo que, que aquilo que ele tem pra minha vida deve ser melhor do que, o que eu quero que seja, né!?

Entrevistadora: Sim! Que tipo de cristão és tu?

Depoente: Que tipo de quê!?

Entrevistadora: De cristão é você?

Depoente: Nossa! (risos de ambos), que tipo de cristão eu sou! Ahhh! É, eu não me considero assim, de me enquadrar em nenhum, nenhum tipo de padrão, eu acredito que, que, é, a, a fé cristã deveria ser uma coisa bem simples! Eu acho que sou mais um seguidor das ideias de Jesus Cristo, porque assim, é, eu vejo a religião, né!?, toda e qualquer religião como um, um, uma espécie de, de, de sistema, né!? e ela é, né!? Um sistema de crenças! Como uma espécie de sistema em que muitas pessoas acabam caindo num, numa espécie de, de escravidão mesmo, um sistema escravro, escravocata, escravocrata (risos), é... onde às pessoas acabam aderindo à ideias fixas presas naquilo e, querendo ou não, acabam entrando num conflito, né!? De ideias, num conflitos ideológicos, onde cada um enxerga à sua religião a partir da sua ideologia e, isso vai virando um problema. Eu acredito que, na, na, na fé cristã, é, isso existe, né!? é muito forte, é muito visível no, desde sempre, mais do meu ponto de vista eu tento, eu tento enxergar é, a minha vida cristã como apenas um seguidor do, do meu messias! Daquele cara que eu vejo como salvador, que foi Jesus Cristo! Eu tento seguir as ideias dele e não necessariamente aquilo que à religião me impõe, os costumes que à religião impõe.

Entrevistadora: A, a pergunta é mais no sentido de que assim! Não existe..., não existe uma unificação, né!? com relação aos tipos de cristão, porque assim, são tipos! A fé cristã ou qualquer outra religião não tem como fugir disso, é plural!, né!? Porque aí você mistura culturas, costumes, é... inclusive a própria política, o meio social está inserido na forma como nós vivemos, não tem como fugir disso! A fé é plural, né!? Toda e qualquer fé, ela é plural, porque nós somos seres plurais, né!?... Se você é um cristão que consegue se conectar ao sagrado, mediante e através da música, suas reflexões são foras da instituições e dentro dela, da instituição nesse caso, você está se diferenciando e rompendo paradigmas, né!? Não, não é tipo... alguns outros cristãos que agente conhece (risos)... é, não existe uma... uma cartilha, né!? e se existe, ela foge completamente, num, não tem como seguir isso... e aí parte para uma outra pergunta né!? Mediante às suas leituras bíblicas, a sua visão de mundo...sua experiência de fé, é como você se, como conse, como consegue se conecta, se conectar ao sagrado através disso?

Depoente: Eu acho que eu não compreendi a pergunta!

Entrevistadora: Existe algo que te faça em que te faça conectar ao sagrado mediante sua leitura e visão de mundo?

Depoente: (respiração profunda, pausa!), Alguma, alguma coisa que possa me fazer conectar ao sagrado?

Entrevistadora: Mais! além da música, além de seu quarto, são experiências de vida mesmo.

Depoente: Sim, sim! Ah tá, entendi, entendi! Éee, eu acredito queee o meu cotidiano!, a vivência com, com às pessoas, éeee... eu tento ter um olhar sempre..., um olhar mais atento pra algumas situações da vida, éee os meus relacionamentos, oooo a questão do meu trabalho, o meu casamento, a minha família, eu tento buscar ter um olhar mais atento com às coisas que tenham acontecido na minha vida, porque eu acredito queee, éeee, tudo que acontece na minha vida tem uma ligação com o que Deus planeja pra mim, então eu tento ser bastante atento com o que tá acontecendo preu eu não perder o time sabe!?! do, do, do processo da vida. Se Deus ele tá agindo constantemente na minha vida e ele tem um plano para que algo se concretize, eu preciso enxergar o processo. Então o meu cotidiano, através do meu trabalho, o meu relacionamento, às minhas amizades tudo fazem parte desse processo de enxergar o sagrado, da ação de Deus na minha vida.

Entrevistadora: Perfeito, Douglas. Obrigada, respondeu todas às perguntas!

Entrevistadora: Qual o seu nome?

Depoente: Everton Ferreira!

Entrevistadora: Everton como você conheceu à comunidade?

Depoente: Bom! Ahh, o município é pequeno, né!? Pombal é pequeno, dá pra gente conhecer, pelo menos de ouvir falar... grande parte das instituições da cidade. Éee e eu já sa, já tinha ouvido falar do Mosaico, né!? Uma vez eu estava na praça e... é, tava tendo uma atividade externa dá igreja e eu acabei é, participando da atividade, era uma célula na época e à partir disso comecei eu comecei a frequentar, isso faz 8 anos

Entrevistadora: Então você está na comunidade há 8 anos!

Depoente: Éee, não, não! eu estive, eu fiz parte dessa atividade, aí conheci, né!? aí, a comunidade, aí vim frequentar acho que um ano e meio depois. Então estou na comunidade há uns 6 anos.

Entrevistadora: Qual foi a primeira impressão que você teve, ou o sentimento, ao conhecer à comunidade?

Depoente: Bom... é, é, religião pra mim é, algo que eu, eu sempre levo muito com raaacionalidade, né!? religião, culto, é, divindade, toda essa coisa toda eu sou muito pé no chão, então eu levo muito a raaacionalidade, eu tento! E aí, éee a comunidade mosaico me surpreendeu no primeiro contato que eu tive, foi isso, foi uma surpresa boa, porque eu percebi algumas características não tão convencionais, que eu sempre encontrei, encontravam em outras comunidades cristãs eee, que de algum modo eu não..., não conversa comigo, não me atraia, não,... conversava com a minha forma racional de, de tratar esse assunto e, isso foi uma das coisas mais interessantes assim, que eu achei na comunidade. É uma comunidade não convencional, com membros ée, não convencionais, quando eu digo não convencionais é, é que não se enquadram naquele éee, perfil e rótulo de crente, né!? De... de crente mais clássicos, enfim uma comunidade mais jovem, com uma pegada estética diferenciada e eu sou jovem (risos da entrevistadora), então isso, foi uma surpresa boa!

Entrevistadora: Quanto anos você tem?

Depoente: 35,

Entrevistadora: Jovem! (risos)

Entrevistadora: Você falou que (risos).

Depoente: Não conta pra ninguém (risos de ambos).

Entrevistadora: Você falou que (risos), você falou que, gosta muito de racionalizar a religião, né!? Então assim, pra você Deus está na igreja ouu fora dela

Depoente: E!

Entrevistadora: Ou nos dois espaços, como é que você| racionaliza?

Depoente: Então... éeee, isso é muito, exigiria uma resposta extremamente longa, mas dá pra simplificar isso em poucas palavras! Éee, eu acho que, encaixotar Deus dentro de igrejas, de rótulos, de... edifícios, seja lá o que for, é muita pretensão humana, convenhamos! Agente num sabe nada e acha que sabe tudo. Então não dá pra dizer, onde é que Deus está, porque Deus, teoricamente Deus é, o incriado, né!? e não foi criado, o criador de tudo. Então teoricamente, em teoria, Deus está em tudo, Deus é tudo, Deus foi é e será! Então não tem porque dizer que Deus está num, na igreja, Deus está em todo lugar, inclusive naquilo que lhe virá.

Entrevistadora: Se Deus está em todo lugar, então você consegue se conectar ao sagrado dentro e fora da instituição.

Depoente: Com certeza! Éee, a conexão com o sagrado éeee... a conexão com o sagrado éee independe do lugar onde você está porque se você pisa no chão, o chão, já é sagrado porque é uma criação sagrada de Deus pra mim, éee, e, e se você respirar o ar, é, quer milagre maior que você respirar o oxigênio (inaudível), e os pulmões

fazem você se movimentar eee fazem você viver, então mesmo que você não queria a conexão com o sagrado ela é constante, mesmo que você não entenda que você está conectado, mas você está conectado de alguma forma. aí se a pergunta for, como eu acredito e que me sinto bem com a conexão com o sagrado se na igreja ou fora da igreja, em todo lugar! Comendo, jogando futebol, éee enfim, é exemplos de que eu quero dizer quem, em todo qualquer lugar ou momento, mesmo quê, em algum, em grande parte dos momentos, a gente não lembre disso e se exaurindo com o sagrado, enfim, são consequências de tá na carne, de tá aqui, né!?! na mortalidade.

Entrevistadora: E como você cultua, esse sagrado?

Depoente: Dá mesma forma como eu me conecto! Éee, uma das coisas mais convencionais do crente éee seee ajoelhar pra ter conexão, é orar, é ter aquele momento mais eufórico, e de, (pequena pausa), e de, de um, de uma, de um comportamento mais efusivo talvez, eu, ou mais calmo enfim. Eu não vou bem por esse caminho não. Éee, eu tento me conectar e, e, e estar na presença de Deus (pequena pausa), toda hora, conversando com você, aprendendo no meu trabalho... enfim..., é por aí.

Entrevistadora: Cotidianamente, como é sua relação com o sagrado, fora do espaço institucional da, da mosaico, neste caso?

Depoente: É dessa forma! é, não é fundamentado em procedimentos religiosos, pré-estabelecidos, eu não consigo dizer assim: Agora vou me conectar com Deus, aí desligo tudo e entro no meu quarto e vou lá orar, não consigo fazer assim, porqueee quer dizer que antes eu não estava conectado!?

Entrevistadora: É espontâneo então?

Depoente: Então... éee, na verdade não é que se, o termo é, não é espontâneo, é que assim, eu tento fazer com quê... o meu culto e a minha vinculação com o sagrado, não seja de momento... mas que seja o estilo da minha vida, independente da hora que eu acordo da hora que eu me deito. Não quê, a todo momento eu vou tá munido de conexão máxima com Deus e enfim, mas eu não quero é, estabelecer momentos para estar com Deus ou formas pré-estabelecidas de me conectar com Deus... nãooooo ach, não penso e não acho dessa forma, não consigo.

Entrevistadora: É dinâmico?

Depoente: Meu estilo

Depoente: É, é, é!

Entrevistadora: Massa! Mas, num, não, não existe nenhum espaço que você se sinta mais acolhido

Depoente: Espaço físico?

Entrevistadora: Sim!

Depoente: É, bomm, háaa, espaços físicos, sim! por exemplo, quando eu vou... ter meu tempo de leitura, éee num dá pra mim ler trabalhando, não dá pra mim ler dirigindo, num tem né, como fazer isso!?! Então sim, eu reservo um lugar, um espaço físico, geralmente é numa, num quatinho, uma coisa assim na minha casa e vou ter meu tempo de leitura, de meditação, de pesquisa, pesquiso muito algumas religiões, algumas fac, é, é, os braços de alguns... alguns dogmas, algumas denominações, éee... trazem algumas coisas que nos... oprimem, nos induz a, procedimentos errados, a adoração, a forma de adoração inadequadas ao meu ponto de vista e eu sempre vou pesquisando pra num, num está no meio de nada nesse sentido, então nesse, nesses momento sim, eu procuro um lugar reservado pra ter meu tempo, porque num dá pra você ler em todo lugar, né!?! Então, nessas situações, eu reservo um lugar sempre pra ter meu tempo

Entrevistadora: Então você tem o hábito de ler a bíblia?

Deponente: Sim! Risos, de ler a bíblia, de ler outras coisas que, que envolvem a bíblia, de, de ler literatura que traz histórico, é, cristianismo, que traz versões diferentes da criação do homem, enfim, invisto num monte de coisa sem deixar de acreditar em Deus, porque não dá pra limitar às coisas.

Entrevistadora: Tem, tem pessoas que conseguem se conectar ao sagrado de diversas formas, e isto não está na, nem, em enquadrar Deus em um lugar, em um, em uma religião, éee, tem gente que se apega muito a arte, a, a música é uma delas, você consegue se conectar ao sagrado desta maneira?

Deponente: Também, também!

Entrevistadora: Né!?

Deponente: É tanto quê, que, eu contribui na comunidade cristã, né!?, no louvor e tal, então claro a, a música no louvor é uma forma muito interessante e, e eu gosto muito de música, é muito... importante e significativo (inaudível), o sagrado, mas assim, principalmente com à comunidade, com o próximo, com o culto, né!? e conseqüentemente ao sagrado, a Deus, né!? porque não tem como você vir, é, fazer uma ligação direta sem, envolver quem tá ao seu redor, então isso muitas vezes pra mim é mais importante. Me conectar a quem tá ao meu redor, a, a comunidade, porque propriamente é algo divino, né!? Eu não espero aquela coisa, aquele som eufórico, aquele redemoinho de fogo que me levanta e, eu prefiro a calma de estar com meus companheiros e amigos, no louvor e na música, e em oração, é (pequena pausa), em momentos de interseção, enfim, essas coisas simples

Entrevistadora: Então você diria que assim, o sagrado pra você é Deus, né, no caso!? o Deus cristão, mas, ele é forma também? (pequena pausa), nós modulamos ou não, assim, de acordo com sua experiência assim!?

Deponente: Humm... na verdade é, Deus cristão, na verdade o crente tem essa mania de monopolizar Deus, mas eu acho que isso aí é uma criação humana, é um pensamento humano, a verdade é que agente não sabe nada, o que che, o que chegou pra gente foi, às escrituras que são sagradas, mas que, notadamente são é, um conjunto de

Entrevistadora: Narrativas!

Deponente: Lendas, de narrativas, de histórias que, agente nem sabe exatamente de quando vem e como se originou, e com base nisso agente monopoliza Deus. O nosso Deus é o único Deus, é o meu Deus verdadeiro isso e aquilo, isso pra mim não existe! Deus está muito aquém, a longe, a cima de uma religião, seja ela cristã ou qualquer uma outra. É, na verdade é que em muitas situações, agente, precisa ponderar bem essa questão de Deus, inclusive na escritura, nas escrituras que tem... muitas coisas que não condizem muito bem com a personalidade de um Deus todo poderoso e enfim, então... eu não coloco forma em Deus é... o ser humano ele só conhece a vida biológica como forma de vida e isso nos limita muito. Agente não conhece outras formas de existência, agente suspeita que a espiritualidade, agente acredita, nisso, porque tem as escrituras, enfim, mas agente, a verdade é que agente não sabe, agente não sabe. Então, no entendimento humano a existência ela se dá principalmente através da vida biológica e na vida espiritual, mas eu acredito que há outras e várias outras formas de, de (Inaudível), de realidades, de existência. E hora, se eu não entendo mal à vida biológica e nem sei nada da praticamente da vida espiritual, quanto mais dessas outras faixas que eu acredito que tenha e de um Deus que criou todas elas, então é impossível o ser humano caracterizar, descrever, materializar, seja lá o que for com relação à Deus. Eu só, só acho quê, Deus é muito mais, é algo extremamente diferente do quê, o cristianismo pintou... agente pode pegar e considerar apenas algumas poucas características que estão ali descritas nas escrituras que fazem parte de Deus, mas é muito mais, é muito maior, num tem como agente simplesmente escrever dois terços, mas na verdade eu não posso ter certeza de nada, mas eu acredito que ele não se mostrou em toda sua totalidade a, aos patriarcas enfim. Existem coisas que agente não entende e que a, o próprio cristianismo... não.. não aborda enfim, é tipo isso!

Entrevistadora: Quase uma resposta teológica (risos)

Depoente: Sem ter o fundamento teológico!

Entrevistadora: (risos), Assim, é, você mencionou que ler a bíblia com outros textos, né!?, assim...

Depoente: Hunrum

Entrevistadora: Tá sempre relacionando, historicizando de certa forma a bíblia... qual é esse outro material além disso?

Depoente: Olha, o texto da bíblia é muito difícil de ser entendido, se você não buscar outras fontes, porque você não pode literalizar a bíblia, isso vai dá, me trazer uma confusão desgraçada! Outra coisa é, você num vai aprender a bíblia sem saber o contexto como ela foi escrita, sem saber porque tal coisa foi escrita, qual a época, o quê que tava acontecendo, pra quê aquilo ali foi escrito... você, você vai tomar isso como dogma, como prática e você vai seguir um negócio se você, tipo assim, você vai seguir às coisas que Paulo escreveu pra Antióquia, sem considerar o que a Antióquia tava vivendo naquela época, então isso é, pra mim é, desinteressante. Então coisas que eu associo pra melhorar a, o entendimento são comentários dos evangelhos ou dos livros do antigo testamento, são comentários! escolho um autor que eu acho interessante e juntamente com aquele evangelho, leio o comentário daquele autor com relação aquele evangelho. Que ele vai contar o contexto, o quê que... ele acha que tá... é... (breve pausa), que o autor tá querendo dizer, é, quem escreveu aquilo, qual o motivo, e assim tento fazer com outros comentários também pra ter uma mescla ali e, não ficar é, com uma só fonte de informação, e assim eu leio, eu vejo esse apanhado de coisas e tiro minhas próprias conclusões

Entrevistadora: Existe algum au, autor em específico?

Depoente: William Blake.

Entrevistadora: William Blake

Depoente: É um dos, é um dos que eu mais gosto, do novo testamento

Entrevistadora: E do velho?

Depoente: Não, não consigo definir um... é, não, não consigo!

Entrevistadora: É, acho que foi!

Depoente: Já?

Entrevistadora: É! (risos)

Entrevistadora: Éee, qual o seu nome? Nome completo!

Depoente: Lívia de Andrade Couto Paixão.

Entrevistadora: Tem quantos anos Lívia?

Depoente: 43

Entrevistadora: Você poderia me informar a história da comunidade mosaico, como começou?

Depoente: Bem... é... a, agente, agente tava é, já trabalhando aqui em Pombal, na Igreja Presbiteriana Independente do Brasil, né!?! Éee, um, como missionário e no, de forma resumida, agente percebeu uma, surgiu, brotou no nosso coração né!?! É na, a, o desejo de é, começar uma, um jeito diferente de se, de seguir a fé, né!?! Na verdade, resgatar, né!?! Éee, de fotms um pouco mais leve de seguir a fé, com menos religiosidade, né!?! Agente percebia que, ée muitos entraves no, no começo, preocupações com questões muitoooooo... assim... (Pequena pausa), muito até lo, lo, longe do que realmente era importante, né!?! Num, não necessárias, questões de religiosidade mesmo, não no evangelho em si, e aí agente pensou então, a coisa veio brotando, na verdade foi, algo

que veio, vindo crescendo no coração né!? Éee, primeiramente do Bruno, éee do pastor Bruno e depois éee, agente foi conversando sobre isso e, e, pudemos enfim ver à construção desse sonho se realizando, né!? Que é então uma igreja, uma comunidade mais leve, éee... onde agente busca mesmo à simplicidade, sem que, a simplicidade do evangelho, né!? É, de Jesus Cristo, no amor ao próximo, no amor a Deus, no amor ao próximo, éee buscar um... uma busca de uma comunidade em que, é acolhedora, que está aberta pra, todas às pessoas, né!? Que não faz acepção de pessoas, queee procura viver o evangelho de forma simples, né!? É, é, tirando ao máximo é, buscando tirar essa, essa culpa e esse, e o medo, que muitas vezes a, a... é, algumas religiões que impõem, né!? É, e.. é isso, eu acho que, é um pouquinho, essa, essa, esse sonho brotou meio que assim, veio acontecendo e, e foi é... agente começou a fazer essa transição, né!? Éee, pra um novo formato. Não foi fácil, né!? algumas pessoas não quiseram permanecer, é, não, achavam que era loucura, outras não se encaixavam, ée dizendo, achavam que não se encaixariam, né!?, na verdade, mas assim, éeee nós estávamos abertos para todos, né!? E...é, al, alguns decidiram não permanecer e outros seguiram em frente e assim éee a gente começou então com uma comunidade é, a tramos e barrancos no início, né!? Mas, é, depois ela foi ganhando forma, é, uma comunidade diferente da cidade, né!? uma igreja que tem uma pegada diferente, na, na cidade, aqui no sertão, em Pombal, éee como eu disse, com essas características que te falei, igreja criativa, alegre, ée leve, simples, acolhedora, é essas, esses são alguns traços contemporâneo, éee, esses são alguns dos traços que a gente tenta, é, preservar, né!?, essencialmente cristã, éee, focada mesmo no, no evangelho de Jesus Cristo..., é isso. Aí hoje, agente, quer dizer, nessa caminhada agente percebe, as, sofreu éee alguns, vários preconceitos e tal, na, na cidade, porque erámos diferentes, né, !? e, mas agente continuou caminhando e estamos aí, firmes e fortes (risos), seguindo em frente, é isso.

Entrevistadora: Você topou num, num aspecto muito interessante, né!? Eu acho que a forma da Comunidade Mosaico, né!? essa forma ela foi se moldando ou você acha que não? existiu um projeto certo já? Por exemplo: É, é bem notório o símbolo da comunidade, né!? Assim, além de ser uma, uma comunidade criativa, contemporânea conforme você falou, é, é um outro protestantismo, né!? a, apesar da mosaico não ser a primeira igreja protestante de Pombal, mas é a primeira igreja da IPI que tem esse formato, e o mais legal, é a primeira igreja da IPI que tem esse formato no Brasil, né!?

Depoente: Na verdade aqui, aqui no Sertão! Tem outras IPIS, né!?, é, com essa, essa visão assim, mais abr, diferente né!? Mais leve e tudo mais, do jeito como agente tem pensado. Lógico que cada uma delas com características diferentes, né!?, porque eu acho que aaaa comunidade de fé ela também, apesar de nós sermos ligados a uma instituição de um, de muitos anos, né!?, nós somos protestantes, presbiterianos, né!? Éee... e, e, a IPI também aqui no Brasil chegou há muitos anos, né!? Enfim, commm o sertão, chega um pouco depois, né!? Mas chegou mais ali pelo litoral, é, apesar de estarmos ligados a essa inst, a, a, IPI, né!? Agente encontra na, a IPI também é uma, é uma, igreja que se coloca como diversa, né!?, éee temos alguns, algumas igrejas que são, é, mais renovadas, outras menos renovadas dentro da IPI, mas assim, com essa pegada como agente fala da, comu, da mosaico, né!? Alguns, alguns, alguns movimentos aconteceram, né!? Alguns, alguns, algumas localidades também começaram a fazer éeee movimentos nessa, nessa, nesse, nesse sentido, nessa direção. Como eu disse cada uma com, cada região, tem suas propriedades, suas características, cada projeto tem uma pegada diferente, acho que por causa, por causa do chão também, né!? É, então, a comunidade, a igreja foo, tá dentro de, de um local, dentro de uma cidade, no, no (pequena pausa), no, no, éee...de, de, de uma localidade, que ela também a, absorve e responde às questões daquela localidade, né!? Então é nesse sentido. Éee, é isso!

Entrevistadora: E como é a Lívia dentro dessa comunidade enquanto praticante de fé?

Depoente: Eu me sinto assim, é, muito feliz sinceramente, de fazer parte de tudo isso, assim, é, o cabeça assim, quem, quem tá afre, aff, pensou mesmo e vá, na maioria dos aspectos e, é... eu acho que, quem assim... tá, sonhou primeiramente com isso foi, Bruno, o pastor, Bruno, éeee... e eu como que, é, me juntei a ele nesse sonho, né!?, pra essa construção desse sonho, e eu me sinto muito feliz assim, de fazer parte do processo desde o início, de... é, caminhar, e vivenciar e ver isso crescendo, e mais que isso, ser é... participante, né!? ser mais uma, né!?, num, agente num, agente se coloca commm é mais um do, do, do grupo, né!? E isso é muito legal assim, eu me sinto realmente, é um lugar que eu me sinto bem, que eu me sinto leve, que eu posso ser quem eu sou, que posso mostrar meus defeitos, minhas fraquezas, né!? Éee em que, eu sou realmente acolhida, é, perdoada, amparada, cuidada, é, uma comunidade em que, eu não sinto peso, né!? Peso, com coisas, peso, peso, peso, eu não sinto peso, né!? éee, muito legal. E eu cresci, é... num lar cristão, é, desde de pequenininha sempre fui a igreja, sempre participei, sempre fui atuante, é, e, como filha de missionários, é e também uma, é, eu vi... eu, tanto quanto estava ainda na minha cidade, como depois quando meus pais começaram, é, a atuar como missionários, né!? É, eu passa, passei por várias cidades, várias igrejas, né!? É, e de, vários, várias cidades diferentes e também depois no meu ministério, né!? E.. eu sinceramente assim, éeee.... é muito legal assim, ver tudo isso, porque é um local que eu realmente me sinto, livre, à vontade e como que em família mesmo, em casa, né!? (inaudível), é bem diferente assim do que eu já vivi em outros locais, mesmo tendo uma, carinho imenso por todos os, as igrejas que, que eu trabalhei, que eu vi, que eu é, até que eu cresci, né!? Aqui me formou, né!? É, mas assim, é um momento bem diferente, e fico feliz de poder vivenciar isso, e poder também, é, nesse processo todo como membro da igreja também, como líder também, poder proporcionar a outras pessoas essa, como membro, não só como líder, mas também como membro, proporcionar é, essa, essa, como é que eu posso dizer?... essa experiência, né!? Pra quem nunca foi de igreja, porque a gente tá aqui também, acaba a, éeee recebendo muitas pessoas que nunca entrariam em igreja nenhuma ou que não são acolhidos em outras igrejas, a..., ou também pessoas que já vieram de outras igrejas e se machucaram, né!? e enfim. É, é isso, eu sendo (inaudível), até porque nossa comunidade, é como eu disse, né!? Eu disse assim, eu me sinto feliz não só como líder, mas também como membro, porque ela se faz com todos, né!?ela não se faz com uma pessoa, ela é faz, ela é isso tudo por conta do próprio Cristo que habita em nós e que é exemplo nas nossas vidas e, e, essa construção se faz com a coletividade mesmo.

Entrevistadora: Você tem uma, uma experimentação é, com relação à igrejas, em que nível elas se, essas experimentações elas se diferem com relação a mosaico? Isso num, não só no aspecto inter, interpessoal sabe!?! Mas no aspecto físico da coisa. A comunidade mosaico, ela tem uma, uma estética que chama muito atenção, né!? E querendo ou não, essa estética acaba é, se relacionando com, com a prática de fé, a forma como eu vejo que o evangelho está sendo exposto ou pregado, é, a forma como eu me, me relaciono com os símbolos, então eu acho que tudo isso acaba envolvendo a forma como, como a pessoa exercita e pratica a sua fé, como ela vê o sagrado, entende!?

Depoente: Hunrum, é, verdade! A igreja, a, a, a comunidade mosaico, né!? IPI, elaaaa, a gente procura... é trazer também, aproximar também... assim como na verdade não só a i, a, mosaico, né!? Acho que na caminhada cristã, sempre a arte esteve en, envolvida e no meio do caminho agente assim, às vezes se perdeu assim, ou é, em alguns momentos veio uma ideia errônea de queee, ahh... de repente uma arte, a arte assim ou assado, né!? Não seria propício, né!? Pra o ambiente saaaagrado, vou dizer assim, né!? E aí assim, é pelo contrário né!? Éee Deus revela ela em todas às coisas e se revela na, nas artes, né!? Éee a beleza, a belezaaa tá aí né!? E ele nos encanta por meio dela, tanto por meio é, dá, dá linguagem musical, como da lin, das linguagens visuais, né!? das artes

visuais, é e de outras, outras, de outras linguagens artísticas. Então assim, na mosaico agente procura também zela por essa questão do que é belo, né!? Dá, do, do, de um ambiente também artístico, art, que traga arte, que traga é, em símbolos, que tragam imagens que nos façam, é, nos conectem, né!? Porque nesse mundo corrido, agente, é, o grande, a grande questão é que agente muitas vezes tá desconectado do sagrado, né!? E Deus tá em todo o lugar, tá em todo momento conosco, ele é, Deus Emanuel, e tá sempre conosco, sempre ao nosso lado falando e a questão é, que agente né!? No dia a dia, nas correrias, nas coisas tal tal, acaba é, se desconectando, né!? eee, há várias coisas que, que nos ajudam nessa conexão, então, no espaço mosaico agente procura sempre também zelar por, várias formas, várias coisas que possam ajudar nessa conexão, porque temos pessoas diferentes, pessoas que se conectam com o que vêm, pessoas que se conectam com o que ouvem, pessoas que tem mais facilidade com o toque, pessoas que tem mais facilidade com, enfim. Então, é importante mexer com, é, atuar, né!? com todos os, os sentidos também, porque nós somos um ser assim, té, assim, inteiros, integrais, né!? E que tem que, pensar nessas, todas essas, essa complexidade que é o ser humano, né!? essa, é isso! E assim, mosaico, com, você falou até da, das artes tudo, eu acho, eu mesmo sou uma fã, porque é, a, a, eu me conecto muito, às vezes eu tô assim meio que vagando e, um, uma obra de arte, um... um símbolo ali me, me traz pra perto de novo, do, do sagrado.

Entrevistadora: Olha, você já respondeu duas perguntas (risos). Sem querer!, né!? Tá, tá, mas, não, não vamos focar tanto na comunidade, certo!? a comunidade ela é, é importante pra sua prática de fé, mas, como a Lívia, ela exercita essa, essa praticidade, ou essa prática de fé, com o sagrado? você, você citou a linguagem artística, é, você tem mais facilidade de se conectar com música, nessa conexão você acaba que moldando o sagrado, né!? não no sentido de deturpar, mas no sentido de fazer com que essa sua conexão seja maior, né!? Não é modificar o sagrado, mas é recriá-lo. Você... (inaudível), calma, eu vou, uma pergunta por vez (risos).

Deponente: Então, então, eu não acho que éee, ou ressignificar ou, mudar, num tem, não lembro direito os termos que você usou, eu acho que sagra, ele é ele, a questão é que ele, eeeee, interage conosco conforme, ele nos criou, ele nos, nos conhece, ele é fo, fala conosco nas linguagens que agente mais, eu ach, eu creio assim, né!? que Deus nos conhece e cada tem um jeito de, de, de se comunicar e de se, se, se sensibilizar mais e ele sabe exatamente, qual, quais são as formas de cada um, então ele, éeee se, gentilmente vem a mim com, é, conversar comigo como, como, sabendo que é, que aqui é Lívia e não a, Myrelly, né!? Então, é, aí ele me toca de várias formas, né!? É, é, às vezes com à natureza, né!? Eu sinto sua presença e a, a sua voz por meio é, da natureza, às vezes por a, por, é, por alguma arte, seja música, sejaa mesmo um..., um... uma escultura, né!?, uma cruz, né!?, por exemplo, uma cruz fala muito comigo, é, muitas vezes, é ou outro, outra obra de arte, né!? Éee agente tava, tinha lá nas paredes do outro, da outra, do outro espaço que agente tava, ti, tava alugando, ahh, umas obras de arte, né!? que, que Edna é... pintou na parede, desenhou na parece na verdade e aquelas obras assim, tipo!... vez por outra me tomavam, e assim, me emocionavam de um jeito, né!? É, muito forte, às vezes eu tava assim, meio que vagando, minha mente vagando, e aquilo ali me, me trazia pro eixo, né!? me trazia pra... pra dentro de mim, me trazia pra essa comunhão, com esse contato com o sagrado. Então assim é..., há várias formas de, de como ele fa, fala comigo, né!? às vezes pela leitura da bíblia também, por uma oração, então (inaudível), mas assim, é má, é muito forte comigo, às vezes um, um abraço de alguém, um encontro, né!? um acontecido, enfim, ele é esse Deus assim, de, de surpresas, né!? de ventos fortes, mais também de brisas, então, é, ele sempre nos surpreende e, e eu posso, eu consigo assim percebê-lo no dia a dia, acho que no dia a dia, em várias coisas, às vezes agente tá até fazendo alguma coisa corriqueira e de repente é tomado por, por essa presença assim dele, por essa atuação assim dele, em, dessas coisas tão simples, né!? ée, é isso. Não sei se eu respondi sua pergunta (risos).

Entrevistadora: Éee, nas, nas, nessas respostas, é porque assim... éee, se Deus está em todos os lugares, se ele consegue se conectar através disto, na verdade não é ele que se cone, que consegue se conectar, é você, né!? então se você se, consegue se conectar ao sagrado de diversas formas, não é que Deus ela seja moldável, mas a sua conexão, é! Não, não é que Deus esteja na cruz, mas ao que aquele símbolo representa e, o que ele está representando no momento, então assim, você está moldando a sua própria fé, né!? nesse sentido, né!? porque o sagrado, eu não a, eu , eu não tenho que achara nada , mas assim, o sagrado ele não é dado, ele é construído, a prática de fé ela não é dada, ela é construída, é, não se tem uma fé dada, você se, descobre, você não é cristão, você se torna, né!? é um tornar-se

Depoente: É! então, mas aí é uma diferencia entre a prática de fé e o sagrado. O sagrado é ele

Entrevistadora: sim

Depoente: E a prática de fé é, é uma cons, é como uma, uma

Entrevistadora: É uma construção

Depoente: É uma, uma construção

Entrevistadora: Sim

Depoente: Construção. Mas ele é, o sagrado, não, não é, aí difere, aí o sagrado não é a prática de fé, são duas coisas diferentes

Entrevistadora: Sim, sim, são, mas é...

Depoente: É nesse sentido que eu estava falando, porque éee, ele é para além de mim mesmo, né!? ele não tá limitado a nenhum tipo de prática fé ou nenhum, ou nenhuma pessoa, ele é pra além, né!? ahh ele é pra além, então e ele é, éee e a o mesmo tempo, ele se, ele é e ele não só pra um, ele ée, ele se lança a todos, né!? então ele não, não é... um, é um, o Deus que eu creio é um Deus que ele é também acolhedor e, e assim, num é um Deus... abusivo e, e, é autoritário, eu, eu vejo esse Deus que ele vem a nós como assim, como o próprio Jesus veio, né!? que, eu como cristã creio em Jesus com uma encarnação Deus vivo (pigarro) ele veio a, a nós conforme a nossa, a nossa é, com a nossa, do nosso jeito aqui, né!? ele se colocou pra nós, na nossa linguagem, com nosso jeito de, de viver, é, como ser humano, né!? como, como um de nós, né!? pra quê, por que isso?, né!? porque ele busca se comunicar conosco, de forma que nós possamos, vai, ele tá próximo, né!?, ele pode se mostrar próximo, como que nós possamos compreendê-lo e vivenciá-lo, e ele, ele respeita a nossa, quem somos, né!? é nesse sentido que eu quero chegar assim, né!?, ée, ele se faz um de nós, né!? um de nós e um, um, um de nós e sendo acessível compreensível, acessível ée, pra cada u, pra cada ser humano diante da sua individualidade e respeitando sua individualidade, né!? até porque ele mesmo ée... ele criou essas, essa diversidade, né!? eu creio que ele mesmo que, que criou e gosta da, da tal da diversidade.

Entrevistadora: Ahh, é!, não sei se foi um texto, algum texto que eu li ou se foi um depoimento que fala tipo! o meu Deus veste saia, o meu Deus ele é preto, indígena, o meu Deus mora na favela e não nos lugares da elite, é, o meu Deus ele, ele é o, o nosso e não meu, né!? então é toda uma desconstrução... que isso é muito interessante, às, às várias leituras que tem sobre, sobre um mesmo, um único sagrado que é para todos, né!?, mas

Depoente: Exato!

Entrevistadora: Mais, mais, mais foda mesmo é saber como é, às pessoas se conectam de formas diferentes, porque é algo individual, que

Depoente: Sim!

Entrevistadora: No todo se transforma no coletivo,

Entrevistadora: e que Deus acaba

Deponente: Sim!

Entrevistadora: sendo... o próprio símbolo da comunidade né? pluralidade, a fé ela é plural.

Deponente: Sim! E é por isso que é interessante que, a, na, voltando ali pra, pra mosaico né!? que sê tava falando dos vários tipos de também, de, de, de ações como as artes que são colocadas também pra, pra... certa forma conseguir abarcar o máximo de, de, é, conectar o máximo de pessoas possíveis, né!? a, as formas diferentes de, de, de, como é que eu posso dizer, o quê que eu quero dizer assim, tipo, ajudar nesse processo de conexão com o sagrado, né!? agente tá ali pra auxiliar nesse processo de conexão com o sal, com o sagrado, né!?... e aí, lógico que a gente não vai conseguir abarcar a todos, porque a gente num é, (risos) num tem como, né!? mas assim, ée

Entrevistadora: Vocês não são a universal, tá bom!? (risos)

Deponente: É, nós, nós né!? nós não somos! Éee, então assim, nós não temos como, somos limitados, não temos como abarcar tudo, né!? mas assim, eu acho a gente procura, é, criar um espaço, um ambiente em que, é, máximo de pessoas possam sentir acolhidas e conectadas né!? possa comunicar ao máximo de pessoas possível, possíveis, né!?

Entrevistadora: E como a Lívia ée, cultua à Deus, no espaço cotidiano? Você tem algum lugar preferido por exemplo, ou horário? É, um lugar que seja um quarto ou uma sala. O horário, manhã, tarde, noite, não sei, acho que, que cada pessoa, ela, sei lá, se for uma pessoa quem nem eu, ela vai ter um, um lugar predileto pra, pra cultura à Deus, orar, fazer éee, eu esqueci o, fazer devocionais, entende!? Eu num sei se,

Deponente: Hunrum

Entrevistadora: Se pra você existe esse lugar específico, esse horário específico

Deponente: Não, isso varia, isso na minha jornada varia, variou muito, ahh, a, ouvi momentos e épocas (pigarros), é, em que, é, eu tinha uma prática, uma rotina, né!? o, no horário, é, e um jeito de fazer, né!? e já teve momentos em que não! tipo, ah! Ler, ler a bíblia, ora e tal, meditar e tal, anotar e tal! Mas teve out, outros momen, outras épocas, em outros momentos que, ée, isso era mais, não, não com, com horário ou, ou, é, sei lá, local sabe!? Éee, já outros, vai, vai de cada momento, vai de, de, éee de, de época

Entrevistadora: É algo fluido,

Deponente: É, vai dee momento, é! Vai de momento.

Entrevistadora: não tem...

Deponente: Até porque assim, é, como eu disse, né!? é, essa, essa... esse mome, esse encontro, esse momento assim, de estar com, com ele, ele acontece até mesmo no, no, no, no dia a dia, no, enquanto você faz as coisas, mas é interessante sim, ée, também, é importante também o, o estudo, o sentar pra, pra beber um pouco mais profundamente, né!? sobre, sobre aquilo que você acredita e sobre o que ele tem pra te dizer, te dizer, né!? ée, pra você mergulhar dentro de você mesmo e ouvir, é, a voz dele trazendo direcionamentos de ajustes da própria vida e tal. Éee, isso aí vareia muito, My! Num tem uma coisa assim, ée, certinha não. Eu já fui, é, por épocas assim, de pegar, anotar os versículizinhos, algumas coisas chaves da devocional, e botar uns pouchites assim no guarda-roupa, na parede e tal, já de fui várias coisas assim, né!? vai de, vai de, às vezes já fui de fazer negócio mais com música, já fui de fazer, de ir pra um local aberto onde, onde podia ver à natureza, então depende muito, às vezes eu tô até assim, fazendo, trabalhando e tal, fazendo outras, coisas do serviço e de repente vem aquele desejo de parar tudo, ou al, ou eu tô ouvindo alguma música e ela me, me toma, e às vezes paro tudo, e contemplo ali, e às vezes não paro e ali mesmo, fazendo ainda às coisas e aquilo ali mexe comigo, então não tem umaaa, uma coisa

fixa, uma receita, ou nada disso não. Agora assim à comunidade de fé me ajuda também, porque às vezes na correria do dia, né!? justamente, às vezes acaba que, éee, agente ali na, naquele esp, recortar aquele momento daquele espaço, é importante pra beber um pouco mais profundamente, tanto individualmente, mais também coletivamente, porque ée, agente acaba éee, vendo, percebendo, é... algo bem pra além, né!? o compartilhar de experiências, o, a visão do outro quanto aquela leitura, quanto aquela, aquele, aquele texto, quanto às suas experiências de fé, né!? sua vivência com esse, com o sagrado, isso tudo também, é, é fortalece nossa vida, então é, outro, outra coisa também que soma muito com, com minha religiosidade, é, até porque nossa fé, elaaa é, é uma fé, é, não só..., é de prática individual, mas ela, ela é uma, é uma fé que, que nasce com a, com a, com, com a comunhão, com, com o, o coletivo, com o coletivo, né!? é... então é algo que é importante pra nossa fé, nossa fé se faz na coletividade, né!? na comunidade, né!? não somente no, é... na individualidade, no separado, né!? então é importante tá, tá junto, né!? porque a gente é um corpo, a gente tá unido e, é assim que a gente vai se fortalecendo, né!?

Entrevistadora: Certo! Existe...alguma música ou poesia, já que você é da, da área da cultura, especi, especificadamente da, com relação a música, né!? que te faça se conectar ao sagrado com mais facilidade? Até mesmo, éee, mais do que a bíblia (risos), né!? acho que, existe, existe algumas canções ou obras de artes que nos fazem se conectar mais a Deus do que a própria bíblia, né!? eu acho que a forma de, de... eu nã, não diria interseção, mais, é uma relação que tá ali acontecendo que, você tem um outro la, um outro olhar, e é mais fácil, né!? você se conectar a esse Deus, a esse sagrado, do que a própria bíblia, o próprio estudo bíblico, né!?

Depoente: Sim! É, é, é interessante que, é na, nas canções... as canções é, tem, eu escuto tudo que é tipo de, de, de, de canção, né!? e, tudo que é tipo não, né!? (risos de ambas)

Entrevistadora: Eu entendi (risos).

Depoente: Tipo assim, é, tem, tem canções assim, que... elas, elas remetem, né!? é... verdades que eu já bebi na bíblia, então é aquela coisa, Myrelly, pra mim, eu acho assim... na minha vi, na minha vida é, eu, eu, já li, já li desde da minha, da minha infância eu já, eu indo pra igreja aprendi muito sobre é, hist, histórias e narrativas bíblicas, isso aqui, é, Deus, sobre, e experimentei, também, né!? porque não é só você ouvir, não é a questão do conhecimento, é, é, é a, é a, vivência, é o experimentar, né!? é o andar com, e naa minha adolescência, também eu li muito a bíblia, curiosa, lia bastante e tal, e, é, é, quando, às vezes algu, algumas músicas tão ali tocando, e aí aquela letra me toma, me faz lembrar sabe !? me faz ponte com aquilo que eu li, então às coisas estão interligadas, né!? não há uma música x ou y, não há, há várias, há várias porque à minha vida estu, à nossa vidaa ela está em movimento, né!? entãooo, é, nãoooo., nãoooo, não há uma, uma música, há músicas, há momentos, é há, há momentos mesmo, né!? de, de, de que repente é uma, de repente é outra, enfim, são várias que já mexeram comigo. E, e interessante também que, na própria bli, na própria, na própria bíblia, né!? agente, é tem cânticos, né!? os salmos são canções, agente, muita, muitas vezes tem muita gente que, num se atenta a isso, de que, os, os salmos, que a gente tem costume de ler, né!? aquele texto lá cru, pá, pá, pá, pá, pá... eles re, na verdade eles são canções, eles eram cantados, né!? eram textos, era a, uma, como que, uma expressão da oração cantada e que, o povo sennn, sentava e cantava juntos, né!? às vezes com responso, onde um, alguém falava um trecho, uma parte e os outros cantavam a outra, uma parte que, uma pessoa cantava um trecho, e as pessoas respondiam com outro, ou não, às vezes era só daquele pessoa, enfim. Éee, as canções então, então assim, são, as, a música, né!? é um ponto bem legal assim, de conexão também com, com o sagrado, e na, na bíblia agente encontra isso. Então assim, num é que, é, eu num diria assim, que ah, mas que a bíblia eu acho que é... (pausa), depende da, da hora, do momento sabe!?

É tudo ali misturado, é tudo, é tudo isso, é tudo, é tudo misturado, né!? tem hora que, a música fala comigo, mas porque ela tá me remetendo aquilo que eu já vivenciei com esse Cristo, e com a leitura que eu fi, com aquilo que eu já me, me dei ali na palavra, né!? e às vezes é o contrário, a palavra me faz lembrar uma música, né!? e às vezes éee, aquela, aquele texto lido se torna música pra mim, né!? é, no sentido de, de, de gerar o que a música gera, mesmo sendo só alguns, algum, alguns textos ali são narrativas, né!? é, e aí, alguns às vezes se tornam assim como melodias no ouvido, né!? encaixam direitinho assim, a coisa fica bem harmoniosa e você sente, nossa! Que, essa palavra aqui é... encaixou como uma peça certinha no quebra-cabeça que não, né!? nesse sentido. Não tenho como dizer uma música x, porque não...

Entrevistadora: Mas é isso mesmo!

Deponente: Tem várias assim que já mexeram (inaudível)

Entrevistadora: E o pior é que a música, a pergunta era na verdade assim: Existe alguma música ou poesia que te recordem os textos bíblicos? né!?

Deponente: Ah, tem várias! Aí, muuuitas

Entrevistadora: Nãooo, mas não muda muita coisa, só especificou

Deponente: É! Tem muit, inclusive eu conheço, e eu amava também assim, às vezes alguém tá falando alguma coisa, eu, mas eu sou daquelas assim, se a pessoa falar uma palavra, às vezes eu tô conversando com alguém, aí a palavra que a pessoa falou, aí eu já venho, já vem uma música na minha cabeça, né!? na hora! aí, é... temmmm é, alguns, alguns textos bíblicos, eu conheço muitos textos bíblicos um, musicados, né!? como salmos, como algum, algumas cartas de Paulo, algum, algumas palavras de Jesus ali é, que são versículos é, cantados mesmos e salmos cantados enfim. Éee que sal, salmos são, são canções, né!?, mas eu tô dizendo cantados assim cantados aqui pra gente, né!? porque a gente num tem esse resgate lá de como que era, de como que tá, tava, tava sendo cantado lá, né!? nesse sentido! Então assim, é bem legal pra mim, eu gosto muito também dessas músicas, porque, porque são textos cantados, porque às vezes eu tôoo numa situação bem difícil, ou tô, ou triste, ou abatida ou muito preocupada, ou coisa do tipo. e de repente a palavra me veio ao coração, seja ela o texto, o texto, o versículo é, cru, seja, ele musicado. Normalmente vem ele musicado na minha cabeça, né!? como por exemplo: “por que estás abatida a minha alma, porque te perturbas dentro em mim, espere em Deus. Pois ainda o louvarei, a ele meu auxílio, em Deus meu, a ele o meu auxílio, em Deus meu”, esse é um salmo, em, ele, ele tan, sequenciado, então assim, tipo, eu tô cantando o salmo e às vezes eu tô ah, tô, tô numa agonia e me vem aquela, aquele versículo na cabeça, e me vem já ele musicado, né!? quando eu sei algum assim, eu gosto muito, acho que é uma, coisa que nos conecta, eu acho que por isso que é legal assim, ter, ler e, ter textos também assim da bíblia, guardados no coração de cor, né!? guardados no coração e na mente, porque quando, na, na, na hora assim, do, do, das circunstâncias da vida, é agente, o Espírito Santo vem e nos traz a memória, éee, essas palavras que podem nos trazer esperança, força, né!? sejam elas em for, em forma de música ou não.

Entrevistadora: Massa! O que é culto para você?

Deponente: Oi?

Entrevistadora: O que é culto para você?

Deponente: Culto?

Entrevistadora: Sim

Deponente: Culto é, é celebrar esse Deus, é, é estar... é, é celebrar à Deus com aquilo que eu tenho, com aquilo que eu sou, né!? é oferecer a ele, é gratidão, é muita gratidão! É oferecer a ele, éee o que ele tem me, me

dado, o que ele tem, o que, o que eu sou, né!? o que ele me fe, me, é, tem me oferecido, e nesse processo é, de cultivar, eu acabo é, é também, me encontrando mais ainda comigo mesma, com o outro e com, com esse sagrado, né!? com ele, comigo e com o outro, então cultivar pra mim, é oferecer, é forma de gratidão, é, e também é forma de conexão, me ajuda também na questão, mas, né!... é forma de, de beber um pouco mais do, é, alimentar a alma, mas cultivar é, é servir, é, é ser...seee, entregar a ele, é aquilo que, que eu posso oferecer em forma de gratidão

Entrevistadora: Falamos muito no sagrado, mas o que é ele para você?

Deponente: Então é! Como eu tinha, eu acho que eu cheguei a salpicar assim pela (inaudível)

Entrevistadora: Sim!

Deponente: Éee pra mim é, ele é a essência de tudo, né!? o sagrado é es, é Deus, pra mim é, é, é a essência, a essência da vida, a essência do, é o amor, é o amor, é o verdadeiro amor, né!? o amor pleno, o amor que agente muitas vezes é, não, não tem noção do que tá, do que, do que é, né!? esse, essa, essa palavra amor, né!? isso que é amor, porque não é palavra, né!? é pra além disso, né!? (risos), então enfim, éee pra mim o sagrado é a essência de, de vida, é fonte de, de vida, de amor, de e, é, é fonte, fonte de vida, né!? é isso.

Entrevistadora: Mediante a sua bagagem, éee, sua formação, porque você é, não sei se você missionária ou pastora

Deponente: Eu sou missionária!

Entrevistadora: Missionária, né!?

Deponente: Anram!

Entrevistadora: Missionária atuante na fé é, participante de um sonho da comunidade mosaico, esposa de, de um pastor, né!? mas de, de um homem, né está para além de, de uma veste de pastor. É, que tipo de cristã você se considera?

Deponente: Que tipo de cristão eu me considero?

Entrevistadora: Que tipo de cristã você se considera?

Deponente: como assim?

Entrevistadora: Eu sabia que você ia perguntar (risos), eu sei que a pergunta ela soa um pouco... talvez pejorativa, né!? mas não é não, é... (pequena pausa), como você se definiria enquanto cristã? Acho que a, que a pegada é mais essa, que tipo de cristã eu sou? É, Que tipo de imagem eu passo? É, se você se importa com imagem, claro, mas, como eu estou, qual à minha relação com Deus? O crist, é, existe a historicidade de você enquanto cristã, porque você carrega uma, uma, uma história do cristianismo, mas e você na sua individua, individualidade? Entende!? Na sua prática de fé, no seu exercício ali com Deus, que tipo de cristã você é, entende!?

Deponente: Tô tentando entender, vamo ver se eu acerto (risos de amabas)

Entrevistadora: Que tipo de cristã eu sou ou na verdade que tipo de cristã estou sendo?

Deponente: Anram! Eu sou, eu, eu acho que é, eu sou uma cristã que tá na caminhada, na jornada, que continua tentando é, buscando na verdade, não tentando, né!? continua buscando é, conhecer mais, se aproximar mais, conhecer mais, éee e esse Deus a quem eu sirvo, né!? a quem eu estou chamando aqui, de sagrado agora, aqui, no seio da nossa conversa, né!? ée, e que nessa caminhada também, eu acabo me encontrando, né!?é, e nessa caminhada num tem, nessa caminhada como eu disse, ela é feita em conjunto com outras pessoas, né!? e isso tudo me ajuda a me encontrar e a encontrar mais ainda a ele. Então eu sou uma cristã em construção, eu sei que no, no, eu cresci num lar cristão como eu já falei, é a, as visões que eu, eu tenho da fé, né!? foram mudando no decorrer do, e sobre a visão que, que eu tenho sobre Deus também, que eu, nessa, nessa jornada toda elas foram mudando

com o tempo, né!? como eu, tanto, por vários fatores, tanto porque nós somos como eu disse, somos seres em movimento, né!? nós somos, temos é, é passamos por fases tanto pela questão de idade mesmo, mas também muito a questão de vivência, experiência, né!? e tudo mais, é, e... me perdi aqui! Sim, então é, apesar de crescer num, num, num, num lar cristão como eu disse, essa coi, essa visão sobre, sobre Deus e sobre a minha a, a minha a, a minha experiência com ele, foram, foram mudando, né!? foram mudando e cont, e acho que elas vão continuar mudando, né!? porque eu tô com, com essa idade agora, daqui a pouco, né!? é, às, às questões vão, vão e às necessidades, os anseios, às dúvidas, os questionamentos, e as angústias e os medos e ou e outras coisas mais, vão mudando no decorrer do tempo e, também o meio, né!? Em que eu estou também, me trazem é, outros, certos questionamentos e, né!? é, é nessa jornada que, que eu vou descobrindo ainda mais quem, quem ele é e quem eu sou, é então, eu diria que sou uma cristã em numa, numa jornada, em construção, buscando conhecer mais a, esse Deus que é, pra que assim eu possa também entender melhor como ele me vê quem eu sou, né!? e quem eu sou, é, é isso! Me sinto uma cristã mais leve do que antes, do que é, antes. É, me sinto uma cristã, é com menos preso na, na, é, de, de, de carga, de, de, de culpa, de medo e outras coisas mais no, no, dentro, dentro de mim, né!? eu me sinto uma cristã que se, que é, sabe e precisa continuar sabendo se an, amada, né!? por esse Deus, porque eu acho que isso é uma coisa que, que ele sempre vai nos apresentando diariamente, né!? que é, ele realmente nos ama e esse amor é incondicional, né!? éee, então assim, eu acho que já, já respondi, né!? é essa questão que eu sou uma cristã, vamo lá ficar naquela frasezinha, acho que ficou bom! (risos), é, eu não sei se era isso que sê tava querendo saber, né!? é, mas enfim

Entrevistadora: Não existem respostas certas! (risos)

Depoente: Certo, então tá! Então foi, então eu sou uma cristã em caminhada num, ah, esse conhecimento melhor sobre Deus e sobre mim mesma, né!? e, e sendo transformada constantemente ée, e empacada em algumas coisas também ainda, e assim, a coisa vai fluindo, né!? e ele é muito paciente comigo, é, e sempre me direcionando pra é, essa plenitude ente nó, de mim mesma e da nossa relação, e enfim!

Entrevistadora: Excelente resposta! (risos). Acabamos.

Depoente: Oh, foi rápido, do jeito que eu, eu sou vai demorar porque ram!

Entrevistadora: Qual o seu nome?

Depoente: Joama Cristina Almeida Dantas

Entrevistadora: Quantos anos você tem?

Depoente: 35

Entrevistadora: Tá na flor da idade! Como você conheceu a comunidade?

Depoente: Foi em 2016, salvo engano, éee por ouvir falar, né!? tinhaa uma membra da, da igreja que eu congregava anteriormente, que era a Presbiteriana do Brasil, que passou a frequentar à mosaico e começou a falar como se dava à celebrações, o público, ée e eu acabei tendo curiosidade mesmo de conhecer, então foi à partir daí, do ouvir falar, através de uma pessoa próxima.

Entrevistadora: Quem era a pessoa?

Depoente: Xandina e acho que de, Neudiene também eu, eu ouvir, então eu posso incluir duas pessoas

Entrevistadora: Há quanto tempo você frequenta ou frequentava à Igreja?

Depoente: A igreja assim, protes, protestante, antes, da, da Mosaico?

Entrevistadora: Não, não, a, a, a comunidade, a própria comunidade

Deponente: 2016, salvo engano, 2016 foi quando eu, eu iniciei, frequentava!

Entrevistadora: Hoje em dia você não frequenta mais, né!?

Deponente: Não! por mudança de cidade, né!? eu tô morando em Campina Grande e, e também já morava em Patos, né!? e, sendo que Patos me permitia um deslocamento com maior frequência, né!? pra Pombal, mas agora como eu tô em Campina aí num, inviabiliza, né!?

Entrevistadora: Qual foi à impressão que você teve ao conhecer à comunidade, porque assim, ela tem uma estética bem diferente, né!? é bem diferente das outras igrejas de Pombal, por exemplo!

Deponente: Sim! É, me surpreendi de forma positiva, né!? por, por encontrar um lugar... plural, né!? assim como com pessoas é... diferentes (risonha) assim eu posso dizer, de, de um público religioso tradicional, que agente vê principalmente em cidade pequena, ée e também o formato, né!? um formato...mais informal assim digamos, né!? sem uma liturgia muito amarrada e também, é, com uma mensagem muito atualizada, atualizada no sentido de... trazer problemas reais, né!? e, e conjugar esses problemas reais com, com abordagem bíblica, teológica, e muitas filosóficas também, acho que foi esse conjunto assim que, que me chamou a atenção, né!?

Entrevistadora: E conseqüentemente eu acho que foi uma das coisas que você mais gostou, né!?

Deponente: Tudo, é! Porque assim, o conjunto, a pluralidade, a liturgia não tão formal, né!? ou mais informal e a, a forma de, de abordagem mesmo, da, da mensagem

Entrevistadora: Enquanto cristão, é, você consegue se conectar, você consegue enxergar Deus fora do âmbito institucional da igreja?

Deponente: Sim!

Entrevistadora: E quais espaços por exemplo?

Deponente: Como?

Entrevistadora: Em quais espaços por exemplo?

Deponente: Eu não consigo limitar em, e espaços, né!? num dá pra limitar em espaços, eu acho que... Deus é vivência, né!? é, é relacionamento... enxergo Deus na vivência e nos relacionamentos, então, é, num tem como limitar espaço, né!? já que eu vejo em relações

Entrevistadora: Não existe ummmm, não existe algum momento do dia que você, acha que se con, consegue se conectar mais a Deus, ao sagrado, no café da manhã ou lendo algum livro ou alguma, ou as passa, as passagens bíblicas, não existe esse momento? Eu acho que você, ou acho que é espontâneo?

Deponente: É, não é marcado não. eu num tem, eu não tenho um momento específico do dia, é, porque às vezes acontece até no contato com outra pessoa, pode ser no ambiente de trabalho ou fora dele. Eu digo ambiente de trabalho porque é onde eu passo a maior parte do meu dia. Ée então não tenho! Às vezes uma música (risos), me traz Deus enquanto eu tô fazendo, preparando um refeição e eu tô ouvindo uma música e essa música me traz Deus, né!? então não tem, não tem assim, mas eu, eu gosto muito das manhãs, né!? eu, eu procuro assim, me sensibilizar mais durante às manhãs e é muitas às vezes através de música mesmo, ou alguma música ou fazendo a leitura de, alguma leitura mesmo, né então! Se fosse pra determinar um horário assim, se eu tivesse uma rotina fixa (risos), éee eu acho que, que as manhãs me traz essa, essa sensibilidade sabe!? pra vida e conseqüentemente praa, pra perceber e ouvir Deus, sabe!?

Entrevistadora: É, e um dos entrevistados, eu...deu vontade chorar pow! “Ele, eu, eu não, não consigooo delimitar Deus, eu consigo vê-lo através da arte”, né!?

Depoente: Hunrum

Entrevistadora: Você consegue enxergar Deus através da música, algumas pessoas conseguem se conectar ao sagrado através de, de poesia, né!?

Depoente: sim!

Entrevistadora: Através de uma obra de arte e esse entrevistado em específico conseguiu enxergar o sagrado na obra dos retirantes, olha que, que massa

Depoente: hummm

Entrevistadora: Então assim

Depoente: Pois é!

Entrevistadora: Houve uma transposição, né!?

Depoente: Estrangeiros, né!?

Entrevistadora: Anram

Depoente: Assim, uma amplitude do, do que é estrangeiro, né!?

Entrevistadora: Sim!

Depoente: O povo de Deus tem esse, essa identificação, né!? na, biblicamente falando, estrangeiros.

Entrevistadora: Cara e é umaa, cada espaço ele tem uma característica, né!? cê, você hoje está em Campina e consequentemente você ver é, a forma como às pessoas cultuam ao Deus de forma diferente do quê no interior, né!? do que a

Depoente: Eu, na verdade eu não sei, né!?

Entrevistadora: Nam (risos), não!

Depoente: Aqui eu não tô, aqui eu num tô com essa vivência

Entrevistadora: Não, então, é muito marcado pelas vivências, né!? Você tem o hábito de, de ler a bíblia todos os dias?

Depoente: Todos os dias, não!

Entrevistadora: Mas tem o hábito de ler?

Depoente: Na minha rotina atual, não! (risos), todos os dias não. Tenho sim, tenho sim o hábito de ler

Entrevistadora: Você gosta muito de Rubem Alves, né!?

Depoente: Sim!

Entrevistadora: Como você faz essa ponte de ligação? De como cultura à Deus não utilizando a bíblia e utilizando o Rubem Alves por exemplo?

Depoente: (risos), vou, vou usar uma frase dele!

Entrevistadora: (gargalhadas)

Depoente: É... pra eu não lembro se é pra encontrar Deus ou é pra conhecer Deus, eu leio os poetas e não os teólogos, ah então. Eu acho que Deus está muito mais no, no que sensibiliza agente pra vida, sabe!?

Entrevistadora: Sim.

Depoente: É, então... o, o Rubem Alves ele, ele... tem, né!? um histórico de subversivo (risos), né!? por, por trazer uma, uma visão da teologia que cozinha, né!?que muito mais a aproximação entre, entre pessoas e, e a ideia de uma vida prazerosa, né!? do que a religiosidade apresenta, né!? que é cheio de formalismos, é... que, que traz distanciamentos e uma ideia muito de, de sacrifício, né!? de um, de que, é...Deus estaria na, na oferta de sacrifícios e, e ele traz uma visão totalmente diversa, de que uma vida com Deus é, é uma vida no paraíso de

delícias, né!? e, traz essa percepção de, de prazer mesmo, né!? pra, pra o exercício da espiritualidade. Então... é isso que, que eu tento, né!? (risos), trazer também pra, pra minha vida, desconstruir o Deus que eu, que a religião me apresentou, pra essa concepção que faz muito mais sentido

Entrevistadora: O que é culto para você?

Deponente: (pausa) Forma de vida, forma de vida!

Entrevistadora: E o que é o sagrado?

Deponente: (pequena pausa), O sagrado (pausa longa), caramba o que é o sagrado! essa pergunta me pegou (longa pausa) o sagrado é o que transcende, mais é o que é o real, então...

Entrevistadora: Qual é à sua experiência no dia a dia com ele? Dentro ou fora de casa, dentro ou fora da igreja... nas suas relações

Deponente: Em relações, em relações.

Entrevistadora: Que tipo cristã és tu?

Deponente: Que tipo de cristã?

Entrevistadora: Sim!

Deponente: E tem tipos de cristã? (risos)

Entrevistadora: Tem, porque é, o cristianismo é plural e consequentemente seus fieis são plurais, cada um com uma vivência, você respondeu que era vivência, né!? cada vive de uma maneira, então... como você se delimitaria ou não se delimitaria, é mais uma questão de característica

Deponente: Que tipo de cristã eu sou! Eu, eu num tenho, eu não tenho nem, nem, é... estereótipos prévios de cristão, mas sei lá, talvez uma cristã, uma cristã não religiosa (risos)

Entrevistadora: Éee mediante à sua leitura bíblica, dos textos bíblicos de uma forma geral... qual é a sua visão de mundo? Enquanto cristã?

Deponente: Minha visam, minha visão de mundo enquanto cristã... eu, não, é uma pergunta muito genérica

Entrevistadora: Assim...

Deponente: Visão de mundo em que sentido?

Entrevistadora: Qual é à sua visão do sagrado com relação ao mundo entende!? Ainda assim tá meio confuso, né!?

Deponente: Á minha visão do sagrado com relação ao mundo é que, o sagrado ele se manifesta nas nossas relações... é, eu acho que tá totalmente imbricado a isso, assim, é, Deus se manife, se bem que, na criação em si, mas é trazendo pra algo... mais, palpável assim, que, que tá diretamente relacionado a mim, né!? são às pessoas com quem eu convivo, é, está atrelado a isso, a, a, às relações mesmo.

Entrevistadora: Pronto, acabamos (risos)